

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

o mistério noir do acontecimento: ensino de História e narrativa literária

Diego Souza Marques

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação

Orientador: Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira

Linha de pesquisa: Filosofias da diferença e educação

Porto Alegre

2013

CIP - Catalogação na Publicação

Marques, Diego

O mistério noir do acontecimento: ensino de história e narrativa literária /
Diego Marques. -- 2013.

398 f.

Orientador: Nilton Mullet Pereira.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. ensino de história. 2. filosofia da diferença. 3. narrativa literária. 4. romance
policial. I. Mullet Pereira, Nilton, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

o mistério noir do acontecimento: ensino de História e narrativa literária

Diego Souza Marques

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação

Orientador: Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira

Linha de pesquisa: Filosofias da diferença e educação

Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira – Orientador

Prof^a. Dr^a Sandra Mara Corazza – UFRGS

Prof. Dr. José Alberto Baldissera – Unisinos

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa – UFRGS

Gisele
Amigos das diferentes vidas: colegas, ex-colegas,
parentes, professores e autores.
CNPq
Krishna

Meus agradecimentos para todos e para ninguém.

resumo

O passado como um grande mistério. O professor de história como um investigador. Aquilo que se passou como um acontecimento, com Deleuze, a fissura em qualquer percepção que busca extrair um sentido dele mesmo. A narrativa literária como expressão de falar com os romances, e não sobre eles. A leitura e a escrita, simultaneamente, como procedimento de pesquisa. As tipologias históricas como composição de personagens. O problema de pesquisa que incita o drama. A presente dissertação busca produzir, na superfície da própria escrita, aquilo que propõe como tema. Por isso, a narrativa do ensino de história é expressa como um romance policial: as revisões bibliográficas como flashbacks, as problemáticas como reviravoltas e as conclusões como clímax (ou a espera por ele). Romance noir; onde a verdade é mais negociável e depende mais das paixões de quem a busca do que pelo comprometimento com o conhecimento; o acaso tem sua função; e um mistério leva a outro, e assim por diante. No assassinato que impulsiona a trama, não mais um fato, onde as perguntas do mistério de enigma seriam quem, como ou por que; mas sim o acontecimento, onde os efeitos se expandem pelo vazio deixado por ele.

Palavras-chave: ensino de história; filosofia da diferença; narrativa literária; romance policial.

abstract

The past as a great mystery. The history teacher as an investigator. What happened as an event, with Deleuze, the perception that any fissure in search extract a sense of himself. The literary narrative as an expression to speak to the novels, and not about them. Reading and writing simultaneously as a research procedure. The historical typologies as composite characters. The research problem that incites the drama. This dissertation seeks to produce, on the surface of the writing itself, what it proposes as theme. Therefore, the narrative of history teaching is expressed as a detective story: the literature reviews as flashbacks, problems such as turns and conclusions climax (or wait for it). Romance noir, where the truth is negotiable and depends more on the passions of those who search for their commitment to knowledge; chance has its function, and a mystery leads to another, and so on. In murder that drives the plot, not one more fact, which questions the mystery of who would riddle, how or why, but the event, where the effects expand the void left by him.

Keywords: Teaching history; philosophy of difference; literary narrative; detective novel

sumário

prólogo de silêncio e sombra, uma referência 13

parte 1

- 1 antes espelho de classe 17
- 2 depois sensação de anacronismo 35
- 3 antes lidar com as variações constantes 49
- 4 depois somente o nome bastaria 65
- 5 antes sair de sua teoria e ir à prática 81
- 6 depois nenhuma arma do crime 97
- 7 antes breve recaída na figura do pai 119
- 8 depois nós, os vilões da história 137
- 9 antes vestígios sem patrimônio 161
- 10 depois a princesa do beco 179

interlúdio

projeto 203

parte 2

- 11 nem sabiam do que estavam falando 223
- 12 logo saberiam o seu destino 241
- 13 corvos 261
- 14 como se fosse um dia qualquer 279
- 15 sem nenhuma reação aparente 297

- 16 quase ao alcance das tateantes mãos 315
- 17 deveria dar-se justamente o contrário 331
- 18 revolto avermelhado 349
- 19 falar para ninguém 365

posfácio desesperado **ou quando o professor de história dá uma de escritor na academia** 381

referências citadas 393

referências perdidas 397

de silêncio e sombra, uma referência

prefácio

ERA UM POUCO ANTES DA MANHÃ.

Quando a madrugada fica mais densa, como a selecionar somente os mais dispostos a ir além da força que sua indiferença impõe.

O silêncio era abalado apenas por alguns longínquos sons de cidade em desenvolvimento. Sirenes, alguns gritos, garrafas espatifadas e uma brisa de verão. Traços de vida que ecoavam ou se viam obliquamente em meio à luminosidade de uma lua cheia ofuscada pelas luzes das ruas. Nas janelas quase nada – destacavam-se as exceções – como lampejos de televisores ou monitores ligados às cinco e meia da manhã, provavelmente em canais ou sites para adultos.

Por mais escuro que estivesse aquele apartamento, ele também não permitia o livre fluir da luz da lua cheia. Grades e cortinas somente cediam espaço para a prata claridade entre seus orifícios e alguns balanços do tecido. Algumas silhuetas se destacavam nesse movimento, ora desaparecendo, ora gigantescas em sua sombra. Distorções que se libertavam de suas formas, quase forçando uma vida em si.

Como um além-cacto que tomava por alguns segundos toda a parede oposta em sua presença assustadora, deformada e gigantesca. Espinhos que atravessavam o teto. Também como a alça da xícara que envolvia o relógio de parede, destacando o tempo pelo contorno do negro círculo.

Nenhuma música mais toca, por isso que o lugar acompanha o ritmo do que vem de fora. Escondido desse jogo de luz e sombra, o display do aparelho de CD deixa a mostra o reflexo de um corpo humano,

descoberto pelo fulgor neon. Ele não mais age por uma suposta consciência; a pele se enrugam com a friquidez e o cabelo se movimentam suavemente pelo vento. É um belo corpo, e esta como as demais coisas ali, como os retratos, as xícaras, os cactos, os papéis que se espalham, etc.

É uma paisagem que está morrendo, mas não sem deixar vestígios. Composta de maior parte de escuridão, o que a deixa, por enquanto, livre de tudo o que vai ser visto e o que vai ser dito.

Logo ela será dissecada em seus mais demasiados detalhes. Poderá haver alguma beleza nessas minúcias que serão exploradas? Um fio de cabelo, uma impressão digital, um copo fora do lugar, outro objeto descontextualizado, ou algum depoimento sobre como se compôs a cena. Os artigos indefinidos mapeiam a gama de hipóteses que propiciaram o lugar determinado daquele corpo agora sem vida. Um salto-alto descompassado da curva do belo calcanhar. Fetichismo dos signos. O que isso poderia significar?

Alguns perguntariam *quem*, dentro de um elenco determinado que não poderia estar fora da trama. Após um rodízio entre todos envolvidos, se destacaria aquele que esteve sempre por detrás de uma máscara ilusória, mostrando ao final sua verdadeira e essencial face.

Outros perguntariam *como*, dentro de procedimentos verossímeis às possibilidades do momento. Após algumas incredulidades que só poderiam ser desacreditadas pelo surreal, surge uma inovação de última hora que encadearia logicamente o fenômeno.

Terceiros perguntariam *por que*, dentro das possíveis motivações que fogem a toda moral vigente. Após uma aparente desconexão surge um segredo que justificaria todo o processo aterrorizador.

O calcanhar continua fora do salto, assim como o brinco está fora da orelha. O que se fará com todos esses pormenores? É uma bela história ou prevalecerá o desejo de vingança, de crítica ou de descoberta? Ou algumas coisas não excluem as outras?

Apenas insistem, mesmo sem de fato existirem, outras possibilidades...

E agora já é manhã. E com o dia tem-se a pretensão de que todas as aflições possam finalmente serem saciadas.

parte 1

ELE ESTAVA À ESPERA DE ALGO.

Abriu os olhos em um sobressalto que o desequilibrou da cadeira. Olhou em volta com a destreza e rapidez de um soldado assustado. Aparentemente ninguém percebera sua indiscreta soneca. Esfregou as mãos no rosto e tentou recapitular a linha de raciocínio do que estava sendo dito alguns metros à sua frente.

– Para delimitar o contexto onde estamos, devemos entender melhor qual o espaço das novas tecnologias como instrumento do educador e do educando no processo de formação do cidadão...

Sentiu uma súbita tranquilidade quando percebeu que ainda conseguia entender o que estava sendo discutido. Mas ele sabia disso por que já tivera encontros iguais antes ou assimilou alguma coisa durante o sono? Não conseguia lembrar, mas preferiu acreditar na segunda opção, mesmo sendo a mais improvável. Apoiando o queixo sobre a palma da mão com o indicador acima dos lábios, postura segura que sempre adotara nessas reuniões e conferências, Arnaldo ficou por um momento preso aos seus próprios pensamentos. A voz amplificada e levemente distorcida pelo microfone seguia no seu ritmo.

– Com o advento das chamadas novas tecnologias, temos uma gama de informações à nossa disposição nas atividades educacionais...

Esforçou-se para lembrar a última vez que dormiu as conhecidas oito horas necessárias. A noite – enquanto olhava para o teto que prometera a si mesmo ser limpo sempre no próximo fim de semana – era

povoada por imagens mentais. Juntamente com clarões dos faróis dos carros indo e vindo na parede, vinham flashes dos festivais punks de vinte anos atrás, as reuniões esfumaçadas atrás do diretório no tempo de faculdade, as primeiras aulas que dera quando chamado pelo estado, as viagens à praia com a ex mulher, a empolgação com alguma primeira leitura, etc. Esses balbucios de fala, ou curtos circuitos imagéticos, se restringiam a certo período de tempo. Todos os momentos após isso sempre faziam, quase como instintivamente, com que olhasse para sua barriga respirando. Talvez estivesse sufocando por culpa de algo que não sabia, ou, o que seria pior, por causa de si mesmo.

Clichês de um quase velho já amargurado.

– Devemos então estar atentos aos tipos de informação que nossos educandos buscam nos meio virtuais. Afinal, muito pode ser usado para fins educacionais, desde que seja direcionado para isso. Há muita besteira na internet, mesmo nas ferramentas mais interessantes...

“Nossos educandos”. É ótimo, pensou Arnaldo bebendo água para disfarçar o riso. Enrugou a testa tentando lembrar-se de quando deixou todas as bobagens teóricas de lado. Não conseguia, mas tinha a vaga sensação de que venho junto à perda de todo o entusiasmo com sua profissão.

“Eles que pensem sobre isso então, se os faz felizes. Quem tem que aplicar é que sempre se dá mal”. Arnaldo apostaria que recebia bem menos por tentar realizar aquilo em sua escola, onde as tomadas nem funcionavam direito.

Olhando para alguns colegas, Arnaldo não chegou à conclusão nenhuma. Alguns, mais à frente, rabiscavam freneticamente nos bloquinhos e canetas fornecidos pelo evento. Tudo o que era dito sendo digno de uma profunda reflexão e discussão, o que certamente viria ao final da exposição recheada de exemplos do cotidiano de cada um. “Por que uma vez”, lembrou Arnaldo de outro evento como esse, “atearam fogo em um aluno a poucas quadras da escola, então eu captei: posso trabalhar o período da Joana D’arc.”, disse a professora estalando os dedos para salientar o seu insight.

Arnaldo respirou fundo, pois se sentia em uma posição displicente vendo esse tipo de colega, ao mesmo tempo em que não se esforçava nem um pouco para problematizar seu próprio comportamento. Resmungou ao pensá-los como pessoas com problemas, e que ele seria melhor. Sim, muito acima. Mas, ao mesmo tempo, sentia-se pior. Viu outro grupo analisando o mesmo material que era usado pelos primeiros em sua dedicação. “É uma porcaria de plástico”, ele podia ler nos lábios de um professor mostrando a caneta para outro. Alguns ruídos de embalagens de plástico e de biscoitos sendo triturados pelos dentes de alguém também faziam composição com o que estava sendo dito no microfone.

– Por isso, a criação desse perfil nessa rede social traz problematizações que incentivam a...

Outros, assim como Arnaldo, estavam simplesmente sentados e imóveis. Não poderia dizer no que estavam pensando. Isso seria melhor ou pior? Parecemos massa amorfa, pensou enquanto sentia um desconforto que o fez levantar e ir até o banheiro, como se tivesse que agir, fazer alguma coisa. Depois de passar água corrente pelo rosto esticou-se para estalar as costas, hábito que tinha adquirido havia alguns anos sempre que buscava algum pensamento que resolvesse o beco sem saída em que se meteu o seu ressentimento. Geralmente ele não aparecia, mas aliviava o peso sobre os ombros de um professor que sabia que estava errado, mas não mais acreditava.

Arnaldo voltou ao seu lugar esbarrando o roçando todos os sapatos e pernas da fileira onde queria chegar. Sem ouvir o que estava sendo dito por último, só pôde se assustar com os aplausos. Finalmente acabou, pensou enquanto se sentava e ajeitava a camisa.

– Então, como dito antes, chegamos agora ao momento da nossa dinâmica. Peço então que se reúnam em grupos...

Arnaldo sentiu um súbito desespero. Não esperava por isso, por mais que muitas vezes fosse justamente o aguardado. Ouviu o palestrante atrás do buquê de flores com sua descontração já encenada mil vezes.

– Peço que façam isso organizadamente. Pois senão terei que chamar o diretor.

Risos gerais esperados.

Os professores se agruparam entre os mais próximos. Todos já se conheciam e por isso deveria ser tudo mais fácil. Mas o problema, percebido por Arnaldo, foi que dois “anotadores compulsivos” entraram no seu grupo. A discussão seria densa e longa. Outros sentaram no círculo e cruzaram os braços, em um claro gesto de que não iriam ajudar e não estavam nem um pouco preocupados com isso. Ele pensou em por que não tomar essa atitude também, visto que os mais envolvidos poderiam tranquilamente tomar a frente e fazer tudo. Mas alguma coisa o incomodava, como um sentimento de culpa, e por isso ele deveria ser ativo na tarefa. Mas primeiro deveria saber o que precisava ser feito.

– Desculpem colegas. Eu fui até o banheiro e perdi a explicação do que é para ser feito. – Disse com um entusiasmo dissimulado.

– Como ele disse no início da palestra... – O colega olhou diretamente para Arnaldo salientando a palavra “início”. – Temos que fazer um perfil de rede social com o objetivo de alguma atividade de avaliação. Penso que seria mais interessante usarmos o recurso das fotos. – Seguiu voltando-se para a colega de anotações que balançou a cabeça concordando, como as pessoas que fazem combinações antes de polêmicas reuniões.

– Arnaldo. Ainda está de caso com aquela professora lá do São Sebastião? – Disse um dos professores indiferentes enquanto o cutucava. Ele ficou dividido entre responder e prestar atenção ao trabalho. Vendo que o colega engajado na tarefa começou a o ignorar e falar somente com a outra professora, resolveu se voltar à pergunta.

– Não. Já acabou faz tempo. Ela reclamava por eu não seguir estudando. Fiquei sabendo que agora ela anda com um cara que faz doutorado sobre escravidão. Parece bom...

– Pra ela ou pra ele?

– Neste caso eu não sei. Sabe como essas relações de dominação andam relativizadas hoje em dia...

Os dois desataram a rir enquanto os colegas discutiam, apontavam e digitavam coisas no notebook. Arnaldo acabou não ajudando em nada, nem soube do que se tratava o trabalho.

Quando os grupos foram chamados para a exposição, os colegas olharam diretamente para ele ao apresentarem a proposta.

– Nossa avaliação tem como tema as visões do feminino na literatura brasileira. Postaremos fotos retratando mulheres célebres na cultura literária do Brasil e os educandos terão que comentar a respeito destas representações destacando a época e o contexto em que foram produzidas. Além disso, observar as transformações e diferenças entre os livros e as imagens, de modo que possamos entender o feminino como uma representação social, não somente como biologia. Outra questão é que podemos discutir os estereótipos e sexismos da cultura dominante, que atribui papéis sociais...

Era uma bela proposta, e Arnaldo sentiu-se mal tanto pela sua conversa quanto pelo fato de não ter participado de sua elaboração. Olhou novamente para os outros colegas e percebeu que eles nem ouviram o que o seu grupo estava apresentando.

Fim do evento. Refrigerantes e salgadinhos foram colocados em cima da mesa e a multidão se aglomerou em volta dela. Ele foi embora sem se despedir de ninguém, sem ao menos pensar na possibilidade de estar certo ou errado. Da formação, apenas levou consigo a sua piada de mal gosto de uma forma que o fazia olhar para o chão enquanto saía porta a fora. Encarar alguém poderia soar como ter que apresentar uma justificativa e, na falta óbvia dela, pedir desculpas.

Algo deveria acontecer com, ou comigo, pensou Arnaldo. Mas, apesar de saber disso, ainda não estava suficientemente à espreita para poder transformar a espera em vontade.

– HORA DE ACORDAR!

Carlos abriu os olhos e acordou como quando o ápice de um sonho bom é justamente a ruptura entre os dois mundos. Ainda não tinha se adaptado a toda aquela mudança em que podia fazer aquilo sem nenhuma preocupação. Nada para esconder, nada para planejar, nenhuma história para combinar logo depois de acordar, nenhuma

contradição a ser suprimida quando fosse dar satisfação a terceiros. Sabia que isso já deveria estar ultrapassado, mas todos os grillhões que talvez ele mesmo tenha construído ainda pressionavam tudo para dentro, para que guardasse aquilo em seu interior mais profundo. As aparências ainda deviam ser uma casca que protegeriam muito bem a essência. Mas agora não mais, pois a visão aparente tinha sido rompida a alguns meses e ele estava feliz com isso. Na verdade, até fora muito mais fácil e sem luta do que imaginara, e, por incrível que pareça, um pouco decepcionante no momento de avaliar tudo.

Talvez essa casca nunca tenha crescido, ou se cresceu, foi de muito pouco tempo para cá. Mas Carlos insistia em dar a sua mudança de vida a origem mais longínqua possível, pois nada tão radical assim poderia aparecer tão repentinamente. Muitas vezes, se na sociedade contemporânea uma transformação assim poderia ser considerada tão radical e, mesmo aceitando a hipótese de que não, ainda via sua nova vida como um triunfo e uma superação daquilo que está ultrapassado. Em todos os casos, e mesmo com todas as dúvidas, sentia-se vitorioso.

Olhou nos olhos de quem o acordou e segurou seu rosto por alguns segundos antes do beijo. Depois do estalo do encontro dos lábios, disse radiante enquanto descobria o lençol e levantava-se:

– Sou capaz de virar o mundo de cabeça para baixo hoje!

Um empurrão repentino o fez voltar à cama.

– Mas antes, quem sabe, me coloque de pernas pro ar?!

Logo depois de sentir o peso daquele corpo caindo em cima do seu, Carlos não perdeu tempo e esfregou a maçã do seu rosto naquela barba por fazer que tanto o acolhia. As mãos dele, apertando os seus cabelos enquanto os pelos dos braços e do peito se arrepiavam, o fizeram de novo sentir aquele impulso de que não mais se importar se o mundo transformaria ou não. Carlos jogou o corpo dele contra o colchão e viu o contraste daquela carne com o lençol branco se acentuar em um desejo que se concretizava na fricção das peles.

O sexo deu uma nova positividade a todas suas dúvidas.

Quando se levantou para ir ao banheiro, ele lhe deu um tapa na bunda.

– Não esquece que a piranha da Rosa ligou dizendo que é pra pegar a Agnes antes do horário hoje. O colégio termina mais cedo.

Carlos se escorou na porta antes de responder:

– O veadinho está com ciúmes ou com inveja?

– Só se minha auto-estima estivesse rastejando...

Carlos ficou o encarando. Forçou o sorriso que Eduardo sempre elogiou.

– Posso dar um jeito nessa coitada que vai fazer ela esqueça de você rapidinho. – Disse Eduardo enquanto ajustava os travesseiros para se acomodar melhor na cama.

Carlos não respondeu e entrou no chuveiro. Ainda não tinha respostas bem-humoradas e tranquilas para essas situações que ainda julgava exóticas. E Eduardo sabia disso.

Havia tempo que se encontrava com homens às escondidas. Depois de alguns anos passou a frequentar lugares em que arrumava companhia paga. Depois de conhecer um aluno, foi introduzido em um mundo onde esses desejos podiam se realizar sem nenhuma culpa e sentimento de anormalidade. Ele sempre soube da existência disso, mas, inexplicavelmente, nunca conseguiu agir naturalmente. Os protestos, as greves e as atitudes que buscavam um mundo melhor nunca traziam consigo a questão de sentir atração por homens. Inclusive, em certo sentido, fez com que Carlos se afastasse de alguns círculos que sempre frequentou, o que lhe causou, desses anos para cá, algo em que sempre pensar quando estava sozinho.

Em uma noite tomou coragem e decidiu ser honesto com sua mulher, já que há mais de seis meses que se encontrava com Eduardo. O que mais lhe causou surpresa foi a compreensividade dela em relação a essa situação, assim como sua filha. Com certeza Carlos percebeu o quanto muitas das coisas do presente lhe escapavam, devido a sua atitude considerada por muitos como jurássica. Isso sempre foi um incômodo para ele, afinal, algumas demandas estavam subordinadas a outras, muito mais importantes. No fim das contas, Carlos ainda está dividido, não pela questão da sexualidade, mas por outras.

“Não posso me prender nesse senso-comum, há algo maior por trás disso”, pensou consigo enquanto dava um beijo de despedida em Eduardo. Depois de tomar café, descer o elevador demorado e antigo, dar bom dia ao porteiro e lutar para manobrar o carro na garagem, Carlos foi ao trabalho pensando em coisas aleatórias e sem estruturação, o que não era muito do seu feitio.

O trânsito estava péssimo, com uma agressividade que seria potente caso fosse direcionada para outra coisa. Seria tudo uma questão de síntese – entre um momento tranquilo, como o início de manhã do qual acabou de sair, e a tensão dos que acham que podem andar mais rápido intensificando o barulho – para que algo ali fosse superado. Enquanto se ocupava com isso, Carlos olhou para o lado e pensou que talvez não, que tudo pode ficar pior. O bafo quente e escurecido da descarga de um ônibus mal pintado foi jogado sobre ele através da janela aberta. Melhor fechar o vidro e ligar o ar condicionado, e, de preferência, não olhar para as pessoas que se aglomeram em um espaço que poderia ser ocupado por, no máximo, dois carros.

O ônibus seguiu Carlos até a universidade, como que o perseguindo por não tê-lo levado em conta em sua síntese de superação. Riu de sua caricata paranoia enquanto entrava na sua sala e jogava as chaves dentro do pequeno vaso de barro em cima da mesa. Dois estudantes, que trabalhavam com Carlos há um ano adentraram a sala conversando baixinho entre si.

– Bom dia, Carlos... – Disseram em um coro descompassado e sem muito entusiasmo.

– Bom dia. O que houve com vocês?

– Nada professor. – Disse a moça mais falante da dupla enquanto se esparramava na cadeira e fazia o mesmo com sua mochila em relação ao chão.

Carlos esboçou um sorriso, esperou alguns segundos e deu um leve esmurro sobre a mesa, o que fez tilintar sua chave dentro do vaso de barro.

– Eu não acredito, estão de ressaca de novo? Vocês não servem pra nada mesmo! E pensar que eu ainda acredito na juventude. Eu

devo é ser muito ingênuo mesmo. – Disse com um tom paradoxalmente humorado e severo. – No meu tempo não era assim, não. Quando nos reuníamos, tínhamos que nos preocupar até quando era só pra beber! Por isso é que éramos mais resistentes... Eu não sei... Eu não sei mais o que fazer com vocês...

Para os dois estudantes a segunda parte da fala soou mais séria. Entreolharam-se como a perguntar silenciosamente um para o outro quem responderia. A garota sacudiu a cabeça negativamente. O outro arregalou os olhos e seguiu a encará-la, insistindo na recusa do falar e do ver, sem responder nada e sem olhar para Carlos. Percebendo algo inusitado na situação, como uma discussão boba que pode ganhar dimensões ao nível de produzir boletins de ocorrência, Carlos abriu os braços e disse:

– Fiquem tranquilos queridos. Eu falei da juventude, mas vocês ainda podem ter jeito. – Balançou o indicador em direção aos dois. – Caso se esforcem, claro...

O estudante, mais relaxado, mas mesmo assim gaguejante sussurrou palavras trêmulas:

– É que... Bom, não é isso professor. Aliás, não é só isso. Quer dizer... A ressaca...

Carlos olhou para a mulher que fitava o chão.

– Então é o que mais? Foram presos? Estão devendo pra traficantes? Ela está grávida?

O garoto suspirou e seguiu, ganhando uma tímida confiança aos poucos.

– Bom... É que talvez seja um erro e eles retifiquem. Enfim... Se você puder ver isso agora antes da aula... Nós olhamos várias vezes... Ligamos, mas ninguém atendeu...

– Ora! Desembucha de uma vez!

– O projeto!... O projeto não foi aprovado... – Respondeu ele atropelando as palavras.

– Então é isso? Pelas caras de vocês parecia que os milicos tinham dado outro golpe. Mas que coisa... Agora além de inúteis vocês são medrosos também? É o fim do mundo mesmo, ou da história. –

Disse Carlos soltando um riso para si mesmo meio engasgado. Fez um som de estalo e mudou seu semblante fitando o nada, afinal aquilo era inesperado. Olhou para os dois novamente.

– Mas vocês disseram que tinham feito tudo certo. Ou tinham me enrolado...

A garota despertou do seu estado de apatia, como se recebesse uma ofensa pessoal.

– Nós fizemos Carlos! Mandamos uma cópia por e-mail quando você estava viajando, lembra?

Carlos lembrou que nessa viagem para um congresso levou Eduardo junto. Talvez nem tenha aberto a sua caixa de e-mails naquela semana.

– Sim. Ele estava com a justificativa que discutimos aqui? Não digo a primeira, mas aquela da última reunião? Não estou muito bem lembrado...

– Sim! E também com os referenciais teóricos, os objetivos e o resto todo...

– Estava nas normas?

– Mais do que as próprias normas... Quer dizer, o edital. Lembra que ele tinha até alguns erros de português? – Respondeu ela com uma concentração que soava como se fosse adivinhar todas as perguntas dele.

– Hummmm... Que estranho...

Nem passou pela cabeça de Carlos duvidar daqueles dois e revisar o projeto depois. Afinal, eles eram até mais do que se espera de alunos no sentido de dedicação aos estudos e burocracias dos meios intelectuais. Realmente, onde foi parar essa juventude? Pegou o telefone e ligou para Paulo, um dos mais velhos amigos seus que agora trabalhava no setor de projetos do ministério da educação.

– Alô.

– Paulo. Sempre buscando as melhores posições de luta não? De preferência com cafezinho e atrás de uma mesa.

– Nem começa Carlos. Melhor do que ficar lançando livrinhos nesses eventos que nem comida tem. E aí? O que manda?

– Olha Paulo. Lembra do último edital de projetos de pesquisa nas escolas?

– Claro. Eu ajudei a escrevê-lo.

– É... Nota-se. – Carlos olhou para a garota.

– O que?

– Nada não... Tínhamos conversado e lembra que falei do que eu e os meus alunos estávamos pensando? Pois é. Nosso projeto ficou fantástico. Mas nós não fomos selecionados, Paulo. Você tinha dado como certo....

– Olha Carlos... Não sabia que ele não tinha passado. Vou dar uma olhada aqui, pois eu não era da comissão de avaliação. Mas já tinha dito para os colegas o quanto ele era bom...

– Então veja aí, por favor. Eu, inclusive, já tinha selecionado os melhores alunos aqui da graduação pra trabalhar. Poxa, Paulo, é um projeto muito importante e vai criar boas coisas.

– Eu sei... Eu sei, Carlos... Ninguém mais do que eu acredita nisso, você sabe. Vou ver aqui qual o problema e retorno depois, pode ser?

– Tudo bem. Obrigado Paulo. Um abraço.

Carlos desligou o olhou para os dois. Eles estavam com uma lista e a garota falou indignada.

– Olha aqui, Carlos. O tipo de coisa que é aceita. “Pensando até o chão: o baile funk e a história contemporânea”. Eu não acredito! – Disse jogando o papel em cima da mesa.

Carlos pegou a folha que deslizou sobre a sua mesa antes de cair no chão. Leu alguns títulos de forma desinteressada e olhou para o relógio.

– Vamos gente. Estamos nos atrasando para aula.

Carlos foi até a sala quase fora da realidade. Gostava de pensar depois das coisas acontecerem, se afastar do que acontecia para depois voltar a ela com um entendimento maior. Não ficava à espera e nem à espreita, pois seu movimento era de ação seguida da reflexão.

A MANHÃ ESTAVA BELA E ACINZENTADA, POIS O DIA AINDA NÃO ILUMINAVA TODA A SUJEIRA DA RUA.

As sarjetas ainda estavam a salvo da claridade, mas Arnaldo não, ele tinha que dar aula as quinze para as oito da manhã. A noite tinha sido algo que ele tentava esquecer, como querer uma amnésia alcoólica. Senti-a na lembrança como um sono leve, daqueles que fazem esse estado entre o sonho e o despertar a eternidade de uma madrugada. Mas, de qualquer maneira, a maquinaria escolar estava indiferente a isso.

Ele se apoiou por alguns minutos em um poste e bebeu longos goles de água. Observou o prédio desgastado, os metais enferrujados e os rostos enrugados. Uma estrutura criada para ser rígida, mas que se desmanchava aos poucos sob os gritos, empurrões e toda a indisciplina dos corpos que julgava estar moldando. Atravessou o pátio tentando evitar os olhares dos alunos. Eles o achavam bem esquisito, como aquele professor solitário e louco que não roda ninguém. Não que Arnaldo tivesse algum problema com isso ou com eles, pois, na verdade, nunca precisou ir além de uns gritos quando incomodavam muito. Mas, por outro lado, certamente não o viam como modelo de alguma coisa, e se viam com certeza era para tornarem-se o oposto. E Arnaldo suspirava tranquilo com isso.

Avistou a sala da vice-diretora e apressou o passo, pois o banheiro ficava logo adiante. Não adiantou, foi encurralado contra a parede do corredor. Ela falava rápido, como se estivesse desesperada por alguma solução ou pela chegada do apocalipse definitivo..

– Arnaldo! Estava preocupada, não entendi bem o que aconteceu com você. Está com uma cara péssima. Por favor, diz que vai ficar hoje, pois eu já estou com dois professores em licença. Meu deus do céu! Eu não sei mais o que fazer com esses alunos, e os professores andam muito negligentes com a disciplina. Temos que instalar uma tolerância zero em algumas turmas e precisamos ver isso hoje. Aliás, alguém da secretaria de educação está vindo fazer a visita, pensei que poderia recebê-la, afinal você é bom com essas coisas de política, é professor de história, enfim... Ah! Adiantei os seus períodos, porque

tem alguns professores que não vão vir. Mas eu já disse isso, não é? Ah! Outra coisa: temos que pensar nessa nossa falha de comunicação, porque não entendi muito bem a sua falta de ontem e tínhamos ficado de falar do livro didático. Você escolheu um sem discutir com seus colegas e ele está para chegar logo, talvez em três ou quatro dias.

Enquanto falava, todas as suas bijuterias sacudiam. Toda dourada e com a pele laranja, quase um uma imagem psicodélica, mas sintética.

– Tudo bem, tudo bem... Falamos na hora do intervalo... Preciso ir ao banheiro antes da aula? – Disse Arnaldo já suando frio.

Depois de lavar bem o rosto e ter que esperar alguns segundos – ter papel nos banheiros das escolas é mais difícil do que o reajuste no salário dos professores – estalou as costas e andou sem pressa até a sala de aula. Alguns alunos estavam em frente à porta observando-o curiosamente. Não que a falta de professores em alguns dias fosse incomum, como ontem, mas provavelmente o seu estado não melhoraria muito nem com férias prolongadas.

– Que foi professor? Voltou da guerra dos cem anos? – Risos generalizados.

Arnaldo não se ofendeu, pois pelo menos ele se referia a alguma coisa do conteúdo.

– Vamos entrando, pessoal. Sem muita embromação, por favor! Ei! Liziete! Pode largar um pouco o Mateus e entrar na sala?

Aqueles dois. Arnaldo chegava a agradecer por ele ter sido reprovado no ano passado. Se eles viviam se esfregando em anos separados, o que poderia acontecer se dividissem a mesma sala?

– Muito bem. Onde paramos? – Perguntou já escrevendo a data no quadro.

Arnaldo somente ouvia os sons de alguns, provavelmente aqueles do fundo, sim sempre os do fundo. O espelho de classe há muito fora abandonado, se é que algum dia foi realmente adotado. Sem esperar alguma resposta, ou pelo menos algo que indicasse que ele fosse o centro das atenções, começou a escrever no quadro enquanto falava.

– Muito bem. Vimos que depois da queda do Império Romano a Europa Central se fragmentou com as invasões dos povos bárbaros. Isso significa que aquela região que antes era organizada a partir de Roma se transformou em vários reinos de acordo como estes povos iam se estabelecendo.

Fez um esquema no quadro.

Império Romano > Invasões bárbaras > Reinos Feudais

– Lembram da estrutura social do Império? – Perguntou Arnaldo como a si mesmo enquanto rabiscava com o giz em um canto separado.

Patrícios, plebeus, clientes, escravos e libertos.

– Neste momento nós teremos outra estrutura. Com a importância da igreja crescendo cada vez mais, e com as constantes guerras, já que os reinos estavam em constante luta uns com os outros, a sociedade se organizará a partir dessas necessidades.

Ainda sem virar para a turma, Arnaldo desenhou outro esquema grande, agora ao centro do quadro negro e em cor amarela.

Sociedade das três ordens
Clero – Nobreza – Camponeses

– Agora vamos ver como essas três ordens...

– Sor!

– Sim?

– O que está escrito embaixo de sociedade?

– Nobreza.

– O que é isso?

– Já vou explicar.

Agora vamos ver como essas três ordens se organizaram durante a idade média. – Disse Arnaldo virando em direção aos alunos, mas sem tirar os olhos do livro didático.

– Sor!

– Sim?

– Não tinham os cavaleiros?

– Eles fazem parte da nobreza. Já vamos falar sobre eles.

Arnaldo olhou para o grupo de alunos. Não sabe quem fez as perguntas, assim como não se lembrava do nome da maioria. Limpou as mãos esbranquiçadas e amareladas pelo giz (ou seria da nicotina?), e folheou o livro por mais alguns segundos enquanto o burburinho da conversa dos alunos aumentava. Percebeu que teria que encontrar logo a página para evitar a temida dispersão sem volta.

– Muito bem turma. Peguem seus cadernos.

– É exercício, Sor?

– Não, mas vai ser.

– Vai valer nota?

– Sim.

Esperou até que todos organizassem seus materiais, já irritado pela demora com que qualquer aluno do mundo seja capaz de fazer qualquer coisa. Arnaldo circulou em meio às classes e viu um aluno que parecia estar em outro mundo. Viu que ele desenhava algumas coisas.

– Esse é o seu caderno de história?

– Eu esqueci em casa, Sor.

– O que está fazendo?

– Desenhando. É uma bruxa queimando.

– Use uma folha desse caderno e passe a tarefa a limpo em casa, entendeu? – Disse Arnaldo sem olhá-lo.

Circulou mais um pouco e viu uma menina com um celular.

– Guarda isso. Por que não pegou o seu material?

Ela não respondeu. Arnaldo a segurou pelo ombro e tomou o aparelho.

– Ei! Isso é meu!

– Devolvo no fim da aula. Pegue o seu material.

– Não! Só se me devolver o celular. Ele é meu!

– Fale isso com a diretora, então. Pode ir! E só entregarei para ela.

– E eu vou dizer que você não dá aula. Só fica aí enrolando! – Gritou a menina antes de chutar as cadeiras ao seu redor e sair.

– Sor. O celular é dela. O senhor não pode ficar com ele assim, sem mais nem menos. – Disse a menina que estava sentada ao lado dela.

Arnaldo a encarou seriamente. Uma sempre defendendo a outra. Já tinha acontecido outras vezes.

– Então vai falar sobre isso com a diretora também!

Ela ficou parada e sem dizer nada, simplesmente o encarando.

– Vamos! Rua!

– Deve estar pisando em cima do pasto pra ficar dando patada nos outros assim. – Disse ela batendo a porta, despertando risos controlados em alguns.

Arnaldo encarou dois garotos que sentavam contra a parede.

– Estão achando graça? Vão lá encontrar as namoradinhas de vocês então. Agora!

O restante dos alunos entrou em silêncio digno de uma igreja. Mas Arnaldo sabia que não duraria muito caso ele não seguisse aquilo que estava propondo normalmente.

– Muito bem. Comecem a escrever: “Comparada aos dias de hoje, a sociedade feudal é reconhecida por uma mobilidade social bastante restrita...”

Arnaldo seguiu ditando o texto enquanto andava pela sala. Entre uma frase e outra olhava para a porta, pois já esperava a presença de alguém da diretoria.

– Muito bem. Esse é o texto para estudo. Agora em outra folha anotem as questões para entregar a resposta ainda hoje. Vale como avaliação. Primeira: Cite uma característica diferente da sociedade feudal em relação aos dias de hoje...

Depois de ditar as perguntas e mandar os alunos responderem, Arnaldo sentou-se em sua mesa e abriu sua revista sobre carros antigos. Leu metade do artigo quando viu a vice-diretora colocar o rosto para dentro da sala após entreabri-la.

– Com licença, turma. Professor? Posso falar com o senhor rapidamente?

– Claro... Turma! Não esqueçam que o trabalho é para hoje!

Fora da sala o semblante e a postura da vice-diretora mudaram.

– Você está ficando louco?

– Só estou tentando manter o respeito. Você mesma me falou sobre isso antes...

– Mas mandar quatro de vez para a diretoria? Você nem viu que eles não foram até lá. Ficaram no pátio até alguém perceber. Não podemos deixar alunos soltos assim. E, além disso, não pode ficar com o celular da aluna. Dê-me isso aqui.

Ela tomou o aparelho de sua mão. Ele optou por não dizer nada.

– Você tem problemas Arnaldo. Falaremos sobre isso na próxima reunião. Vou deixá-los na biblioteca fazendo um trabalho. Fica me devendo essa. – Disse saindo e resmungando alguma coisa ininteligível para ele.

O sinal para o recreio tocou, e Arnaldo recolheu os trabalhos conforme os alunos iam saindo. Cerrou a cortina e ficou divagando à meia-luz. Pelas pequenas frestas podia ouvir todo o barulho do horário de intervalo, assim como vários professores indo em direção a sala cheia de cafezinhos, biscoitinhos, piadas e venda de produtos. Há algum tempo que não frequentava mais a sala dos professores. Baixou a cabeça e começou a corrigir a tarefa, pois pelo menos assim não levaria trabalho para casa. Algo muito importante em dia de transmissão ao vivo de decisão de campeonato.

depois

sensação de anacronismo

2

O TERMÔMETRO MARCAVA VINTE E SEIS GRAUS ÀS SEIS E MEIA DA MANHÃ QUANDO O INSPETOR ADÃO ENTROU EM SEU CARRO.

Sabia que aquele ia ser um dia difícil, daqueles em que se contam as horas. Deu um longo suspiro ao mesmo tempo que batia a porta da sua velha caminhonete. O barulho seco e metálico soou como se sentia, sem expressão verbal que existisse ou pudesse ser socialmente aceita. Mais um dia a menos nessa vida para Adão, o que seria motivo de entusiasmo se eles não estivessem cada vez mais longos.

Passou a mão em sua camisa de botões e mangas curtas. No côncavo entre o peito e a barriga já se insinuava uma mancha de suor. Fez um sinal negativo com a cabeça enquanto conferia os espelhos. Abriu o porta luvas, percebendo que havia se esquecido do pequeno pano que o acompanhava o dia inteiro para amenizar o suor que às vezes descia coluna abaixo. O que restava ali, além de alguns CDs do Roberto Carlos, era o do dia anterior, bastante sujo e duro pelo suor seco. Pensou se deveria buscá-lo em casa, mas não achou uma boa ideia. Amava muito aquela mulher com quem casara, e por isso deveria compartilhar com ela o mínimo de tempo nesses dias em que se sentia mais mal-humorado e frustrado do que o normal.

Vamos logo resolver isso de uma vez, pensou o inspetor Adão enquanto girava a chave e fazia tudo tremer dentro do veículo. Sabia que ninguém daria um passo sem a sua presença no lugar, sabia que ninguém teria uma conclusão ou opinião antes dele dar a sua, sabia

que a sua avaliação definitiva era o ponto de partida. A responsabilidade cairia sobre ele, inclusive quando algum repórter pedisse uma declaração, o que certamente aconteceria neste caso. Também já estava previsto aquele silêncio manifesto de seus subordinados que, às vezes, tinham questões interessantes a colocar, mas que sempre esperavam a garantia de estar em sintonia com o seu raciocínio.

Um bando de incompetentes sem envergadura moral.

O Inspetor Adão parou em um cruzamento e olhou para as suas calças. Deveria estar de bermuda em um clima desses. “Azar, já estou me aposentando mesmo”. Mas pensou o quanto não seria levado a sério deixando a mostra suas varizes já bem marcadas. Era difícil estar envelhecendo, mas ao menos tinha um respeito considerável entre todos aqueles moleques. Ele já fora mais temido ainda em outros tempos, mas deveria guardar somente para si esses assuntos. Acreditava ter muito a ensinar, mas que, infelizmente, eram lições que muitos dos que buscavam resgatar a memória do país adorariam que fossem pronunciadas publicamente para indiciá-lo em algum inquérito. Adão aprendeu a se impor pelo silêncio e pelas histórias nunca confirmadas que emanavam da sua presença.

Não sentia remorso pelos dias em que teve que lavar as mãos sujas de sangue daqueles garotos para poder abraçar seus filhos. Conseguia tranquilamente ouvir música aos domingos enquanto os apertados porões calavam os gritos que de políticos se transformavam em dor física, tamanha dedicação de alguns às suas tarefas. Ele sabia e aceitava que não era inocente, mas que fez o que era necessário.

O inspetor Adão não estava animado com o reencontro que teria naquele dia. Desde os antigos tempos da revolução que não adentrava nesses ambientes. A universidade só fez parte de sua vida naquele momento. Por alguns anos teve que assistir a algumas aulas de filosofia, o que inclusive poderia lhe render um diploma caso não estivesse tão concentrado em sua tarefa. Fora as aulas tendo em mãos uma lista de algumas palavras e expressões que eram dignas de mais atenção, muitas das quais não tinha a menor ideia do que poderiam significar. Não poderia dizer que aprendeu alguma coisa, embora tivesse a

consciência de que muita coisa deve ter lhe escapado. Ouvia muita coisa sobre os gregos, o que não tinha problema, desde que nada neles justificasse a desordem.

Entrando no prédio da universidade viu o quanto muito pouco mudou naqueles corredores em que esteve nos bons tempos da justiça. Inclusive pôde reparar nas portas com as venezianas que permitiam com que o som escapasse e tudo fosse ouvido do corredor. Fez um giro de trezentos e sessenta graus para contemplar melhor o lugar em que viveu quando sabia qual era a sua missão, o seu objetivo.

“*Ninguém segura a juventude do Brasil!*”, venho em sua mente em ondas nostálgicas.

Mas logo à frente já podia ver a confusão e o agrupamento de pessoas, uma típica composição que sempre odiou. Adão sentiu o desânimo vibrar em seu corpo, pois naquela época ao menos sabia quem e o que estava combatendo, agora existia uma tempestade de confusão na cabeça até de quem trabalhava ao seu lado. Pôde constatar isso quando, ao se aproximar da multidão, se destacou dela o seu colega Sérgio. Ele se aproximou com um olhar inseguro e silencioso.

– Que dia horrível. Por que não concluímos que morreu de calor de uma vez e vamos embora... – Disse Adão empurrando sua pasta para cima de Sérgio sem ao menos cumprimentá-lo.

Abriu caminho entre os curiosos amontoados no corredor enquanto Sérgio o seguia desajeitadamente.

– Está tudo intacto na sala, chefe.

– É o mínimo que espero mesmo. O máximo seria botar essa baderna pra longe daqui, mas seria pedir demais, não? – Disse Adão, empurrando os curiosos mais próximos à porta.

O inspetor impressionou-se com a quantidade de papéis empilhados dentro da sala. As estantes, que já eram muitas, não deram conta de todo o material. Reparou o armário de metal e desviou o olhar, pois não podia nem pensar no rangido que esses malditos faziam. Olhou em volta e viu alguns quadros do que pareciam ser eventos acadêmicos, alguns computadores tão modernos quanto os da polícia e xícaras de café não lavadas em cima da mesa central.

Descontando alguns pequenos enfeites e bobagens, não reparou em muitas diferenças desta sala com a sua, pois ambas pareciam ser dominadas pelo design da burocracia.

Imóvel e com as mãos à cintura tomou coragem e baixou o olhar para o carpete verde escuro onde se encontrava o corpo. Ela estava de costas e seu cabelo vermelho espalhado no chão ganhara um nefasto anexo com as manchas vermelho escuras. Abaixou-se ao lado dela e a observou como um scanner, indo da cabeça aos tornozelos e vice versa. Em alguns segundos de interrupção vieram ao seu pensamento imagens de uma jovem, trinta anos antes, que acabou em uma posição semelhante durante um interrogatório. Adão forçou os olhos a piscar e não conseguiu tirá-la da memória. Levantou-se e pegou seu pano sujo para secar o suor da testa. Precisava se concentrar. Foi interrompido por Sérgio.

– O que acha chefe?

Adão o fitou e reparou no seu grande bloco de notas com uma folha quase totalmente preenchida.

– Que diabos está fazendo?

– A reconhecimento visuográfica. O senhor se lembra de quando eu comentei sobre ela, não?

– Hummmm... Sei, anota tudo o que vê, tudo o que pensa. Se é que é capaz disso... – Disse Adão como a falar consigo mesmo enquanto voltava a se aproximar do corpo.

– Não é só isso chefe...

– Tudo bem, tudo bem, eu sei. Fale-me então sobre ela... E você aí na porta! Pelo amor de deus! Não tem mais o que fazer? Vão estudar, dar aula ou sei lá mais o que!

O aglomerado dissipou-se parcialmente entre alguns burburinhos. Sérgio limpou a garganta e retrocedeu o seu bloco de notas.

– Bom... Seu nome é Cléo Sabathini. 39 anos. Professora dessa instituição há cinco. Divorciada há dez. Uma filha de 20 anos. Mora no jardim do Éden e foi encontrada essa manhã pela faxineira. Está com pulsos cortados e suicídio é a principal hipótese, o que não nos convence por razões óbvias.

- Localizou a filha?
- Ainda não.
- Outros familiares?
- Negativo.
- O ex-marido?
- Morreu há três anos.
- Namorado?
- Ainda não sabemos chefe.
- Deus do céu! Você serve para alguma coisa?
- Cheguei há pouco, chefe. Mas já chamei a perícia, estão chegando...

Adão olhou diretamente para Sérgio como se fosse desintegrá-lo. Contemplou novamente o corpo no chão e colocou as mãos próximas ao seu cabelo, como se estivesse os acariciando. O que você fizeram com você meu anjo?, pensou enquanto levantou-se ao som do estalo de seus joelhos. Andou devagar no pequeno espaço vazio da sala e disse sem olhar para o seu colega:

- Muito bem. Ninguém entra e essas coisas rotineiras enquanto a perícia não chegar. Vou começar a interrogar os almofadinhas colegas dela enquanto você vai atrás dos amigos, parentes, amantes, namorados e todos os que ela conhece. Procure desavenças, ciúmes, amor demais e tudo isso que faz uma pessoa ser uma criatura de deus. Já que o ex bateu as botas, a prioridade é a filha dela.

- Entendido, chefe. Método dos círculos concêntricos. Colocamos a vítima no centro e vamos circulando as proximidades. É mais provável que o criminoso seja de um círculo mais próximo...

- Que seja... - Disse Adão fitando o nada por alguns segundos.

Teria que começar com o que chamava de clubinho, ou seja, os mais íntimos da vítima, embora Sérgio tivesse um nome mais pomposo. Adão somente esperava que, como já acontecera algumas vezes, não tivesse que lidar com um quebra-cabeças cuja figura formada ele não compreendia, por mais que as peças se encaixassem. Relações estranhas, motivos intraduzíveis, estilos de vida sem sentido nenhum, enfim, tudo o que dava a ele a certeza de que já não

mais compartilhava, e que não tinha mais nada a fazer nesse mundo.
“Nos bons tempos eu sabia contra quem estava”.

NAQUELA MANHÃ, ARNALDO ACORDOU SE SENTINDO TRANSPARENTE E DISFORME.

Enquanto ia até a cozinha para organizar o café seus passos soavam como um deslize sem contato com o chão. Não era como não existir no mundo, mas sim transbordar o si mesmo e se conectar com todas as coisas, existentes ou não. Com a casa, a claridade, o lixo da rua, as divindades... Ele parecia ter sentido o bom gosto da difícil tarefa de se livrar daquilo que se tornou. Por dentro, uma vibração sem origem. Por fora, uma ligação não física com algo maior. Um sopro, um frescor que o atravessava com a força de uma suave vertigem.

Essa sensibilidade era tão estranha à Arnaldo, que depois de muito tempo teve de pensar nos procedimentos antes de preparar o café. Geralmente fazia isso com a mente e o corpo separados, automaticamente. Os devaneios como funções do primeiro, enquanto o pó, a chaleira e o filtro atribuídos ao segundo. Agora estava tudo acontecendo simultaneamente que, quando estalou as costas, não foi para buscar uma renovação, mas sim para que o corpo pudesse aproveitar e manter ao máximo a leveza daquele momento.

Arnaldo sorriu enquanto aspirava o cheiro terroso do café e via no telhado vizinho um gato estraçalhar um pombo prestes a voar. Lembrou que esboçara sorrisos sinceros na noite passada, como quando somos pegos de surpresa nos momentos em que mais esperávamos o mesmo.

Era uma noite comum, poderia dizer repetitiva. Lá estava ele fritando os alhos e cebolas que servem de base para qualquer refeição que faça. Em seu mundo tudo começa com alho e cebola refogados, talvez até o início do universo. Tudo foi jogado em uma grande panela com azeite, alho, cebola e... BUM! Fez-se o mundo. O cosmos se expande até hoje.

Mas havia um detalhe era novo: um amigo que há muito não via o visitaria. Não recebe muitas pessoas e, pode-se dizer que Arnaldo é uma pessoa solitária. Bukowski escreveu que se fortalecia na solidão, que ela era sua água e sua comida. Pode-se dizer que com ele é mais ou menos assim. Mas aquela noite, apesar da rotina, apresentava misteriosamente algo diferente.

O nome do lugar que foram: *Tupiniquim*. Um desses bares da moda que fez com que Arnaldo já estivesse arrependido antes de entrar. A noite parecia ser promissora para quem nela adentrasse com vontade, mas ele tentava fazer o seu isqueiro funcionar quando tudo começou.

[- Demorou hein? Pedi um cigarro, e não algo ilegal... Pelo menos por enquanto...]

Um sorriso que nunca esteve ali, naquela casa, mas que mesmo assim ecoava no espaço como uma música de fundo, que leva todo o cenário a se configurar de acordo com seus sons. Que passado fabuloso o cansado professor de história estava compondo com sua memória recente e fluída. Nada a avaliar, a julgar, a problematizar, a estruturar. Somente enquadramentos que a cada movimento mudam o sentido de um todo da vida. Em uma lembrança de sua história recente, foi a primeira vez que não olhou para sua barriga, mesmo quando ela o atrapalhou na hora de atravessar uma cerca.

[- Alguém tem que ser mais ágil aqui. Se de você dependesse a invasão da Normandia onde o mundo estaria hoje? – Ela deu uma risada e desenganchou o tecido do arame.]

Lembrou de quando a viu em meio a todo mundo. Estava bem perto da banda. Já sabia o que significava essa atração do olhar. Quase uma hipnose. O cabelo cobria um pouco do rosto. Estava desajeitado e os pontos de luz do lugar deixavam fios desembaraçados à mostra. Estavam presos de um jeito anárquico, com cabelos menores e ondulados em sua nuca, alguns apontando para cima e outros colados

com o suor da pele que já estava avermelhada. Tinha um sorriso de satisfação com alguma coisa. Abria e fechava os olhos vagarosamente, como se suspirasse com eles. Quando levantou os braços ao mesmo tempo que balançava o corpo, a blusa cinza subiu à altura do umbigo, quando pôde ver acima dos quadris uma saliência macia, uma leve barriga que se movimentava com o ritmo da música. Quando abaixou os braços, a blusa parou de subir e ficou colada à pele flexível e umedecida. Seus olhos doeram, pois não piscou durante uns cinco segundos, mas toda a sua energia nervosa se concentrou a tal ponto que sentiu um alívio quando olhou para o chão.

Ela se abaixou e pegou seus sapatos no chão. Deu a volta em torno do aglomerado de pessoas e virou-se em direção à copa. Colocou os sapatos sobre o balcão e pediu uma vodka. Arnaldo acompanhou seus movimentos com o canto dos olhos. Viu que seu cabelo era vermelho, suas unhas dos pés e das mãos estavam pintadas de vermelho, sua pele agora brilhava com o suor e estava ainda mais avermelhada. Ela abaixou-se para colocar os sapatos. Eram pretos e abertos, o que dava um contraste maravilhoso com seu pé número trinta e seis e possibilitava que visse algumas pintas e sardas. Quando sentou-se novamente, ele olhou para as leves saliências acima do quadril dela, agora mais acentuadas e ainda mais macias. Quando subiu o olhar novamente, viu que ela virou rapidamente o rosto em direção à copa.

Ele sempre fazia coisas como essa. Olhar para as partes mais improváveis dos corpos das pessoas pensando que elas não veem. O que poderia dizer? Simplesmente gosta de corpos, suas curvas, suas dessimetrias, suas singularidades

Um corpo que fugia – no sentido escolar e organizado – do cabeça/tronco/membros. Um corpo que fugia – no sentido adulto e cínico – do boca/seios/bunda.

Tinham combinado de se encontrar novamente. Arnaldo não fora trabalhar naquela manhã, pois a suspensão parecia inevitável, então decidiu se preocupar com coisas mais interessantes. Os seus dilemas se acentuaram; de um lado, tudo àquilo que precisava rever

em sua própria vida; de outro, uma boba brecha que o abalara com tal magnitude que, caso sua hora agora chagasse ele diria simplesmente sim a tudo.

[Ela subiu em uma mesa cheia de livros e afastou ligeiramente as pernas. Pude ver o quanto a sua saia aos poucos subiu deslizando sobre as coxas. Seu cabelo agora estava para frente, cobrindo as maçãs do rosto enquanto algumas pontas se prenderam aos lábios. Discretamente belisquei meu braço para ter certeza de que não estava sonhando.

Doeu.

Quem diria?]

O ARRANJO DAQUELA REUNIÃO COM CERTEZA PROPORCIONARIA UMA SENSAÇÃO DE ANACRONISMO EM UM OBSERVADOR EXTERNO E DESAVISADO.

A mesa, de tão lustrada, refletia em sua superfície de madeira centenária os participantes com uma exatidão quase cibernética. Em meio aos sons de frases polidas e xícaras repousadas sobre seus respectivos pires, Leopoldo traçava mentalmente um discurso paralelo ao que se dava na realidade.

Não devemos ser inimigos plenos das rupturas.

Já na discussão, o orador que tomava a frente dissertava sobre algumas questões que julgava mais urgentes do que nunca:

... Então eu ressalto esse aspecto, senhores. Há alguns anos estamos displicentes com esse campo social. Enquanto é erguido e comemorado aquele monumento que, a meu ver, e que isso fique somente entre nós, carece da relevância anunciada, outros mais importantes estão jogados às traças, aos maus elementos, sem as instruções necessárias para que eles ganhem novamente o significado que merecem.

– Admitindo que esse problema seja real, qual a sua sugestão? – Indagou vagarosamente um homem já de idade avançada.

– Creio que já esteja claro o quanto devemos intervir com toda a nossa força nesta questão. Estávamos, senhores, muito preocupados em manter nossos colegas em pontos estratégicos a partir da excelência de nossas instituições, mas esquecemos de outros níveis sociais. Agora é o momento de repensarmos essas práticas, pois estamos em um tempo delicado. Muitas das demandas que vem de baixo estão sendo atendidas. Ainda não analisamos de maneira adequada as leis que estão regendo esses fenômenos, mas, infelizmente, teremos que agir antes. É preciso combater o que carece de importância histórica.

A sentença fora acompanhada de alguns burburinhos bem comportados. Leopoldo, que até então estava em silêncio, decidiu unir sua argumentação mental paralela ao que estava se passando na reunião.

– Senhor Valdir. Creio que essa postura de reação ou confronto não seja totalmente adequada à nossa postura. Se olharmos para os nossos exemplos históricos, procedimento, aliás, que deve sempre guiar-nos, não temos situações em que essas atitudes foram tomadas. Mesmo quando estávamos nos tempos mais gloriosos, quando o tamanho de nosso poder trazia proporcionais oposições e, conseqüentemente, necessidades de ações mais imediatas. – Leopoldo disse enquanto apontava com o olhar os bustos na parede que pairavam acima deles.

– Senhor Leopoldo. Sei o quanto pertence a uma vertente mais aberta a heterodoxias. Eu respeito isso, afinal, traz novas ideias a velhos cansados como eu. Mas terá que concordar comigo quando digo que algumas situações pedem por uma postura mais sólida. Veja esse exemplo que eu trouxe a reunião agora a pouco: um monumento em que se celebra a primitividade de nosso pensamento erguido onde antes estava, justamente, um dos nosso mais belos exemplos históricos, como o senhor mesmo ressaltou sua importância.

Leopoldo ponderou se valeria a pena um gérmen de conflito com Valdir, o mais antigo membro da congregação. Ao mesmo tempo, já era o momento de colocar algumas questões que o desconfortavam para poder medir as reações dos outros senhores. Sabia o quanto deveria ter sondado as posições antes de decidir sustentar uma oposição

aberta, entretanto, já chegara a hora. O que, com certeza, viria acompanhada de um debate no formato de pequenos discursos individuais de ambas as partes.

– Senhor Valdir. Com todo o respeito, quando digo exemplos históricos, refiro-me mais as ações do que ao que deve ser preservado. Creio que ficamos por muito tempo tentando conservar e perdemos todas as ações de curiosidade, de observação... Como nossos precursores buscaram analisar ao valorizar os nossos silvícolas, por exemplo.

– Mas eles não interviam, senhor Leopoldo?

– Concordo. Mas de uma maneira com que eles fossem protegidos. Para garantir a harmonia social. Da mesma forma como nas primeiras greves. Não foi utilizada nenhuma forma de confronto.

– Sabe que o respeito, senhor Leopoldo. O que sugere então?

Ele surpreendeu-se com a reação de Valdir. Estava preparado para ter que argumentar durante horas para poder convencer a conhecida firmeza do colega. Mas não, ele pareceu recuar como quem está maquinando uma armadilha. Por via das dúvidas manteve-se preparado.

– Sugiro que primeiro precisamos reconhecer um processo que ainda não dominamos. Devemos nos envolver em uma atividade de pesquisa profunda, coleta de dados, para aí então traçar um plano de intervenção. Mas uma ação que seja calcada pela correção de algum eventual desvio. Jamais no sentido destrutivo do termo.

Valdir olhou para os outros integrantes de mesa que até então estavam na condição de expectadores passivos. Reencostou-se na cadeira e o rangido foi amplificado pelo silêncio e pela amplitude do ambiente da sala.

– Alguma consideração dos senhores?

Um dos senhores mais idosos pigarreou. Leopoldo o conhecia desde seus tempos de escola. Na verdade, rostos novos não faziam mais parte aquele cenário. Falava com sua voz rouca e lenta, como se tivesse que buscar ar para alimentar cada sílaba.

– Creio que o senhor Leopoldo trouxe uma contraposição importante para a nossa discussão. Ele parece nos deixar claro o quanto es-

tamos um tanto quanto magoados em relação ao mundo em que vivemos. Isso até é aceitável, afinal, estamos nos transformando em velhos cansados que falam para velhas paredes esquecidas. – Ele tossiu e limpou a garganta antes de seguir. – Confesso que os seus argumentos despertaram minha curiosidade. Sugiro então que o senhor Leopoldo seja responsável direto por essa pesquisa e por um plano de intervenção.

O balançar das cabeças ao redor da mesa coincidiu com um clima de conciliação que estava prestes a se estabelecer. Com um novo pigarro o senhor retomou a palavra.

– Para isso sugiro que devemos ampliar as possibilidades da proposta do senhor Leopoldo. Creio então que seja o momento de nomeá-lo para o lugar ocupado hoje por mim. O de responsável por assuntos educacionais.

Leopoldo sentiu um leve arrepio ao ver que, enquanto essas palavras eram pronunciadas, Valdir assentia positivamente e silenciosamente com a cabeça, como se tudo já tivesse sido encenado. Algo combinado nos corredores pré-reuniões insinuava sua efetuação. E agora ele não teria como escapar, pois a armadilha já tinha o envolvido: ser responsável pelos assuntos educacionais. Mesmo já consciente do movimento, nada teria a perder com uma última tentativa. Talvez outros membros o apoiassem. Se tivesse sondado com eles antes, se não fosse tão inocente...

– Senhores. Agradeço muito essa grande honra. Mas temo que a especificidade deste assunto não pede para que o ampliemos para os assuntos educacionais como um todo. Além disso, creio não ter os requisitos necessários, afinal, sempre me envolvi nos assuntos ligados à legislação.

– Leopoldo. Assuntos ligados a memória e patrimônio histórico hoje estão cada vez mais dominados pelo campo educacional. O senhor irá inteirar-se disso quando o senhor João enviar os documentos amanhã.

Ele não respondeu. Agora estava mais claro do que nunca de que, além do planejamento dessa situação, eles estavam mais decididos do que nunca a lhe entregarem esta função.

– Será um belo desafio para o senhor que leva tanto em conta as ações históricas exemplares. – Disse definitivamente Valdir com um sorriso conciliador.

Não havia mais saída para ele.

Depois de encerrada a reunião, Leopoldo voltou para casa mais desanimado do que nunca. Andou pelos arejados corredores da biblioteca central mais lentamente do que sua econômica estatura proporcionava. Assuntos educacionais. Área da qual ninguém do seu grupo gostava de se encarregar. Tempos difíceis para poder produzir atividades de acordo com sua postura filosófica. Muito diferente dos anos setenta, quando seu pai atuou nesse campo. Naquela época os monumentos certos eram erguidos e conservavam-se. A educação moral e cívica era uma preocupação séria. A cidadania tinha outro valor.

Ao mesmo tempo admitia que sua tarefa poderia render bons frutos. Uma intervenção mais séria, mas paciente, mais estudada, mais debruçada sobre o funcionamento dessa miscelânea de propostas fragmentadas e incoerentes. Sim, havia meios e recursos. Nem tudo estava perdido, pois o poder político dele e de alguns dos seus estava sendo menosprezado. E talvez fosse justamente este o momento de uma intervenção forte. Mas tudo, obviamente, calculado, ordenado, pelas brechas possíveis.

Jogou os ombros para trás ao sair do prédio. Junto com a luz do sol entre as nuvens o seu ânimo retornou. Teria que buscar ajuda com seus dois sócios. Dispensou o motorista. Ele mesmo dirigiria naquela tarde.

lidar com as variações constantes

antes

3

COMO SEMPRE, CARLOS TERMINOU A SUA AULA MAIS TARDE DO QUE O ESPERADO.

Depois de trocar ideias e opiniões com os alunos mais interessados que o seguiam pelos corredores, entrou em sua sala para largar as pastas, livros, pilhas de trabalhos e outros itens para ir almoçar. Enquanto passava protetor solar no rosto, afinal, o pátio da universidade é um descampado não atrativo para ninguém que não está dentro das salas, o telefone tocou:

– Carlos Freire.
– Oi Carlos. Pedro.
– Então, vai comer camarão pago pelos nossos impostos?
– Dane-se Carlos! Perdi meu precioso tempo para ver aquele negócio do projeto.

– E então? Todos se entregaram? Não querem mais saber dos velhos temas que nunca chegaram a ser novos?

– Não exagera Carlos. Temos avançado... Mas, voltando ao que interessa, é estranho, pois a comissão já estava sabendo da relevância do seu projeto. Estava tudo nos conformes, e não foi por isso que ele não foi aprovado...

– Isso eu sei meu amigo, afinal, foi o meu grupo que o fez...
– Pois então. Ele foi mais desqualificado por um pessoal novo, que eu não conheço. Não sei de onde vem e nem do que se alimentam...

– Tem alguma coisa que você saiba por aí?
– Muito engraçado, Carlos. Estou rolando de rir...
– Sabe pelo menos o nome das pessoas?
– Sei sim. Passo por e-mail. Mas realmente estou achando isso muito estranho. Estávamos com uma linha bem definida aqui quando lançamos esse edital. Além de você, tenho mais dois projetos afinadíssimos que não passaram.

– A minha aluna comentou hoje sobre uns projetos, no mínimo bizarros. O que está acontecendo por aí? Algumas empresas andam pagando almoço?

– Não tem por que. Esse edital prevê somente orçamento público e nem interessa tanto assim a qualquer tipo de empresário. Deixa de ser paranoico, Carlos.

– Então você se enganou com essa tal de linha de vocês, meu amigo.

– Talvez... Essas pessoas estranhas não deveriam estar nesta função. Me avise quando descobrir quem são elas. Estou sem tempo até mesmo pra consultar os currículos delas.

– Sem tempo... Essa é boa. – Disse Carlos em meio à gargalhadas.

– Deixa de ser babaca, Carlos. Não esquece que esse assunto é mais do seu interesse do que meu.

– Achei que ações importantes eram de interesse de ambos, Pedro.

– Faz o favor de não começar com essa conversa de novo, por favor? Olha só, Carlos, vê aí o que você faz e me avisa sobre qualquer coisa. Nos falamos quando me irritar deixar de ser o seu objetivo de vida.

– Tudo bem, Pedro. Não precisa ser tão sensível...

– Um abraço. – E desligou.

Carlos colocou o telefone no gancho enquanto abafava o seu riso solitário. Desde os tempos de estudante tinha essa relação com Pedro. Vivia dizendo o quanto ele era pelego, entreguista ou qualquer coisa do gênero. No fundo eram somente provocações, pois sabia das boas intenções e do grande coração do seu amigo. Somente julgava seu

caráter deveras influenciável por qualquer nova tendência surgida no âmbito da discussão, mesmo que sempre dentro da mesma perspectiva. O roteiro de suas discussões não tinha mais necessidade de revisão: logo estariam se falando novamente como se nada tivesse acontecido e, conseqüentemente, brigando como se fosse a primeira vez.

Carlos terminou de espalhar o protetor solar sobre o rosto enquanto pegou a folha impressa dos projetos aprovados que sua aluna o mostrara no início da manhã. Observou desalentadamente os títulos e os coordenadores. Apesar de muitos que julgava adequados, outros o levavam a pensar em quanto o mundo poderia estar perdido. “Espíritos do passado: conversando com os mortos ao longo da História”; “A gente quer só comida: alimentação e seu significado histórico – uma abordagem interdisciplinar”; “Sexo na cabeça: a história como forma de abordar a sexualidade entre os jovens”... E assim foi passando seus olhos com desdém por alguns títulos e nomes da lista até chegar a um que lhe chamou a atenção.

TÍTULO DO PROJETO	COORDENADOR(A)
<i>E se fosse diferente do que aconteceu? – O mistério noturno do acontecimento.</i>	Dra. Cléo Sabathini

Lembrou que já conhecia aquela mulher, mas só percebeu depois de vê-la novamente, há não muito tempo, muito diferente, durante a viagem a um congresso que fora com Eduardo. Ela transformou-se, por assim dizer, em algo exótico, e Carlos teve a certeza, depois de alguns copos e algumas palavras, que ela só se aproximou deles por que percebera que eram companheiros. Infelizmente a sua opção sexual, em alguns momentos, atraía pessoas bizarras para perto de si. Talvez pelo senso comum de algumas pensarem que, pelo fato de ser gay, ele se identificaria com a esquisitice alheia, ou por que achassem que ele era provido de uma mente mais aberta que o cosmos. Enfim, malucos sempre apareciam por perto quando estava em eventos sociais com Eduardo.

[Então você quer dizer que é capaz de agarrar a realidade como estar na cama com alguém? – Ela disse entre dois goles e um sorriso debochado]

As suas metáforas sexuais irritaram profundamente Carlos e iam piorando proporcionalmente à quantidade de álcool correndo naquele corpo.

[Bom, infelizmente eu tenho que dizer que o saber e o poder transaram no altar da revolução.]

Ao mesmo tempo, algo o atraiu naquela repulsa, pois, para bem ou para mau, ela foi de uma transparência tão rara quanto aqueles que inspiravam Carlos, coisa difícil de se achar nesse meio. No início a subestimou, pensou que ela poderia ser alguma professora renegada, ou a maluca de algum departamento, como tinha exemplos perto de si. Pensou que com uma boa conversa poderia se aliar àquela honestidade fulminante e atraí-la para ideias e questões mais úteis. Enganou-se redondamente, pois quanto mais argumentava, mais excentricidades ela disparava. O pior de tudo, para Carlos, é que elas não eram no sentido de firmar a sua posição e contrapor à dele, mas sim de simplesmente debochar de todo gérmen de seriedade que poderia estar sendo enunciado. E não soava como uma ofensa gratuita, mas sim como um rigor em desorganizar tudo que poderia ser discutido construtivamente.

[Dizer que se descobre a verdade é tão absurdo quanto dizer que só sabemos sobre sexo depois de perder a virgindade.]

Naquela noite, por um erro estratégico seu, acompanhou Cléo na beberagem. Eduardo entediou-se com a conversa e foi para a cama deixando os dois sozinhos. A discussão acabou ganhando fama nos círculos acadêmicos, pois o nível baixava a cada aumento no tom das vozes. Ao fim da noite, foram o centro das atenções de um espetáculo jamais previsto pelos iluministas quando tentaram laicizar e raciona-

lizar o conhecimento. E o que mais deixava Carlos constrangido ao evocar essa memória era o fato de que sabia, depois da reflexão sobre a ação, o quanto estava mais agressivo e descontrolado. Ela ria e se divertia durante as suas réplicas e tréplicas que não passavam de uma desorganização regular de seu pensamento. Tornara-se uma disputa gratuita da qual se arrepende até hoje.

Carlos voltou a concentrar-se na lista de projetos. As lembranças daquela noite arrepiavam o seu corpo como aquelas memórias em que não queremos acreditar. Era, no mínimo, grotesco participar de uma cena assim a esta altura de sua vida, justamente em um momento que buscava a maior discrição possível. Por que estas discussões o atingem tanto? Por que se importa tanto com elas? Por que ainda insiste em contrapor tudo o que lhe é estranho? Com certeza tinha outras coisas a pensar, outros movimentos a fazer. Mas ainda se prendia nessas divisões, e estava um pouco cansado delas.

Despertou de seus pensamentos. Era hora do almoço. E com o estômago vazio nada pode ser feito.

ELA ESTAVA INDECISA SOBRE COMO PULAR.

A porta parecia estar aberta bem em frente aquele buraco. Para a direita ou para a esquerda não significaria uma alternativa de livrar-se da sujeira. O ronco do motor atrás dela rugia mais alto. Virou a cabeça e olhou firmemente para o motorista.

– Poxa meu. Acelera um pouco senão eu terei que pisar bem em cima da poça.

Com uma expressão de poucos amigos, o motorista pisou levemente no acelerador, o que fez com que o ônibus desse um solavanco que a desequilibrou. Por pouco que não caiu de uma vez por todas na estrada. Ao se recompor disse, entre os dentes.

– Obrigada...

Desceu na rua sem calçamento e com a terra umedecida pela chuva do dia. A irregularidade do terreno e as constantes poças no

caminho a obrigavam a andar ziguezagueando. Os cachorros da vizinhança a seguiam, alguns latindo e outros babando, pulando e balançando o rabo ao seu redor. Alguns vizinhos também a observavam curiosamente enquanto bebiam algo, sentados em seus pátios de chão batido, acompanhados pelo som estridente de programas religiosos no rádio. Tudo mal sintonizado, com o chiado que por vezes interferia no sermão do pregador.

– Vejam! Vejam! Onde tudo isso nos levou?! Continuamos aqui sofrendo. Temos mais uma chance! Talvez seja a última!

Ela seguiu seu caminho torto sem dar muita atenção para o que estava sendo visto ou dito ao seu redor. Enquanto buscava os trechos mais firmes da estrada mantinha seu pensamento no início de noite solitário que passara. O fato de estar saindo daquele apartamento grande, espaçoso e organizado para voltar a sua casa naquele bairro de fronteira entre a metrópole e a cidade dormitório não a incomodava. Até gostava dali. Podia sair daqueles hábitos parecidos, daqueles rostos parecidos e refugiar-se em um ambiente cultural completamente diferente, mesmo que por vezes hostil.

Desde que sua mãe fora morar no interior com um caminhoeiro que conheceu cinco anos antes aquela casa sobrou ali. Não foi vendida, alugada ou mesmo cuidada. Até hoje o mato dominava boa parte de seu entorno enquanto parcialmente ela o controlava na medida em que ali se instalava. Tudo ali parecia ser bagunçado, meio solto, meio largado. Muitas moradias se despedaçavam com qualquer ensaio de chuva, vento ou tempo mais prolongado. Improvisações à medida que as situações pediam, assim como pendiam as ligações de luz ilegais, os móveis usados, as promessas políticas e as ações educacionais.

Ela tornou-se o centro das atenções quando, ao fim da adolescência, voltou a morar ali para estudar. De tanto circular pelas ruas vestida de preto a vizinhança a apelidou simplesmente de roqueira. Sempre a olhavam com uma atenção antropológica, e ela retribuía com um tímido sorriso e um aceno. Mas ela gostava dali. Era um bom refúgio, um útil tapa na cara sempre que se deixava dominar

pela ação de reclamar da vida, o que é, aliás, quase uma regra no meio em que estava vivendo nos últimos três anos. De qualquer modo, era o único lugar para isolar-se depois de uma decepção.

Definitivamente aquele ambiente não era problema para ela. E não era esse o motivo de sua falta de vontade. Enquanto andava cabisbaixa pelos últimos metros de sua rua devastada, pensava no que poderia estar acontecendo. Ainda podia ouvir as ressonâncias do rádio mal sintonizado.

– Isso vai acabar! Assim como Sodoma e Gomorra isso terá um fim!

Ouviu sua vizinha a chamar enquanto girava a chave na porta. Ela estava com sua filha de sete meses no colo.

– Oi Gabi. Tem dois reais pra emprestar?

Ela deu o dinheiro. Mesmo sabendo que nunca receberia de volta. Assim como já aconteceu antes e irá acontecer novamente. Ela não sabia se era para o leite, qualquer tipo de droga, passagem de ônibus... No fundo ela não se importava. Vinha do mesmo lugar, estava ao lado, e mantinha uma distância inviolável. Não por escolha ou algo inconsciente, mas sabe-se lá por que.

Ao adentrar sua casa, Gabi jogou a bolsa em cima da mesa e foi direto para os fundos. Na parte do pátio não dominada pela vegetação alta, um banquinho de madeira estava pregado a uma grande árvore. Ela sempre senta ali, mesmo quando o tempo chuvoso faz com que pingos esparsos despencassem sobre seu corpo.

Enrolou um cigarro de palha com o fumo comprado no mercadinho da esquina. Estranho hábito que adquiriu depois de largar de vez os cigarros industriais. Cruzou fortemente as pernas e pensou naquela piranha que a deixou esperando no fim de tarde, para quase à meia-noite se dar ao trabalho de enviar uma mensagem. Pegou o celular e a leu novamente.

*[tive q ser digna do acaso... mas é um bom encontro...bjus
Cléo]*

Apertou o aparelho com as mãos e o deixou cair na grama úmida. O que mais a deixava incomodada talvez não fosse o sumiço de Cléo em si, ou a companhia misteriosa que a fez esquecer-se dela, mas sim o fato de ela sentir-se tão incomodada com aquilo, quase como estar sendo traída ou enganada. Sua audição capturou mais alguns gritos do pastor no rádio, tentou bloqueá-los, pois a sintonia com aquela religiosidade apocalíptica a deixava em um estado de nervos agitado. Ligou o pequeno rádio que ficava ao lado do banco. Estava já sintonizado em uma rádio comunitária local.

A música evaporou momentaneamente sua presença daqueles sentimentos já estabelecidos.

Sabia desde o início o quanto aquela relação era descompromissada e potencialmente complicada. Da professora Cléo – aquela que trazia questionamentos diferentes e estranhos a tudo aquilo que ela julgava estar sendo cada vez mais entendido do mundo – a um belo corpo feminino lado a lado, encima, embaixo, por entre o seu nos lugares mais sexualmente inexploráveis. Da professora Cléo – aquela mentora que dava voz aos seus alunos e incentivava a criatividade do pensamento – a simplesmente Cléo; aquela mulher que a mandava calar a boca e deixava marcas em sua pele suada. O desfecho teria que ser inevitavelmente trágico. Muita força, muita vontade, algum equilíbrio se imporia como uma energia destruidora em algum momento.

Mas seria este o momento? Estaria ela fazendo drama onde não deveria? No fundo sabia que sim, mas procurava nesse drama, mesmo que antiquado, um motivo para ter razão.

Ela estava magoada, não podia negar isso. Jogou fora seu cigarro de palha enquanto balançava a cabeça como a reprovar a si mesma. No fim das contas, era a adolescente deslumbrada e não podia cobrar nada de Cléo. Aproveitou o que podia, e foram momentos dignos de serem lembrados. E deveria lembrar-se disso, afinal, poderia estar se fechando em um pequeno mundo que sempre reprovava. Olhou ao seu redor, gostava da potencialidade daquele cenário em que estava inserida, mas mesmo que ele estivesse ali para que ela mantivesse o

seu isolamento compartilhado, sair dali para se prender a outro, como parecia estar fazendo agora, seria uma maneira fácil de acomodar-se simplesmente por ter outras possibilidades.

Não. Realmente ela não podia avaliar seus sentimentos tendo como centro sua relação com Cléo. Era um universo que deveria ser encarado como ainda pequeno demais.

Levantou-se e caminhou em direção a cozinha. Era hora das tarefas somente suas, não de um relacionamento. Enquanto comia as sobras de uma lasanha fria descuidou-se e esboçou alguns sorrisos.

[Você é quem deveria estar me ensinando coisas. Vocês são mesmo atrasados heim?!]

Ela sentia-se com uma liberdade inacreditável nos momentos que passava com Cléo. Tudo era tão leve, com possibilidades de humor, ninguém estava ali para provar nada, conquistar nada, ser testado por nada. Simplesmente acontecia e era digno de transformar-se em piada. Talvez justamente isso que causava sensações terríveis em quem não estava com ela ou foi deixado de lado, como ela sentia-se agora. Talvez outro alguém sentiu o mesmo abandono quando ela passava esses momentos com Cléo. E ela estava pagando por isso agora. Ou seria uma obsessão infantil?

Pensamento circular. Precisava sair por uma tangente e voltar a pensar em suas coisas. Mas que coisas? Olhou para o relógio. Quase uma. Certamente ainda era muito antes da manhã. Mas mesmo assim ela precisava fazer algo. Ela sabia o quanto deveria estar disposta a deixar alguma coisa estranha a impulsionar.

Pegou sua bolsa e saiu. Estava tão fechada em si mesma que nada ali poderia ser perigoso.

MAIS UMA VEZ, ELE TERIA QUE SE SER AGENTE DE UMA FUNÇÃO.
Teria que fazer de novo, mesmo estando cansado disso.
Estava quase na hora, mais alguns ajustes seriam necessários.

Enquanto ajustava seus óculos escuros no rosto e consultava o relógio, demonstrava impaciência por aquela espera maior do que o necessário. Geralmente ela nunca se atrasava. Talvez algum problema no ônibus, de saúde, ou outra das complicações familiares. Teria que ordenar tudo isso caso quisesse chegar a uma conclusão. Mas era um detalhe que não importava, por isso fez um esforço mental para esquecer. O recorte estava em outra direção. Pormenores aleatórios que não contaminariam o que era preciso para o experimento.

Finalmente ela desembarcou no outro lado da rua. Estava vestida como de costume: blusa branca, saias compridas que se confundiam com seu longo cabelo e sandálias. Quando o ônibus seguiu seu caminho ele pôde ver o quanto ela olhava atentamente ao redor. Sabia que procurava por ele. Um ótimo dado. A relação estava estável e consolidada. Tudo conforme o previsto. O momento chegara.

Ele levantou-se e suspirou. Seus dois segundos de suspensão habituais.

Corte, referência, desaceleração.

Atravessou a rua e percebeu a inquietação dela ao vê-lo.

– Olá irmã.

– Oi...

– Você está bem?

– Não muito. Podemos conversar em algum lugar?

– Agora? O culto começa em cinco minutos...

– Eu sei... – Ela baixou o olhar e corou.

– Creio não ter problema conversarmos se é assim tão importante para você. O que está dentro de você é a forma mais importante de fé. Lembra-se do que o pastor disse na última vez?

Ela levantou o rosto como se tivesse ouvido exatamente o que gostaria ou precisava. Ele estava cada vez mais convencido pela hipótese de que tudo andava de acordo com o planejado.

– Então tudo bem para você se não irmos ao culto hoje?

– Auxiliar uma irmã aflita é algo maior e mais importante. – Disse estendendo as mãos na direção dela.

Recebeu um abraço tão apertado quanto à intensidade da voz do pastor. Mais um indicativo para convencê-lo de que sua tese seria sustentada.

– Vamos para minha casa, irmão. Não é de bom tom sermos vistos conversando a sós por aqui.

Enquanto atravessavam a rua em direção ao ponto de ônibus ele teve uma nova suspensão necessária.

Corte, referência, desaceleração.

Já estava envolvido naquele projeto havia quase três meses. Com certeza em seu diário de campo a data e hora foram adequadamente registradas. Este fora o seu experimento mais longo. Não pelo caráter comum às outras vezes em que foi um agente das funções, mas sim pelas singularidades desta situação. Isso não o agradou muito de início, pois teve que remanejar seus métodos. Lidar com as variações constantes da vida social ainda o deixavam um tanto quanto incomodado, por mais que aceitasse e entendesse o mesmo movimento ocorrendo nas ciências mais respeitáveis. Estava satisfeito pelos resultados parciais que demonstravam o quanto tinha avançado, o quanto tinha contornado problemas, o quanto os lados da equação tendiam a se igualar.

Justamente em um momento de sua vida em que não estava levando adiante os seus projetos deparou-se com ela. Desesperada, em frente a igreja, sentada no meio-fio ao lado das sacolas de lixo espalhadas. Pensou, como já havia feito das outras vezes, em quanto é paradoxal um ser humano encontrar-se nesse estado depois de todos os séculos de evolução do conhecimento e da tecnologia. Algo precisava ser feito. Urgia a necessidade de transformar-se novamente em uma função. Ofereceu a ela um lenço de papel. Ela agradeceu. Ele demonstrou interesse. Ela disse que seu marido fora preso pela terceira vez. Ele salientou o quanto estava disposto a ajudar. Ela indagou sobre a sua identidade. Ele disse que acabara de se mudar e estava procurando uma sede daquela igreja, pois era devoto. Ela esboçou um sorriso e facilitou a aproximação. Eles tornaram-se irmãos e confidentes.

Então ele se deparou justamente com o que tinha inclinação para estudar: a vida dela era um caos. Além do marido preso por tráfico, seu filho adolescente constantemente roubava tanto dela como da vizinhança. Pelo seu diário de campo, tinha o visto quatro vezes durante esse período, e todas elas resultaram em um pedido de dinheiro por parte do garoto. Já a irmã mais velha sofria de um sério problema de obesidade, o que fazia com que ela passasse a maior parte do seu tempo deitada na cama em frente à tevê. Ela já enviara várias cartas aos programas televisivos que se ocupavam dessas questões, sem nunca ter recebido uma resposta.

O dinheiro era pouco. A comida era parcial do ponto de vista dos nutrientes, muito mais carboidrato que qualquer outra coisa. Geralmente vinha da igreja. O fornecimento de água e luz revezava-se quando era possível negociar com a companhia e, às vezes, coincidiavam em sua falta.

Caos. E para ele era preciso tirar daí uma estabilidade digna de ser chamada de vida. Ela estava imersa em um contexto que não poderia ser harmonizado devido sua falta de capacidade. E, como tentativa, buscou cada vez mais auxílio na igreja, o que, para ele, era a pior escolha possível. A religião faz um recorte no caos em direção para fora desta vida, ou seja, ela teria que viver com esses problemas buscando uma solução apenas no além. Para ele, isso era insuportável, era necessário um recorte no caos que organizasse e gerisse esta vida. Ele tinha que fazer alguma coisa. Precisava intervir. Precisaria ser novamente uma função.

Ela era incapaz de traçar uma referência adequada.

Ele teria que fazer isso por ela.

A viagem de ônibus foi complicada. Compressão de pessoas em uma estrada comprimida por veículos. A rotina dela pressupunha isso, e ele considerou esse dado como secundário em seu perfil ordenado sobre ela.

– Não se preocupe. Minha irmã tomou os remédios. – Disse ela enquanto entravam em sua casa cujos cômodos eram separados por cortinas. Ele pôde ver pela fresta da cortina aquele corpo imen-

so deitado na cama, iluminado pelos flashes coloridos da televisão. Logo ouviu os roncos.

Sentaram-se na cozinha. Ela requeitou um café. Ao segundo gole disse com os olhos já umedecidos:

– Faz duas semanas que não vejo o Roberson. Ligo praticamente todos os dias. O celular está desligado. Conversei com alguns amigos aqui do bairro. Vários também sumiram, mas aqueles que eu encontrei também não têm notícias dele.

– Ele recaiu?

– Não sei dizer. Nunca sei quando ele está livre ou não. Acho que perdi meu filho... – Ela escondeu o rosto sob as mãos e soluçou repetidas vezes. – Não sei até onde eu posso aguentar. Por que recebo tantas provações? Será que é por que eu desconfio da minha fé?

Ele deveria ver nessa pergunta um bom indicativo. Mas sabia o quanto ela dizia isso só para que ele a consolasse. Já acontecera antes. Ela jamais duvidaria de sua fé. Nisso ele já estava seguramente conclusivo. Acariciou-a nos ombros que pululavam com o choro.

– Todos em alguns momentos duvidamos de nossa fé, irmã. É difícil. Pois nosso senhor se manifesta de formas misteriosas. Não sabemos qual é o plano. Só podemos andar de acordo com o que ele prescreveu, mesmo sem saber o final.

Entre os espasmos de choro ela assentia com a cabeça. O abraçou novamente, agora ainda mais forte. Ele considerou uma nova hipótese: ela poderia libertar-se de todo esse grilhão religioso. Mandar deus para qualquer lugar, pois o inferno não existia mesmo. Fazer sexo com ele em cima da mesa. Assim todo o plano poderia ser modificado rapidamente, ele poderia deixar tudo claro para ela. Eles poderiam formar uma dupla. Modificar tudo. Ir muito além do que ele imaginara. Muitas das ciências tinham se constituído dessa forma.

Mas ela recuou e secou suas lágrimas.

– Desculpe. Foi um momento de fraqueza. Ainda bem que você sempre entendeu esses nossos momentos.

Foi tudo um impulso ilusório. Ele voltou a realidade percebendo que seu plano estava mais justificado do que nunca. De uma forma irô-

nica, assim como ela sentiu-se culpada por em algum momento duvidar de sua fé, ele constrangeu-se por ter tido esse lapso de indecisão frente a algo tão sólido como demonstrava ser a sua tarefa de intervenção.

Ele levantou e pôs as mãos nos bolsos das calças. Depois massageou levemente os ombros dela.

– Irmã. Vamos manter a calma. Assim poderemos encontrar o seu filho. Dessa vez conseguiremos trazê-lo a palavra de nosso senhor. Tenho um pressentimento forte sobre isso. Já vi casos piores do que esse terem um final feliz.

– Obrigado irmão. Suas palavras e suas experiências sempre me confortaram. – Disse ela segurando com carinho o antebraço dele.

Ele retirou as mãos dos ombros dela e as colocou novamente nos bolsos. Já tinha se certificado dos volumes. Devagar e enquanto cantava em forma de sussurro uma canção conhecida da igreja, na qual foi imediatamente acompanhando por ela, retirou de um bolso um frasco de vidro e do outro um pequeno lenço. Enquanto a canção encaminhava-se para o refrão, o que pedia uma maior entonação nos graves e agudos, ele dispôs o lenço no gargalo do recipiente, despejando uma parte de seu conteúdo. O refrão então explodiu:

“Que a família comece e termine sabendo onde vai”

A última sílaba por ela pronunciada foi sufocada pelo pano subitamente pressionado contra sua boca e suas narinas. Ela tentou levantar-se. Ela contorceu-se. Ela gritou algo irreconhecível. Ela tentou pensar em alguma coisa. Ela tentou pedir perdão. Ela não teve tempo. Ela despencou como uma pecadora qualquer.

Ele abriu os braços e deixou aquele corpo ir ao chão de forma disforme. Agora podia contemplar minimamente algum sentimento. Outras vezes tentara calcular como o corpo cairia e se disporia no chão. Para onde iria a perna esquerda, o braço direito, qual o ângulo das costas em relação ao chão, etc. Mas desistiu depois de sucessivos fracassos. Agora queria apenas contemplar o resultado do acaso, para poder respirar um pouco. Depois de tantos planejamentos e análises de causa e consequências, finalmente uma recompensa sensível. Podia simplesmente observar sem nada almejar.

Olhou discretamente para o quarto da irmã dela. Nenhum movimento. Segurou aquele corpo frouxo nos braços e saiu. A primeira fase da experiência já estava concluída. Isso significava iniciar a segunda, já bem encaminhada.

Corte, referência, desaceleração.

depois

somente o nome bastaria

4

ARNALDO ABRIU OS OLHOS E VIU TEIAS DE ARANHA NO TETO.

Não se recordava muito bem se sua faxina foi até o final ou se adormecera antes. As memórias da noite com Cléo o deixaram desconcertado, sem nenhum referente fixo, quase como alguns lapsos que não centralizavam a cronologia. O som da companhia o conduziu até outro tipo de memória: aquela mais imediata, que o lembrou o porquê de ter despertado. Deveria ser a terceira ou quarta vez que tocava. Ele morava em um tipo de sobrado, em uma região da cidade que há uns trinta anos fora valorizada, mas agora era decadente. Casas bonitas e mal cuidadas; agora subdividas forçadamente. Tudo isso igual a aluguéis baratos.

Na calçada, Adão escorava-se contra a grade e preparava-se para enfiar o dedo na companhia e nunca mais soltar. Secava o suor de sua testa enquanto repassava tudo àquilo que não conseguira fazer até o momento. O marido morreu, a filha ainda não foi encontrada, os exames laboratoriais tinham a mesma agilidade de uma comissão parlamentar e os colegas de trabalho não deram informações sobre Cléo dignas de serem seriamente consideradas – com exceção de seu encontro na noite anterior com um homem que eles nunca viram. E Adão estava ali, impaciente, agarrando-se a possibilidade que daquela casa mais velha do que ele pudesse sair alguma resposta.

E o que ele viu sair da porta foi um homem com cara de quem tinha dormido o dia inteiro. Nada como aprender a não se agarrar a qualquer esperança.

Arnaldo chegou ao portão e viu um homem sério e muito grande. Nada como uma bela dose da realidade mais crua para acordarmos de vez em quando.

– Senhor Arnaldo Nunes da Silva? – Perguntou com sua voz grave.

– Ele mesmo.

– Meu nome é Adão Machado. Sou inspetor da polícia civil. – Mostrou uma carteirinha. – Posso entrar um minuto para conversarmos?

Arnaldo hesitou por alguns segundos. Todas e nenhuma possibilidade do que poderia significar aquilo passaram por sua cabeça.

– Claro...

Os dois subiram as escadas em silêncio. Na verdade em um relativo silêncio, pois, para Arnaldo, os passos daquele homem em seu chão de madeira multiplicavam a sensação de estar submetido a uma autoridade severa. Ao chegarem à sala, Adão ficou em pé observando atentamente tudo ao seu redor. Arnaldo recolheu garrafas e latas de cerveja rapidamente.

– Por favor, inspetor. Sente-se e fique à vontade. – Disse Arnaldo em meio aos tropeços de sua tentativa de organização.

– Hum...

– Em que posso ajudá-lo?

– Trabalha, senhor Arnaldo?

– Sim. Sou professor na rede municipal.

– Dá aula de quê?

– História. Para o ensino fundamental.

– Hum...

Enquanto sentava-se, Arnaldo sentiu a tensão absoluta daquela falta de comunicação. Julgou que inspetor Adão poderia ser um professor de sucesso.

– O que aconteceu? Estão em greve de novo? Pelo jeito alguém andou em casa a tarde toda e não foi para planejar aula.

– Não inspetor. Hoje fiquei em casa por problemas pessoais.

– Hum... Mulher provavelmente...

Arnaldo não respondeu. Percebeu o quanto humor não era o

forte do seu interlocutor. Com certeza o inspetor Adão era tudo o que ele queria depois de combinar um encontro com Cléo.

– Gostaria de dizer, em primeiro lugar, que esta é uma visita não oficial. E, em segundo, que foi uma mulher que fez com que estivéssemos aqui cara a cara.

– Não oficial, inspetor?

– Isso. – Disse sem tirar os olhos dos papéis que segurava. – Considere esta visita uma forma de sensibilidade da polícia. Para tentarmos evitar procedimentos desnecessários.

Arnaldo estava cada vez mais intrigado. Reencostou-se no sofá esperando que talvez aquele encontro, além de longo, não seria nada agradável. Ignorando seus pensamentos, ou sua presença, o inspetor seguiu:

– Vou direto ao assunto. Não sou de muitos rodeios. Estou em casa pela manhã tomando o meu café. Fico pensando, como quase todos os dias em muitos anos, por que continuo fazendo isso. Quando conseguimos trancar dois ou três vagabundos por qualquer tipo de crime, sempre aparecem mais seis ou nove fazendo a mesma coisa. E isso quando não são os mesmos. Você fica nesse jogo, nesse trabalho de formiguinha. Enfim, trabalho que paga coisas que meus filhos gostam. Quando você menos espera, aparecem coisas que nunca imaginou. Fulano acorrentou a própria filha por dois anos, um pervertido enfiou um fio elétrico em alguém, um vizinho cortou a cabeça do outro e a escondeu dentro de uma bola por causa de um botijão de gás e por aí vai. Aquela velha história de já vi quase de tudo não existe. As pessoas sempre inventam alguma coisa nova. E ficamos aqui, tendo que ir pra casa toda a noite comer carne de panela com batata.

– Eu entendo exatamente como o senhor está se sentindo...

– Pela manhã recebo uma chamada da universidade. Aí pensei: “puta que pariu”, deve ter morrido mais um moleque de coma alcoólico naquelas festinhas que fazem quando o pessoal entra na faculdade. Não gosto disso porque o jornal gosta de noticiar, as pessoas ficam comovidas, uma vida jovem que se foi, ia estudar, era do bem, etc. Enfim, não sei de onde tiram essas ideias. Vagabundo é vagabundo

em qualquer lugar. E esse ainda é um que teve oportunidade na vida. Em todo o caso, lá vai o velho Adão para a universidade lidar com aquela gente que nem sei o que faz. Chego lá e dou de cara com isso.

Jogou algumas fotos em cima da mesa. Quando ele falou sobre ir à universidade o coração de Arnaldo começara a palpitar descompassadamente. Mesmo conseguindo olhar só de relance ele sabia que era ela, nem precisava do nome. Continuava bonita, mesmo com todo aquele sangue.

O inspetor Adão tossiu e continuou falando. Deveria estar analisando a reação de Arnaldo. Não importava, pois ele não sabia como reagir.

– Então, senhor Arnaldo. Chego ao lugar e dou de cara com esse cenário. O último número gravado no celular dela como chamada recebida é o seu. Pelas informações que colhi, ela foi vista saindo com alguém de um bar ontem à noite. Eu acredito em caras românticos. Pois é, aqui estamos... Você com essa cara e essa casa de quem foi abandonado. Não tem um café? Pelo amor de deus! Você também está precisando.

Arnaldo continuou em silêncio, olhando, fora de foco, as fotos em cima da mesa. Sem responder levantou-se e foi até a cozinha. Em poucos minutos o café estava pronto. Saiu do transe com a voz do inspetor Adão.

– Então, senhor Arnaldo. Gostaria de contar tudo o que aconteceu?

– Eu não fiz isso.

– Não tente se esquivar Arnaldo. Vou dar uma resposta à mesma altura. Eu não acho que você fez algo. Só estou querendo saber a verdade.

– Disse que essa é uma conversa informal. O caráter das perguntas não está sério demais para uma simples conversa e uma xícara de café?

– Muito bem. Então quer dizer que temos um espertinho aqui? Vou lhe dizer uma coisa, Arnaldo. Eu não gosto do seu tipo. Vocês, professores, universitários e intelectuais. Sempre inventando coisas. Sempre achando que todo o policial é corrupto. Sempre defendendo

os vagabundos. Se for simplesmente para inverter tudo eu também posso fazer. Não preciso de curso superior pra simplificar as coisas desse jeito.

– Que bela maneira de tentar fazer alguém colaborar, inspetor. Declarando logo de início que não gosta do interrogado. A época do pau-de-arara acabou, ou pelo menos deveria, caso não lembre. Dê-me um tempo, pois acabo de ficar sabendo do assassinato de uma pessoa que conheci.

– Tempo?! Eu posso lhe arrumar um tempo em um lugar tão confortável que vai fazer a UTI parecer um SPA.

Arnaldo sentiu a alteração de ambos. Esta sincronia não poderia acabar bem.

– Não ouviu o que eu acabei de falar?! Ameaça e abuso de autoridade é outra coisa de que não ouviu falar? Não fazem reciclagem lá na polícia? Ou está na hora de se aposentar mesmo. Pode ficar lá na praça, jogando damas e lembrando como eram bons os tempos da ditadura.

– Abuso?! Quer saber o que é abuso? Quando um pai não pode nem enterrar o filho decentemente porque o vagabundo o queimou enquanto estava vivo. E o infeliz não pode nem falar nada, pois senão sobra para ele também. E sim! Eu não gosto de tipos como você! Se me contar tudo agora, me poupa de fazer interrogatório formal. Quanto menos isso durar melhor pra mim.

– Essa conversa está terminada, inspetor. Tenho outras coisas para fazer.

– Tudo bem então, Arnaldo. É assim que prefere. Tudo bem...
– Adão pegou outros papéis de sua pasta. – A sua ficha é algo bem fácil de encontrar na polícia, mas bem difícil de carregar. É pesada. Só gostaria de lembrá-lo que fui eu, talvez por obra do destino, quem há anos atrás recebeu a queixa daquela mãe que fez com que você tivesse de ser transferido às pressas da escola. Gostaria de falar sobre isso? Afinal, poucas pessoas além de mim sabem os motivos desse problema. Pena que não me deixaram levar adiante o caso. Mas temos outras coisas, como você sabe: a menina, o aluno com o braço

fraturado. Gostaria de ter em frente a sua casa um grupo de justiceiros indignados, daqueles bem malucos, esperando você sair de casa? Aposto que vai pedir ajuda à polícia, não? E adivinha quem vai estar lá? Eu, de braços abertos para protegê-lo e servi-lo. Posso até pensar em adiar minha aposentadoria.

Arnaldo sentiu como se mais uma vez o passado impedisse o simples professor de história de seguir sua vida.

– Inspetor. Pode se retirar da minha casa antes que eu chame alguém. A não ser que saia uma intimação da sua pasta. Mas aí será na delegacia, com testemunhas.

Adão levantou-se do sofá. Como estava enfurecido, ficou maior ainda. Pegou os papéis e jogou-os dentro da pasta. Quando Arnaldo aproximou-se, o inspetor moveu seu braço grande e cabeludo direito em seu estômago. Arnaldo caiu e sentiu-se como se uma pedra estivesse na sua barriga. Inflexível. O ar não entrava nem saía. Adão abaixou-se e falou devagar.

– Escuta aqui, seu professorzinho. Não se faça de durão comigo.

Seus olhos estavam vermelhos e esbugalhados. Quando Arnaldo conseguiu respirar um pouco rastejou até o sofá enquanto ainda latejava a boa canhotia do velho. Ele deve ter treinado muito durante a ditadura, pensou.

– Eu não suspeito de você, Arnaldo. Na verdade acho que você é só um coitado que conheceu uma bela mulher. Deu sorte. Mas não tanta. Está aqui comigo agora. Digamos que meu papel aqui é trazê-lo de novo à realidade. Agora faça-me um favor. Começa a abrir essa boca de uma vez, quero resolver isso logo e voltar para casa e comer a carne de panela com batatas da minha mulher.

– Tudo bem, tudo bem. – Disse Arnaldo tentando ser entendido. – Simplesmente eu conheci Cléo ontem à noite em um bar. Conversamos e ela me pediu um cigarro. Fomos para fora e chegamos à conclusão de que aquele lugar era ridículo. Ela me convidou para ir a outro lugar com ela. Fomos e ficamos juntos. Depois peguei um táxi e voltei para casa. Aí hoje de manhã liguei. Porque eu sou um romântico, como você mesmo disse.

– Onde vocês foram?
– Até um morro. Da para ver a cidade e as estrelas, essas coisas...
– Mentira Arnaldo! Vou mostrar estrelas, mas vai ser do meu jeito!

Arnaldo imaginava que suas palavras pouco produziam efeitos.

– Ela disse que tinha alguma coisa importante no trabalho. Que estava comemorando. Escute... Nós nos falamos muito pouco. Íamos nos encontrar hoje. Eu liguei e ela não respondeu. Por isso que eu estava bebendo. Acabei dando azar, só isso...

– Tudo bem, Arnaldo. Vamos deixar por isso hoje. Mas provavelmente aqueles meus colegas com cabelo cheio de gel e diploma de psicologia o chamarão para depor. Vou fazer de tudo pra isso não acontecer. Ver pessoas como você me faz ficar de mau humor e indisposto com meus filhos no fim de semana. Nem preciso dizer que se mencionar a nossa conversa teremos outra, logo, e essa não vai ser tão agradável e carinhosa. Tudo bem, amigo?

Arnaldo não respondeu. Continuou amaciando a sua barriga deitado no sofá.

– Sei o caminho da saída.

Enquanto ouvia os passos dele soando mesmo estando já na calçada, Arnaldo seguiu no sofá, com um sentimento de que se alguma barata passasse por ali, pediria desculpas por atrapalhar a sua trajetória. O que o deixou relativamente tranquilo foram as informações não tão precisas que deu. Uma forma de resistência? Talvez acreditar que sim o deixaria com alguma vontade de viver. Pelo menos enquanto a crença durasse.

MENOSPREZO POR SUAS TAREFAS NÃO ERA UMA ATITUDE COMUM A ELE.

Mas desta vez sentia-se cansado, sem energia para recomeçar. Poderia muito bem traçar algum plano com aquilo que já sabia – o que, aliás, não era pouco. Assim pouparia trabalho, os resultados

seriam mais rápidos. Mas também sabia que isso estava fora de cogitação. Seu *modus operandi* não permitiria tamanha displicência. Precisaria acumular tudo, organizar, registrar, encadear séries, distanciar-se para ver todo o processo. Sabia muito bem fazer isso, como a sua experiência comprova. Mas sabia também do volume de trabalho, de preocupação, de preliminares que tomariam mais da metade do tempo.

Leopoldo sentou-se em frente ao computador naquela manhã. Seu assistente chegou a sala com uma caixa cheia de CDs, pen drives e até mesmo disquetes. Acumulação. Esse era o seu primeiro passo. Esforçou-se para deixar de lado as queixas, afinal, em outros tempos aquela primeira etapa era muito mais difícil, envolvia volumes físicos e espaço adequado. Este primeiro momento era fácil de ser resolvido, pois muito desse material veio dos responsáveis anteriores por esses assuntos. O estágio mais penoso viria em seguida: organizar aquilo tudo, principalmente a partir de uma seleção rigorosa, de uma seriação inquestionável.

– Isso era tudo doutor?

– Sim, Genival. Obrigado. Diga para o Plínio vir até aqui.

Definitivamente não concordava com as soluções de Valdir, embora simpatizasse com a abordagem. Com certeza organizando aquela documentação encontraria esse processo lamentável de fragmentação das identidades. Esse monumento recém inaugurado que tanto incomodara o velho não era um problema em si, mas sim aquilo que significava. Mesmo os modernistas, quando trouxeram à tona a questão do patrimônio a partir das regionalidades, procuravam isso tendo em vista uma centralidade como a construção da nacionalidade. Monumentos como esse buscam desintegrar esse laço, confrontar a harmonia, questionar a marcha para uma unidade. E isso incomodava profundamente Leopoldo.

O problema seria como abordar esse monumento dentro de um ato educativo. Sim, ele poderia estar ali para acentuar uma diversidade, mas que ela fosse ao sentido da integração. Não como queria Valdir. O simples combate. A simples negação. E eles nem teriam forças

para isso agora. Ele estava duplamente errado. E agora Leopoldo fora convocado a demonstrar isso.

Leopoldo desanimou novamente, pois sabia o quanto levava a sérios assuntos que não eram nem tão relevantes.

Corrigiu sua postura ao ouvir o som de alguém batendo à porta. Plínio era uma espécie de aprendiz, filho mais velho de um colega da congregação. Agora quase formado e com 21 anos acompanhava de perto as ações do grupo, sempre tutelado por algum amigo próximo de seus pais, como acontecera com o próprio Leopoldo trinta anos antes.

– Bom dia, senhor Leopoldo.

– Bom dia, Plínio. Por favor, sente-se.

Ao acomodar-se na cadeira o garoto já notou a caixa em cima da mesa. Observou-a com curiosidade.

– Vamos nos ocupar de assuntos educacionais senhor?

– Seu pai já deve ter lhe informado sobre nossa reunião.

– Sim. Mencionou também sua breve discussão com o senhor Valdir.

– E o que você pensa sobre esse assunto? – Leopoldo apoiou os cotovelos à mesa, inclinando seu corpo mais a frente. Uma demonstração de seriedade do assunto, embora o respeito e a cumplicidade de Plínio para com ele fossem inquestionáveis.

– Concordo com o senhor. Realmente o momento em que vivemos não permite que atuemos de forma explicitamente combativa. Creio que devemos continuar sendo sutis para alcançar alguns objetivos. E pacientes, pois eles são parciais.

– Sua maturidade me impressiona Plínio. Quem dera mais conselheiros pensassem com o seu equilíbrio.

– Obrigado senhor.

Plínio ficou imóvel, como a esperar pelas próximas instruções. Leopoldo verdadeiramente gostava muito de seu discípulo, pois via que a partir dele algo melhor seria feito. Uma evolução a partir de si mesmo. Como julgava ter sido o movimento em relação ao seu pai e ao seu antigo tutor. Apenas lamentava os tímidos processos similares

em relação ao social. Mas talvez a sua missão seja justamente a de manter a tradição viva, para que em tempos melhores ela pudesse estar ao centro novamente.

Levantou-se e andou pela sala com os braços para trás. Posição costumeira nas situações em que tentava articular frases.

– Muito bem. Quero que você leve estes arquivos e faça uma primeira triagem. Somente a partir das questões de patrimônio histórico. Em primeiro lugar, e mais importante, os documentos oficiais. Quero todas as legislações, todos os editais e, principalmente, os projetos aprovados em ordem cronológica desde a última constituição. Não se atenha agora a importância do financiamento, somente se preocupe com os que foram aprovados e tenham algum, mesmo que mínimo. Entendido?

A caneta ágil de Plínio registrava tudo com seus movimentos.

– Depois eu quero uma tabela completa com as tipologias identitárias que mais se destacam. Sejam étnicas, sociais, de gênero, etc... Pode fazer uma busca complementar com pesquisas acadêmicas produzidas a este respeito. Mas com muito cuidado, pois elas tendem a ser subjetivas demais. Vamos dar prioridade as provas brutas.

– Certo senhor. Somente questões de patrimônio histórico e cultural.

– Exatamente. Deixaram-nos responsáveis pelos assuntos educacionais. Mas vamos por partes, essa área é muito complicada.

Leopoldo hesitou por um minuto. Ainda não tinha certeza de como proceder, mas não podia deixar isso visível para o seu discípulo.

– Bom. Acho que tens muito trabalho. Inicie por esse procedimento. Aliás, alguma questão midiática importante hoje?

Essa era a pergunta rotineira, não importa no que estivessem envolvidos. Leopoldo incumbira a Plínio a tarefa de ler os mais importantes jornais, selecionar a informação e transmitir a ele. Com isso Leopoldo poderia avaliar a sua capacidade de ater-se aos fatos mais importantes e, ao mesmo tempo, poupar-se de analisar as numerosas mídias que considerava inadequadas e supérfluas em sua maioria.

– Tenho uma notícia um tanto quanto exótica hoje, senhor.

Leopoldo deixou sua contemplação pela paisagem da manhã que atravessava a ampla janela e virou-se em direção ao seu pupilo. Agradou-o a surpresa por quebrar a monotonia daquela desanimadora manhã.

– Muito bem Plínio. Por vezes os assuntos mais extravagantes nos trazem a possibilidade de reorganizar os pensamentos. Do que se trata?

– Uma notícia policial. – Ele deu uma pausa na frase para poder perceber melhor a reação de seu mestre. Como sua leitura foi positiva prosseguiu. – Uma professora universitária foi encontrada morta ontem pela manhã.

– Assassinada?

– É a hipótese da polícia, segundo os jornais.

– E por que esse fato despertou a sua atenção?

– A professora em questão, de nome Cléo Sabathini, teve algumas discussões com o senhor alguns anos atrás. Ainda antes do início da minha tutela.

Plínio percebeu que somente o nome bastaria. Pelo efeito da notícia em Leopoldo, de imediatamente sentar-se com um olhar vago em direção a porta, aquele nome despertara uma inquietude não muito habitual nele. Com certeza seu tutor recordou-se de quando tentou, anos antes, impedir a agora falecida professora de levar adiante uma intervenção artística em frente à escultura do considerado fundador da política republicana no estado.

A ideia era muito simples. Na estátua em que o herói apontava para o horizonte em cima de seu cavalo quase alado, Cléo jogou-se ao chão seminua, vestindo apenas farrapos. Alguns entenderam como uma representação do povo oprimido, mesmo com a proclamação; outros no sentido de que aquela guerra não encerrava conflitos como, por exemplo, o sexismo; outros ainda viram naquilo uma crítica ao tratamento com os animais; etc. Como naquela época ainda era promotor, Leopoldo entrevistou depois da terceira encenação com um mandato de prisão por atentado ao pudor. Logo a polêmica ganhou dimensões gigantescas a partir de debates na mídia, pois muitos o

acusavam de praticar a censura, assim como outros defenderam sua atitude como exemplar. O que estava em questão pessoalmente para Leopoldo, como somente seu círculo íntimo sabia, era o fato de a manifestação dar-se em frente a um monumento que estava ali para servir de homenagem e exemplaridade. E isso ele não permitiria. E assim o debate foi longe, ganhando inclusive projeção além do controle ao mesmo tempo que fez com que o promotor saísse de cena por um longo período.

Plínio lembrou que na época, com dezesseis anos, achou tudo aquilo muito curioso e observou o movimento com descrição. Observou as calorosas reuniões da congregação sobre como iriam lidar com a situação, pois aquele processo poderia expô-los. A decisão foi a de atribuir provisoriamente responsabilidades menores a Leopoldo, situação que se mantinha até o momento presente, freando assim sua ascensão garantida entre os conselheiros. E ele tinha isso como um dos seus maiores rancores.

Plínio viu Leopoldo congelar suas feições em um estado de seriedade, colocar os óculos e examinar alguns papéis sem mesmo olhar para ele.

– Isso é tudo, Plínio. Até amanhã.

– Mas senhor. Eu tenho outras notícias.

Leopoldo olhou diretamente para ele.

– Isso é tudo. – Disse devagar.

Plínio foi até a porta um tanto quanto desajeitado, como estar consciente de que não adianta mais tentar voltar atrás.

Quando ouviu o som da porta se fechando, Leopoldo conectou o computador a internet e digitou na barra de busca “Cléo Sabathini”.

Mesmo que somente o nome bastasse.

NÃO PODIA SER COINCIDÊNCIA.

Aquilo tinha alguma relação inteligível por trás. Ele somente deveria procurá-la, estabelecer as relações, o desenvolvimento do pro-

cesso. Não podia admitir nada a partir do que os olhos veem, mas sim do que está além. Como um dia depois uma notícia dessas poderia simplesmente aparecer assim? Algo tão estranho não poderia ser somente um acidente, bastava torná-lo conhecido, remediar essa inquietude. Não podemos viver com pressentimentos, ainda mais quando abrem espaço para especulações.

Carlos releu a matéria. Estava tudo ali, como pareceu à primeira vista.

Morte na universidade

*Aconteceu em um lugar onde
jamaiz poderíamos esperar. Onde
o conhecimento deveria vencer
todas as mazelas do mundo social.
A professora da Universidade
dos Vales, Dra. Cléo Sabathini,
foi encontrada morta em sua
sala ontem pela manhã por
funcionários da limpeza. O*

*responsável pela investigação,
inspetor Adão Machado, não quis
dar nenhuma declaração sobre o
crime.*

*Testemunhas declararam que a
professora foi encontrada no chão
de sua sala. Ninguém soube dizer
por que ela estaria à noite nas
dependências da instituição.*

A pequena notícia vinha acompanhada de um suplemento especial sobre a segurança em instituições de ensino. Uma investigação jornalística trouxe dados sobre a quantidade de seguranças em alguns campi universitários, salientando que as instituições privadas detinham um número maior em relação a quantidade de alunos. Muitas fotos sobre a estrutura física dos espaços, como muros, cercas, iluminação e câmeras de segurança ilustravam os textos.

A seguir o jornal apresentava opiniões de especialistas, estudantes, funcionários e professores. Alguns defendiam a intervenção da polícia militar nos campi como uma forma de coagir a criminalidade. Outros, principalmente os estudantes, defendiam a opinião de que isso seria apenas uma forma de repressão gratuita aberta à prática de excessos e vigilância política. O sindicato dos funcionários salientou

o quanto esse fato demonstrava o descaso das autoridades em relação ao ensino superior, o que seria uma pauta importante na assembleia que deliberaria sobre a próxima possível greve.

Carlos leu todo o material. Mas, excepcionalmente, deteve-se somente naquele nome. Não levou em conta todo o contexto. Timidamente levantou parcialmente a pilha de papéis em sua mesa e reviu a tabela dos projetos com o nome de Cléo. Relembrou as memórias da manhã anterior. Olhou para o jornal novamente. Leu as primeiras linhas da matéria e parou no primeiro parágrafo. Já sabia o que estava escrito ali. Agora somente o nome era visualizado em sua mente.

Um passageiro, ou ele esperava que assim fosse, sentimento de culpa contraiu seus músculos.

Despertou ao som da música matinal de Eduardo, uma banda de rock qualquer. Antes que olhasse para ele já recebeu uma resposta.

– Eu sei, eu sei... Já estou diminuindo o volume.

Carlos sorriu como um expectador daqueles programas de pias já prontas. Eduardo sentou-se e encheu sua xícara.

– Música alienante, não? Mas é ótima para espantar o desânimo de uma manhã de trabalho.

– Você quem disse. Não quero bancar o velho ranzinza novamente.

– Pois é... Por falar em não querer bancar alguma coisa... O que você tem essa manhã? Parece que está tão desligado do mundo real. O que é bem estranho, professor de história.

Carlos sorriu novamente com a ironia. Relembrou do quanto gostava daquele homem.

– Lembra daquela professora? Aquela que discutiu comigo no congresso?

– Como esqueceria? A louca que estragou nossa noite. Naquele dia que percebi o quanto você ronca quando bebe demais. Por isso que agora sempre controlo a bebida. Não andou saindo com ela?

– Ela morreu.

Eduardo parou de mastigar seu pão com margarina.

– Ela tinha jeito de quem morreria cedo.

Carlos se surpreendeu com aquelas palavras. Isso poderia ser um elogio vindo de Eduardo.

– Não quer saber como ela morreu?

– Isso não estragaria toda aquela presença que ela tinha?

Carlos se surpreendeu novamente com aquelas palavras. Isso poderia ser outro elogio vindo de Eduardo.

– Deixa disso. O que ouve com ela? Aliás, que mulher linda.

– A princípio foi assassinada. Não tem muita informação no jornal. Eles compensaram isso fazendo uma discussão sobre segurança nas universidades.

– Mas não é exatamente disso que você gosta? Lembro de várias vezes me dizer o quanto um fato não é importante, mas sim com o que ele se liga. – Disse Eduardo oferecendo um pãozinho a Carlos.

Carlos rejeitou o pão. Mas aceitou o seu próprio conselho transmitido por Eduardo.

– Mas essa matéria é superficial. Ela não aborda o quanto a segurança é dependente de questões sociais. Entende? Segurança somente como uma forma de evitar que sejamos roubados.

– Entendo. As coisas estão à cima da qualidade de vida das pessoas.

Carlos ficou em silêncio, com o olhar fixo para o jornal dobrado em cima da mesa. Eduardo talvez tenha percebido, pois com a mão ergueu a sua cabeça pelo queixo.

– Querido. O que está incomodando tanto você?

– É estranho. Pois ontem dei de cara com o nome dessa mulher quando vi a lista de projetos que foram aprovados no edital. Lembra? Aquele que me inscrevi com meus alunos...

– Lembro sim.

– É só isso. Ontem me lembro dessa mulher e hoje vejo essa notícia no jornal.

– E isso está o deixando pensativo.

– Me incomoda muito saber que isso foi só coincidência.

– Imagino que sim... – Disse Eduardo explicitamente tentando conter a gargalhada.

Carlos entendia o motivo de Eduardo achar tanta graça nisto. A manhã geralmente era o momento das discussões em que ele tentava ensinar ao seu companheiro o quanto a visão sobre as coisas do mundo era mais ampla do que ele as via. Tornara-se uma espécie de ritual, ou uma rotina que estava se insinuando? Não importava, pois a não seriedade com que Eduardo encara esses velhos hábitos de professor por parte de Carlos o deixavam a vontade para continuar levando-os adiante. Era um jogo divertido, e ambos acabavam se conhecendo melhor. Por isso a risada de Eduardo: ele sabia o quanto ser atingido por uma coincidência inexplicável deixava seu companheiro desconcertado e pensativo. E também por isso que ele não se preocupou muito.

– Não enlouquece querido. Nos vemos a noite. – Disse dando um beijo na testa do seu professor matinal. Pegou sua mochila e saiu.

Carlos serviu-se de mais uma xícara de café para continuar alertamente absorto. Aceitava a ideia de que possuía uma espécie de impulso natural para criar conexões onde seria muito provável que elas não existissem. Uma leve paranoia de seu exercício intelectual. Admirava o quanto Eduardo deixava isso leve. Admirava o quanto seu companheiro colocava-se em uma posição de aprendiz mais jovem, mesmo que irônico, de certas coisas; pois ambos sabiam que ele era o mestre em outras. Ele transmitia uma segurança que tranquilizava a falta dela em Carlos, e que, ao mesmo tempo, deixava claro a ele a possibilidade de alcançá-la.

Carlos sentia-se tranquilo quando verificava seus sentimentos em relação à Eduardo. O que o desestabilizava naquele dia era aquele nome. E não bastava vê-lo impresso em negrito no papel. Era preciso descobrir as condições que fizeram com que ele fosse materializado ali.

sair de sua teoria e ir à prática

antes

5

ELA BUSCOU COM AS MÃOS O CRUCIFIXO.

Seu pescoço estava nu.

Somente depois desse movimento conseguiu abrir os olhos. Para seu alívio, e desconforto ao mesmo tempo, pôde ver a cruz balançando suavemente em frente a si, pendurada em um cabide. Tentou levantar, estava grogue demais para qualquer esforço. Assim como sua cabeça doía a cada impulso de restabelecer uma memória de onde estava e do que tinha acontecido. Por um momento palavras como provação, purgatório ou mesmo inferno passaram pela sua cabeça. Quando sentiu poder parcialmente ouvir percebeu o quanto estava viva.

– Eu quero sair daqui! Dor! Eu estou com dor!

Os gritos vinham de algum lugar próximo. Ela só pôde olhar em volta por um ângulo muito limitado para poder entender algo. Com certeza era uma casa. Pela janela podia ver bem o céu estrelado. Sem prédios, somente árvores o cobrindo parcialmente. Sentiu um mosquito lhe picar a perna. Não conseguiu movimentá-la. Afundou novamente a cabeça no travesseiro e apagou. Ou pelo menos assim pareceu.

– Desgraçado! Eu vou te queimar! Me tira daqui!

Ela buscou com as mãos o crucifixo. Agora pôde apertá-lo bem forte entre os dedos. Uma lágrima escorreu pelo seu pescoço, umedecendo a cruz metalizada. Agora estava sentada na cama, mas ainda não conseguia movimentar as pernas. Sua visão foi atraída pelo ran-

gido da porta sendo entreaberta. Não podia ver ninguém do outro lado dela, mas sabia que alguém a observava. Ela se concentrou para articular as palavras que saíram hesitantes.

– Olá. Por favor, o que está acontecendo?

Como o quarto estava bem iluminado, pôde ver bem o homem que entrou. Ele ficou parado ao pé da cama por alguns segundos, o que deu a ela tempo de reconhecê-lo. Foi difícil. Estava diferente, mas era ele mesmo. A roupa era outra, a postura era outra, mas algo sempre se mantém. Ela não conseguia falar novamente, somente produzir mais algumas lágrimas.

Ele andou até a cabeceira da cama e sentou-se na beira. Colocou a mão direita na testa dela e esboçou um sorriso.

– Olá irmã.

Um rosto horrorizado respondeu ou perguntou por si só.

– Creio que você tem muitas perguntas. Algumas eu posso responder. Outras, bem... Temo que estejam além da sua capacidade de compreensão.

Agora as lágrimas dela deram lugar a uma acumulação líquida nas pálpebras. Sua boca começou a tremer.

– Estamos aqui, irmã, para consertar as coisas. Equalizar àquilo que estava desequilibrado.

Ela ainda não conseguia entender. Buscava no fundo de sua fé onde errou, e qual seria a prece certa para resolver o que estava se passando. Ainda não conseguia falar, mas podia direcionar seus pensamentos a pedidos sinceros. Podia agarrar-se ainda com mais força ao seu crucifixo, até suas mãos sangrarem.

Virou a cabeça ao ouvir aqueles gritos novamente.

– Desgraçado! Estou com sede! Maldito!

Percebendo para onde ela olhava, ele segurou o braço dela carinhosamente.

– Encontramos seu filho, irmã. E ele é minha prioridade, eu garanto. Em poucas semanas ele estará completamente curado.

Ela se agitou na cama, como se forças estranhas desconhecidas completamente a sua condição física.

– Não se agite irmã. Seu filho ficará bem. A desintoxicação é um processo triste. Fico feliz em poupá-la de ver isso. Guarde forças para a nossa tarefa de agora, por sinal, muito mais importante.

Ela consentiu. A notícia soou como um sedativo. Talvez nem precisasse de respostas para o que não entendia, pois uma boa notícia aqui ou uma garantia ali sempre a deixavam mais tranquila. Fazia parte de sua natureza ou do que restava de sua vida. E talvez por isso que ela tenha apagado novamente.

– Consegue segurar bem o papel e caneta, irmã?

Ela não tinha nem percebido que estava já acordada. Talvez havia alguns minutos. O entorpecimento de seu corpo não deixava claro o limite entre a vigília e o sonho.

Imagens dele ministrando algumas injeções e frascos que pareciam ser de medicamentos agora poderiam ter sido reais. E agora ela se via novamente sentada na cama com ele e seu sorriso acolhedor ao lado.

Ele passou as mãos entre os cabelos longos e suados dela. Não tinha absoluta certeza se ela não conseguia falar, ou se seu silêncio ainda era efeito das combinações que preparou. Às vezes algum erro de proporções era aceitável. Não teve tempo de levar a composição biológica dela adequadamente em conta.

– Agora quero que escreva exatamente o que eu ditar. Consegue fazer isso irmã? Lembre-se que é para o bem de seu filho.

– Dor! Dor! Seu desgraçado! – Dessa vez os gritos foram acompanhados de estrondos. Provavelmente objetos chocando-se contra a parede.

Ela assentiu.

– Muito bem. – Ele bebeu um gole de água e disse vagarosamente:

“É fácil perceber quando tudo o que está ao nosso redor desmorona. O que é difícil mesmo é aceitar. E muito mais ainda fazer alguma coisa a respeito. Há muito tempo que eu sabia o quanto minha vida não iria melhorar. Mas somente hoje resolvi fazer o que era preciso.

Deixo muitas coisas para trás. Primeiro essa vida que nada me deu. Em segundo a religião que em nada me ajudou e muito me-

nos a explicou direito. Somente quero pequenas coisas em relação ao futuro. Em primeiro, que meu filho abandone as drogas, que termine seus estudos e arrume um emprego. Em segundo, que minha irmã busque o tratamento e faça alguma coisa de sua vida, que dependa somente de si mesma para tudo. E, por último, que meu marido, que tanto desgosto me deu, se dedique a cuidar da sua família honestamente.

Mas repito: tudo isso longe dessas igrejas.

Adeus a todos. E tenham certeza de que estarei observando sempre.”

Ela estremeceu antes das últimas palavras. O temor sentido enquanto deslizava a caneta sobre o papel aos poucos trouxe a tona sentimentos ambíguos. Ela não sentia raiva daquele homem que a levou sem o seu consentimento até ali. Ela não se desesperou por não entender o que estava acontecendo e, quando tudo fez sentido, acabou por mesclar algumas gargalhadas contidas em meio ao descontrole do choro.

– Agora, irmã, eu preciso que você assine.

Ela não deu atenção a ele e continuou a olhar para o papel preenchido por sua indecisa caligrafia. Quando rabiscou a primeira letra do seu nome acabou por desenhar um grande borrão azul escuro. Olhou fixamente para ele e disse com uma consciência que ela não lembrava de ter tido até então:

– Posso passar a limpo?

Ele deu um sobressalto com a aparente cumplicidade dela. Esse comportamento trouxe a ele a mesma hesitação da noite anterior, quando iniciou a efetuação do segundo estágio de sua intervenção. Uma dúvida que o obrigava a improvisar, e ele nunca previa qualquer tipo de contingência. Tomou uma nota mental sobre essa questão para planejamentos futuros.

Acabou por não responder nada, enquanto ela rasgou a folha escrita e iniciou a cópia sozinha. Só podia ficar intrigado com o que as relações humanas ainda tinham de surpreendentes.

– Irmã. Você entende então o que estamos fazendo aqui?

Absorta em sua tarefa, ela continuou o ignorando. Ele, rapida-

mente, como que hábito, arrolou hipóteses a partir de todo o conhecimento sobre aquela relação. Teria ele calculado mal a combinação de drogas, o que a conduziu a um entusiasmo desprendido do senso de real? Talvez ela fosse já inclinada a criar relações de obediência frente a perfis mais impositivos, caso digno de ser estudado a partir da psiquiatria? Aspecto esse que, inclusive, poderia explicar em parte sua relação tão forte com a religião. Teria ele conduzido um desejo inconsciente dela que não podia concretizar-se justamente devido as suas crenças? Ou ela estaria colaborando subitamente buscando ganhar confiança para poder livrar-se da situação?

Quando ela terminou a cópia ele repousou a mão em seu ombro.

– Irmã. Você entende então o que estamos fazendo aqui?

– Acho que entendo irmão. E aceito o meu caminho.

– Entende que se colocarmos essa referencia em sua vida todos os efeitos podem ser ordenados?

– Não sei se dessa forma. Mas você está me ajudando da melhor maneira que alguém poderia me ajudar.

Ela chorou.

E ele teve que tossir para dissimular o soluço.

De uma bolsa no chão ele tirou um objeto e mostrou para ela: uma corda com um laço. Um círculo em uma das pontas no qual ele podia ver o rosto dela dentro de sua circunferência.

– Eu vou lhe dar um sedativo agora. Terei que esperar um tempo até que os vestígios saiam da sua corrente sanguínea.

Ela deitou-se na cama deixando o braço direito descoberto.

O silêncio tomou conta da casa. Seu filho parecia ter dormido.

– MALDITO! EU ANOTEI A PLACA DELE!

Ela tentou se levantar apoiando os pulsos no chão. Seus dedos pareciam estar sangrando. Algumas pessoas estavam ao seu redor, sendo que duas a ajudavam puxando seu corpo para cima. Sua calça estava presa a coroa da bicicleta, foi preciso rasgá-la para soltá-la.

Quando conseguiu recompor-se, ouviu a mesma mulher gritar novamente:

– Aqui moça. O número da placa do desgraçado.

Distraidamente ela pegou o papel e o colocou no bolso sem olhá-lo. Conseguiu recolher sua bicicleta do chão. Estava com a roda traseira tão torta que seria difícil empurrá-la. Disse a todos em volta que estava bem e que iria embora. Alguns curiosos protestaram timidamente, dizendo que ela deveria fazer um boletim de ocorrência, ir ao hospital, etc. Ela não deu atenção a eles e seguiu mancando pelo acostamento da estrada.

Aquela avenida não estava no seu horário mais movimentado. Mas mesmo assim o clima era hostil, o barulho intimidador, o espaço pouco para acolher toda a agressividade. Assim ela fora deliberadamente atropelada, por alguém que não se deu o mínimo trabalho de simplesmente reduzir um pouco a velocidade na curva. Tudo em nome do seu direito de estar ali naquele momento, não importando se mais alguém dividia o espaço. Protegido pela lei, por um sinal aberto, ou por outra sinalização qualquer, o resto do mundo não importava. Ela já tinha passado por isso antes. Ele provavelmente dominava todos os códigos, saberia demonstrar o quanto não tinha culpa, e a responsabilidade cairia sobre ela, “você não sabe se cuidar menina”. Das mulheres sempre se exigia um cuidado redobrado, não importando a situação.

Ela jogou sua bicicleta no pátio daquele velho prédio em que morava há dois anos. O elevador não funcionava pela quinta vez em três meses. Procurou o banheiro coletivo para lavar as feridas. Elas ardiavam com a água corrente que exalava o mau cheiro do tratamento de verão. Sentia-se novamente agredida e injustiçada, e por isso foi direto para o seu quarto não dando importância para as misturas de sons e odores que saíam dos quartos daquela república estudantil.

Mal repousou a cabeça no travesseiro e já foi despertada pelo som de alguém batendo à porta. Ela nem se deu ao trabalho de levantar, pois ali a etiqueta funcionava assim: bater já era a própria autorização para entrar.

Seu vizinho Ruan entrou no quarto já se jogando sobre a cadeira em frente ao computador.

– Então Alana... Aquele esquema está de pé? – Disse esfregando as mãos.

– A vida é longa, Ruan. É Tão difícil acalmar-se um pouco? – Disse ela fechando os olhos.

– Hoje é sexta. Hoje é sexta... – Disse ele já clicando em páginas da internet.

Alana virou-se na cama sem dar atenção aos comentários seguintes dele. Ouviu novamente o som da porta. Dois a mais em seu minúsculo quarto.

– Alana! O que houve com sua bicicleta? – Disse Tanara sentando-se ao pé da cama. Ao olhar melhor para o corpo da amiga se assustou. – Nossa. Você está arranhada.

Mateus, o segundo a entrar, ficou em pé e calado.

– Um desgraçado bateu em mim no cruzamento. Buzinou várias vezes e foi embora. – Disse Alana sem movimentar o rosto do travesseiro, o que fez sua voz soar abafada.

– Me deixa ver esses arranhões. – Disse Tanara já pegando o braço da amiga, que fez um gesto de recusa.

– Tudo bem. Só arranhou um pouco.

– Você deu queixa? – Perguntou Mateus ajustando os óculos.

Alana deu uma risada irônica, não gostava da seriedade com que seu colega Mateus encarava a maioria das questões.

– Desgraçado. Tem a placa dele? Eu podia ir com uns amigos quebrar tudo, furar os pneus...

– Cala a boca Ruan! – Interrompeu um coro de três vozes. Ele voltou a clicar em páginas da internet.

– Não Mateus. Eu não dei queixa. Sabe por quê? Porque sempre alguém vai colocar culpa na garota louca que anda de bicicleta onde não deve. Além do mais, estou com coisas em cima.

– Alana. Sabe que esse tipo de atitude não adianta em nada? O que podemos conseguir se você simplesmente se esconde quando essas coisas acontecem? O que adianta discutirmos?

– Mateus. Relaxa. Não vê que ela não está bem? – Interrompeu Tanara.

– Tudo bem... Tudo bem... Deixa o idiota falar o que quiser – Disse Alana já se sentando na cama, como que desistindo da possibilidade de ficar sozinha.

– Acho que não iria dar em nada mesmo. Os caras iam anotar tudo, prometer alguma coisa e ainda seria possível que ironizassem a importância disso. – Disse Tanara olhando para a amiga.

– Mas se não tencionarmos nas oportunidades é que nada acontece mesmo. – Insistiu Mateus.

Alana não respondeu. Pegou sua mochila no chão e retirou dela um estojo. Ruan saiu de sua concentração virtual.

– Tem alguma coisa aí para nós? – Disse novamente esfregando as mãos.

Todos acabaram rindo. Mesmo que Ruan fosse o mais novo, o mais agitado e o mais inconveniente, ele sempre intervinha como se nunca nada importante estivesse acontecendo. Alana acabou jogando o estojo no colo dele.

– Trabalha um pouco então. Já que está tão entusiasmado aí.

Ruan concentrou suas mãos nervosas nos procedimentos de enrolar o cigarro. Enquanto fazia isso Alana ligou o som para tentar desviar a atenção de uma discussão mais séria, por mais que muitas vezes ali ela fosse inevitável.

Aquele quarto, cujas paredes estavam tomadas por cartazes de algumas bandas, pensadores e pinturas amadoras, aos poucos deixou de ter aquela coloração decadente, em virtude das tintas baratas, para ganhar uma fotografia acinzentada que ressaltava outros brilhos. O som ambiente ganhou outra dimensão, com seus graves pulsando mais interiorizado nos corpos, se destacando dos aparelhos eletro-eletrônicos e perdendo sua fonte de origem, como se procedesse de cada dispersão naquele espaço. Mas mesmo assim, paralelamente, um silêncio ou vazio acolhedor tomou conta de cada um por alguns minutos, enquanto o cigarro era revezado organizadamente.

Alana quebrou o silêncio. Dizendo entre leves pigarros:

– Acho que vou me mudar para a casa do Sócrates. Estou um pouco cheia disso aqui...

– Eu também penso em ir para outro lugar. Dar um tempo, a gente se afasta muito do mundo aqui. – Disse Tanara.

– E para onde você pensa em ir? – Perguntou Mateus, concentrado no movimento dos dedos para não ser queimado pela ponta do cigarro.

– Não sei bem. Talvez uma praia. Trabalhar um tempo lá, nem que seja só pelo pouso e pela comida.

Mateus deu um sorriso irônico enquanto passava o cigarro para Ruan. Alana levantou-se da cama.

– Eu quero ir morar com Sócrates um tempo. Quero conviver mais com aquela realidade, aprender com aquilo ali, ajudar no que eu puder. Sabe? Eu não aguento mais pessoas como você Mateus. Ficam falando e falando sobre como funciona a exclusão social, mas não se envolvem com nada. Tem medo até de ir à vila buscar um, por exemplo. Ao mesmo tempo em que aqui na universidade usam e defendem o uso.

– Tem certeza de que vai ajudar desse jeito? Simplesmente vivendo em uma realidade precária, sem meios para intervir? Sem nenhum propósito mais pensado...

Alana se incomodava com a não perda de compostura de Mateus. Ele sempre tinha uma resposta bem embasada para dar. Ele sempre demonstrava sua superioridade pela calma com que reagia às provocações. Ele sempre era engajado com o rigor de sua ciência social. Mas os amigos em comum e o gosto pela erva seguidamente os colocavam no mesmo espaço.

– É isso mesmo Mateus. Vamos até lá e dizer para eles como eles devem viver. São sempre os intelectualizados que comandam. E nada muda.

– Só viver lá não vai mudar nada, Alana.

Ruan deitou-se na cama da colega de quarto ausente de Alana e simplesmente perdeu o contato com qualquer parte do mundo. Tanara deu as últimas tragadas no cigarro, apagou-o e levantou-se dizendo:

– Gente, gente... Chega. Vocês sempre são assim. Tenho que sair. Alana. Vai conseguir trazer a estória amanhã?

– Já falei. Vou lá para a casa do Sócrates daqui a pouco. Amanhã eu passo aqui e entrego para você. Não faço questão nenhuma de ver esse nojento aí. – Disse apontando com a cabeça para Mateus que prontificou-se a sair sem dizer nada.

– Tudo bem. – Disse Tanara cutucando Ruan com o pé. – Vamos! Não vê que ela quer ficar um pouco sozinha? Anda!

Ele levantou-se devagar e deu um Abraço em Alana, saindo logo depois. Tanara o seguiu.

Ao ligar o chuveiro e deixar a água morna escorrer pelo seu corpo, Alana buscou reafirmar seu pensamento de deixar aquele lugar por um tempo e ir morar com Sócrates. Seria preciso dizer a ele ainda, mas ela tinha certeza que ele aceitaria entusiasmado. Já há seis meses que se relacionavam e tinham confiança um no outro. Ela realmente poderia ajudar em algumas coisas, pequenas no início, mas que depois seriam de grande valia. Já estava cansada daquela vida ali no centro da cidade, na suposta boemia segura de todos os seus colegas que se julgavam à margem, desde que, claro, fosse garantida por todos os poderes instituídos. E ela sentia isso muito bem quando todos julgavam o quanto ela era envolvida e corajosa por conviver na periferia, mas que, ao mesmo tempo, estavam a todo o momento usando de toda essa admiração para lhe fazer frequentes encomendas.

Era hora de sair de sua teoria e ir à prática, mesmo que isso implicasse em deixar para trás todos que conhecia.

Sócrates era mais do que o homem por quem estava apaixonada, era com quem aprendia lições muito mais valiosas.

Ao sair do banho ela ligou para ele, agora como alguém muito mais comprometida.

EXPECTATIVA/REPULSA.

Esse era o sentimento do primeiro dia de trabalho. Por um lado finalmente poder colocar em prática tudo aquilo que pensara e aprendera como deveria ser. Por outro, estar ligado a uma não certeza que poderia definir o resto de sua vida. Ele estava em frente ao espelho observando algumas tímidas espinhas que ainda resistiram ao fim da adolescência. Estranho como pensar as idades, as categorias, quando tudo parece conviver sintetizado no corpo e em alguns comportamentos. E se por acaso não desse certo? Se não fosse isso, como ele poderia reverter tudo? Existiriam outras possibilidades?

Olhando para dentro do armário pensou qual roupa vestir. Pensamento que, aliás, nunca fazia parte de suas preocupações. Mas, por acaso, naquela manhã sim. Isso significaria alguma coisa? Alguma ruptura estava acontecendo? Os momentos que escolhemos para definir transformações serão reais ou já estabelecidos anteriormente? Tirou da gaveta uma camiseta do *Sex Pistols*, pois mesmo com todos esses questionamentos circulando em sua cabeça, acabou por seguir normalmente. Serão eles também meras ficções já roteirizadas?

Depois de dar um beijo nas costas de sua namorada que ainda dormia foi distraído até o ponto de ônibus. Tudo ainda estava por acontecer e ele sentia a cada passo o revezamento da expectativa e da repulsa.

Enquanto via a paisagem da cidade se movimentando, percebeu que a escolha da roupa não tinha mais volta. Sentiu-se satisfeito. A expectativa parecia ter se estabilizado.

Ao atravessar os portões daquele prédio pensou em quantas vezes repetiria esse trajeto. Era apenas o primeiro dia, geralmente mais longo que os outros, e depois conseguiria se estabelecer em alguns pontos seguros. Mas por enquanto tudo estava por acontecer, e por isso deveria estar atento a tudo ao seu redor. Estava desperto demais, precisava exteriorizar sua necessidade de encontro com aquele lugar em algo ou alguém. Ninguém ali o conhecia ainda, por isso o espaço parecia liso e ele sabia o quanto deveria chegar fazendo algo diferente, para mostrar o quanto não estava disposto a simplesmente adaptar-se.

Viu um grupo de jovens ouvindo rádio ao lado da entrada do corredor ao qual se dirigia.

– Olá pessoal. O que é isso que estão ouvindo?

Dois deles olharam para ele enquanto os outros nem se deram ao trabalho. Esboçaram algum tipo de som nasal e voltaram a se concentrar no que estavam fazendo.

Ele esperou mais dois segundos e seguiu corredor adentro. Viu a cabeça para ver se eles o observavam. Continuaram o ignorando ou assim fizeram parecer.

Pelo corredor pode ver todas aquelas paredes de tijolos à vista, as portas pintadas de branco, os cartazes que anunciavam a prevenção às drogas, a prevenção às DSTs, a prevenção aos acidentes, a prevenção às brigas, a prevenção a um futuro fracassado. E todas essas sombrias possibilidades só poderiam ser evitadas com o esforço em todas as atividades que aconteciam naquele prédio. Ele riu. Buscava poder ajudar nisso, desde que fosse de uma forma diferente.

Ao entrar na grande sala sorriu ao pensar na atitude daqueles jovens, algo talvez tão típico e que ele mesmo fazia em outros tempos. Tudo ali deveria parecer novo e interessante. Ele teve a consciência de que deveria se esforçar para manter o otimismo, pois seria muito fácil aceitar as opiniões prontas de quem se utilizava da experiência como forma de autoridade. Desconfiança e interesse eram suas armas para manter o controle da expectativa sobre a repulsa.

– Bom dia Arnaldo. Seja bem-vindo. – Disse o homem de óculos se destacando de um pequeno grupo assim que o viu.

– Bom dia diretor. – Disse ele apertando a mão do homem.

– E como está a expectativa? – Disse o diretor cruzando os braços e o observando com interesse.

– Estamos aí. Prontos. – Disse um tanto quanto desajeitado.

O diretor tinha movimentos rápidos e enérgicos, como se quisesse demonstrar estar sempre pronto a lidar com as situações. Bateu com a mão no ombro de Arnaldo e a manteve ali para conduzi-lo em direção ao resto do grupo.

– Vou apresentá-lo a alguns colegas. Janete, de biologia; Mar-

cos; de matemática; Guidomar, de física; Alice, de português. São os que estão aqui por enquanto. Os outros você vai conhecendo ao longo do dia.

Arnaldo cumprimentou amigavelmente todos os professores, e eles o retribuíram na simpatia.

– Eu separei o material com os cadernos de chamada, horários, etc. Como tínhamos combinado. – Ele consultou o relógio – Tenho que ir resolver umas questões da merenda. Vou deixá-lo com o pessoal, eles vão o informando. Boa sorte! – Disse dando três tapinhas nas costas de Arnaldo e já saindo apressado pela porta.

Ele ficou ali em pé por alguns segundo, encarando seus atuais colegas sem que ninguém se manifestasse. Janete, a professora de biologia, quebrou o silêncio:

– Sétimas e oitavas então?

– Isso. – Arnaldo lembrou-se de pegar o seu material em cima da mesa.

– Já digo para ter cuidado com a sete B. Eles vão testá-lo. Eu aconselho colocar uns dois os três para fora logo no primeiro dia.

Quando ela disse isso foi como se os outros professores tivessem acordado.

– Sabe que eu nunca tive problema com eles? As oitavas é que estão me incomodando mais. – Disse Guidomar, o de física.

– Acho que é por que você é homem e grande. Nas sétimas eles não se importam se você os chama de crianças, não dá para usar isso, é mais difícil segurá-los. Nas oitavas eles já têm medo disso. Comigo funcionou. – Disse Janete já segura de suas estratégias.

– Meu problema não é com toda a sete B. Mas o Joemir e o Nilton. Eles acabam chamando a atenção dos outros. Eu já disse no último conselho que eles têm que ser expulsos. Vocês iriam ver a diferença se eles não estivessem mais. – Disse Marcos, o de matemática.

– Mas com o Joemir e o Nilton funciona dar exercícios. Bastante coisa para eles fazerem. Eles até incomodam um pouco, mas acabam fazendo. Eles gostam de atenção. É só ir falar só com os dois de dez

em dez minutos. O problema é aquela turminha da janela na oitava, isso sim. Até hoje não sei onde elas escondem aqueles radinhos. – Voltou a dizer Guidomar.

– Mas eu tenho que dar a mesma atenção para todo mundo. Eles têm que saber disso. Que todo mundo é igual e que qualquer coisa prejudica todo mundo. Se eu começar a dar atenção só para dois ou três logo todo mundo vai querer também. – Esbravejou Janete já vermelha.

– Acho que temos que expulsar alguns mesmo. Aí poderíamos só dar atenção aos bons, os que querem aprender. Eu não teria problema nenhuma em dar mais atenção só a alguns, mas só se fosse assim – Disse Marcos seguro de si.

– Mas eu já disse Marcos. Não adianta expulsar, temos que manter um número. Há meses que você fica nesse assunto. Temos que lidar com isso sem essa possibilidade. – Respondeu Guidomar.

Marcos baixou a cabeça e foi organizar algumas coisas em seu armário.

– Gente. Parem de assustá-lo. Quem sabe deixamos o rapaz primeiro ter as próprias experiências. – Entreviu pela primeira vez Alice.

Arnaldo, que até o momento estava ouvindo a discussão, mas com os olhos voltados para a papelada deixada pelo diretor, olhou curiosamente para aquela professora. Ela parecia ter cerca de cinquenta anos, muito calma, sentada com as pernas e os braços cruzados. Ele sorriu e ela retribuiu.

– Tudo bem Alice. Antes que você comece com a mesma conversa de sempre eu vou me preparar para a aula. – Disse Janete já saindo, desejando antes boa sorte para o professor novato. Os outros a acompanharam, sussurrando coisas a si mesmos.

Arnaldo sentou-se ao lado dela na longa mesa que estava ao centro da sala dos professores. Observou atentamente a sala, agora sendo povoada por mais professores que chegavam. Viu um quadro negro repleto de avisos sobre reuniões, eventos, rifas, trechos de legislações, aniversários. No lado oposto viu os armários do professores, pareciam novos, muitos dos quais estavam colados adesivos de times de futebol, personagens infantis, logotipos de sindicatos e de partidos

políticos. Na outra parede havia um mural com algumas mensagens de auto-ajuda impressas, números de telefones, listas dos responsáveis pelo lanche, produtos à venda, etc. A cafeteira ainda estava pela metade e achou uma boa ideia beber um café.

Ofereceu uma xícara a Alice, que recusou.

– Não dê muita atenção a eles. Professores às vezes são assim, não tem com quem desabafar. – Disse ela enquanto ele despejava a segunda colher de açúcar em seu café.

– Admito que fiquei um pouco assustado. – Disse Arnaldo enquanto sentava-se.

– Veja como um bom sinal. Pode significar que está preocupado com sua tarefa, que busca fazer coisas boas da sua vida.

Ele ficou alguns segundos em silêncio, como a absorver aquelas palavras junto com o café quente.

– Então. Não vai me perguntar? – Disse ela sem olhar para ele.

– Perguntar o que?

– Ora... Se vale a pena...

Arnaldo olhou fixamente para o fundo da xícara. Novamente aquela dualidade começou a bater em seu peito junto ao ritmo cardíaco. Já tivera contato anteriormente com o mundo escolar, quando ainda era estudante de graduação. Mas agora tudo parecia ter outro peso, como se ele tivesse que escolher atravessar ou não uma grande porta, da qual não havia volta. Sabia que aquilo podia ser um exagero, mas a escolha de certas causas, como fizera durante os anos anteriores, o pressionavam a dar uma coerência as suas atitudes que antes só estavam na expectativa, e não prestes a iniciar realmente como agora. Bebeu o último gole, longo e quente, sentindo a líquida trajetória em seu peito.

– Me perdoe querido. Talvez você esteja em dúvida se vai querer ouvir isso de uma velha professora nesse momento. Quem sabe outro seja mais apropriado.

Ele nada disse. Ela provavelmente estava certa.

– Se me der licença, vou até os fundos fumar um cigarrinho antes da aula. Sei que não deveria, mas velhos hábitos são como filhos.

Às vezes queremos estrangulá-los, mas na maioria dos dias são a única garantia de que existimos.

Ele assentiu com a cabeça. Gostou daquela mulher. Antes de levantar-se sentiu a pequena mão dela em seu ombro.

– Caso queira ou precise ouvir algum conselho querido. A vontade já basta para a decisão certa. Do resto nunca podemos saber.

Arnaldo passou os minutos seguintes com um frio no estômago. Ouviu, como música ambiente aos seus pensamentos, os gritos e vozes misturadas, provavelmente dos alunos; e os sons de armário e sussurros, provavelmente dos professores. Então lembrou que ainda não tinha se organizado, que não estava preparado.

Estremeceu ao som da sirene. Provavelmente logo se habituaria a ela.

depois

nenhuma arma do crime

6

O BARULHO ERA ENSURDECEDOR.

Ele teve que desligar o telefone e estacionar em uma rua paralela para poder ouvir. Um protesto bloqueava toda a principal avenida em que estava. Os sons de apitos, gritos, tambores e de um carro de som o impediam de conversar e se movimentar.

– Alô. Chefe! Agora está me ouvindo?

– Agora sim.

– Tenho duas novidades importantes. A primeira é que encontramos a filha da professora, Alana Sabathini. Ela mora em uma república universitária.

– E a segunda?

– Essa é mais estranha. Eu recebi um telefonema há alguns minutos. Alguém ligou de um telefone público e não quis se identificar. Enfim... Esse homem me passou o nome de uma aluna dela, Gabriela dos Santos. Disse que seria importante falarmos com ela, pois parece que tinha um relacionamento com Cléo.

– Relacionamento?

– Sim. Eu não entendi muito bem. Ele não disse nada sobre o que poderia ser. Logo desligou.

– E você não tentou o fazer falar mais?

– Não deu tempo, chefe. Ele despejou isso e desligou.

Adão secou o suor de sua testa e jogou seu pano em cima do painel.

– Então não espere que eu diga bom trabalho, Sérgio. Mas não se preocupe, vou deixá-lo com a parte mais fácil. Vá atrás da filha dela. Mas antes procure o endereço e o telefone dessa tal do relacionamento.

– Certo chefe. Envio os dados por mensagem.

– “Envio” não. Já deveria ter enviado! – Adão fechou rapidamente o aparelho e o jogou no banco do carona. Abriu o vidro e chamou o comerciante que estava parado em frente ao seu estabelecimento.

– O que está acontecendo ali? – Disse apontando a movimentação.

O comerciante apoiou-se com a perna direita na parede e tirou lentamente o palito da boca:

– Eles estão fazendo essa passeata por que um travesti foi morto ontem. Parece que por um taxista. É possível que dê confusão, por que o taxista disse que foi legítima defesa, que ia ser assaltado. Eles estão fazendo uma barreira de táxis lá na frente da prefeitura. E esses aí, – disse apontando para os manifestantes com o palito cheio de saliva – também estão indo para lá.

– Hummmm... – Murmurou sem olhar para o comerciante.

Depois de mais alguns minutos observando a manifestação em silêncio Adão foi desperto pela vibração de seu celular. Abriu o aparelho e leu a mensagem.

[gabriela dos santos. rua progresso. bairro da paz. cidade passos de deus. fone 86547234]

Adão discou o número três vezes, e em todas elas as chamadas se encerraram na mensagem da caixa postal. Voltou a secar o suor, agora na nuca. Sabia que aquela viagem demoraria no mínimo uma hora. Deu a partida na velha caminhonete enquanto os últimos manifestantes enfurecidos encerravam a passagem do protesto.

Depois de atravessar toda a cidade e percorrer avenidas tanto largas e desertas quanto estreitas e super povoadas, Adão circulou por algumas ruas paralelas nunca ultrapassando os cinquenta quilômetros. O balanço de sua velha caminhonete acompanhava o terreno irregular que demandava muitos desvios de buracos, cachorros e grupos de pessoas que simplesmente ignoravam a passagem de veículos.

Depois de conversar com alguns moradores do mal estruturado bairro estacionou em frente à casa que procurava.

Adão se manteve em silêncio sentado dentro do veículo por alguns minutos. Sabia que a chegada de um estranho naquele lugar poderia ser notada, caso alguém estivesse em casa. Observou algum tempo aquela casa mal cuidada, tomada pela vegetação em sua maior parte, sem pintura, com algumas rachaduras e infiltrações já bem visíveis. Mas que diabos alguém que morava naquele lugar estava fazendo se relacionando com a professora? Uma discreta queimação em seu estômago se insinuou, sinalizando a possibilidade de estar se envolvendo nas conhecidas relações em que simplesmente nada entendia.

Depois de sair da caminhonete Adão parou em frente ao muro já parcialmente em ruínas. Estava indeciso sobre chamar pela moradora ou não. Olhou ao redor e viu alguns vizinhos acompanhando discretamente sua presença ali, atrás das cortinas ou de frestas nas portas e janelas. Podia ouvir música vindo de dentro da casa. Sim, havia alguém ali que não seu deu ao trabalho de observar quem havia chegado. Mau sinal. Da casa ao lado Adão pôde captar um som de choro de bebê. Decidiu ir até lá primeiro, um pressentimento duvidoso o envolvia naquele momento. Não teve necessidade de bater a porta, pois dela já saiu uma mulher com uma criança no colo enquanto ele pisava no pátio.

– Olá. Boa tarde.

O inspetor esboçou o seu melhor sorriso, ou tentativa dele, mas recebeu uma resposta na forma de um olhar desconfiado. Na dúvida ele seguiu com sua mal encenada simpatia:

– Conhece a moça que mora aqui ao lado? A Gabriela.

– Desculpe. Mas o senhor é quem? – Perguntou ela enquanto trocava o bebê de mãos.

– Eu que peço desculpas. Não me apresentei. Meu nome é Jorge. Sou tio da Gabriela e há muito tempo não a vejo. Gostaria muito de saber como ela está. Não tenho certeza se ela está em casa ou não.

– E por que o senhor não bate e descobre?

– Não ouvi nenhum barulho ou movimento quando cheguei, por isso pensei que ela poderia não estar ou não quer incomodada.

– Mas isso é normal senhor. Ela sempre está fechada em casa. Nós nunca a vemos. Sei que ela está por causa do barulho do rádio. Está ouvindo?

Adão sinalizou afirmativamente com a cabeça. Agora algo não estava tão estranho, pois percebeu que ela não tinha relacionamentos com a vizinhança. Isso podia significar muitas coisas, mas ele preferiu, ou decidiu que deveria ir até lá e falar com ela de qualquer maneira.

– Muito obrigado moça.

Ela continuou embalando o bebê sem responder e sem desistir de continuar o observando. Adão foi até lá e bateu suavemente na porta. Depois da terceira tentativa teve certeza que ela não abriria sem algum estímulo. Pelo buraco no vidro tapado por um pedaço de tecido e tentando passar um tom de tranquilidade, ele disse:

– Olá Gabriela. Eu sei que está aí. Por favor, é importante que eu fale com você. Não se preocupe.

Ele recebeu como resposta um silêncio profundo. O rádio foi desligado. Ele voltou a insistir:

– Gabriela. Eu sei que você deve estar triste por Cléo. Mas por favor, precisaremos conversar sobre isso mais cedo ou mais tarde. Você prefere aqui, na sua casa, onde ainda pode ditar alguma regra, ou lá na delegacia, onde com certeza a história será bem diferente?

Logo pôde ouvir passos seguidos do som da chave girando no trinco da porta. Deu um passo para trás. Só pôde ver os olhos e um traço de rosto na mínima abertura da porta.

– O que o senhor quer?

– Conversar um pouco, Gabriela. Sobre Cléo. Eu sei que é difícil, mas é o único momento. – Disse ele sentindo a hesitação dela.

– Tudo bem... Pode entrar... – Disse ela abrindo a porta enquanto entrava na sala de cabeça baixa.

Adão a seguiu já observando o lugar. A casa estava totalmente fechada e muito escura. Um ar esfumado tomava conta do ambiente, acompanhado de um cheiro que Adão não identificou nem como

cigarros ou maconha, talvez algum tipo de fumo caseiro. Algumas latas de cerveja, de refrigerante e embalagens de comida estavam espalhados pelo chão, principalmente em torno de um colchão de casal jogado no meio da sala. Ela sentou-se no sofá com a cabeça baixa, o que, juntamente ao capuz, acentuava a ocultação de seu rosto. Ele pegou uma cadeira de madeira e se sentou mesmo sem ser convidado.

Acabou por ser tomado de um sentimento de pena por aquela menina. Com certeza estava mais perdida, e mais solitária, do que costumava ser.

– Gabriela. Eu sinto muito pelo que aconteceu. Quero que você não se preocupe, mas preciso que me conte toda a verdade.

Ela não se mexeu. Continuou fitando o chão e com o corpo encurvado para frente. Adão sentiu uma confiança de que ela estava mesmo disposta a ajudar, o que o manteve tranquilo para poder continuar sendo amigável, pois aquela menina provavelmente não mereceria outros métodos. Notava-se nela um sofrimento profundo. E se pudesse parar por aqui seria ótimo para ambos.

– Muito bem. Conte-me qual foi o seu relacionamento com ela.

Gabriela encostou-se no sofá e se abraçou às pernas flexionadas. Não olhava para Adão enquanto falava.

– Eu a conheci há mais ou menos um ano. Em uma disciplina na faculdade. Muitas vezes depois das aulas saímos para beber. Digo, eu e mais alguns colegas. Acabamos ficando amigas e, bem... Você sabe.

– O relacionamento de vocês então era promíscuo?

Ela olhou diretamente para ele. Ele não se arrependeu da pergunta, pois ainda precisava ter certeza disso, talvez por não querer aceitar, ou, ainda pior, se envolver com pessoas que se relacionavam dessa maneira. Como ele não demonstrou nada, ela acabou baixando novamente o olhar.

– Pense o que quiser. Eu não dou a mínima. Não devo satisfação nenhuma a você.

– E vocês se encontravam regularmente?

– Pode-se dizer que sim. Às vezes mais frequentemente, às vezes menos...

- Você chamaria o que tinha com ela de namoro?
- Chame do que quiser.
- Mas quem tem que saber é você. Era somente entre vocês duas?

Ela deu uma tímida risada, quase como para si mesma.

- Dois não é um número que combinava com Cléo. Ela sempre multiplicava as coisas.

Adão não queria insistir nesses temas, mas infelizmente era necessário.

- Eu preciso saber Gabriela. Os relacionamentos dela são os mais prováveis motivos para o que aconteceu.

- Como eu vou saber? Quando nos encontrávamos falávamos de tudo, menos de nós mesmas. Sei lá. Ela devia ter uma agenda, diário, ou algo parecido. Por que não procura?

Ele percebeu que ela começava a demonstrar irritação, talvez por medo de ser suspeita, ou abstinência de alguma substância. Na verdade, Adão não queria saber muitos detalhes da vida daquela misteriosa garota, tinha medo do que mais poderia encontrar. Somente o necessário. Respirou fundo.

- Pode dizer se houve alguma coisa estranha nos últimos tempos? Digo, fazendo uma comparação nesse ano em que a encontrava... Notou algo estranho ou alguma mudança muito radical?

Ela voltou a rir do mesmo jeito que antes. Adão já estava começando a se irritar com todo aquele jogo.

- Você realmente não sabe de quem está falando. O mais estranho nela seria não mudar alguma coisa. Era impossível ver algo diferente nela, justamente por que essa era a regra.

- E isso estava incomodando você? Essas mudanças frequentes?

Adão percebeu o desconforto que a pergunta causara nela. Ela se levantou e circulou pela sala. Pegou um cigarro enrolado a mão do cinzeiro. O cheiro que estava desaparecendo voltou com toda a força.

- Já estava acostumada... - Disse ela com uma convicção que não o convenceu nenhum um pouco.

- Nenhum outro namorado, ou namorada?

Ela continuou caminhando pela sala agora com mais rapidez.

Apagou o cigarro com força. Adão sentiu que chegou a um ponto sensível.

– Eu sei que ela saiu com alguém na noite em que morreu. Recebi uma mensagem.

Adão pensou em Arnaldo com desgosto. Ou talvez devesse ter sido mais amigável com ele. Mas agora não fazia diferença, e no fundo não se arrependia de nada.

– Eu já estou cuidando disso. Pode me mostrar a mensagem?

Ela jogou o celular para ele e voltou a se sentar. A mensagem era simples e direta, sem muito que pensar a partir dela. Adão ficou com os olhos fixos à tela do aparelho, pensando em como fazer a pergunta mais difícil de todas. A pergunta que fazia com que muitos deixassem de colaborar imediatamente, que fazia com que muitos se fechassem de uma maneira que legalmente seria impossível conseguir alguma confiança. Mas ele nunca sabia qual era o melhor jeito de enunciar essa pergunta e, por isso, acabava sendo o mais direto possível.

– Onde você estava na noite em que Cléo morreu?

– Em casa. – Respondeu ela automaticamente.

– Alguém pode confirmar isso?

– Eu moro sozinha. Não sei, talvez os vizinhos?

– Gabriela. A verdade, por favor...

– Eu cheguei em casa tarde. Vim de ônibus. Sei lá, pode perguntar para o motorista. Era a última linha da noite.

Adão anotou o nome da linha. Sabia que pelo protocolo teria que tentar tirar mais informações, fazer mais perguntas, rodear mais aquilo que não estava bem esclarecido. Mas, estranhamente, estava com uma vontade de sair dali, de não saber mais sobre aquelas vidas, de encontrar alguma maneira de solucionar esse caso atrás de uma mesa de escritório. Talvez esse fosse o principal ponto. Adão sentia vontade de escritório, computador, retrato de família, papéis para assinar. Lidar com as baixezas da humanidade estavam lhe causando azia.

– Não desapareça Gabriela. Provavelmente teremos que conversar novamente. – Disse já se dirigindo á porta.

Ela não se levantou e nem se despediu. E ele saiu pensando que poderia receber notícias da perícia, de preferência daquelas que resolvem tudo.

UM LÍQUIDO DE COR ESCURA BALANÇAVA NO FUNDO.

Café era a única coisa que ele tinha no estômago.

Arnaldo deu a descarga e apoiou as mãos na parede para se encostar no espelho. Gostava ainda menos do que via, e se perguntou se algum dia ainda poderia gostar. Não importava. Escovou os dentes para tirar aquele gosto da boca, aliviar aquela irritação na garganta. Não sabia para onde caminhar, o que fazer. Ensaiou ligar a televisão, mas desistiu ao mesmo tempo. Medo de ver tudo ali, jogado na sua cara como realidade, e não curiosidade.

Já estava há mais de vinte e quatro horas enclausurado em casa.

Decidiu sair, mesmo sem saber para onde.

Andou pelas ruas do velho bairro. Atravessou esquinas com prostitutas e cafetões, praças com crianças jogando bola, lojas com vendedores penteando os cabelos, pátios com velhinhas regando as plantas, paredes em que policiais revistavam e esbofeteavam suspeitos, árvores que arrancavam com suas raízes boa parte do calçamento, bancos em que moças brincavam com seus cachorros, bares imundos onde senhores encontraram um refúgio menos triste que suas casas.

Decidiu entrar em um, e encontrou um dos mais sujos, pois sua roupa do corpo limitava suas opções. A televisão estava no volume máximo, ou próximo disso. Era quase impossível fugir das promessas de integração em um mundo novo que estava nascendo, da responsabilidade pela solidão só em si mesmo, basta querer dela sair. Pediu para o garçom diminuir o volume, o que ele fez de mau gosto. Ele voltou e limpou a mesa com um pano mais sujo que o próprio chão.

Arnaldo pediu uma dose de cachaça. Sabia que não podia mais beber esse tipo de coisa, mas acreditou que a queimação proporcionada por ela ajudaria a sair o que precisava ser posto para fora. No

primeiro gole o refluxo transformou-se em ataque de tosse, que por sua vez forçou os olhos a lacrimejarem. Era disso que precisava. Enquanto respirava fundo para preparar-se para a segunda viu, pela abertura da porta do bar, a rua como um quadro. Uma calçada de não mais que um metro de largura ao lado da avenida de quatro pistas tomada por carros, ônibus e motos. Um cenário horrível que estamos acostumados a não mais perceber, talvez por não conseguir imaginar mais nada diferente.

De um dos lados daquela impessoalidade com poucas cores e muito barulho surgiu um homem empurrando um carrinho de supermercado. Como se fosse um enquadramento cinematográfico, ele tomou o primeiro plano no olhar de Arnaldo. Movimentava-se devagar e mancando. Parou em frente a lixeira, a abriu, e logo vasculhou o seu interior, retirando algumas coisas e as jogando dentro do carrinho. Em segundo plano o movimento agressivo da avenida, indiferente desde que ele não se atrevesse a ir mais um centímetro para qualquer lado.

Enquanto aquele homem entrava no bar e falava qualquer coisa com a pessoa que estava no caixa, Arnaldo agora pôde ver um cachorro sentando-se ao lado do carrinho. Quem ele guardava? O catador ou o carrinho? Ele viu o homem voltar e colocar alguma coisa na boca do cachorro, que logo balançou o rabo. O cachorro e o catador. Aquele cenário ao fundo. Incompreensíveis e incompreendidos em meio ao pragmatismo apressado de um pseudo capitalismo. Seriam eles senhores de alguém?

Arnaldo fechou os olhos e bebeu o segundo gole. Agora a contração do aparelho digestivo e o refluxo foram ainda mais fortes, e ele teve que tapar a boca pelo medo da ânsia. Pediu ao garçom mais uma dose.

Enquanto via o catador ir embora, Arnaldo ouviu uma voz atrás de si. Na segunda vez decidiu virar para ver se falavam realmente com ele:

– Ei amigo. Realmente não dá para saber o que elas querem não?
– Disse um sujeito em um estado que fez com que Arnaldo parecesse bem.

– Não dá mesmo, amigo...

– É isso que eu digo. Mas as pessoas não me ouvem. Quando eu peguei um dinheiro para fazer um joguinho no bicho, ela me encheu de desaforo dizendo que era uma baboseira. Que aquilo era pra comprar carne, e que eu não servia pra nada e tal. Mas pensa comigo. Raciocina comigo. Estava tentando arrumar algo melhor pra nós. Você não acha?

– E deu sorte com isso?

– Não, eu perdi. Mas isso foi só uma vez. A intenção não vale mais nada? O que parece contar hoje é só o resultado, e não o processo. Se eu chegasse com um bolo de dinheiro e uma TV nova ela iria comer na minha mão.

– Pois é. Mais sorte na próxima. – Disse Arnaldo já com pouca paciência.

– Mas meu amigo... Antes de me ignorar, como eu sei que vai, pensa comigo. A gente tem que se mexer, sabe? Parar de pensar só no resultado. Quando se joga na máquina, no bingo ou no bicho dá uma coisa dentro do peito que faz a gente se sentir vivo. Toda aquela chance de dar tudo certo fica concentrada como algo que quer sair e não pode. Parece que vai te arrebentar todo. Isso é o que vale. Essa hora. Eu trabalho varrendo a rua, e não sinto isso nunca. Só quando acho uma carteira ou alguma coisa parecida. Mas isso é só às vezes. Mas no jogo, nossa, é sempre possível. Sempre se pode ser alguma coisa, sabe?

– Pois é... – Arnaldo virou-se e ficou novamente de costas para o homem, mas ainda pode ouvir mais uma frase.

– Pode me pagar uma cerveja?

Ele pediu uma cerveja para o homem e o sentiu dar alguns tapinhas em suas costas. Indiferente bebeu o terceiro gole, agora esvaziando de uma vez só todo o conteúdo do copo. O desconforto foi substituído por um amortecimento dos sentidos. Arnaldo olhou para o teto imundo e suspirou profundamente, deixando o torpor tomar conta de seu corpo. Sentiu um soluço nascendo do peito e as maçãs de seu rosto queimarem. As primeiras lágrimas deslizaram frias.

[Você não disse que gostava de escrever? Por que parou? Da próxima vez que encontrá-lo quero ler alguma coisa. Ouvuiu? Estou falando sério.]

Cléo. Mesmo que não sáisse do lugar, o mundo parecia estar constantemente pequeno para ela. Era sempre necessário ir embora.

Deu um sorriso nervoso em meio ao choro. Não sabia se estava idealizando demais a sua perda. Ínfima perda, afinal fora tão pouco tempo. Em quanto tempo pode-se voar, ou cair? Talvez sua tristeza derivasse de um sentimento de estar mais morto do que ela, das mortes parciais que podem acabar definindo o rumo de uma vida. Isso seria mais triste, mais desolador se acontecesse com ela. Talvez a finitude desse encontro tenha sido seu chamado a seguir.

Arnaldo foi para casa.

Sentou no canto da sala, em cima de uma velha almofada. Rabiscou qualquer coisa no papel, alguns semi-traços, semi-círculos, semi-pinturas à caneta. Vergonha de si mesmo, de despejar algum sentimento em um suporte que poderia ser visto por terceiros. Espremeu-se ainda mais contra a parede, como enfraquecer cada vez mais a possibilidade de ser visto mesmo estando sozinho. Seu corpo todo diminuiu, até sentir o formigamento dos seus membros.

A página em branco. Livre de qualquer escrito, mas recheada de tudo o que se pode tentar imitar, de tudo o que já está consagrado. Arnaldo forçou um esvaziamento e rabiscou algumas linhas. Nem tortas e nem certas, talvez piegas. Mas já fora um obstáculo vencido, e ele pôde olhar mais tranquilo ao redor. Viu aquele mesmo gato preto da manhã. Ele sentou em uma cadeira bem próxima a Arnaldo e o fitou lambendo os lábios e o bigode.

Arnaldo o viu como se ele perguntasse por que parou de escrever. Sorriu novamente e escreveu mais algumas linhas. No meio daquela busca pela palavra certa, em que o êxito é quase inexistente, ouviu a companhia soar como o sinal da escola.

Pelo olho mágico viu dois homens jovens e bem vestidos. Parou indeciso por alguns segundos, estava em outro mundo há poucos ins-

tantes e não tinha a mínima condição de avaliar quem poderia ser. Ao segundo soar da companhia decidiu abrir a porta, mesmo com uma sensação de estar fazendo a coisa errada.

Ficou frente a frente com os dois sujeitos sem dizer nada.

– Senhor Arnaldo?

Ele continuou em silêncio.

– Senhor Arnaldo. Meu nome é Emanuel e este é meu sócio, Manolo. Podemos entrar por alguns minutos?

– Depende. Do que se trata?

– Gostaríamos de discutir brevemente e... – Fez uma pausa e olhou para o outro homem –... Discretamente algumas questões relativas aos seus problemas na escola.

Arnaldo abriu a porta simplesmente a soltando e deu as costas aos dois sujeitos.

– Pelo amor de deus. O que vocês fazem aqui assim tão cedo?

Enquanto ouviu o som da porta sendo fechada, Arnaldo sentiu seu braço sendo puxado para trás e torcido. Na fração de segundo seguinte seu dedo mindinho estalou logo acompanhado de uma dor aguda. Quando se virou pôde sentir também um chute que o jogou no chão.

Antes de pensar em reagir, o sujeito mais falante já estava em cima dele.

– A isso chamamos amostra, senhor Arnaldo. Seleccionamos uma parte para representar o todo. Entendeu agora o que pode acontecer ao resto do seu corpo se tentar alguma coisa fora daquilo que planejamos para você?

Arnaldo mal respirou.

– Muito bem então. Eu e meu sócio aqui, Manolo, somos muito pacientes. Mas gostamos de exatidão nas coisas, ou pelo menos a tentativa de alcançá-la. Está disposto a aceitar esse árduo exercício? – Disse enquanto o outro observava a estante de livros, quase indiferente.

Arnaldo fez o mesmo movimento de antes.

– Vou ser claro e direto, como qualquer comunicação exige: onde está a bolsa da professora?

Arnaldo convictamente negou com um movimento da cabeça.

– Eu não sei. Do que vocês estão falando?

Emanuel olhou para Manolo, que agora prestava atenção na conversa deles. Ele circulou pela sala e recolheu do chão um caderno. Depois de ler pacientemente disse olhando para seu sócio, ignorando Arnaldo.

– Mas o que é isso? Não dá para dizer que é poesia. Não tem métrica nenhuma e os versos nem rimam. Será prosa? Bem, com certeza daquelas que são esquecidas no fundo da gaveta. Aposto que teve vergonha até de escrever, não?

Ouviram-se o estalo dos golpes que Emanuel desferia no rosto de Arnaldo enquanto Manolo recitava seus ensaios de escrita.

– Tudo bem! Parem com isso! – Disse Arnaldo enquanto tentava defender seu rosto. – Se estão falando de Cléo, eu saí com ela ontem. Não vi bolsa nenhuma, mas andamos no meu carro. Por que não olham lá?

Arnaldo apontou para a chave de seu Uno que estava em cima da mesa. Emanuel olhou para Manolo que imediatamente a pegou e saiu. Arnaldo sentiu-se arremessado para cima do sofá. Nem pôde pensar em reagir, pois seu visitante já estava com uma arma em punho.

Manolo voltou alguns minutos depois segurando uma mochila nas mãos. Deixou em cima da mesa e trocou de lugar com Emanuel na vigia de seu interrogado. Enquanto este abria a pasta e examinava o seu conteúdo, aquele disse remetendo pela primeira vez diretamente a Arnaldo:

– Sabe o que mais detesto nessas tarefas? – Fez uma pausa dramática, mesmo sendo de comum acordo que ele mesmo daria a resposta. – O quanto as pessoas tem consciência de que estão em uma posição em que obedecer é a única alternativa. Mas, mesmo assim, elas resistem, nem que seja minimamente. Ainda não entendi se esperam que algo repentino irá salvá-las. Ou se esperam que não usaremos de violência. Enfim... No fim das contas temos que sempre usar de certo percentual de convencimento. E sabe o que é pior? Somente com esse movimento é que elas nos dão algum dado sólido, algo real e

concreto. E minha pergunta seria: Se elas já podem fazer isso, porque não colaboram logo de uma vez?

– É um problema interessante, Manolo. – Disse Emanuel ainda se concentrando nos objetos que estavam dentro da mochila. – Mas sempre temos algum fenômeno imprevisível para explicar e ordenar. E agimos assim, com um problema relevante e bem definido, posteriormente traçando um método adequado para resolvê-lo. Não como o senhor Arnaldo, que em qualquer abalo senta-se e escreve coisas sem sentido e sem planejamento.

– Exatamente Emanuel. – Disse Manolo ainda com o olhar fixo em Arnaldo.

– Já temos o objeto! – Disse Emanuel levantando um envelope de papel pardo como se fosse um troféu.

Ele segurou o envelope junto a si e disse para Arnaldo pausadamente:

– Por enquanto encerramos por aqui. Não preciso dizer o quanto nosso encontro deve ficar somente entre nós, em nome da amizade que construímos. De que outra forma poderíamos nos ver novamente? E você prefere que ela seja tão agradável quanto essa, ou pior?

Arnaldo seguiu em silêncio, com mão esquerda apoiada sobre o antebraço direito, pela segunda vez, no mesmo dia. Deitou-se no sofá, pela segunda vez no mesmo dia, enquanto via os dois saírem. Decidiu mover-se o mínimo possível, pois não estava mais disposto a se entregar ao desconhecido. Pensou no quanto encontros ruins são assim, tiram a nossa vontade.

O POLEGAR DO GARÇOM TOCAVA A COMIDA QUANDO O PRATO FOI COLOCADO EM CIMA DA MESA.

Leopoldo não gostava muito de ter que se deslocar para aquele velho restaurante. O ambiente era um tanto apertado, a comida salgada demais, as condições higiênicas ideais apenas em véspera de

inspeção da vigilância, e as notícias do esporte predominavam ao meio-dia. Provavelmente um local de almoço para vendedores de lojas populares, motoristas, contadores de aposentados, funcionários públicos medianos e advogados de pequenas causas.

No espelho empoeirado da parede oposta pôde ver o seu rosto. Irreconhecível, mas não exagerado na falsidade. Adequado para essas suas reuniões parcialmente discretas. O lugar deveria ser público, mas não ao ponto de haver chances de esbarrar com algum conhecido. Há algum tempo combinava encontros com seus esporádicos sócios naquele lugar, o que fazia das suas regulares refeições ali uma espécie de hábito que não levantaria nenhuma suspeita.

Teria que comer enquanto esperava, o que o fará regular a quantidade de sal durante o resto da semana. Logo depois da terceira garfada, que já pedia desesperadamente por um gole de suco, viu seus dois convidados entrando. Não se deu ao trabalho de cumprimentá-los formalmente. Ali nada disso era preciso.

Eles pediram dois sanduíches. Sábia decisão para Leopoldo.

Enquanto esperavam olhavam atentamente para a televisão.

– Dá para acreditar nesse zagueiro? – Disse um para o outro, sem levarem muito em conta a presença de Leopoldo.

– Como pode ganhar tanto para não conseguir fazer algo tão fácil? – Disse o outro. – Muito diferente de nós, que ganhamos bem menos para tarefas mais difíceis. Mas mesmo assim nunca decepçio-namos. – Concluiu sem tirar os olhos da televisão enquanto colocava um envelope em cima da mesa.

– É verdade. – Disse o primeiro agora olhando em direção a Leopoldo. – E tudo isso no tempo regulamentar. Sem necessidade de todo o incômodo das prorrogações.

– Muito bem cavalheiros. – Leopoldo fez uma pausa para limpar os lábios com o guardanapo. – A quantia combinada será depositada até o fim da tarde.

– Obrigado, doutor Leopoldo.

Entreolharam-se por alguns segundos. Um deles esperou o garçom trazer os sanduíches antes de seguir:

– Talvez seja interessante já comentar com o senhor que o conteúdo dessas informações implique em mais algumas atividades. Por isso já avisamos que estamos à disposição.

Leopoldo espiou o conteúdo do envelope.

– Os senhores sabem que tenho total confiança em suas avaliações.

Um deles puxou a cadeira mais para frente.

– Creio que sejam duas questões principais, doutor. A primeira é que não foram encontrados alguns objetos pessoais dela. Ela fora vista com um homem na noite de sua morte. Esta pessoa foi interrogada pelo responsável pela investigação, o inspetor Adão Machado. Já o conhecemos, e sabemos o quanto ele, mesmo hoje, não costuma levar o seu trabalho dentro dos procedimentos legais.

– Fora dos procedimentos legais significa que ele, pelo menos por enquanto, não produziu nenhum documento, imagino...

– Exatamente doutor. O material que estamos entregando foi produzido pelo subordinado. – Ele consultou seu bloco de anotações. – O nome dele é Sérgio. Pelo que sabemos, é um policial novo, com uma formação mais adequada.

Leopoldo se movimentou na cadeira. Não gostava de quando era imprescindível colher informações por canais informais e – menos ainda, quando as autoridades nas quais ele tanto se embasava não produziam os documentos minimamente exigidos. Empurrou seu prato que ainda continha metade da refeição e disse como se tivesse divagando para si mesmo:

– Então temos a seguinte situação. Neste envelope devemos ter somente as informações básicas sobre os dados pessoais dela, as descrições da cena do crime e os interrogatórios e relatórios feitos por esse assistente. Nada ainda do responsável direto pela investigação, o senhor Adão Machado.

Seus dois interlocutores assentiram sincronizadamente. Leopoldo seguiu:

– Vocês então estão concluindo que algumas coisas básicas, como alguns objetos pessoais ainda não foram encontrados. E que o

fato dela ter saído com um homem no dia de sua morte é uma ligação relevante para isso?

Os dois repetiram o movimento.

– Interessante. E a sugestão de vocês é encontramos esse homem?

– Já o encontramos. Seu nome é Arnaldo Nunes da Silva. Somente esperamos, obviamente, sua autorização para agirmos.

Leopoldo desconectou-se de seu dois sócios por alguns instantes. Observou na mesa ao lado um homem de meia idade sentado em frente a um prato em que a comida tinha que ser manuseada com cuidado para que não caísse. Uma montanha de arroz, batata frita, espaguete e feijão empilhada logo abaixo do enorme bife em que despontava uma tira de gordura já parcialmente tostada. Realmente não gostava desse tipo de atividade em que alguma persuasão não muito amigável teria que ser aplicada para a obtenção de resultados. A chance de alguma exposição ou ligação com ele aumentaria. Mas o que o deixou confiante para aceitar a proposta dos dois fora sua confiança total na discricção com que eles trabalhavam.

Ele bebeu seu último gole de suco.

– Tudo bem. Podem ir em frente. – Disse Leopoldo já se levantando com a conta em mãos.

Antes de chegar ao caixa virou-se por um momento.

– Façam isso ainda hoje, por favor.

Leopoldo se espreguiçou na cadeira de seu escritório. Tirou os óculos e massageou os olhos enquanto se apoiava na mesa. Já era início da noite e ele pensou se deveria rever todos os documentos. Talvez algum detalhe lhe tivesse escapado. O relatório do assistente era muito satisfatório, escrito com atenção aos detalhes, com uma objetividade digna de seus próprios trabalhos. O documento fora produzido com o rigor que as mais organizadas e modernas investigações exigiam; o que fez Leopoldo simpatizar com seu jovem autor.

O cabeçalho era composto por informações básicas, como o horário em que a polícia fora acionada (06h20min), quem fez a denúncia (Marta, responsável pela limpeza) e a hora de chegada do primeiro agente (06h45min).

A descrição iniciava com um panorama da cena do crime dividida em externa interna. A primeira subdivisão era longa e tratava do campus universitário, onde se localizava na malha urbana, o estacionamento, a disposição dos prédios, salas de aula e dos funcionários, os locais de maior circulação, como a área de convivência, restaurantes, lojas e espaços de diretórios acadêmicos. Depois o texto focava-se mais no prédio em que se localizava a sala de Cléo, com seus corredores, esculturas, quadros, vasos de flores, etc. Tudo listado em ordem do geral para o específico. Realmente o relatório de Sérgio agradava muito Leopoldo.

Depois das listagens o texto seguia com algumas impressões subjetivas do observador. Destacou em um grande parágrafo a proximidade do campus com uma vila habitada por pessoas em estado de vulnerabilidade social, e o quanto a extensão do lugar ocupado pela instituição permitia falhas de segurança. Uma anotação salientava a proximidade do prédio onde se encontrava a sala de Cléo com uma cerca de fácil acesso para pessoas mal intencionadas. Concluiu que uma possibilidade seria pedir auxílio à assistência social para levantar possíveis suspeitos.

Em seguida mais duas páginas sobre o ambiente interno. Sérgio relatou que a sala onde o corpo se encontrava tinha três metros de largura por sete de comprimento. Iniciou sua listagem a partir da porta em direção anti-horária. Uma estação com dois computadores, dos quais Sérgio descreveu todos os componentes; um armário grande contendo em sua maioria livros, que foram todos listados, documentos e papéis empilhados. Seguindo a ordem, uma janela com uma mesinha em frente, com material para fazer café, potes de biscoitos, etc. A outra parede era ocupada em sua maioria por quadro branco de avisos. Da esquerda para a direita:

<i>Reuniões Grupos I.C/ P.G</i>	<i>Plantão bolsista</i>	<i>Relatório/projeto</i>
<i>Qua: 14h – 18h</i>	<i>Seg: 09h – 12h</i>	<i>18/06</i>
	<i>Qua: 09h – 12h</i>	

Antes da porta, um vaso com grandes espadas de São Jorge completavam o círculo. O centro da sala era ocupado por uma grande mesa de madeira compensada com seis cadeiras em volta. Em cima dela uma térmica acompanhada de xícaras de café de diversos tamanhos, em sua maioria sujas, canetas, blocos de anotação e livros empilhados aparentemente em ordem aleatória. Bem ao centro um envelope pardo vazio escrito “Projeto de pesquisa final” em caneta esferográfica azul.

Nas descrições subjetivas Sérgio destacava a desorganização do lugar, tendo em vista o seu “pequeno espaço”. As condições higiênicas eram consideradas satisfatórias, mas a disposição dos objetos, tanto em cima da mesa quanto dentro dos armários “careciam de uma coerência classificatória”. No mais a sala parecia seguir um padrão de “hábitos acadêmicos” em que ele teria mais familiaridade quando “interrogasse os colegas de trabalho”.

A segunda parte do relatório dedicava-se a vítima. O corpo encontrava-se de bruços, com a cabeça próxima da janela e os membros inferiores próximos ao armário de livros, em frente ao ângulo formado pela primeira e segunda paredes da descrição no sentido anti-horário (um desenho improvisado e sem escala estava anexado). Estava vestida com uma saia preta, blusa cinza sem mangas e calçava sapatos de salto alto. Os braços estavam paralelos ao corpo, com os pulsos para cima. Cada um estava marcado por um corte, agora com o sangue coagulado, e as manchas seguiam os contornos das mãos até o carpete. Destacou em letras maiúsculas o fato de que não fora encontrado na sala nenhuma bolsa ou algo que pudesse conter objetos pessoais, como documentos, etc.

Não fora encontrada nenhuma arma do crime.

As observações de Sérgio limitavam-se a descartar a hipótese de suicídio, pois não fora encontrado junto ao corpo nada que pudesse provocar os cortes. Preferia não se entregar a especulações até que laudo forense fosse concluído.

A terceira parte tratava dos primeiros interrogatórios no próprio local. Marta, a responsável pela limpeza, declarou que a vítima

sempre fora simpática com ela e ocupava a sala somente duas vezes por semana, geralmente as segundas e quartas. Dois professores que estavam no local confirmam a informação acrescentando que estes hábitos eram incomuns, visto que a maioria dos colegas estavam presentes em praticamente todos os dias da semana. Quando questionados sobre o contrato de trabalho da vítima, assim como suas relações com a reitoria, eles optaram por declarar seu direito ao silêncio.

Sérgio sublinhou a necessidade de interrogatório formal com professores e membros da diretoria. A família limitava-se, ao que conhecia até agora, a filha, visto que marido já era falecido. O próximo passo seria uma vistoria completa na residência da vítima enquanto a perícia trabalhava em suas análises. Finalizou destacando que este relatório era o primeiro, por isso ainda muito “desprovido de maiores detalhes”.

O relatório propriamente dito era seguido por um anexo com fotos, desenhos, nomes e telefones de pessoas que estavam no local e uma lista de policiais envolvidos no caso. A última página continha um texto intitulado, “observações pessoais, sem dados relevantes ao caso”. Nele o autor relatava a “situação incômoda” em que se encontrava devido às atitudes de seu superior, o inspetor Adão Machado. Justificava essa avaliação pela falta de comunicação adequada e pelo silêncio de seu superior em relação ao seguimento dos procedimentos padrões de investigação. Anotou que detalharia essas observações em um momento mais oportuno.

Ao terminar a segunda leitura, Leopoldo anotou algumas questões em seu bloco. Em primeiro lugar, a importância do projeto de pesquisa fora reforçada para ele. Ligou para os seus dois sócios e advertiu da importância de procurar esse objeto quando fossem encontrar o homem com quem ela foi vista. Em segundo lugar, e um pouco a contragosto, deveria pedir para alguém seguir os passos do inspetor-chefe, visto que já estava mais do que provado que ele não produziria nenhum documento oficial que o ajudaria. E por último, avisar ao seu contato na polícia que deveria estar atento a novas informações que pudessem ser repassadas a ele.

Leopoldo levantou-se e foi até a janela, contemplando a vista de uma tarde agradável. Apesar do profissionalismo do policial que redigiu o relatório, existiam muitas limitações aos vestígios. Tanto por ele não ser o principal responsável pela investigação quanto ao descaso estrutural dos órgãos em produzir uma documentação adequada. Por isso, infelizmente, esses canais informais seriam mais do que necessários.

Preparou-se para a reunião com a congregação que teria em seguida. Eles estavam cobrando alguns resultados das tarefas pelas quais fora responsabilizado. Um pouco preocupante, já que as questões sobre a professora estavam tomando seu tempo e arriscando suas relações com o seu grupo. Novamente, diga-se de passagem.

breve recaída na figura do pai

antes

7

A MOCHILA ESTAVA MUITO PESADA.

Ela a carregava apoiando-a contra o ventre, já com dificuldade em conseguir caminhar. Poucas roupas e muitos livros. Depois de deixar a avenida principal, seguiu a pé até o beco que iniciava a abertura até o morro. Enquanto andava pelo estreito caminho onde não saberia dizer onde começavam ou terminavam os espaços privados, viu dois moleques magricelos saírem da esquina seguinte e correrem em sua direção.

Um deles, o mais alto, vestia somente uma calça jeans e chinelos. Ela prestou atenção nos seus cabelos, que estavam diferentes, agora com um tipo de moicano com tons loiros nas pontas. Quando se aproximou dela ele já tomou a mochila das suas mãos.

– Obrigado Alan Kardec – Agradeceu aliviada. – Bonito cabelo novo. Mas eu não tinha dito para você fazer igual aos meus? – Completou balançando seus dreadlocks.

– De nada, Alana. Preferi fazer desse jeito. Tem mais a ver com o sucesso que sou. – Disse sorrindo enquanto procurava o melhor jeito de segurar a mochila.

O outro menino corria em volta deles muito animado. Alana fez alguns gestos que poderiam ser interpretados como “olá” em língua de sinais. Ele movimentou a cabeça e os braços e os dois seguiram a lomba silenciosamente se comunicando.

Alana recebeu saudações de vários moradores do bairro enquanto passava. Muitos deles genuinamente felizes com sua presença

ali, o que a deixava respirar mais tranquila pela decisão que acabara de tomar. Não avisou ninguém na república. Já havia dito várias vezes que sairia de lá, que buscaria outra vida mais ligada à realidade, mas ninguém nunca levava essas decisões muito a sério, pois lá a regra parecia ser sempre imaginar como deveria ser. Saiu sem mesmo levar sua bicicleta, agora parcialmente destruída, e o único vínculo que continuou mantendo foi a ligação formal com a universidade, pois assim poderia ter vários benefícios, como restaurante, meias-passagens e meias-entradas. Além disso, uma universitária poderia ser de grande valia em algumas situações.

Quando fizeram a curva da ruela principal em direção a uma escadaria avistaram três jovens sentados. Ao vê-la eles imediatamente se levantaram e a abraçaram sorridentes.

– Que bom que veio, ciência. – Disse o mais velho depois da saudação.

“Ciência” era o seu apelido entre muitos dos mais novos dali. Ela vivia dando dicas de como fazer para seguirem os estudos, cuidar de ferimentos e até de como deixar a mercadoria mais rentável. Tudo isso com respeito, o que os deixava à vontade com ela. “Viram só como o que ela disse funcionou? Ela tem consciência”. Disse um deles certo dia. A partir dali o apelido pegou, sendo livremente abreviado.

Alana subiu as escadarias com seus dois acompanhantes até chegar à outra ruela em que entraram. Passaram por um mini-mercado e bar ao mesmo tempo, a banquinha de venda de lanches e o pequeno gramado que servia de campo de futebol. Adentraram uma área arborizada e subiram uma trilha, onde em seu fim abriu-se um espaço de mais alguns casebres juntos uns aos outros, separados apenas por mínimas vielas onde circulavam cachorros em meio aos fios elétricos e latas de lixo.

Em frente à última casinha, antes de se iniciar uma nova área arborizada, uma mulher acenou de longe para Alana, que apressou o passo ao seu encontro.

– Alana! Querida! – Disse aos pulos, com os braços aberto.

As duas se abraçaram por um tempo enquanto os garotos chegavam com a mochila de Alana. Beberam café e comeram bolo conversando sobre as novidades do bairro e da vida.

– Obrigada pela recepção, Virgínia. – Disse Alana segurando-a pela mão.

– De nada. Quando Sócrates me ligou ontem pedindo para que eu desse uma geral na casa para você, eu agradeci aos céus. Meu irmão não podia deixar passar a oportunidade de poder viver com uma pessoa como você.

As duas se levantaram e começaram a desfazer a mala. Virgínia já tinha organizado o armário de modo a deixar um espaço vazio para os pertences de Alana. Enquanto realizavam esta tarefa conversavam principalmente sobre Sócrates, em como ele era carinhoso com sua família e honesto com seus companheiros, em como ele conseguiu impor o respeito necessário a sua posição de uma forma diferente, etc. Depois de organizarem tudo rapidamente, ouviram o barulho dos fogos de artifício vindos da parte mais baixa do morro.

– Não preocupe querida. Vamos ficar tranquilas aqui dentro por algum tempo. – Disse Virgínia sentado-se no sofá da sala.

Alana acomodou-se ao lado dela sentindo um leve calafrio. Sabia que essas situações se repetiriam, e que em muitas vezes poderiam ser muito piores. Mas ouvir aquele som lá embaixo, depois da faixa de mata, dava a ela uma sensação de distância do que precisava estar distante. Como um filme ou televisão, uma realidade que não dependia dela, só podia ser vista de longe. Agora ficava clara a distância entre ela e essas pessoas que julgava ter algum relacionamento. Não seria nada fácil, pois em alguns momentos ela continuaria sendo a menina estudada. Teve vergonha ao pensar que nessas situações gostaria de justamente ser isso, e receber a devida proteção.

O celular de Virgínia tocou duas vezes.

– Olá maninho! Sim... Ela está aqui. Já arrumamos tudo. Estamos bem, sim. Tudo bem, direi a ela. Beijos. – Desligou e olhou para Alana. – Ele disse que chega em mais ou menos uma hora. Também pediu para você não se preocupar. Foi um alarme falso de um dos no-

vatos. Na verdade eram porcos conhecidos recebendo o de todo mês. Parece que o menino se assustou.

Alana somente assentiu com a cabeça. Um segundo calafrio percorreu seu corpo. Sabia que o que a falha de um novato poderia significar. Agarrou-se a possibilidade de Sócrates resolver problemas com os novos da mesma maneira que resolvia com os mais próximos. Pensou também em como deveria portar-se em frente a essa situação, pois em todas as vezes que passava algum tempo com ele, e geralmente eram nos fins de semana, nunca houve aquilo que parecia ser comum ao dia-a-dia. Não poderia assumir o papel da esposa que nada sabia e muito menos da que tudo consentia. Seria algo a se conversar com ele, e quem sabe logo.

As duas ficaram em silêncio por alguns minutos, até que Virgínia resolveu ligar a televisão.

No início da noite ouviram uma movimentação vinda da rua. Alana estava no quarto mexendo em suas coisas, ou fingindo arrumar, pois não conseguiria acompanhar Virgínia na segunda novela seguida. Entraram na casa três homens, sendo que o do meio adiantou-se em perguntar por ela. Alana decidiu esperar no quarto. Quando viu Sócrates os dois se abraçaram e se beijaram deitados na cama.

– Então, minha princesa. Todos a trataram bem?

– Sim. Mas eu já estava ansiosa aqui esperando.

– Eu queria poder ter vindo mais cedo para ver você. Mas tivemos um problema de última hora. – Respondeu dando outros beijos no pescoço dela.

Alana pensou em perguntar em como teriam resolvido o problema. Mas talvez agora não fosse o momento, estavam se vendo pela primeira vez como pessoas que morariam juntos. Sentiu aquele arrependimento de quem não admite uma indecisão e culpou-se por não ter pensado em coisas como essa antes. Tranquilizou-se com o pensamento de que isso poderia ser uma sensação normal de seu estranhamento inicial. Ou pelo menos se agarrou a essa ideia. Ou foram os beijos e carícias de Sócrates que a fizeram se sentir assim.

Perceberam que os outros saíram da casa sem convite, assim como nada por enquanto precisava ser pensado ou dito.

Algumas horas se passaram até Alana ligar o ventilador e acender um cigarro.

– Tenho que admitir que me assustei hoje quando ouvi o foguete.

– Imagino que sim. Mas quando o ouvimos, na pior das situações, temos cerca de vinte minutos para sair. Lembra de quando eu lhe mostrei o caminho, não?

– Sim. – Disse ela em meio a uma longa tragada.

– O esquema funciona muito bem. Já o testamos. Mas podemos melhorar muita coisa. Temos que ter outras saídas, pois talvez essa possa ser grampeada por alguém.

Alana sorriu. Sócrates era assim, sempre tentando aperfeiçoar o seu ambiente. Lembrou o quanto ele chamou a atenção dela quando conheceram-se. Ele estava sempre tendo ideias, inclusive se baseando naquilo que considerava modelos ideais. O recrutamento de novos subordinados era rigoroso, pois toda uma postura era exigida, como o menor envolvimento familiar possível, o maior comprometimento com a firma, alguns domínios e resistências de si mesmo, como não usar os produtos em demasia, não tolerar insultos ao mesmo tempo em que qualquer insulto não era digno de ser levado a sério. Enfim, para Sócrates, quem conseguiria controlar uma atividade tão perigosa se não fosse capaz de governar a si mesmo?

Lembrou uma vez em que sua moralidade chegou a tal ponto que começou a exigir certos tipos de música ideais para a firma. Como alguém poderia ser esperto se não ouvia músicas capazes de estimular a inteligência? Essa ideia não teve muito resultado, pois muitos continuaram a ouvir funk escondidos. Para continuar em sua campanha de organização, Sócrates definiu que todos os subordinados, principalmente os mais novos, deveriam estar na escola. Inclusive mostrando o boletim para a diretoria no fim de cada trimestre. Por mais insólito que isso parecesse no início, fez com que a firma ganhasse respeito e colaboração maior de muitas famílias da comunidade. Nesse momento sua liderança consolidou-se, pois a rede de co-

laboradores – desde aquele que está armado até o que simplesmente informa – estava sólida e bem armada.

– Qual foi o problema? – Perguntou Alana tentando soar descontrainda.

– O garoto novo que se afobou e soltou o foguete. Tivemos que conversar com ele.

– E o que disseram a ele?

Sócrates não respondeu. Levantou-se e foi buscar uma cerveja na cozinha. Voltou com duas, alcançando uma para Alana.

– Princesa. Sei que você se preocupa com essas coisas. Mas não posso falar sobre todas as coisas que acontecem nas atividades da firma. – Disse ele massageando os ombros dela.

– Mas, querido. Eu não posso simplesmente ficar fazendo de conta que tudo é normal. Você sabe o quanto quero fazer alguma coisa para ajudar.

– Eu imaginei isso, princesa. Uma mulher inteligente assim como você? Por acaso não pensou que eu ia deixá-la cuidando da casa ou algo do tipo?

Ela corou por algum tempo. Esse era o homem que amava.

– Vou colocá-la com a rapaziada das contas. Tem que haver algo de errado com o dinheiro, pois tenho certeza que deveria vir bem mais dinheiro do que vêm. E em certa margem isso é normal, faz parte do negócio. Mas com você lá posso ficar mais tranqüilo.

– O Tião não vai gostar.

– Eu me acerto com ele. Mas tente entendê-lo. Até hoje todos estudados que apareceram na vida dele fizeram com que ele se desse mal. Vai ter que conquistar a confiança dele, o que tenho certeza que vai ser rápido.

– Você é meu filósofo favorito. – Disse ela se aconchegando no peito dele.

Olhou pela janela e suspirou mais aliviada. Uma nova vida começava.

A PERDA DE CONTROLE FORA INESPERADA, ESTAVA PERDENDO SUA REGULARIDADE.

Ele estava dirigindo acima do limite de velocidade há muito tempo. Na verdade este excesso estava se acentuando, o que realmente não era um bom sinal. Ao mesmo tempo, o aumento do descontrole fazia a necessidade de chegar ao seu destino cada vez mais imediata. Nem pensava na possibilidade de ir a outro lugar, ou de esperar a ânsia passar.

Quase derrubou o portão ao estacionar em frente aquela velha casa nos limites da cidade. Desceu do carro tropeçando, tentando controlar o excesso de suor e de tremor nos braços. Não conseguiu, acabou no chão da calçada, se arrastando, vencido pela falta de controle, aquilo que mais poderia odiar no mundo. Conseguiu ouvir, antes do desmaio, o som pesado do portão se abrindo, o que o deixou mais a vontade para se entregar a perda de consciência.

O homem de roupão já aguardava a chegada dramática do carro. Decidiu esperar na porta da frente, com o controle do portão em mãos. Não seria de bom tom a vizinhança o avistar em frente a sua casa naquele horário, ainda mais quando sabia que a possibilidade de algo escandaloso acontecer era muito grande. Quando avistou o carro optou por não deixar o portão aberto, pois aquela velocidade fazia com que se chocar contra o portão fosse melhor opção do que adentrar a casa. Surpreendeu-se pelo fato de ele conseguir parar antes. Quando o avistou saindo do carro percebeu que a situação estava pior do que imaginara. Saiu para a rua e o socorreu.

Enquanto o carregava para dentro de seu pátio, já desistindo da discricção, pensou em quanto ainda suportaria essas situações. Por vezes a esperança tomou conta de suas atitudes, visto que houve melhoras significativas no estado dele. Mas o espaço de tempo em que a calma predominava era subitamente rompido por uma nova crise, às vezes suaves, às vezes piores, como esta. Nos últimos dois anos, as únicas regularidades foram as de períodos, e por isso já esperava pela ligação dele. O ritual do repouso e medicação se estenderia por pelo menos uma semana, já estava acostumado com essa angústia.

Ele acordou levemente confuso. Ao enxergar melhor foi tomado pelo alívio de saber onde estava. Aquelas paredes, cortinas, armários e objetos o recordaram de que estava novamente sendo ajustado. Viu o homem de roupão ao seu lado com uma xícara em mãos, com certeza o seu habitual chá de quem espera por uma prevista melhoria. Esboçou um sorriso, pois gostava de estar ali, mesmo que somente essas situações o permitiam recorrer a este refúgio. Nos dias que passaria ali sabia que não haveria segredos, cuidados meticulosos para que não restasse nenhum vestígio, exigências cautelosas de uma vida dupla, etc. Ali sempre pôde se deixar levar pela transparência, o seu porto seguro das confidências.

– Não se agite, meu filho. Já está seguro. – Disse o homem de roupão após pousar elegantemente a xícara no pires.

Ele adormeceu em posição fetal.

O homem de roupão sentou-se atrás da mesa para esperar seu filho acordar. Corrigiu sua postura, pois a partir daquele momento, segundo o ritual, aquela pessoa deitada na cama tornara-se seu paciente, e uma nova relação teria que se estabelecer. Não tinha mais absoluta certeza da eficiência desse processo, pois cada encenação de tratamento era um novo peso que arqueava suas costas. Mas já estava munido de muitas certezas para tentar algo novo, e por isso agarrava-se a este seguro alívio temporário.

Mal podia pensar em tudo que já acontecera na situação paralela à sua vida que tornara-se seu filho. Todos os horrores, todos os crimes, todas as atitudes que há mais de dez anos desafiaram sua comprovada capacidade como profissional. Olhou para os quadros pendurados na parede de seu escritório. Prêmios, homenagens e agradecimentos importantes reconhecendo sua genialidade no campo da psiquiatria. E, ao mesmo tempo no seu campo de visão, seu filho sedado – que legalmente já estava morto.

Teria que esperar para, quem sabe, tentar algo mais impositivo.

Ele acordou animado pelos raios de sol que entravam pelas amplas janelas. Viu seu pai atrás da grande mesa, agora não mais de roupão, mas sim com um terno bem alinhado.

– Bom dia meu filho. Venha até aqui tomar seu café da manhã enquanto conversamos.

Ele achou aquilo muito estranho. Das outras vezes seu pai o obrigava a primeiro tomar banho, desfrutar de seu desjejum, para depois encontrarem-se formalmente no escritório que já estaria arrumado.

– Como está se sentindo?

– Muito bem. – Respondeu organizando a comida.

– Filho. Não quero rodeios desta vez. Pode começar a falar o que aconteceu.

Ele estranhou novamente, mas baixou a cabeça. A figura do pai é importante para um homem de ciência e, mais ainda quando o pai é um reconhecido cientista.

– Eu encerrei um projeto ontem.

O pai sabia exatamente o significado daquelas palavras. Mas precisava absorvê-las com a maior naturalidade possível. Agir como nas primeiras vezes, em que achava que todos os seus projetos eram produtos de sua mente distorcida.

– E quais foram os resultados? – Perguntou tentando controlar a gagueira.

– Pelas primeiras observações, de acordo com o previsto.

– Se a conclusão foi satisfatória, por que os sintomas se manifestaram dessa vez?

– Alguma coisa foi diferente dessa vez. Eu não sei explicar. Por enquanto só posso definir como uma sensação, algo sem forma ou referencia.

O homem agora de terno serviu um pouco de café para si. Em todas as vezes que teve que tratar as crises do filho, a principal causa estava em ele não ter nenhum dos seus projetos em andamento. Como um vazio, não sentir-se útil a sociedade, não dar o retorno adequado. Desta vez ele surtou da maneira mais violenta que vira até agora, justamente na finalização de uma intervenção que considerava bem sucedida. Muito estranho. Teria que fazer um pedido que nunca fizera, e por isso um esforço extra de abstração ou fabulação seria necessário enquanto o ouvisse.

– Quero que você me conte tudo. Desde quando definiu o problema, a metodologia e as conclusões.

Ele olhou surpreso para o pai. Mas como desde que começou a sentir os sintomas nada estava se configurando normalmente, decidi não questionar. Contou como conheceu a amostra, o termo que usava para a denominar, em frente à igreja, como se aproximou, o plano que traçou para intervir, e o desenrolar de toda a atividade na última noite.

Depois do relato, sob o olhar atento e preocupado com a manutenção da naturalidade do pai, seguiu dissertando sobre suas observações enquanto o corpo cada vez mais se retraía e se agitava.

– A atitude da amostra me surpreendeu muito. Eu não conseguia parar de pensar na expressão do seu rosto. A de agradecimento, de consciência plena de que o que eu estava fazendo era realmente o melhor. Era quase como me sentir desnecessário a partir daquele momento. Somente depois de concluir a intervenção que me dei conta do quanto poderia ter alterado os planos. Poderia tê-la soltado, talvez ela já estivesse em condições de dar conta daquele caos sozinha.

Pela primeira vez ele viu o filho chorar descontroladamente. Teve uma sensação de que tudo estava desmoronando, mas não sabia a qualidade dessa percepção, pois, por um lado, a rotina dessas situações nunca alcançou resultados em longo prazo e, por outro, casos imprevisíveis requeriam aceitar o desconforto do vazio. Estaria seu filho se sentido culpado?

Na dúvida decidiu seguir o protocolo de sua área de conhecimento.

– Desde a última vez você seguiu tomando seus medicamentos corretamente?

Ele não respondeu, continuava soluçando.

– E na última noite eu sonhei com ela. Eu estava perdido pela cidade e ela surgiu, empurrando um carrinho de bebe. Quando me aproximei ela me disse o quanto estava feliz pelo novo filho, que ele era uma criatura de deus e etc. Fiquei furioso e tomei em minhas mãos a criança, comecei a sacudi-lo, até que senti uma queimação no pescoço. Quando me dei por conta ela tinha aberto a minha garganta

com uma faca, o sangue escorria por todo o lado. Caí no chão com o bebe no colo, e percebi que no golpe ela também o acertou, rasgando seus olhos. Pressionei a cabeça do bebe contra a abertura em minha garganta e então acordei.

– Filho! Preciso saber se você foi cuidadoso com a medicação!
– Gritou ele já se levantando, horrorizado, perdido, com a pulsação acima do que deveria.

Somente conseguiu perceber quando ele pegou o primeiro objeto que tinha ao seu alcance e o arremessou. Sentiu o prato acertar-lhe em cheio a testa seguido de outros objetos como xícaras, talheres e, violentamente, o bule ainda com café quente dentro. Escondeu-se atrás da mesa e quando percebeu que os arremessos cessaram viu seu filho saindo pela porta do escritório. Correu até o pátio, já sentindo que sangrava e estava queimado, mas chegara tarde. Pôde ver o carro acelerando e seguindo descontroladamente pela rua, derrubando lixeiras e ameaçando ocasionais pedestres.

Pensou em ligar para a polícia, mas lembrou do quanto aquela pessoa não poderia mais fazer parte de sua vida pública.

Ele freou bruscamente em um cruzamento movimentado. Dois segundos de pausa. Corte, referência, desaceleração. Não adiantou, seu ritmo cardíaco descompassou-se, e isso não era possível. Engatou a primeira marcha e seguiu deixando atrás de si uma cortina de fumaça e rostos assustados. Ainda tinha mais um lugar a recorrer, mais uma possibilidade de deixar tudo organizado novamente. Seguiu acelerando, buzinando, ultrapassando, chamando atenção de uma forma que nunca fizera antes, e isso o deixava ainda mais assustado. Sua capacidade de planejamento estava sucumbindo frente a qualquer possibilidade de solução imediata.

Estacionou do melhor jeito que pôde. Resolveu tentar mais uma pausa. Corte, referência, desaceleração. Parece ter funcionado provisoriamente, talvez tenha ganho mais alguns minutos antes de qualquer explosão. Conseguiu passar civilizadamente pelo porteiro. A força que fazia para evitar os espasmos e a perda de controle o forçaram a vomitar dentro do elevador. Por sorte estava sozinho e havia

uma lixeira. Elementos químicos ruins circulando em seu organismo, curto circuito elétrico do sistema nervoso. Respirou profundamente mais uma vez em frente a porta. Pôde ouvir vozes lá dentro. Decidiu ouvir um pouco.

– Então fico esperando aqui hoje a noite... Hummm... Cuidado heim? Quem sabe faço uma limpa e compro drogas? – Disse uma voz em tom forçado de deboche. Seguiram-se gargalhadas, agora de duas vozes.

Ele ajeitou os cabelos e bateu na porta.

Uma jovem bonita e toda vestida de preto atendeu. Não disse nada, o interrogou apenas com um olhar sério.

– Por favor... Preciso falar com Cléo...

– AGORA EU QUERO QUE VOCÊS FALEM.

O esperado silêncio dominou a sala. Ele não se preocupou ou se constrangeu. Caminhou pelo centro do círculo de cadeiras, sentou-se na sua, cruzou as pernas, olhou para o relógio e esperou mais alguns minutos. Pôde apreciar neste espaço de tempo alguns sons imperceptíveis, mas sempre presentes, como os chicletes sendo mascarados, a pele sendo coçada, uma menina perto da janela que nunca parava de balançar as pernas, algum caderno sendo rabiscado e o ritmo regulado dos dois ventiladores de teto.

Bebeu água e seguiu com sua tranquilidade. Percebeu alguns alunos se remexendo na cadeira, talvez desconfortáveis com o silêncio, ou com o tempo que demorava mais a passar. Depois de alguns movimentos de olhares e sussurros, um deles levantou o braço timidamente depois de ser cutucado pelo cotovelo do colega.

– Carlos. – Ele exigia que os alunos o chamassem pelo nome – Diz aqui no texto que a Europa justificava a exploração da África dizendo que com isso eles iriam desenvolver os países.

– Muito bem, Antônio. Mas agora eu quero que vocês falem com suas próprias palavras.

Agora o constrangimento geral da sala se transformou. Do silêncio ganhou a forma de um burburinho sem centro.

– Turma. Vocês podem falar usando outros exemplos. Não viram nada parecido com as notícias do que está acontecendo aqui na cidade?

Outro aluno levantou a mão, o que causou expressões de desgosto e aborrecimento por parte de muitos.

– Lucas? – Disse o professor.

– Carlos. Isso é igual ao que está acontecendo com a remoção daquela vila lá na zona norte. – Disse com uma voz forte e sem levar em conta as tentativas de deboche por parte de alguns colegas.

– Gente. Por favor. Vamos respeitar? Deixem-no falar! – Interuiu Carlos – Continue Lucas, por favor...

– Na televisão passam a impressão de que vão melhorar a vida deles. Mas na verdade eles são colocados em um lugar muito longe, e os terrenos onde eles estavam são disponibilizados para a burguesia poder lucrar.

– Muito bem, Lucas. – Disse Carlos levantando-se e pegando a caneta para escrever no quadro. – E esse discurso que justifica esse tipo de ação, mas que na verdade oculta outras intenções nós chamamos do que?

Ninguém respondeu, apesar de Lucas ter quase pulado da cadeira. Carlos escreveu em azul no centro do quadro: IDEOLOGIA.

– Então o que estamos vendo lá no século XIX pode ser entendido pelo que está acontecendo nos dias de hoje. Quando os ingleses, franceses e outros países da Europa; como vimos antes; tinham necessidade de expandir suas fontes de matéria prima, o que se encontrava em grande parte em países da África, eles precisavam de um discurso que legitimasse isso e que ao mesmo tempo ocultasse a verdade. O que é muito semelhante ao exemplo que Lucas trouxe, sobre a remoção de bairros populares. Em que outras situações parecidas podemos pensar?

Lucas ia falar novamente, mas foi interrompido por um aluno do outro lado da sala.

– Mas Carlos. A faxineira da minha mãe mora nesse bairro, e ela disse que está muito feliz por sair de lá. Que não tinha esgoto, que a luz estava mal instalada, etc.

– Mas é sobre isso que o professor estava falando. Ela foi convencida pela ideologia, ela talvez não esteja vendo algo maior do que uma melhoria imediata. – Interrompeu Lucas.

– Mas como assim ela não vê? Ela mora lá poxa! Você é que não deve saber de nada, pois não vive lá...

– Mas ela não tem esclarecimento o suficiente. E você, que tem recursos e acesso a educação é que deveria conscientizar ela disso, oras...

– Engraçado Lucas. Você fica aí falando mal da burguesia e esquece que você mesmo é um. Afinal, o que estaria fazendo aqui nesse colégio se não tivesse dinheiro para pagar? – Respondeu o outro já irritado.

– Pessoal! Pessoal! Vamos com calma. Um de cada vez e, por favor, discutir ideias, e não a vida pessoal. – Interveio Carlos com um sorriso no rosto.

Ele tinha que manter certa postura, mas era difícil esconder sua satisfação quando discussões assim surgiam em aula. Quando os educandos saíam simplesmente do conteúdo e traziam as discussões de fundo, as principais na verdade, para a sala de aula, principalmente com analogias com o presente e suas realidades. O senso crítico de Lucas era admirável, apesar de ele também ter que dissimular sua preferência por aluno x ou y, o que definitivamente não combinava com sua postura político pedagógica. A postura senso comum e presa ao cotidiano do outro aluno deveria ser corrigida, mas de uma forma dialógica e transparente.

– Pessoal. Gostei muito da discussão. Lembrem que hoje fiz uma exposição sobre a ideologia imperialista no século XIX e depois abrimos para a discussão. Aproveitando isso, peço que tragam para a próxima aula notícias de jornais que julguem ser semelhantes a esse processo histórico. Vamos formar grupos para a discussão.

Alguns segundos depois de sua finalização o sinal soou. Como sempre, esperava Lucas vir trocar algumas palavras e ajudá-lo a guardar o seu material.

– Carlos. Antes eles já me perseguiram, mas depois que assumi o grêmio estudantil ficou muito pior. Posso ver a cara deles quando levanto a mão para falar.

– Vai ter que se acostumar, Lucas. Os mais politizados sempre sofrem mais do que os outros. É o preço que se paga por se preocupar com algo maior. Mas está indo muito bem, eu garanto.

Quando saíram da sala o vice-diretor estava a espera de Carlos. Ele agradeceu a ajuda de Lucas e cumprimentou seu colega.

– Olá Carlos. Podemos conversar alguns cinco minutinhos?

– Claro. Pode ser na sala de aula?

O vice-diretor entrou na sala, demonstrando estar de acordo. Carlos fechou a porta. O homem olhou para a sala por alguns segundos, dando maior atenção ao círculo de carteiras.

– No que posso ajudar? – Perguntou Carlos sentando-se atrás de sua mesa.

– Bem, Carlos. É um assunto um pouco delicado.

Carlos inclinou-se para frente. Já desconfia de seu conteúdo, mas optou por não se adiantar. O vice-diretor seguiu:

– Em primeiro lugar, no geral estamos muito satisfeitos com você. Principalmente pelo apreço que os alunos tem pelas suas aulas, como já foi confirmado pela primeira avaliação por parte deles.

– Muito obrigado. Mas com certeza tem um “mas”... – Disse fazendo o gesto das aspas com a mão, tentando dar uma descontração maior a conversa.

– Claro... – O vice-diretor deu um tímido sorriso. – Temos dois problemas que gostaria de discutir com você. O primeiro é certo incentivo que estás dando ao grêmio estudantil, o que não está agradando a diretoria de um modo geral. Digo a maioria, o que me excluí totalmente deste grupo. – Disse enfatizando a última frase. – Eu entendo as motivações, mas alguns professores acham exagerados certos impulsos que você dá às intenções deles.

– Mas a atividade política é um tema extracurricular previsto pela escola, não?

– Sim, claro. Mas o que está os incomodando é a forma como se

deu a organização do grêmio desde que você entrou na escola. Eles sugerem atividades mais suaves...

– Suaves?

– Por exemplo... – O vice-diretor gaguejava um pouco. – Ao invés das atividades que estão sendo planejadas sobre as lutas atuais da juventude, quem sabe algum campeonato de futebol ou o resgate dos concursos de gato e gata da escola?

Carlos não respondeu, não estava acreditando no que estava ouvindo, por mais que estivesse prevendo esse problema desde que foi contratado pela escola. Deu um sorriso que poderia ser interpretado como um deboche, se o seu interlocutor não o respeitasse. Decidiu ouvir a missa completa, antes de esboçar qualquer reação.

– E a segunda questão?

– Bom, a segunda é mais complicada. Alguns pais, digo os que acompanham as atividades escolares mais de perto, estão um pouco receosos com seus conteúdos. Como sabe, somos uma escola privada que atende a classe A da cidade. Por isso, temos que estar muito atentos ao que está sendo cobrado nos principais vestibulares do país.

– Tudo bem, tudo bem. Entendi. Tenho que diminuir as aulas dialógicas e valorizar a exposição tendo como principal objetivo o vestibular. Resumindo, é isso?

– Talvez não tão simples assim. Mas é algo que talvez possa ter em seu horizonte. – Disse o vice-diretor aparentemente aliviado pelo resumo e entendimento de Carlos. – Eu sei que és um professor novo e recém formado. Com muito potencial, creio que discutindo podemos modelar melhor algumas questões, para que ambos os lados não saiam prejudicados.

– E o que acontece comigo? Ou melhor, o que a diretoria pretende fazer comigo?

– Por enquanto nada. Na verdade essas questões serão discutidas no próximo conselho. Achei justo conversar com você, para que vá preparado. Além disso, sabe do apreço que tenho por seu pai.

Carlos fez um gesto corporal que claramente refutava as últimas palavras. Ele não precisava discutir arduamente com o vice-diretor,

pois agora acreditava que sinceramente estava do seu lado. Pelos motivos errados, claro, pelo respeito que tinha por seu pai, e não por acreditar em uma postura político pedagógica. Mas, de qualquer maneira, era um aliado muito provável, embora nem tanto apreciável. Decidiu definitivamente que não era com ele que deveria travar uma discussão mais endurecida.

– Obrigado. O conselho é na próxima quarta. Estarei pronto para a discussão.

O vice-diretor levantou-se claramente aliviado pelo rumo da conversa ter sido tranquilo. Antes de sair virou-se:

– Mande minhas saudações ao seu pai.

Carlos assentiu. Era o que podia fazer agora.

Era um assunto delicado. Enquanto olhava para a sala vazia, as cadeiras desorganizadas, os ventiladores parados deixando à mostra a poeira acumulada em suas pás, se esforçava para não pensar nesta relação. Mas talvez fosse tarde demais para evitar a recaída na figura do pai que dominara seu pensamento. O estímulo que sempre o impedira de qualquer ato de rebelião. Quando, aos seis anos, disse que não queria chefiar a empresa, mas sim ser um super-herói foi apoiado. E assim seguiram-se as etapas que alguns julgam inevitáveis no desenvolvimento de qualquer indivíduo. Sonhou ser escritor, ter uma banda de rock, atuar no teatro, e em todas elas recebera a ajuda entusiasmada. E em todas elas buscava algo mais desafiador ao seu destino de administrador, inclusive incursões com drogas, o que resultou em terapias que até hoje não julgou melhores do que a sensação dos estados alterados de consciência.

Quando, no ensino médio, decidiu que a participação no movimento estudantil e todas as atividades relacionadas com isso eram o que sabia fazer de melhor, ganhou de aniversário um quadro do Che Guevara. Achou aquilo mais desprezível do que qualquer coisa, pois afirmava sua figura de mimado rebelde que tinha frente a muitos companheiros ao mesmo tempo que banalizava a imagem de qualquer tipo de atitude revolucionária. Invadiram a sua mente, enquanto fazia esforço para esquecer-las, imagens do carro, do apar-

tamento e, inclusive, a facilitação com que conseguiu esse emprego que agora estava.

Podia se enganar vendo isso como desafios a mais para manter-se firme naquilo que acreditava. Afinal, não se trata de sua vida pessoal, mas de algo maior que sempre esteve disposto a levar consigo. Não importa o que aconteceu ou o que podia acontecer, mas o seu ideal seguiria sempre imaculado, e essa seria apenas mais uma superação que deveria concretizar. Lembrou das dúvidas e inquietações de Lucas, muito semelhantes às suas, e a responsabilidade que tinha em ser uma espécie de exemplo para o garoto.

Saiu animado com a ideia de que não ficaria para sempre trabalhando ali.

depois

nós, os vilões da história

8

ARNALDO NÃO PODIA, OU NÃO QUERIA, ACREDITAR.

Uma manhã tranquila se insurgira sucedendo dias de intensos sentimentos e agora via que nada estava acabado. Nem procurou entender como aqueles dois entraram em sua casa sem serem percebidos. Nada demais, visto que seu dedo agora enfaixado latejava como nunca, como a estar em sintonia com o desconforto que era a presença deles.

– Bom dia senhor Arnaldo. Pronto para dar um passeio? – Disse Emanuel enquanto Manolo continuava a olhar a estante de livros.

– E eu tenho escolha?

Recebeu como resposta um silêncio e um sorriso acolhedores. Em outra situação até poderia ver naquilo um gesto de boa vontade.

Andaram pela principal avenida que liga o centro com a zona norte da cidade. Atravessaram os bairros operários com seus prédios padronizados, ruas mal-asfaltadas, fios elétricos disputando espaço com as janelas, paredes malpintadas e descoloridas pela fuligem da poluição, pessoas andando como acrobatas no mínimo espaço das calçadas, lojas e mais lojas prometendo alguma individualidade que só poderia ser alcançada possuindo coisas e mais coisas. Caixas que possivelmente continham produtos que não tinham metade da beleza anunciada na embalagem, palhaços divulgando ofertas em meio à calçada com sua maquiagem borrada e sua empolgação já pela metade devido ao tempo da jornada de trabalho. Em algumas esquinas,

senhores, provavelmente aposentados (ou que deveriam estar desfrutando de sua aposentadoria), vendendo churrasquinhos que não poderíamos dizer se são assados pela brasa ou defumados pela fumaça dos canos de descarga dos carros. Vende-se ouro, compra-se cabelo, troca-se bateria, empresta-se dinheiro, anuncia-se o fim do mundo, conserta-se os dentes, fotografa-se a sua cara, pede-se dinheiro, divulga-se a ONG, convencem-se os eleitores, etc. E Arnaldo ainda sentia seu dedo doer.

Abandonaram essa região da cidade e se dirigiram a um morro. As casas começavam a ficar mais escassas, assim como as pessoas. Via algumas aqui e ali, provavelmente empregados das residências que agora se tornavam maiores, na mesma proporção em que subíamos o morro. Diminuíram a velocidade e pararam em frente a um grande portão prateado. Ninguém veio os atender, abriu automaticamente.

Ao atravessarem o portão, subiram uma pequena estrada em meio a um jardim muito bem-cuidado, com a grama bem-aparada e algumas araucárias. O carro contornou um chafariz em que a água descia dos dois lados da balança de uma estátua da justiça. A enorme casa era branca com uma escadaria que sustentava colunas gregas em frente às enormes janelas.

Emanuel e Manolo desembarcaram fazendo um sinal para que Arnaldo os seguisse. Adentraram o saguão da casa. Tudo ali era limpo, organizado, claro, harmônico. Quase como se ninguém pudesse viver naquele lugar.

Seguiram em fila por um arejado corredor. Muitos quadros na parede. Arnaldo não pôde identificá-los, mas eram imagens de batalhas, coroações e coisas nesse sentido. Ao final do corredor uma espécie de jardim de inverno com alguns sofás acolchoados soava como uma pintura. Emanuel indicou um lugar para ele acomodar-se.

– Senhor Arnaldo. Estava ansioso por encontrá-lo. – Uma voz calma veio de trás dele.

Um segundo depois surgiu de trás das flores um senhor pequeno e magro. Usava óculos também pequenos e redondos, era calvo e tinha uma barba muito branca e bem aparada. Movimentava-se

lentamente, como se estivesse representando um personagem muito bem-ensaiado e em câmera lenta. Foi assim que tirou as luvas de jardinagem. Sentou-se na poltrona a frente de Arnaldo, cruzando as pernas devagar e elegantemente.

– Permita apresentar-me. Sou Leopoldo Ricardo Gonçalves. Posso servir-lhe algo? Talvez um chá? – Fez um discreto sinal com a cabeça para Emanuel, que se retirou imediatamente.

– Peço desculpas pela atitude do senhor Manolo. Realmente seus métodos são um pouco ultrapassados para, digamos; os tempos atuais.

– Certamente. Assim fico mais tranquilo por seus cachorrinhos terem quebrado meu dedo.

– Não se preocupe, senhor Arnaldo. Não é nada pessoal. Mas é compreensível que pense assim. Vivemos em uma época de glorificação do individualismo. A decadência do pensamento na humanidade como um todo traz uma época muito sombria, da qual o tempo que fazemos parte é só um prelúdio. – Deu um leve suspiro enquanto pensava nas próprias palavras. – Mas, infelizmente, esta atitude foi necessária, pois temos que tensionar um pouco esta extrema garantia de direitos individuais das pessoas.

– Então, em nome de tudo isso, posso ser ameaçado por aquilo que você pensa ser o certo? Não se esqueça que fui coagido a estar aqui agora. E o pior de tudo é que nem sei por quê.

Leopoldo levantou-se e passou as mãos entre as folhas de uma planta próxima.

– Conhece essa espécie, senhor Arnaldo? Ela é tipicamente brasileira. Foi plantada em destaque no Jardim Botânico durante o Império. Havia uma preocupação muito grande em conservar os elementos tipicamente nacionais. Isso abarca desde plantas como essa e outras que estão aqui, animais, nossos selvagens, nosso minério, a memória dos nossos heróis e assim por diante. Pessoas se sacrificaram por isso, como alguns dos meus parentes. Felizmente meu pai deixou muitas posses para que eu, juntamente com alguns colegas, continuássemos nessa batalha pelo orgulho e progresso do nosso país.

– Isso não existe mais. Penso que tenha nascido no século errado.

– Não creio, senhor Arnaldo. Acredito estar exatamente onde deveria estar. Nunca alguma ordem foi tão necessária como hoje. Diga-me senhor Arnaldo: leciona a disciplina de história no seu trabalho, não? Quais são seus procedimentos nessa tarefa essencial para os jovens?

– Não sei dizer. Digamos que eu tenha perdido o jeito para a coisa.

– Por favor, não se menospreze desse jeito. Imagino o quanto foi, e ainda continua sendo, difícil colocar em prática tudo aquilo que lhe ensinaram na academia. Toda essa renovação historiográfica, todo esse combate a um tipo de história dita tradicional e que atende a interesses de manipuladores como eu. Afinal, nós, os vilões da história, não queremos criar nenhum juízo crítico nas novas gerações, queremos que elas sintam-se reconfortadas e que julguem estar no melhor momento da humanidade. Um presente legitimado, portanto. Como lidar com isso caro senhor Arnaldo?

– Realmente é difícil. Digamos que a rotina escolar vai nos engolindo aos poucos.

Emanuel chegou com uma bandeja e serviu o chá. Beberam alguns goles em silêncio.

– Pois bem, senhor Arnaldo. Entendo o quanto é difícil a sua tarefa, ao mesmo tempo em que é essencial. Mas tenho um questionamento. Acabou de dizer o quanto essa rotina vai, por assim dizer, acabando com suas potencialidades criativas. Temos um problema, pois foi a criatividade uma das maiores responsáveis por todos os progressos que a humanidade viu até hoje. Alguns desafiaram a ordem imposta para dar luz a novas descobertas. Mas pense bem, isso foi em um tempo de obscuridade, onde as luzes estavam sob o jugo de crenças metafísicas como a Igreja Católica. Quando nos libertamos disso, criamos instituições justamente para esses fins, produzir cidadãos dentro daquilo que traria a toda a espécie humana uma era de plena luz e conhecimento. Entre outras, senhor Arnaldo, criamos a escola.

– É o que lhe disse. Uma instituição do século XIX. Está um pouco atrasado no tempo.

– Caro senhor Arnaldo. O que eu questiono é: você não esta mais conseguindo ser criativo porque a escola ficou para trás, ou porque você e os que compartilham da sua visão distorceram completamente aquilo que a escola deveria oferecer para a sociedade?

Leopoldo disse isso com uma cadência e uma elegância, que Arnaldo não conseguiu achar uma resposta. Pelo menos não a altura. Pensou se talvez não fosse melhor mandá-lo para aquele lugar de uma vez por todas.

– Talvez. Mas produzir alguma coisa pela escola talvez não tenha dado certo... – Disse de uma maneira um tanto quanto não convicta.

– Temos que admitir, senhor Arnaldo. A escola mudou seus objetivos ao longo do século XX. Acredito que por isso as coisas tenham fugido ao controle, e não porque o projeto inicial não tenha dado certo. Tentamos controlar as coisas por um bom tempo em países como o nosso, segurar a onda de ideias que não estavam de acordo com a natureza humana. Você com certeza sabe do que eu estou falando, assim como deve me achar um monstro por pensar assim. Mas, além disso, o importante é que devemos recuperar esses objetivos, essa instrução para o bem coletivo, essa ordem da qual todos possam fazer parte.

– Realmente não consigo entender o que você está querendo? Já entrou em uma escola atualmente? Como pensa que conseguiria impor algum tipo de ordem em um lugar como aquele?

– Acredito que tudo seja possível, senhor Arnaldo. Basta colocarmos em prática como um projeto real e aplicável, não como delírios sentimentalistas. Se a situação se apresenta nessa configuração, com certeza foi porque muitos movimentos assim o permitiram. Poderia citar alguns: como a perda do caráter técnico em alguns lugares onde isso poderia funcionar, a falta de punição, a crença em uma subjetividade criadora, uma concepção de cidadania desordenada, as avaliações ditas construtivas, a perda de referência nos grandes e bons exemplos. A lista é tão grande quanto os feitos de Alexandre.

– Muito bem, muito bem. Quem sabe o senhor não se candidata a algum cargo político com essas propostas para a educação? Com certeza iria agradar muita gente.

– Não agimos assim senhor Arnaldo. O nosso papel é, digamos, mais discreto. Atuamos como uma espécie de observadores dos homens de ação que estão imersos na realidade cotidiana. Digamos que enxergamos a partir do todo, das leis que estão movendo e condicionam essas ações. A partir daí exercemos influências onde podemos.

– Realmente ninguém consegue ver vocês mesmo... – Disse Arnaldo entre um sorriso e um gole de chá.

– Poderia dar exemplo de algumas instituições onde temos nossa assinatura. Com certeza você as conhece. E com certeza você admitiria os méritos delas. Digamos que representem uma minoria, mas uma minoria muito importante para atuar onde é essencial, onde os resultados imperam mais do que qualquer outro fator. Até as instituições religiosas as têm como exemplo hoje em dia. Outras questões como senso crítico, valorização de saberes alternativos, diálogo construtivo, isso costumávamos deixar para que determinados setores sociais acreditassem estarem sendo valorizados. Mas, no fundo, talvez até eles mesmos soubessem o quanto a força de projetos educacionais nesse estilo não promovem grande mudança nas bases da estrutura. Enfim, a própria educação não tem esse poder que lhe é atribuído. Isso soa bem na propaganda política, pois não podemos esquecer que a educação como a concebemos hoje foi criada justamente para a manutenção de um tipo de ordem que, veja a ironia, pessoas como eu defendem.

– Costumávamos deixar? O que o senhor realmente quer comigo? Com certeza não foi para tomarmos chá e discutirmos sobre como a educação deve ou não deve ser.

– Muito bem, senhor Arnaldo. Peço desculpas, afinal, não estou acostumado a lidar com pessoas mais diretas e, perdoe-me a expressão, rudes como o senhor. Trago todos esses assuntos por que no grupo do qual faço parte sou responsável direto por essas questões educacionais. Posso dizer isso até mesmo com certo

desgosto. Mas enfim, aqui estamos e por acaso o senhor acabou se envolvendo em assuntos nossos, assim como por acaso também é professor de história. Respeito muito essa profissão, por isso todo esse diálogo.

– Tudo bem. Obrigado pelo rude, e obrigado pelo respeito à profissão, mas...

Leopoldo deu um discreto sorriso.

– Certo, senhor Arnaldo. Aqui estou novamente em rodeios. Enfim, não gosto muito de acasos, mas agora o senhor está envolvido e temos que lidar com essa situação. Ontem à tarde, como o senhor bem sabe, meus colaboradores o estavam seguindo e encontraram em sua posse certo documento. Não quero entrar em uma discussão sobre os métodos novamente, mas o senhor logo irá entender a necessidade deles. O referido documento é muito importante para certas questões que estamos tentando compreender melhor. Por isso a necessidade de tirarmos de sua posse. No entanto, ele está incompleto, e com a informação fragmentada não podemos tomar decisões, digamos, mais precisas.

– Eu nem sabia que estava com ele. Os seus dois cachorrinhos não me deixaram ver mais nada.

– Eu sei de toda a história, senhor Arnaldo. Não tenho necessidade de mais detalhes desses acontecimentos. E, além disso, estou a par das investigações policiais. E posso lhe dizer que é muito provável que uma aluna que tinha alguma espécie de relacionamento com ela seja a responsabilizada.

– Mas, pelo fato de eu estar aqui, ambos sabemos que isso não é verdade.

– É uma boa história para os jornais. Além disso, a polícia com certeza vai se empenhar no sentido de resolver logo o caso. Afinal, um crime dessa natureza em uma instituição de ensino superior torna-se algo complicado perante a opinião pública. Além disso, encontrar um culpado ou culpada que atribua uma responsabilidade individual a essa professora, sem comprometer a instituição é uma solução, digamos, mais confortável a todos.

Arnaldo sentiu-se impaciente com todos aqueles floreios e rodeios, mas por saber que Emanuel e Manolo provavelmente estavam atrás da porta decidiu permanecer em silêncio.

– Pois bem, senhor Arnaldo. A única maneira de termos algum entendimento do que pode ter realmente acontecido é esse documento. Só precisamos saber tudo o que ele diz para podermos ter algum acesso à verdade. Assim se faz, ou pelo menos se deveria fazer a história. E assim podemos resolver o nosso problema.

– Mas eu não tenho o restante desse tal documento. E nem sei do que se trata.

– Obviamente. Mas não é isso o que vou lhe pedir. – Leopoldo levantou-se enquanto olhava para cima, como se a seriedade do assunto chegasse a um nível máximo, como se precisasse buscar em algum lugar externo as palavras cuidadosamente. Seguiu:

– Como o senhor mesmo observou adequadamente, eu disse que costumávamos deixar outras concepções educacionais, por mais estranhas que fossem aos nossos propósitos, serem colocadas em prática sem nenhuma interferência. Mas estamos em um momento delicado. Muitas das questões que antes julgávamos apenas desvios da norma, e que em muitas ocasiões até ajudavam para legitimá-la, hoje estão adquirindo uma dimensão mais séria. Antes víamos com a nossa habitual curiosidade, a mesma que tínhamos em relação aos povos atrasados, experiências um tanto quanto exóticas serem levadas a cabo. Mas agora, muitas dessas práticas estão ganhando dimensões perigosas, inclusive se configurando em políticas oficiais que adquiriram um contorno perigoso. Afinal, isso inclui financiamentos, isso inclui acessos a lugares estratégicos da sociedade que aos poucos podem ir distorcendo por dentro uma ordem que almejamos. Por isso, estamos mais atentos do que nunca, e esse documento é um ponto-chave para essa questão.

– Tudo bem. Não vou nem discutir suas opiniões. O que eu quero saber, agora, é qual a minha utilidade na questão desse tal documento?

– Tudo bem senhor Arnaldo. Hoje pela manhã, com o empenho dos meus colaboradores que o senhor já testemunhou, localizamos

o restante do documento. Ele está em posse de certas pessoas que, como posso descrever... Não estão dispostas a nos ajudar em nossa empreitada. Por isso, a única forma de recuperá-lo é pagando certa quantia a esses indivíduos. Em princípio isso não é um problema, já que dispomos de recursos. O que nos leva a pedir um auxílio externo são as condições de tal atividade. Esses sujeitos, com certeza sem muita dignidade e olhar para uma dimensão mais ampla das coisas, exigiram uma troca presencial em um local não muito à altura dos ambientes em que costumamos circular. Além disso, um contato visual poderia nos comprometer, o que faz com que tenhamos a necessidade de um intermediário nessa fundamental ação.

– O que está querendo dizer é que precisam de alguém dispensável e insignificante para isso?

Leopoldo deu um sorriso contido, típico de um lorde.

– O senhor me diverte com a sua franqueza, caro Arnaldo. Mas não há necessidade de usarmos esses termos. Não é essa a questão. O que me fez procurá-lo foi a curiosidade e o envolvimento que criou em relação a esse caso. Posso ler em suas expressões o quanto, psicologicamente falando, assuntos ligadas à tal professora o afetam.

– Você tem a consciência de que o que está me pedindo é um tanto surreal?

– Temos que arriscar, senhor Arnaldo, mesmo que esse tipo de atitude não faça parte da minha postura. Mas eu tenho muita confiança no aceite da minha proposta, afinal, já tem passado algumas horas de surrealidade que, e admito que é só um palpite, o deixaram muito animado. Além disso, nem preciso ressaltar que existirá uma compensação financeira caso a resposta seja afirmativa.

Arnaldo sentiu-se desconfortável por saber o velho reacionário estava certo. Enquanto ele pensava, Leopoldo continuou.

– Já está tudo planejado, senhor Arnaldo. Basta que você execute. Manolo e Emanuel irão acompanhá-lo até uma distância segura do local da troca. Terão à disposição uma escuta e, para qualquer problema, o que julgamos pouco possível de acontecer, irão socorrê-lo imediatamente.

– Tudo bem. Quando vai ser a troca?

– Amanhã à noite. Vinte e uma horas. Emanuel e Manolo vão apanhá-lo em casa com meia hora de antecedência, com tudo mais o que for necessário. Nesse intervalo de tempo sugiro que o senhor aproveite para descansar um pouco. Algumas horas de sono lhe farão muito bem.

– Sabe que não posso exigir nada, e muito menos ameaçá-lo. A minha posição é um tanto quanto complicada.

Leopoldo levantou-se e tocou amigavelmente as suas costas.

– Ora senhor Arnaldo. Não se preocupe, eu não teria motivos para colocá-lo em uma situação desagradável, afinal, é de extrema importância aos meus interesses que nosso acordo seja favorável a ambas as partes. Comemoremos! Emanuel, por favor, traga o vinte e um anos.

Beberam o uísque. Arnaldo nunca tinha bebido algo assim, acabou curando a sua ressaca.

– Pois bem, senhor Arnaldo. Agora os meus colaboradores irão acompanhá-lo até sua casa. Como tudo está pensado para dar certo, creio que a possibilidade de voltarmos a nos ver é muito pequena. Desejo sucesso à nossa sociedade. Saúde e fraternidade!

Arnaldo o cumprimentou e seguiu acompanhado dos seus dois novos amigos. Sabia que Leopoldo era o diretor do museu mais importante da cidade. E ele, por sua vez, possivelmente sabia que Arnaldo sabia disso. Por que não mencionou nada? Ao mesmo tempo, porque não se preocupou em ocultar a sua identidade? Arnaldo sentia-se estranhamente em uma situação de saber que não tinha sido esclarecido de tudo, mas que ao mesmo tempo tudo parecia se revelar. Poderia sentir-se seguro?

– TEM CERTEZA DE QUE VAI FAZER ISSO?

Assim perguntou o homem que estava à frente dos outros. E todos eles estavam dispostos como a formar um paredão em frente à porta, olhando atentamente para qualquer reação de Sócrates. Ele estava sen-

tado ao lado da janela, fumando um cigarro, tentando transparecer serenidade, como a demonstrar que a situação nada tinha de alarmante.

– Não tem nada demais, Tião. Só vou com ela até a casa da mãe. Pegar algumas coisas.

– Só estou dizendo que é arriscado. Sair assim com a riquinha. E se os policiais enxergarem você com ela? Podem pensar que é sequestro, ou qualquer outro motivo para parar o carro.

– Mas qual é o problema? Não teremos nada em cima...

– Irmão... Você está ficando mais conhecido. Não é bom dar chance ao acaso agora...

Sócrates levantou-se e passou a encarar Tião e os demais atrás dele mais firmemente. Circulou pela sala para intensificar o clima de autoridade que nunca teve naturalmente, era sempre preciso trabalhá-lo. Parou bem em frente e a dois centímetros do rosto de Tião, em uma atitude de firmeza e respeito ao mesmo tempo.

– Tião. Por enquanto sou eu que decido as coisas por aqui, principalmente no que diz respeito a mim mesmo.

– Mas é isso mesmo que eu espero, irmão. Que você decida as coisas, e principalmente quando diz respeito a sua vida. – Disse ele também mantendo a posição.

Os outros se agitaram controladamente, movimento comum em situações de conflito interno. Como a estar preparado para qualquer coisa, inclusive escolher algum lado em uma finalização extrema. Sócrates olhou em volta, sem tirar seu corpo da posição rígida em frente a Tião.

– Você está querendo dizer o que com isso? – Disse o encarando novamente.

– Não estou querendo lhe afrontar, irmão. Mas não é nosso negócio isso de se envolver com pessoas dessas zonas. Principalmente quando tem morte na história.

– A mãe dela morreu, meu amigo. Não está enxergando isso?

– Mas isso é com ela, é coisa de família. Não vai dizer que quer ser um genro dedicado?

– Eu vou dar um apoio para ela. Ela é minha mulher pelo amor de deus! Entende isso?

– Tudo bem. Tudo bem – Disse Tião levantando os braços em um gesto de quem se rende. Afastou-se e caminhou em direção a porta, se virando antes de sair. – Mas não se esqueça do que você mesmo vive dizendo. Só pode controlar a firma quem controla a si mesmo. Saiba quem tem que mandar na sua vida.

Ele saiu seguido por alguns. Sócrates observou os que ficaram. Seriam alianças se insinuando? Infelizmente tinha que viver com essas maquinações políticas na cabeça, a cada decisão tomada, mesmo que fosse pessoal. Saiu do centro de comando tocando nos ombros de alguns, como a demonstrar um agradecimento pelo suposto apoio. Seria preciso encontrar algum modo de equilibrar novamente essa situação, de deixar a comunidade harmonizada. Evitar que alguém se transformasse em vilão da história. Mas primeiro deveria fazer àquilo que prometera à sua princesa, pois manter a palavra talvez ainda fosse uma demonstração maior de força.

Alana recolhia tintas, pincéis, rolos e outros materiais de pintura quando se deu conta da hora. Era preciso ir para casa e se encontrar com Sócrates. A reforma do centro comunitário fora uma ótima atividade para evitar, mesmo que minimamente, seu pensamento sobre Cléo. A morte de sua mãe ainda não soava com realidade, e talvez por isso seus sentimentos ainda não tenham sido exteriorizadas sobre as formas conhecidas de tristeza.

Desde que se mudara para a casa de Sócrates há algumas semanas, somado aos dias em que esteve envolvida com outras coisas, não a viu. Não conseguia contabilizar o tempo, mas sabia que era bastante. As duas já haviam se acostumado com a rotineira ausência, tanto de uma como da outra. Algumas ligações ou recados esparsos, que esporadicamente eram retornados. Os vazios de encontros definiam esta relação há algum tempo, o que na verdade era de comum acordo, mesmo que silencioso. Talvez seu luto fosse mais por causa da própria vida da mãe, tão cheia dela, e não de sua falta como companhia ou alguém que exercia esse papel. Era triste saber que Cléo não estava mais por aí fazendo alguém sentir falta dela.

A mulher mais inspiradora do mundo não era uma musa, mas

sim da vida. Era assim que gostava de referir, ou definir, sua mãe.

Concluiu que sentiria mais falta do orgulho que sentia dela. Mesmo que por vezes não concordassem com ela em muitas coisas.

Já estava pronta para chorar. E foi o que fez enquanto subia a trilha que levava a casa de Sócrates. Chegando lá recebeu um abraço longo e silencioso.

– Pronta para ir?

Os dois seguiram em silêncio pela longa avenida que ligava a zona leste da cidade até o bairro ao lado do centro, tipicamente constituído por moradores que ainda gostariam de morar por ali, mas fugiram à sua decadência. O porteiro do prédio desconfiou da presença dos dois até o momento em que se lembrou de que Alana era a filha de Cléo.

O apartamento estava de acordo com o que ela esperava, uma bagunça habitual acompanhada agora da presença de uma realidade inverossímil. Alana sabia que mais cedo ou mais tarde teria que se preocupar com questões formais, como o reconhecimento do corpo, transferência de bens, etc. Mas deixou para pensar isso em outro momento, de preferência não envolvendo Sócrates. O que importava agora era recolher algumas poucas coisas, como alguns vestígios necessários para manter viva pelo menos aquela afeição. Ela sempre precisava saber de onde veio e o que queria, como a demarcar sua posição, era assim que funcionava o seu pensamento.

Na verdade não havia muito que levar. Já morava sozinha há cerca de dois anos, desde quando foi para república estudantil que acabara de sair. Somente imaginava que, no fundo, o que buscava era bem específico, mas pegou outras coisas como roupas e CDs para disfarçar o provável ridículo que alguém, ou ela mesma, julgaria sua vontade. Depois de guardar alguns destes itens em uma sacola enquanto Sócrates esperava na sala, foi até o que um dia fora seu quarto e procurou no fundo do velho armário. Aquela caixa de metal continha muito do que buscava sempre manter para constituir sua história, de uma forma específica, individualizante, bem demarcada subjetivamente.

Olhou mais uma vez aquele espaço onde viveu durante muitos anos. Quando respirou o ar que daria fôlego aos pensamentos de despedida ouviu alguém batendo à porta.

Alana e Sócrates se encararam por dois longos segundos. Não era preciso que nada fosse dito, pois com certeza ele não deveria estar ali. Ela virou-se em direção a porta sabendo que seu companheiro já não mais estaria na sala. Pelo olho mágico viu dois homens, interpretando suas presenças como sendo aquilo que menos esperava que fossem até agora.

– Posso ajudá-los? – Perguntou sem abrir a porta.

– Alana Sabathini?

– Sim. Quem são vocês?

– Somos da polícia civil. Estivemos a procurando, como deve imaginar...

Aquele maldito porteiro. Foi o primeiro pensamento que veio a sua mente.

– Eu sei. Mas por favor, agora não estou em condições de falar com ninguém. Não podem vir amanhã?

– Sinto muito, senhorita Alana. Sabemos o quanto deve ser difícil o momento. Poderíamos simplesmente deixar nosso cartão?

Contrariada, mas sem pensar em outra saída, ela entreabriu a porta, deixando apenas a corrente como segurança. Viu uma faixa vertical do homem mais a frente com um cartão em mãos.

– Por favor. Ligue-nos amanhã sem falta. É muito importante a sua presença em certos procedimentos.

Ela segurou com as mãos levemente trêmulas o cartão em branco e o virou. Leu a primeira sílaba, e o que pôde enxergar no segundo seguinte foi o teto do apartamento enquanto sentia a dor de sua cabeça chocando-se contra o chão. O barulho da rápida operação foi o mais discreto possível.

Abriu os olhos com um homem sentado sobre o seu corpo, não pode perceber se desmaiara. E muito menos quanto tempo tinha se passado. Tentou olhar para trás e ver o que o outro homem estava fazendo. Sua visão foi direcionada pelas mãos do que a estava segurando.

– Alana. Quero que preste muita atenção. Não queremos ficar aqui mais tempo do que planejamos. Por isso eu tenho duas perguntas claras e diretas. Primeira: Onde está o seu namorado traficante?

– Não sei. Ele saiu quando ouvimos alguém bater na porta. – Disse ela tentando mover a cabeça, impedida pela força que ele empregava.

Ele fez um sinal para o outro homem que ela não conseguiu compreender.

– Muito bem. A segunda pergunta é: onde está o projeto de pesquisa da sua mãe? – Disse ele enquanto a colocava no sofá.

– O que?

Ele pegou a sacola que estava do lado do sofá.

– Está entre essas coisas que estava levando embora? – Disse alto a si mesmo enquanto revirava seu conteúdo. – O que é isso? – Perguntou tirando uma caixa de metal enquanto roupas caíam espalhadas no chão.

– Isso é coisa minha. Não sei do que você está falando.

– Fotos?! – Perguntou as revirando dentro da caixa, deixando cair algumas.

Ela viu sobre o carpete uma fotografia em que acompanhava a mãe em uma passeata pelos diretos das mulheres. Ela deveria ter um cinco anos, e sobre sua barriga estava escrito com batom “no futuro também serei uma vadia”.

Ele se aproximou dela abrindo um canivete. Ela conseguiu ver seu olho distorcido pelo fosco metal da lâmina antes de começar a soluçar.

– Senhorita Alana. Está tudo dominado pelas incertezas aqui. E isso não me agrada. Por acaso sabe o que significa uma amostra?

O pavor não a deixou responder. Fora salva, ou pelo menos foi isso o que pôde entender, por um barulho repentino vindo do outro lado do apartamento. Ele se virou, mas a imagem do olho dela, agora lacrimejando, seguiu na lâmina fixa em sua frente.

– Manolo? – Disse ele não gritando, mas enfatizando a seriedade da situação.

Ela sentiu uma das mãos dele a segurando pela parte de trás da cabeça, tendo os dreadlocks como um ponto fixo de onde podia manipulá-la. Ao mesmo tempo a imagem da lâmina transformou-se em uma sensação de pressão contra sua garganta, e ela pode sentir uma liquidez no ponto de contato. A imagem fosca do olho agora substituída pela mancha avermelhada do sangue. Ele a conduziu da sala até a cozinha, um trajeto que soou como horas no tempo sensível.

O corpo dela agora era a proteção dele enquanto durasse aquela situação. A cada passo um novo impulso da lâmina em sua garganta. E ela imaginava quanto ainda andariam até encontrarem alguma resposta, ou um simples momento de pausa. Na cozinha, as mãos dele subiram dos dreadlocks até o couro cabeludo, agarrando uma superfície muito maior, com uma força que a fazia quase sentir as pontas de seus dedos tocarem os ossos de seu crânio.

– Muito bem. Você sabe que as suas possibilidades de êxito agora são bem menores. – Disse Emanuel com uma tranquilidade que contrastava com a maneira com que se segurava à Alana.

Ela sentia a respiração de Emanuel em sua nuca quando viu a figura de Sócrates insinuar-se na janela que dava para a área de serviço. A ponta afiada da lâmina estava a machucando de tal maneira que sentia o seu corpo se preparando para uma possível reação. Sócrates estava há uns cinco metros à frente, enquanto ela e seu agressor quase confundiam seus corpos pela inexistente distância. Lembrou-se de que em alguns momentos temeu a violência no ambiente em que agora morava, e jamais imaginaria que aquela situação se daria justamente ali. Não pôde ver e nem pensar em nada quando tudo aconteceu.

AZAR DE QUEM TENTA FAZER AS COISAS CORRETAMENTE.

Esta era frase que piscava em seus pensamentos como uma placa de boate enquanto subia as escadas para o escritório. Ele foi a desdobrando enquanto servia o café disponível na recepção. Por um lado era questão de azar mesmo, pois os procedimentos arcaicos de seu

chefe vivam dando resultado, e por isso todos o respeitavam. Já ele, por sua vez, buscava o rigor e o trabalho duro de quem estudou anos para isso e julgava sua tarefa essencial para a sociedade. Mas empenho atrasava os resultados, o que parecia ser o único critério para definir qualquer eficiência. O esforço não garante o sucesso, poderia ser o complemento à sua tese do dia. E realmente ir simplesmente fazendo o que lhe dá na cabeça pode ser um método respeitado, desde que traga resultados, não importam quais.

Por outro lado, o segundo extremo da frase também era uma triste verdade da qual estava sendo convencido. Fazer as coisas direito poderia significar não somente o rigor investigativo que pensara antes, mas também agir dentro da legalidade, daquilo que era pago para proteger. Sabia o quanto ainda era forte esta tendência de simplesmente fazer as coisas à moda dos períodos da repressão, e sentia vergonha de ser um policial por causa disso. Seu chefe simplesmente saía interrogando pessoas na hora que bem entendesse, e não como mandava as normas, na delegacia, com advogados, com papéis para serem assinados e arquivados. Ainda ficava irritado com essa cultura de o interrogatório ter muito mais importância do que recolhimento de provas científicas. Tristes resquícios de nosso passado recente.

Sérgio terminou o café, serviu mais um e caminhou em direção a sala de Adão. Métodos ultrapassados da polícia: ame-os ou deixe-os.

Agora mais do que nunca: Azar de quem tenta fazer as coisas direito.

A sala de Adão era uma bagunça, típica de um funcionalismo público displicente com aqueles que deveriam servir. Tudo ali servia de motivo para deixar Sérgio com nojo. E o que fazia com que ele suportasse aquele convívio com um passado que desprezava era a proximidade da aposentadoria de seu chefe. Bateu na porta e entrou, deparando-se exatamente com o ambiente que imaginara. As pilhas de papéis desorganizadas e fora dos arquivos, o acúmulo de poeira em qualquer lugar, o ventilador barulhento, o computador que nunca era ligado e o pior de tudo: aquele homem sentado em sua injusta segurança.

– Bom dia, chefe.

– Consegui encontrar a filha?

– Eu fui até a república estudantil ontem. Ela saiu de lá e ninguém quis dizer para onde foi.

– Como assim ninguém quis dizer?

– Todos os amigos disseram que não sabiam. Mas foi fácil de perceber que alguns estavam mentindo.

– Então não deveria ter descoberto de qualquer jeito?

Sérgio engoliu aquelas palavras. Sabia o que Adão queria dizer com isso.

– Então hoje você vai voltar lá e conseguir a informação. Foi claro?

Ele concordou, não conseguia esboçar outro tipo de reação. Estava com o laudo da perícia em mãos e gostaria de examiná-lo, mas percebeu que isso só poderia ser feito a noite, em seu horário de folga, como já acontecera outras vezes. Colocou o envelope em cima da mesa.

– Mas antes, enquanto eu examino o laudo da perícia, quero que vá com dois outros policiais buscar a ex-aluna dela. – Disse Adão pegando o envelope.

– Mas você não a interrogou ontem?

– Sim. Mas ela está escondendo alguma coisa. Consegui mandado para prisão preventiva. Agora ela é a principal suspeita.

Sérgio se surpreendeu com tudo aquilo. Em primeiro lugar, por Adão se disponibilizar a ler o laudo enquanto ele ia buscar a suspeita. Em segundo, por suspeitar de alguém e trazê-la à delegacia somente depois de conseguir mandado. Alguma coisa estava muito estranha naquilo tudo. Além disso, o que disse àquela garota ontem que fez somente hoje com que a tratasse como suspeita? Realmente não estava a vontade com aquilo, pois conhecia o seu superior o bastante para saber que algum movimento desleal com a legalidade estava acontecendo.

– Tudo bem, chefe. Mas é preciso o apoio de mais dois policiais? Afinal, ela é só...

– Se tratando de você, talvez seja pouco. – Interrompeu Adão sem tirar os olhos do envelope. – Está esperando que? Vai de uma vez!

Ele se levantou antes que as grosserias de Adão fossem além do normal, o que o deixava desconcentrado pelo resto do dia. Fechou a porta antes de dar qualquer motivo a ele para continuar.

Adão abriu o envelope enquanto ouvia o som da porta sendo fechada. Tirou o seu conteúdo e pensava na inutilidade da possibilidade de ter que justificar alguma decisão sua, principalmente para esses subalternos engomadinhos, cheios de palavras pomposas e conhecimentos inúteis. Começou a ler o conteúdo de algumas páginas, o que se resumia à primeira frase de cada parágrafo. Tudo ali poderia ser resumido à meia página, mas essas malditas burocracias inchavam qualquer conclusão com voltas e mais voltas que não levavam a lugar nenhum. Impressões digitais das mais variadas, o que só poderia ajudar em caso de comparação com algum suspeito; possível arma do crime, o que só teria utilidade se fosse comparada com alguma que eles tenham encontrado antes; horário da morte com margem de erro de algumas horas, o que só poderia ajudar caso eles suspeitassem de que ela teria sido assassinada em outro lugar. Enfim, tudo dependeria de quais as linhas de investigação eles seguissem previamente à perícia.

Essa era a questão que Adão precisava definir agora. Qual a principal tese. O telefone tocou pela quinta vez naquela manhã. Ele não atendeu, pois sabia que deveria ser a maldita imprensa buscando qualquer atração para armar o seu circo de horrores. E o pior de tudo era o desgraçado do delegado, que cobrava tanto a principal hipótese do caso quanto alguma declaração à imprensa. Adão deixava esse trabalho para ele, afinal delegados sempre esperam qualquer informação que os coloque sobre os holofotes enquanto praticamente não fazem nada. Lembrou novamente do quanto gostaria de estar na polícia militar, não suportava mais esses malditos civis e todos os seus jogos maleáveis.

Mas já que estava ali e, felizmente, sua aposentadoria estava mais próxima do que nunca, daria aos leões algo com o que se alimentar.

Leões amestrados, não caçavam, só esperavam a presa de bandeja, é assim que funciona todo esse zoológico civil. Pegou o telefone e chamou o delegado. Informou-o que estava prendendo como principal suspeita Gabriela dos Santos, ex-aluna de Cléo e que mantinha com ela uma relação possivelmente promíscua. Exatamente o que todos procuravam, sim, um crime passional e ainda com toques de lesbianismo, satanismo ou qualquer uma dessas bizarrices. Não estava totalmente feliz com essa decisão, mas lembrou dos bons tempos da revolução, quando mesmo que aquele que interrogava não fosse exatamente subversivo, ou era maconheiro ou tinha cometido algum outro tipo de crime. No fim das contas algum bem para a sociedade estaria fazendo, mesmo que não exatamente pelo que deveria encontrar.

Confortou-se com o fato de que tivera boas opções na balança. De um lado um professor inútil e fracassado, de outro uma jovem indecisa e provavelmente drogada. O que pesou em sua decisão foi o fato de que o maldito delegado se animaria mais com a segunda opção. Afinal, um professor ainda poderia causar uma mobilização maior a favor dele do que uma garota pobre e solitária. De qualquer modo, ainda podia ganhar tempo enquanto todos se distraíam com a acusação dela, afinal, teriam muito material sórdido para fuçar como porcos no chiqueiro. E assim, quem sabe, algum outro personagem mais desprezível e legitimamente culpado poderia aparecer.

Envergonhou-se por alguns instantes de ter aprendido a encenar esse teatrinho desprezível.

Decidiu esperar seus subordinados chegarem com a suspeita, afinal, para qualquer ocasião estava analisando o relatório da perícia.

Duas horas depois estava atravessando o corredor que levava a sala onde Gabriela estava esperando o interrogatório. Sérgio estava ansioso do lado de fora.

– Chefe. Foi um inferno chegar com ela aqui. Repórteres estão se acumulando.

– Como parasitas no intestino de criança pobre...

Os dois ficaram em silêncio por alguns segundos, uma postura estranha para policiais em meio a um caso que deveria incitar adre-

nalina. Pelo menos esse era o pensamento de Sérgio, já que Adão estava indiferente a qualquer aparência.

– O advogado dela já chegou? – Perguntou Adão olhando para os lados.

– Já esta ali dentro. É o sujeito mais burro que o estado pôde arranjar. – Disse Sérgio um pouco contrariado com a injustiça de sua piada. Mas pelo menos conseguiu arrancar um meio-sorriso de seu chefe.

– Bom para nós. Muito bom. Vamos lá.

Sérgio sabia que esse era o principal momento da investigação para Adão, o que significava a velha confiança nos interrogatórios dessa velha guarda autoritária. Era só isso que eles sabiam fazer.

Adão entrou na pequena sala devagar e em silêncio. Seu enorme corpo não deixou espaço para a passagem de Sérgio, e ele ficou ali indeciso entre ficar ou sair. Decidiu pela primeira opção quando viu seu chefe o encarar e sentar-se em frente a Gabriela e seu advogado. O homem de terno amarrotado e gravata colorida não disse nada, provavelmente só estava cumprindo expediente.

– Então Gabriela. A sinceridade vai prevalecer dessa vez? – Disse Adão cruzando os braços.

– Qual delas? A minha ou a sua? – Respondeu ela olhando para a mesa.

– Menina. Não está em posição de retrucar com ironias.

– Isso não é ironia. É a verdade. Não é o que você quer?

Adão olhou para Sérgio.

– Acho que ela precisa de um café para ficar mais concentrada. – Voltou a encará-la. – Não entende o que está acontecendo aqui? Terá que colaborar, pois talvez seja a única maneira de ter algum benefício.

– Me parece que os benefícios não incluem sair daqui sem nenhuma acusação.

– Isso só depende de você, Gabriela. Onde estava entre uma e seis da manhã na madrugada da morte de Cléo?

– Eu já disse. Cheguei em casa por volta da meia noite e meia. Voltei com o último ônibus. Não verificou com o motorista?

– Não precisa me ensinar a fazer o meu trabalho, mocinha. Assim como não precisa repetir o que já disse. Do que não aconteceu de verdade você já me informou.

Gabriela desviou seu olhar fixo à mesa quando percebeu Sérgio entrando na sala com duas xícaras de café. Segurou o seu com as duas mãos, concentrada no reflexo sombrio que o líquido fazia de si mesma. Olhou diretamente para Adão.

– E quais seriam então os benefícios que você mencionou antes?

– Querida. Não posso prometer nada. Não sou eu quem decide sobre o destino dos infelizes que vem parar nessa sala. Mas quem sabe, alguma informação que traga uma luz nova. Isso pode ser bom para você, tirar os nossos holofotes da sua figura agora. Pelo menos os nossos, por que os da imprensa já estão bem posicionados.

Gabriela olhou para o homem de terno ao seu lado. Ele fez alguns movimentos com a cabeça que ela não conseguiu interpretar. Concluiu que estava mais sozinha do que nunca, afinal, era difícil não acreditar que a aluna pobre e lésbica matasse por ciúmes sua amante mais velha com certo status social. Era o caso perfeito em vários sentidos. Não tinha falado sobre isso com seu acusador, e agora único possível aliado, mas ambos sabiam que esse era o cenário que se desenharia.

– Bom, naquela noite, quando cheguei em casa com o último ônibus, acabei saindo novamente.

– Agora estamos conversando como adultos...

– Na noite em que ela morreu, eu tinha saído da casa dela horas antes, como o senhor já sabe. Enfim... Recebi a mensagem dizendo que ela não mais apareceria.

– Confere. E foi para onde?

– Algumas semanas antes eu estava lá e alguém apareceu. Uma pessoa que não parecia estar nada bem. Como fui dispensada, e com isso muito fiquei chateada, esperei na rua até ele sair novamente. Eu o segui e descobri onde mora.

– Interessante...

– Alguns dias depois eu não estava conseguindo falar com Cléo.

Então o segui novamente. Mas dessa vez foi diferente.

Adão olhou novamente para Sérgio, que parecia mais do que concentrado em suas anotações. Ela seguiu quando ele voltou a dar-lhe sua atenção.

– Talvez eu possa lhe contar sobre um homem. Um homem muito estranho...

– Homens estranhos me interessam, Gabriela. Desde que, claro, eles existam.

Ela bebeu o último gole de café como se fosse uma dose de vodka, o impulso necessário a qualquer tentativa de sinceridade.

ELA NÃO PODIA DESFRUTAR DA DELICADEZA DAQUELA MANHÃ.

Seus óculos escuros e seus passos calculados não permitiam qualquer desvio para a apreciação de qualquer detalhe supérfluo. O beijo dos namorados no banco, o carinho do pai que acariciava a cabeça do filho, o grafite anticapitalista na parede externa da agência bancária, as cores vivas das plantas que resistiam ao concreto e a sombra engraçada projetada sobre o cruzamento. Tudo isso e muito mais passou despercebido enquanto ela andava de uma maneira discretamente cômica pelo centro da cidade. Era preciso estar atenta a qualquer movimento do homem que andava a uns cem metros à sua frente.

Não conseguia acreditar que estava realmente fazendo aquilo. Da última vez prometera a si mesma que não deixaria aquela relação dominar suas ações. Mas antes mesmo de lembrar sua promessa a si mesma já estava caminhando na rua como uma doida qualquer, tropeçando nas pessoas enquanto o observava em uma tentativa fracassada de discrição à distância. Certamente em outras vezes fora pior, como naquela em que descobriu a senha dela e leu seus e-mails, mensagens em redes sociais e fotos que não conhecia. Pior, por que eram descobertas por ela e discutidas de uma forma que a fazia enxergar o quanto estava sendo ridícula com isso. Pelo menos dessa vez ela não sabia de nada, assim como seria difícil saber.

Há alguns dias aquele homem bateu na porta do apartamento dela, todo suado e tentando sem sucesso dissimular o nervosismo.

Justamente em uma noite em que estavam se divertindo como nunca, preparando jantar, escolhendo o filme, já altas pelo efeito do vinho. Quando atendeu a porta e aquele homem perguntou por Cléo, ela já pôde perceber a mudança no humor em sua companheira, expressando uma seriedade que nunca tinha vista nela. Claro que cinco minutos depois ela estava separada da companhia de Cléo, tropeçando solitária em direção ao ponto de ônibus.

E agora estava ali, seguindo aquele homem por um impulso que sempre reprovava, mas que frequentemente a levava a situações constrangedoras. Sabia o quanto não adiantava resistir, pois o arrependimento ainda estava distante.

Parou na esquina da praça quando viu que ele entrou em um café na outra quadra. Não sabia exatamente o que fazer, mas não podia dar chance à possibilidade de perdê-lo de vista. Quem sabe não se encontrariam ali? Seria um tanto quanto impensável imaginar que um encontro com Cléo fosse marcado àquela hora, mas ela deveria estar atenta, afinal, não sabia da existência dele até bem pouco tempo, e quando apareceu na casa dela naquela noite parecia estar tão certo que iria ser recebido. Horários diferentes, relacionamentos diferentes. Quem pode afirmar com certeza?

Passou em frente ao café e não pode vê-lo pelas limitadas janelas do estabelecimento. Decidiu entrar da maneira mais discreta possível. Mal colocou todo seu corpo dentro do lugar e já pôde ouvir uma saudação animada em voz alta.

– Gabi! Quanto tempo! Que maravilha encontrá-la assim, ao acaso.

Ela sentiu o coração inflar o seu peito ao mesmo tempo que as pernas perderam sua firmeza. Olhou em todas as direções e percebeu que foi o centro das atenções do pacato café. Com um sorriso sem jeito cumprimentou o homem que sabia bem quem era, mas não no sentido em que ele encenou.

– Por favor. Junte-se a mim. Eu tinha certeza que o destino reservava-me uma companhia especial nessa agradável manhã.

Ela sentou-se sem saber para onde olhar, como sentir que todos ali a observavam, mesmo que eles seguissem com seu café rotineiro.

– Prove uma fatia do bolo de laranja. Vai acabar vindo aqui todas as manhãs.

Os dois ficaram em silêncio enquanto a garçonete os servia. Ela, séria e com os olhos fixos para a mesa, ele, sorrindo de uma maneira caricata. Mastigou os primeiros pedaços e bebeu pequenos goles de café no intervalo entre eles.

– Coma Gabi. Não vai se arrepender. Pode confiar...

– Pode parar com a encenação, por favor? – Interrompeu ela levantando o rosto.

– Querida. Não fui eu quem começou com o esconde-esconde.

– O que você tem com a Cléo?

Ele limpou a boca com o guardanapo e mostrou uma expressão séria.

– E o que você tem com a Cléo?

– Isso não é problema seu.

– Quem tem que estar desconfiado aqui é eu, meu anjo. Afinal, não fui eu quem saiu perseguindo as pessoas por aí. Aliás, como descobriu onde moro?

– Não interessa. Mas foi mais fácil do que pode imaginar.

– Isso é uma questão importante. Algumas pessoas não existem, Gabi. Sabe disso?

– Está dizendo que você não deveria existir?

– Não estou dizendo nada. Só que é preciso ter cuidado com o que, ou quem você faz aparecer.

– Por acaso está me ameaçando?

– Ora, Gabi. É muito jovem e bonita. Por isso não consegue alcançar muita sutileza. Joga as questões assim, diretamente. – Ele fez um movimento com os braços. – Não se pode pescar sem iscas. Você descobriu quem sou, você me seguiu e, conseqüentemente, quer alguma coisa. E com certeza mostra muita inteligência com isso. Mas não é desse modo que vai conseguir.

– Eu não sei quem você é, e, para ser sincera, não dou à mínima. Só descobri onde mora.

– Interessante. Nunca ouviu a expressão “na hora errada e no lugar errado”? Pense nisso. – Disse ele apontando na direção dela o

garfo com um pedaço de bolo na ponta.

– Desculpe pela falta de sutileza. Mas eu só quero saber isso. O que você tem com a Cléo.

– Bem... Eu já repliquei a pergunta antes. Não farei novamente. Ou, melhor. Respondo por você. Está aqui por causa de ciúmes, não? Ela não respondeu.

– Indigno sentimento. Acabou até mesmo com cientistas brilhantes. Você sabia? Mas deixe-me perguntar minha cara: Você estava lá naquela noite e me viu sendo recebido por ela, não?

Ela seguiu em silêncio.

– Entenderei a falta de reação como um sim. Então, se mantêm uma relação que pede a exclusividade, por que não interferiu?

– Por que nós somos livres para fazer o que quisermos.

– Liberdade em relacionamentos? Não me faça rir. Crença que está ao mesmo nível do sentimento de ciúmes. Se compartilhasse dessa liberdade não estaria seguindo um suposto amante, estaria?

– Então você tem alguma coisa com ela?

– Não me faça rir menina. Desde quando uma garota como você, digo, assim tão jovem e bonita, se deixa submeter às exigências dos outros?

– Você não sabe de nada...

– Sabe que tens razão? Já que sabe onde moro, por que não diz algo sobre você?

– Não tenho que falar da minha vida para você.

– É justo. Mas se eu dissesse que posso oferecer ajuda? Diga-me Gabi, sua vida é um caos?

– E a de quem não é?

– Pensamento errado querida. A de muitos não é, eles acham um ponto equilibrado para suportar a vida. Diga-me como é viver nessa constante confusão, nesta constante impossibilidade de ligar alguma coisa a qualquer outra...

Gabriela não respondeu. Pensou no quanto lutava em si mesma para dominar esses sentimentos que julgava antiquados, mas não podia demonstrar nada disso para ele. Acabou por associar o que ele disse a essa constante falta de definição daquilo que era, ou, no caso, deveria ser.

– Pelo movimento circular dos seus olhos, devo concluir que estou no caminho certo?

– Se é o que pensa... Não me interessam suas verdades – Disse dando de ombros.

– Interessa sim, Gabi. Não se esqueça de que me seguiu até aqui para descobrir uma verdade que, ironicamente, eu devo enunciar. Se não se interessasse pelas minhas verdades, perguntaria o que a aflige para Cléo, não é mesmo? Quer dizer, creio que não, por que você tem medo de perder essas migalhas de relacionamento nas quais tanto se agarra...

– Você é um cretino. Agora eu tenho certeza que não tem nada com Cléo mesmo. Ela nunca se relacionaria com alguém que pensa assim.

– E ela se relacionaria com alguém que faz o que você faz por ciúmes?

– Adeus, seu babaca.

Ele a segurou pelo braço, tentando transparecer alguma gentileza.

– Minha cara. Fique, por favor. Eu disse que posso ajudar a organizar esse caos. Quem sabe vamos até sua casa e conversamos sobre isso?

Antes que ele pudesse articular mais algumas frases de convencimento sentiu todo o conteúdo da xícara dela sendo jogado sobre o seu rosto. Enquanto lutou com a natural expansão do líquido que o queimava viu Gabriela saindo rapidamente pela porta. Alguns trabalhadores do lugar foram ajudá-lo, e ele os repeliu imediatamente. Foi até o banheiro e deixou o rosto embaixo da água corrente da pia. Pensou se aquela não era uma boa oportunidade para planejar alguma intervenção, afinal, seria um desafio belíssimo. Viu seu rosto todo avermelhado no espelho e percebeu que deveria esperar as intensidades dispersarem e tudo ficar em condições de organizar um planejamento adequado.

Corte, referencia, desaceleração.

– ALANA! FAÇA O FAVOR DE OLHAR SOMENTE PARA A SUA PROVA!

Ela achou a advertência injusta, afinal estava somente fitando o vazio na tentativa desesperada de encontrar lá alguma lembrança ou inspiração. Não a interessava o que se passava nas carteiras ao lado, assim como aqueles cálculos impressos no papel que julgariam sua capacidade ou não de aprender. Uma súbita raiva brotou de algum lugar tão indeterminado como as possíveis respostas que marcaria no teste. Levantou a mão.

– Sim, Alana. – Disse a professora desanimada.

– Você sabia que os incas faziam cálculos tão sofisticados quanto esses aqui?

– Eu sei Alana. Mas a prova não é sobre os Incas.

– Mas deveria. Tudo o que está aqui é conhecimento europeu, não?

A professora largou o livro na mesa e tirou seus óculos.

– Alana... Essa não é a primeira vez que você tenta compensar sua falta de estudos com dúvidas que não tem relação alguma com a matéria.

– E não é a primeira vez que você me impede de questionar.

– Alana... Nós vamos fazer isso novamente?

– Depende de você. Já que eu nunca posso decidir nada mesmo.

A professora olhou para o resto da turma e viu todos aqueles rostos e expectativas fixos nela. Com um longo e sonoro suspiro levantou-se de sua cadeira e caminhou rapidamente até o lugar de Alana. Tomou a prova dela e disse já voltando ao seu lugar, de costas para ela.

– Pode ir conversar com a diretora então. Quem sabe ela está disposta a ouvir você novamente.

Alana levantou-se, mas não sem empurrar a carteira que caiu no chão com todo o barulho metálico que suas pernas enferrujadas proporcionavam. Encarou a professora e bateu a porta ao sair.

– E vocês, por favor. Voltem para suas provas!

Ela andou pelo corredor sem a mínima pressa. O mundo era muito maior que aquela escolinha de meia tigela, e ela sabia que agora vivia em uma situação delicada. Não tinha mais a mínima paciência

para aquelas besteiras que ouvia ali diariamente ao mesmo tempo que precisa terminar de uma vez por todas essa porcaria. Aquelas grades, aqueles horários, aqueles lerdos, aqueles ditos conteúdos, tudo parecia fazer parte de um grande teste, mas de paciência, e não de desenvolvimento como muitos pregavam. Talvez esse fosse o grande objetivo: quem mais se permitisse perder qualquer vontade de vida ganhava o diploma final para viver nesse mundo ideal para isto.

Passou direto pela sala da diretora e ganhou a rua. Já sabia o que a aguardava, e não adiantava nada acreditar que alguma coisa pudesse ser discutida. O roteiro já estava todo definido. Ela seria recebida com alguma compreensão, depois a discussão giraria gentilmente em torno de como a professora estava certa, seria alertada sobre a sua falta de maturidade, que aquilo tudo era para o bem dela, etc. Depois receberia um conselho sobre como aquele sistema todo fora preparado por profissionais, que ela poderia não perceber, mas que tudo era para o bem e mais etc. Então assinaria alguma coisa, talvez dessa vez fosse mais uma advertência ou suspensão, e deveria ir para casa certa de que teria aprendido a lição.

Duas semanas depois o ciclo se reiniciaria, e todos agiriam com ela como se o tal sistema funcionasse.

Ela sentiu o sol em sua pele quando atravessou o portão da escola. A luminosidade tomando conta do seu rosto fazia com que aquele prédio ficasse ainda mais feio, mesmo ocultado pela luz oposta que ela recebia. Alana se deixou tomar por aquele sentimento de liberdade e caminhou até uma praça próxima. Viu circulando por lá alguns idosos, algumas pessoas que não se sabe de onde vem e nem para onde vão, e alguns adolescentes certamente matando aula. Decidiu ficar sozinha, afinal, por mais que parecesse não era como eles. Gostava de estudar, sobretudo de ler. Mas não se adaptava aquelas perdas de tempo não esclarecidas que a obrigavam a aprender na escola. Escolheu um banco mais afastado e pegou um livro que no momento estava a consumindo: *A sociedade contra o estado*.

Depois de reler mais dois artigos enquanto fora importunada por dois ou três homens estranhos decidiu ir para casa. O movimento

da rua parecia soar mais acolhedor para ela, pelo menos nos momentos em que lembrava que deveria estar na escola. Uma linda manhã que não estava sendo desperdiçada, uma recompensa por todos os problemas que ainda teria de enfrentar. A chegar em casa abraçou a empregada que sempre a acolhia sem fazer muitas perguntas, embora Alana soubesse que ela deveria saber que algo estava errado. A relação entre as duas sempre fora assim, e por isso Alana a adorava tanto, a mulher que mais via em casa e não questionava – simplesmente a via como uma amiga.

Foi avisada que sua mãe viajara e deixou uma carta. Eram atitudes comuns de Cléo, viajar sem avisar e deixar uma carta. Alana já tinha várias guardadas e gostava de relê-las de tempos em tempos.

Deitou em sua cama e abriu o envelope;

Querida Alana.

Preferi desta vez não usar a palavra filha. Estou no momento tentando burlar paradigmas, dos quais tenho que sempre assumir uma posição entre algumas escolhas já dadas. Seja mãe, seja professora, seja mulher, seja de esquerda, sempre tenho um papel para representar dentro destas exigências. Entre todas essas mazelas que o mundo produziu, principalmente para nós, mulheres, sempre busquei ajustar-me contra as que julgava mais injustas. Muitas destas lutas você presenciou, e espero que tenha boas lembranças disso, seja como inspiração, como afeto ou, simplesmente um jeito, mesmo que diferente, de estar perto de mim. Firmar uma posição foi uma necessidade durante muitos anos. Justamente por que se não fizesse isso, estaria fadada a uma vida que não seria digna de dividir ou legar a você. Mas de alguns anos para cá (ou para lá), uma sensação me atravessou de tal maneira que simplesmente não consigo mais ser eu mesma. E mesmo que continuasse acreditando poder ser, não conseguiria mais ter a mesma alegria de viver. Estava cercada de tanta falta de novidade que os meus sorrisos não mais se repetiam. Qual é

o tipo de tristeza que pode tomar conta de alguém justamente no momento em que estamos mais ativos no que acreditamos? Eu me despedicei de tal maneira que os vestígios não mais podiam ser encaixados, pois não pareciam ser mais formas, na verdade nem pareciam mais ser.

Você, querida, deve estar achando isso que escrevo muito estranho, afinal, nada parecia estar fora de nossa crédula normalidade. Esse efeito, caso seja real, talvez esteja se desenrolando por que busquei, empregando toda a minha vontade, me reencontrar, ou pelo menos fazer com que todos esses estranhos vestígios daquilo que restou do que acreditava ser eu não ficassem visíveis. Pelo menos até poder novamente dar-lhes algum sentido ou possibilidade de se encaixarem. Mas para isso precisava fazer com que eles ganhassem novamente uma coerência, ou contornos mais bem definidos. Posso, para provar o meu empenho, dar-lhe exemplos concretos: intensifiquei a terapia; busquei atividades alternativas, como as de caráter oriental ou brasileiras; joguei-me ainda mais no trabalho, etc. Funcionou por algum tempo. Mas tudo parecia desmanchar, ou pelo menos a maneira como eu percebia esse tudo. Às vezes eu parava em meio à rua simplesmente sem conseguir esboçar reação nenhuma, enquanto o que estava ao meu redor parecia ter se esvaziado. O que era dito e o que era visto não mais me motivava a querer ver ou dizer. Ao meu redor as coisas se fundiam aos meus restos, e nada mais se relacionava consistentemente. Agora não parecia ser mais uma questão de me encontrar, mas sim de um mundo desajustado em que eu era um simples traço perene de sua composição.

Melancolia dividida. Multiplicada pela solidão.

De uns tempos para cá consegui algum movimento pela expectativa de que talvez estivesse buscando respostas que não mais existiam. E isso aboliu as perguntas da normalidade, ao mesmo tempo em que outras agora insistiam. Por que essa queda seria necessariamente algo ruim? Como o que aconteceu comigo

poderia dar novos rumos a vida? Aceitando este devaneio; como eu poderia ser digna dessa tragédia?

Acabei por dizer sim, querida Alana. E esta atitude fez com que eu não mais buscasse reconstituir aqueles vestígios, pois talvez eles não sirvam mais. Quem sabe agora, por não terem mais forma, eles sejam forças me chamando a compor outra coisa de mim mesma? Confesso o quanto essa dúvida deixou-me mais a vontade para não ver toda a dissolução desse pequeno universo como a perda de uma vida, mas a possibilidade da invenção de outras. Afinal, não terá alguma validade a já comum ideia de que aquilo que eu não invento não é verdade?

Enfim, tenho ciência de que um otimismo um tanto quanto piegas tenha encarnado nas minhas palavras. Mas talvez também ele tenha algo de possível, afinal não é uma questão de voltar ao que era (como eu já disse antes), mas muito menos uma questão de melhorar, ou evoluir, ideia tão ao gosto dos sentidos comuns das auto-ajudas da vida. Singelamente uma questão de ir embora.

Espero que tenha despertado em você um desejo de compreensão. A minha maior vontade é chamá-la de filha novamente, mas que soe como melodia improvisada, não palavra decorada.

“Brincavam à beira-mar, – veio -, então, uma onda e arrancou-lhes o brinquedo das mãos, levando-o para o fundo. Agora, choram.

Mas essa onde deverá trazer-lhes novos brinquedos e lançar a seus pés novas conchas coloridas!”

(Nietzsche)

Com amor,

Cléo

Alana leu novamente a carta. Como já sabia o final, as primeiras palavras não causaram a sensação de desespero da primeira vez. Ela teve o impulso de buscar desesperadamente a mãe, com medo

de que algo irreversível acontecesse. Ao mesmo tempo, na segunda leitura o sentimento se inverteu, pois agora o temor surgiu na parte final. Aquele “otimismo piegas” poderia ter sido forçado, visando não deixá-la preocupada.

Foi rapidamente ao encontro da empregada, perguntando se ela saberia para onde Cléo poderia ter ido. Ela não sabia de nada. Tentou o celular três vezes e só ouviu o som da gravação de caixa de mensagens. Ligou para alguns amigos com cuidado para não criar alardes desnecessários. Novamente foi frustrada.

Andou pelo apartamento, revirou as coisas da Cléo e vasculhou o computador. Nada parecia fora do normal. Sentou por alguns minutos na sacada e respirou fundo enquanto observava a pressa da cidade. Deixou-se tomar pela certeza de que aquilo não era nada demais, afinal, sua mãe sempre fora uma lutadora, como ela mesma fez questão de lembrar no início da carta. Culpou-se rapidamente por não ter percebido nada de estranho nela. Poderia ter ajudado. Mas sabia o quanto não adiantava muito descobrir os segredos daquela mulher, e por isso talvez não fosse tão estranho assim uma crise daquelas. Logo ela voltaria a ser o que sempre foi.

Enquanto esticava as pernas e reconfortava-se nesses pensamentos, Alana ainda não sabia que demoraria três meses para receber notícias da mãe. E dois anos até vê-la novamente.

ELE VERIFICOU PELA TERCEIRA VEZ O ALINHAMENTO DOS BOTOES DA CAMISA.

Ajustou a postura e cruzou os braços em frente ao colo, ficando praticamente imóvel. Já estava há cerca de dez minutos esperando ao lado da entrada do museu, agora tentando disfarçar a ansiosidade. Atrasos nunca o agradaram, não necessariamente por deixá-lo esperando, mas sim porque poderiam indicar algum tipo de descaso ou de desorganização. Características como essa estavam no topo de sua lista das coisas mais desprezíveis do mundo.

Deu-se ao luxo de se distrair por alguns segundos. Acompanhou com o olhar aquela escadaria que reluzia de tão branca. Com certeza um prelúdio magnífico do que era o maior e mais importante centro de memória do estado. No topo dela uma ampla recepção seguida de três enormes portas de vidro contornadas por metal. Deslumbramento e esforço foram suas primeiras impressões daquele lugar, exatamente como deveria ser a obtenção de conhecimento. Além disso, aquela entrada demonstrava o quanto tínhamos capacidade de acompanhar a marcha do resto do mundo, somente possível com um passado dignamente visível para a exemplaridade, não simplesmente velado. E lá dentro todos os fatos e personagens importantes devidamente organizados, iluminados e expostos de uma maneira adequada. Aquele museu era a concretização desse pensamento.

Lembrou de seu avô, que inaugurou aquele museu ainda na proclamação da república, em uma luta praticamente solitária na defesa da importância do passado. Na época ele organizara o material muitas vezes debaixo de chuva, já que o descaso do nascente estado não previa verbas nem para consertar as telhas. Muitos o consideravam extravagante e faziam piadas de sua declarada dedicação, mas mesmo assim ele foi adiante, pois sua tarefa era muito maior do que sua aceitação como indivíduo. Agora que o estado estava novamente sob uma organização responsável e disciplinada, seu pai elevou a importância daquele prédio a outro patamar. Com certeza Leopoldo – o avô – estaria orgulhoso do feito do filho, assim como da dedicação do jovem neto que agora levava o projeto adiante, em sua primeira atividade como mediador.

Nada melhor do que utilizar o exemplo do passado, mas tendo em vista que é sempre preciso ir adiante. E por isso que ele propôs visitas de escolas da periferia ao museu, afinal, não era justo que aqueles infelizes jovens não tivessem a oportunidade de conhecer todo o patrimônio no qual também deveriam estar inseridos. Mesmo que a primeira vista a distância fosse longa, eles faziam parte daquela história, e por isso caberia a pessoas como ele propor a comunhão.

Estava verificando novamente sua roupa quando ouviu o barulho do motor do ônibus. Em uma averiguação rápida já anotou mentalmente a necessidade de organizar a compra de um veículo próprio, visto que aquele da prefeitura não fazia jus ao lugar. Subiu de costas alguns degraus da escada pelo medo de que a fumaça do escapamento pudesse alcançá-lo. Quando ela baixou, ele se aproximou do ônibus enquanto duas mulheres desembarcavam.

– Bom dia senhoras. Meu nome é Leopoldo.

As duas o cumprimentaram entusiasmadas. Uma chamava-se Clotilde e era professora de história, e a outra, Alice, de português. A primeira mais tranquila e transparecendo experiência; a segunda, mais jovem, pálida, como se uma fragilidade estivesse tomando conta de seu corpo.

As crianças começaram a desembarcar. Duas turmas de oitava série da escola de um bairro que só era visível para a população através das notícias que buscavam criar o efeito do medo. E fora justamente uma dose dele que Leopoldo sentiu na primeira impressão. Tranquilizou-se pelo fato de que as duas professoras certamente saberiam lidar com eles.

Mas se o sentimento fora esse, certamente não foi o que pode observar empiricamente. Logo saíram todos do ônibus, uma dispersão caótica se configurou pelo pátio frontal do museu. Leopoldo deu mais um passo para trás e esperou as duas professoras lutarem como gladiadores romanos em meio a gritos, correrias e esbarrões para reuni-los em um grupo minimamente coeso.

– Turma. Esse é o senhor Leopoldo. Ele vai mostrar o museu para nós. Peça que o respeitem e se comportem. Júlio! Por favor! Quer lagar esse galho de árvore?!

Todos olharam para Leopoldo. Ele subiu quatro degraus, adotou sua melhor postura e forçou a voz:

– Bom dia turma! Vou guiá-los em nossa caminhada de conhecimento pelo museu. Tenho uma primeira pergunta: Alguém sabe quando foi construído esse prédio?

Alguns segundos de silêncio intercalado com risadas. Leopoldo procurou ser o mais natural possível:

– Então outra pergunta: Alguém pode dizer o que era este prédio antes de ser um museu?

– Era tipo uma cocheira cheia de bosta de cavalo! – Disse um que logo começou a relinchar, já sendo acompanhado por outros.

Leopoldo manteve a postura e lançou um olhar severo para as professoras. Alice mantinha-se apática, enquanto Clotilde os repreendeu com alguns gritos. Ele resolveu abreviar essa situação e ir adiante.

– Este prédio foi construído no século XIX. Claro que ele não era assim. Era uma casa grande de madeira que servia de moradia ao nosso grande fundador da República. Depois foi completamente reformado para servir de museu. Alguém sabe o nome dele?

Ninguém respondeu e o volume com que a professora chamou a atenção antes fez com que por um instante ninguém se arriscasse. Leopoldo reafirmou sua posição de que não adiantava insistir em perguntas ali fora. Talvez lá dentro a curiosidade deles fosse mais estimulada.

– Muito bem. Vamos entrar que na exposição descobriremos.

Começou a subir os degraus, seguido pelas duas professoras e da turma que agora começava a se agitar novamente. Ao passar pela recepção, Leopoldo segurou a grande porta para que todos entrassem. Alice, muito pálida, ficou por último e parou por um instante ao passar pela porta.

– Peço desculpas a você. Não estou me sentindo muito bem esta manhã e ninguém poderia vir em meu lugar.

– Não prefere sentar-se e esperar? Podemos chamar alguém do museu para ajudar a na visita.

– É muita gentileza sua, mas não se preocupe. Além disso, creio que alguém conhecido seja mais adequado, pois, como pôde perceber, são muito agitados.

– Estou percebendo. Talvez seja mais difícil do que eu imaginava. – Disse Leopoldo um tanto quanto indiferente.

– Mas, sem querer ensinar-lhe o seu trabalho, não seria mais interessante aproveitar um pouco estas piadas que eles fazem? Pode parecer estranho, mas simplesmente ignorar ou reprimir tudo o que

eles fazem pode significar o desperdício de um bom canal de comunicação.

Leopoldo agora olhou para aquela mulher pequena e frágil um tanto quanto surpreendido. Não pelo conteúdo do que ela disse, afinal, esperaria isso de alguns professores em pleno início dos anos oitenta, época em que certas heterodoxias já estavam sendo admitidas. Mas o que mais o impressionou fora a forma polida, segura e educada com que ela colocou a questão. Não pôde evitar um afetivo sorriso.

– Senhora Alice. Entendo que o seu convívio com seus alunos possa obrigá-la a remanejar muito dos seus métodos. Eu respeito muito essa vontade de reajustar-se as circunstâncias. E exatamente por isso que acreditei que um trabalho prévio a visita poderia ser feito, explicando as regras, o comportamento em espaços como esse. Não levaria uma turma sua a um teatro sem antes deixar explícito e ensaiado o silêncio durante a apresentação, não?

– Temos que entender que os tempos estão mudando. Talvez esses espaços não possam mais organizarem-se como tão sagrados assim.

– Tudo bem senhora Alice. Já entendi sua postura. Levaremos em conta... – Disse Leopoldo já se afastando em direção a turma e Clotilde. Percebeu que era a essa professora que deveria se aliar, visto que demonstrou uma capacidade incrível de organizá-los em filas.

Leopoldo posicionou-se em frente à turma e ao lado da professora Clotilde. Alice ficou atrás das crianças, com os braços cruzados e uma expressão que soava como o anúncio de qualquer desmaio. Na posição de mediador, ele explicou como eram divididas as salas e qual a lógica do percurso que iriam percorrer durante a visita. Depois seguiram pelos corredores – como uma procissão, de acordo com um estudante, ou de uma fila de matadouro, de acordo com outro – que terminavam em grandes e bem lustradas salas. Atravessaram os painéis que narravam os fatos mais importantes da história do país, desde os primeiros habitantes da região, a colonização, as administrações da metrópole, a transformação para o regime republicano e suas diferentes formas, até chegarem ao estado atual de governo em

que algumas características deste sistema foram suspensas visando justamente protegê-lo.

Depois dos painéis chegaram a uma grande sala destinada aos artefatos militares. Desde os arcos e flechas até os fuzis modernos, passando por canhões, uniformes, fotografias e tratados assinados. Toda a evolução das lutas da nação que fizeram com que ela chegasse ao estado atual estabilizado.

– Agora somente precisamos de armas para defender o que já foi conquistado. – Respondeu Leopoldo a um aluno que perguntou sobre o porquê não temos guerras assim agora.

A euforia da primeira sala foi diminuindo conforme iam avançando para a das moedas e literatura, o que fez com que ele repensas-se a ordem das visitas dependendo da faixa etária.

A visita seguira relativamente tranquila e animou Leopoldo depois do começo um tanto quanto anunciativo de uma tragédia. No fundo ele sabia que aqueles jovens desfavorecidos precisavam e gostariam de respirar ares de cultura. O que faltava era a organização séria e correta, e não aberta a incentivos de delinquências juvenis conforme a professora Alice mostrou-se simpática. Estava tão animado que decidiu levar adiante a atividade final, guardada como algo não certamente realizável.

De volta ao saguão principal pediu a todos que se organizassem em fila por tamanho e gênero. Com o auxílio da professora Clotilde conseguiu um resultado parcialmente satisfatório.

– Muito bem turma. Agora quero que cada um de vocês pegue uma cópia. – Disse distribuindo folhas de papel.

– O que é isso? – Perguntou um aluno da primeira fila.

– É o nosso hino nacional. Vamos aprender a cantá-lo. Quem se esforçar bastante terá recompensas, assim como o grande Duque de Caxias quando gritou “sigam-me os que forem brasileiros!”

– Mas nós já sabemos! Já sabemos! – Gritou um grupo de quatro ou cinco alunos em coro.

– Não precisa se preocupar. Eles já ensaiaram bastante com a professora Alice. – Disse Clotilde olhando para sua colega – Não é verdade?

Alice concordou timidamente com a cabeça, enquanto sentava-se em uma poltrona.

– Ora. Mas que bela notícia. Eu sei que é obrigatório, mas fiquei sabendo de muitas escolas que não conseguiram cumprir esse dever.
– Disse sorrindo para a professora de História.

Leopoldo encaminhou-se para o toca discos e organizou tudo. Fez um movimento solene para os alunos e o ligou. As primeiras notas soaram amplificadas pela estrutura do prédio. Funcionários e outros visitantes se aglomeraram curiosos em torno do grupo de crianças. Ele ficou impressionado com a postura que a turma tomou assim que a canção se iniciou. Todos em posição de sentido.

Quando iniciou a melodia que pedia a letra, começou, juntamente com outros ali, a cantá-la. Mas percebeu um murmurinho trevoso partir do grupo de estudantes. Parou de cantar para ouvir melhor, e quando pensou em interromper a música, um som mais definível explodiu nos ouvidos de todos.

– Au Au... AuAuAuAu... AuAuAuAu...AuAu!

Todos se entreolharam, excetos os alunos que continuavam em posição marcial cantando a plenos pulmões. Um breve lapso de ação tomou conta de Leopoldo. Ouviu a professora ordenar que parassem com aquilo imediatamente, e conseguiu centrar-se novamente. Correu até o toca disco e o desligou. Olhou para os lados, não podia acreditar, alguns ainda seguiam latindo. Alguns curiosos em volta protestavam e outros ousaram rir. Era o fim do mundo. Alguém deveria responder por aquilo imediatamente. Voltou ao centro do saguão aos gritos:

– Chamem a polícia e prendam imediatamente aquela mulher! – Ele apontava firmemente para a professora Alice.

Dois seguranças foram ao encontro dela, cada um por um lado e a seguraram. Ela gritou para ser solta e, antes que qualquer um pudesse responder, vomitou em cima deles. Assustados, os homens a soltaram, e ela tentou andar até o banheiro, mas acabou apoiando-se em um busto e continuou vomitando. Todo o rosto de um dos mais importantes sociólogos do país, patrimônio cultural, ficou coberto de um semi-sólido irreconhecível, assim como agora estava sua expressão.

Leopoldo paralisou novamente, brigou contra a própria memória que sempre lhe foi tão cara, pois neste momento ela insistia em formar novamente a figura do seu avô.

MAIS UMA DECISÃO INEXPLICÁVEL FORA TOMADA.

Arnaldo pensava nisso enquanto fitava o nada através do vidro. O carro estacionou em frente à sua casa e ele abriu a porta, saindo sem olhar para os dois homens que ocupavam os bancos da frente. Aproximava-se do portão quando foi interrompido pela voz de Emanuel:

– Muito bem, senhor Arnaldo. Amanhã às oito e meia da noite temos um encontro. Não precisa se preocupar com bombons e flores. Dispensamos essas superficialidades. Basta fazer tudo o que foi combinado e deixar o que for realmente importante para nós. Tenha uma boa noite.

Manolo limitou-se a um gesto com a cabeça.

Arnaldo avistou o carro deles dobrando a esquina e foi até o seu. Era guardado na garagem da casa velha de uma vizinha, que a cedia em troca de algumas aulas de alfabetização. Ela era prostituta e buscava poder colocar em seus anúncios a categoria “nível universitário”.

Dirigir até a universidade federal para encontrar um velho amigo que não tinha certeza se lembraria dele, uma decisão um tanto quanto confusa, mas nada além do seu estado atual. Mais coisas se confundiam quando atravessou o pórtico principal do campus. Há muito tempo que não entrava ali, e o que o deixou mais surpreendido ainda eram as poucas mudanças visíveis no lugar.

Depois de circular um pouco perdido, pedir informações a pessoas que não sabiam ou indicavam errado, encontrou a sala que pro-

curava. Bateu discretamente na porta. Ouviu um “entre” de uma voz grave e calma. Viu aquele homem. Ainda o reconhecia, alguma coisa, alguns traços que não mudam. Mais algumas rugas, um cabelo branco, algumas formas mais arredondadas, etc. Ele olhou por cima dos óculos.

– Arnaldo. É você? Nossa! Já faz o quê? Uns quinze anos? Juro que se não fosse ateu, pulava pela janela achando que estava vendo uma assombração.

– Talvez seja, e daquelas do mal. Posso falar com você alguns minutos?

– Claro, sente-se. Estamos em um momento de tanta flexibilidade na academia que qualquer visita pode ser considerada uma reunião.

– Obrigado, Carlos.

– Arnaldo. Lembro-me daquela vez em que estávamos ocupando a reitoria. Você teve diarreia com a comida. E o pior é que os seguranças trancaram os banheiros no segundo dia. Até hoje não sei como você conseguiu se virar. Mas não deixamos você sair de lá.

– Vamos aceitar o mistério...

Carlos deu um sorriso simpático.

– Então, meu desaparecido amigo, o que anda fazendo da vida?

– Ainda dou aulas na educação básica.

– Muito bom Arnaldo, multiplicando nosso saber então.

– É, digamos que sim...

– No que posso ajudá-lo? Se é que um velho professor como eu ainda pode ser útil...

– É um assunto um pouco estranho.

– Assim como sua presença aqui, meu caro.

– Sabe aquela professora que foi morta?

Carlos tirou seus óculos, e enquanto os colocava calmamente sobre a mesa teve tempo de deixar vários pensamentos fluírem em sua mente, quase simultaneamente. Lembranças de seu tímido ex-colega de faculdade, nas várias situações em que tentava praticamente arrastá-lo para as reuniões do diretório acadêmico; lembranças das coisas

que acompanhou pela mídia nos últimos dias; lembranças de Eduardo zombando de sua não aceitação de acasos; e, principalmente, as lembranças daquela estranha professora que tanto o incomodara. Todas elas estavam vieram nesse curioso paralelismo que ele negava aceitar como coincidência. As coisas sempre tinham um centro de determinação, por mais que estivessem dispersas.

– Bom... Eu acompanhei esses acontecimentos pela mídia. – Disse depois de limpar a garganta.

– Decidi vir aqui por que... Bem, eu a conheci logo antes disso acontecer.

Carlos cerrou os olhos, como a fixar sua máxima concentração em um único ponto visível ou sílaba enunciável. Arnaldo seguiu:

– Eu vim aqui para perguntar se você sabe algo sobre ela.

– Algo sobre ela? – Perguntou Carlos um pouco desconcertado. Como se ainda estivesse processando a última frase, que julgava ser muito importante.

– Sim. Digo, se você a conhecia...

Carlos reencostou-se na cadeira. Apesar de o assunto vir neste “aqui e agora” um tanto desconcertante, percebeu que talvez a conversa fosse mais trivial do que imaginara de início. Mas decidiu não deixá-la morrer, novamente a curiosidade era despertada por algo externo a cada vez que se esquecia do que aconteceu a ela.

– Bom. Conversei com ela uma única vez em um evento. Fora essa ocasião, não tínhamos contato.

– Nossa. Imaginava que vocês poderiam se encontrar frequentemente. Digo isso porque, enfim, ambos são professores universitários e de história.

– Seria o correto, meu amigo. Mas ela trabalhava em outra universidade e, além disso, era privada. Raramente frequento essas instituições.

Arnaldo ficou em silêncio, em uma expressão de certo desapontamento.

– Além disso, tínhamos perspectivas completamente de diferentes. O que dificultava nossos encontros. – Concluiu Carlos.

– Não sabia que aconteciam essas coisas.

– Infelizmente é parte da vida acadêmica. Enfim, professores de história que não estão cientes de sua tarefa são mais comuns do que se imagina, como você deve conhecer bem.

Arnaldo sentiu um leve desconforto, pois um monólogo quase sem fim poderia estar se desenvolvendo. Lembrou dos tempos de faculdade, algumas pessoas não mudam em algumas coisas. Tudo para Carlos era sério, passível de ser discutido criteriosamente. Desde que, claro, a palavra fosse majoritariamente dele. Sentiu-se receoso em perguntar algo que poderia resultar em um palavreado longo e compromissado com a verdade. Mas, e esse era o objetivo dele ali, buscava saber algo mais sobre Cléo, e essa foi outra oportunidade que apareceu.

– Qual era exatamente o seu problema com ela?

– Veja bem, Arnaldo. – Carlos fez uma longa pausa. – Não é somente problema com ela, mas algo estrutural. Não fazia parte da turma dela. São um bando de loucos. Na verdade acredito que não deveria existir esse tipo de coisa dentro das pesquisas acadêmicas. Temos que ter um projeto político coerente, que defina bem quais são os objetivos e a relevância social da história. Qual a participação efetiva do historiador e sua utilidade para a sociedade? Qual o retorno que se dá? Hoje em dia estão fazendo qualquer coisa com a história, inclusive aqui dentro das universidades públicas. Temas sem relevância nenhuma, assuntos exóticos que servem muito bem para tirar todo o potencial crítico de se estudar o passado.

– Bom, Carlos. Se você acha tão sem relevância os trabalhos como o dessa professora, alguma coisa você deve saber. Alguma coisa deve ter lido. Pois não posso acreditar que justo você, tão embasado, tão crítico e justo com o conhecimento, tenha opiniões assim do nada.

– Vamos falar francamente, Arnaldo. Aquela mulher era podre de pós-moderna. Sabemos o que isso significa, não?

– Não faço ideia. – Respondeu já se arrependendo de seguir se importando com a conversa.

– Teoria, Arnaldo. Preparação para a prática. Como você vai atuar como educador sem um campo teórico bem definido, sem uma metodologia, sem um objetivo? A teoria serve para planejarmos nossas ações e depois de praticá-las, reavaliá-las e assim por diante. Isso do que a chamei representa a negação de tudo, desde quando o conhecimento abandonou os dogmas e tornou-se laico. Não lembra mais de nada, meu amigo?

– Eu odeio essa conversa de teoria. Nunca me serviu para coisa nenhuma. Aliás, trocar uma missa pela outra pode dar no mesmo, não?

Carlos respirou longamente, provavelmente tomando fôlego para dar outra longa resposta.

– Por favor. Poderia, somente dessa vez, ater-se a professora? – Emendou Arnaldo antes que tudo tomasse outro rumo novamente.

– Você sempre foi um pouco perdido meu amigo... – Disse Carlos em tom de desistência – Tudo o que sei é que ela estava pesquisando uma estranha relação entre conceitos de alguns filósofos detestáveis e o ensino de história. Alguma coisa a ver com o passado como um grande mistério. Literatura, filosofia, história, enfim... Parece que ela tinha conseguido um bom financiamento, ia render publicações ou qualquer coisa do tipo. Você sabe... Financiamento que deveria vir para pesquisas mais ligadas à realidade da sociedade.

– E esse encontro que teve com ela? Sobre o que conversaram?

– Uma mulher bem estranha. Parecia não levar absolutamente nada a sério. Ela não parecia ter muito senso do papel de um professor universitário na sociedade. Tinha umas ideias esquisitas. Relacionava a história com a filosofia, coisas sem correspondência nenhuma com a realidade. Sinceramente, nas poucas vezes em que a encontrei, ela devia estar chapada. Ou era louca mesmo. Soube que era uma piada na comunidade. Nos encontros muitas pessoas iam assisti-la só para rir um pouco.

Arnaldo maquinava os pensamentos. Pensava no quanto Carlos não era tão rigoroso quando falava de uma pessoa tanto quanto era com suas ditas teorias.

– Enfim. – Ele levantou os braços. – Não é estranho que tenha tido aquela relação com a aluna que a princípio a assassinou. Deixar as coisas chegarem nesse ponto, inacreditável...

– Claro, Carlos. Você sempre tem uma estratégia bem definida, assim como as posições. – Disse se levantando para sair. Não conseguiria nada que o ajudasse com seu ex-colega, ele parecia estar divagando questões automaticamente.

Arnaldo despediu-se e foi embora. Ainda tinha um longo caminho pela frente e aquela conversa o deixou exageradamente cansado. Ouvir as palavras de Carlos o deixaram com uma sensação de ingenuidade por estar fazendo aquilo, assim como sentir-se inferiorizado pela não capacidade de argumentar com aquele homem tão convicto do que pensa. Ele controlava o seu mundo, e possivelmente nunca se viu de repente adentrando algo completamente desconhecido, como quando não temos mais nenhuma forma de recorrer às nossas pré-concepções para adequar-nos ou revidar.

Fora até o carro cabisbaixo, novamente, sem conseguir sair do que acreditava ter se tornado, novamente.

Carlos manteve-se imóvel por mais alguns minutos. Aquela postura arrogante de seu ex-colega o deixara muito abalado. Sentiu-se sendo julgado por expressar aquilo que pensava, como já se acostumara ao longo dos anos. Provavelmente Arnaldo nunca se importaria em pensar em tudo o que ele teve que passar em todos os anos de sua vida. Simplesmente queria respostas a algumas perguntas e se foi, justamente como mandava a cartilha dos dias individualistas em que vivemos. Precisamente como o assunto do assassinato de Cléo, que parecia o perseguir nos últimos dias, por mais que ele em nenhum outro momento o julgaria importante. Mais uma vez incomodou-se com a palavra coincidência visualizada em sua mente.

Conseguia imaginar o quanto forçaria uma conexão nas próximas horas, como se o dia já não estivesse desagradável o suficiente.

UMA PROVA MATERIAL, ISSO É O QUE ERA PRECISO.

Sérgio andou apressado pelo corredor tentando ensaiar mentalmente alguma argumentação mais convincente. Enquanto ele fora buscar Gabriela, Adão tinha dado a si mesmo a tarefa de analisar o laudo da perícia. Mas assim como ele achou a decisão muito estranha, também não se surpreendeu com o silêncio sobre o que seu chefe lera ali. Com certeza não tinha lido com atenção, atendo-se a detalhes que poderiam dar ideias novas ao caso, como aquele que agora tinha percebido. Provavelmente o inspetor-chefe só buscou ver algo que corroborasse sua obsessão por arrancar alguma confissão, como já estava acostumado a ver neste tempo trabalhando ao lado dele.

A garota ganhou tempo para si falando sobre o encontro com aquele homem enigmático. Mas também ganhou tempo para ele, que poderia seguir outros caminhos de investigação, afinal, a possibilidade de Adão arrancar-lhe uma confissão e entrar em um acordo para resolver tudo de uma vez estava quase se concretizando. Agora seu chefe estava lá, convocando todos os policiais disponíveis para buscar aquele homem. O circo estava armado, e o lado bom disso tudo é que ele poderia retirar-se para seguir caminhos alternativos, como encontrar provas materiais.

Mas, infelizmente, teria que pedir autorização.

A sala de Adão estava lotada. Ao redor dele alguns policiais loucos por alguma ação, para aparecer na tevê ou simplesmente saciar o impulso de violência justificado pela sociedade em cima de alguém. Outros não revelavam a menor expressão ou entusiasmo, outros, como Sérgio, mostravam-se um pouco contrariados.

– Muito bem. Vocês já sabem o que precisam fazer. Eu vou à frente com minha equipe e vocês ficam a duas quadras na retaguarda. Alguma dúvida?

Ninguém respondeu.

– E qual a regra mais importante? – Perguntou Adão entoando forçosamente a voz.

Ninguém respondeu até que ele perguntasse mais duas vezes.

– Não fazer alarde. – Responderam ao mesmo tempo alguns.

Enquanto todos se retiravam e Adão ajustava seus equipamentos, nesse caso um revolver calibre trinta e oito, Sérgio se aproximou.

– Posso falar um minuto, chefe?

– Já perdeu alguns segundos perguntando... – Respondeu sem tirar os olhos do tambor da arma.

– Eu li o laudo e acho que temos uma questão interessante que não levamos em conta.

– Eu já tinha o lido. Não autorizei você fazer isso, mas simplesmente escoltar a suspeita até aqui.

– Eu sei chefe, peço desculpas. Mas achei um ponto importante e...

– Podemos discutir isso depois? – Interrompeu Adão o encarando seriamente.

– Então eu peço autorização para voltar à cena do crime.

O inspetor largou seus objetos em cima da mesa.

– Eu sei o que você quer. Você quer é fugir de qualquer atividade perigosa, não? Quem sabe mostrar o quanto é inteligente o suficiente para criar hipóteses sem sair de lugares seguros. Quem sabe assim consegue um cargo atrás de uma mesa, com seus livrinhos e uma xícara de chá...

Sérgio não respondeu, pois o resultado de sua tentativa foi o que mais, infelizmente, esperava.

– Mas façamos o seguinte. Para ninguém dizer que estou sendo negligente com suas opiniões, vou autorizar sua investigação paralela. Mas depois de trazermos esse suspeito. Não se esqueça que será policial. E vai precisar de experiência nas ruas...

Da agressão à preocupação com sua formação. Sérgio estranhamente julgava essa pedagogia melhor do que outras que já fora obrigado a participar. Seguiu Adão até o carro. Fora solicitado a dirigir, o que fez enquanto ele passava instruções para os dois policiais que os acompanhavam no veículo.

– A nossa testemunha deu todos os indícios de que esse indivíduo seja perigoso. Então vamos com cuidado. Muito bem. Vamos buscar a princesa.

Sérgio guiou o carro até a zona portuária. Um sentimento de repulsa tomou conta de seu corpo ao ver aquela região completamente abandonada, com barcos velhos e enferrujados, ruas sem sinalização, a orla que trazia mais lixo do que aquele que estava jogado nas calçadas e, em meio a tudo isso, pessoas dormindo. O calor opressor combinado com o dia nublado trazia mais intensamente o odor de resíduos de uma modernidade esquecida àquele lugar que um dia fora um parque onde casais faziam piqueniques.

Estacionaram em frente a um prédio aparentemente habitável. Adão ordenou aos outros dois policiais que ficassem em frente à porta de entrada do edifício, e aos dos carros seguintes, que ficassem estacionados a uma quadra de distância. A porta de ferro era pesada, mas não estava trancada. Seguido por Sérgio, o inspetor entrou em um corredor de azulejos despedaçados, assim como a consistência do reboco das paredes. O corredor, escuro e úmido, terminava em uma escadaria que a cada lance de degraus era interrompida por grades, felizmente para os dois, sempre abertas. Ouviram gritos de possíveis discussões em algum apartamento quando chegaram ao seu destino. Em frente à porta do apartamento, Adão fez um sinal para que Sérgio batesse. Nenhuma resposta, somente uma música que vinha lá de dentro indiferente a qualquer tensão. Após o quinto aviso arrombaram, o que não chamou a atenção de ninguém que estivesse por perto. Sérgio entrou na frente, pressionando suas costas contra a parede de entrada, e com a arma em punho, formando um campo de visão diagonal em relação a entrada da sala. Ele não percebeu nenhuma agitação além da sua e de algumas coisas que se mexiam com o vento que adentrava a janela. Com outro movimento coreografado ganhou o espaço da sala, podendo observar trezentos e sessenta graus aquele comôdo enquanto se deslocava. Aproximou-se do aparelho de som e o desligou, deixando o ambiente com um silêncio que proporcionaria a percepção de qualquer presença.

Depois de receber um olhar que garantia que o primeiro espaço ocupado estava seguro, Adão entrou no apartamento. Se surpreendeu com o tamanho, pois a altura do teto, alguns ornamentos em gesso, e os metros quadrados espaçosos da sala demonstravam que o prédio

era um dos sobreviventes da época em que aquela região era nobre na cidade. Devagar, e um tanto quanto não demonstrando ansiosidade, entrou na sala e observou o lugar enquanto Sérgio se mantinha imóvel em um dos cantos. O lugar estava muito limpo, poderia dizer até mesmo brilhando, o que não o tranquilizou nem um pouco, já que aquilo poderia demonstrar alguém organizado e inteligente. Logo vasculharam os outros cômodos e certificaram-se de que não havia ninguém ali. A música ligada deixou-os atentos.

Depois de vasculhar o local, os dois policiais começaram a pensar em hipóteses de onde o homem poderia estar quando se assustaram com um gato que entrou pela janela. Imediatamente entreolharam-se, como a acordar uma gravidade repentina da situação. Cada um dos dois homens posicionou-se ao lado da janela, podendo ver o exterior somente inclinando o rosto. Sérgio percebeu a rápida trajetória de um vulto indo do telhado de uma das casas dos fundos para o pátio, sendo acobertado por uma árvore. Um borrão preto, como a parte de baixo de algum casaco erguido pelo vento, fora a imagem mais nítida que acompanhou. Sem pensar, Sérgio jogou-se da janela do apartamento para o telhado mais baixo em frente.

Adão observou a cena supreso e chamou os outros policiais pelo rádio. Podia jurar ouvir sons de apitos. A única descrição que podia dar era a de um sujeito de casaco preto, o que poderia ser importante já que o calor não possibilitava muitas pessoas estarem vestidas daquela forma. Desceu as escadas calmamente, já seguro pela ação de seus homens.

Ganhou a rua e percebeu que estava enganado. Aquela região, onde circulavam somente muitos moradores de rua, estava tomada por pessoas vestindo casacos pretos. Adão viu o policial Luís encará-lo com uma expressão de desorientação enquanto dava de ombros.

– Pelo amor de deus! Então sigam o Sérgio!

Enquanto eles corriam na direção da ruela em que estava a casa em que Sérgio jogara-se no telhado, Adão andou com passos rápidos e firmes em direção a um homem sentado em cima de um colchão na esquina. Antes que o homem pudesse perceber que a questão era com ele, Adão o agarrou pelo casaco e o deixou em pé na sua frente.

– Quem deu esses casacos a vocês?

– Eu não sei de nada... – Respondeu o homem surpreendido.

O inspetor o jogou contra o carrinho de supermercado cheio de latas que estava ao seu lado. Várias se espalharam pela calçada, fazendo com que o lugar ganhasse um cheiro de cerveja choca além dos outros habituais. Ele engatilhou o revólver e segurou o homem novamente pelo pescoço. Nada disse.

– Eu não sei! Faz pouco tempo que fico aqui. Nos disseram que é uma regra para quem vem e fica nessas quadras. Vestir o casaco quando o apito é tocado. Tem um morador mais velho, o Antônio, que é quem diz isso e dá os casacos para a gente.

– E onde está esse tal de Antônio? – Disse Adão com os dentes cerrados.

Antes que o homem pudesse responder os dois viraram o rosto em direção ao som de tiros. O inspetor o jogou novamente na calçada e correu para a ruela, em direção onde julgava ser a origem dos disparos. Depois de dar algumas voltas pelas quadras do lugar, viu a equipe em volta do corpo de Sérgio caído ao lado de um bueiro obstruído por sacos de lixo.

– Chamamos a ambulância, chefe. Ele não conseguiu ver o rosto do homem.

– Eu quero que somente um fique aqui com ele. Vou chamar reforços. Temos que segurar todos os mendigos. Peguem todos que encontrarem e coloquem naquele beco sem saída ali. – Disse Adão apontando para uma entrada entre dois prédios. – Quero isso para ontem!

Cinco homens se dispersaram pelas ruas enquanto Adão já solitava reforços pelo rádio. Foi até a entrada do beco. Minutos depois alguns policiais já começavam a trazer alguns moradores de rua. Pessoas nos prédios em frente já observavam curiosos um espetáculo de violência que muitos nunca tinham presenciado, mesmo com suas vidas possivelmente marcadas pela não cordialidade que as autoridades tinham com eles. Tapas, socos, empurrões e palavras de ordem moldavam aquela procissão rumo a um lugar sem saída. Adão empurrava

aqueles corpos desmedidamente para dentro do beco e cada vez mais as pessoas se aglomeravam naquele espaço.

Com a arma apontada para cima, Adão começou a gritar na entrada do beco:

– Vocês sabem que temos um fugitivo escondido entre vocês! Só existe um jeito de resolver isso: digam quem é! Estão vendo aquele policial baleado ali? Eu juro por deus que arranco a pele de cada um até descobrir o que eu preciso saber!

– Isso está errado! Vocês não tem o direito de fazer isso! – Respondeu um em meio a multidão, imediatamente marcado pelo inspetor.

Enquanto mais alguns eram jogados para dentro do beco, Adão andou até o sujeito agora com a arma apontando em frente.

– Então temos um espertinho aqui? – Disse quando chegou bem em frente a ele. – Pois acabamos de abrir uma justificada exceção da ordem! – Gritou enquanto bateu com a coronha da arma na testa do sujeito, que imediatamente caiu no chão com as mãos à cabeça.

Dominado pela certeza, Adão chutou aquele corpo até quase ele não responder mais. Foi interrompido por um dos seus agentes.

– Chefe. Por favor. Temos os reforços. Mas mais gente está chegando.

O inpetor saiu do beco e viu, além de mais policiais da sua confiança chegarem, carros de outros distritos juntamente com uma van da prefeitura.

Antes que o veículo estacionasse, uma mulher saiu dele aos gritos.

– Parem com isso imediatamente! Quem é o responsável por esse absurdo?

Adão não esboçou nenhuma reação. Já entendera todo o plano. Provavelmente o degraçado já tinha ligado para os imbecis que defendiam os vagabundos. Assim poderia se esconder entres eles, sabendo que escaparia sem nenhuma necessidade de esforços quase cinematográficos. O circo todo é armado de tal forma que os que defendem a moral é que acabam no picadeiro. Olhou novamente para aquele grupo de homens e mulheres sujos dentro do beco. Ele prova-

velemente estaria ali, bastava que lhe dessem alguns minutos e logo resolveria tudo.

Neste momento, como aqueles golpes que definem o nocaute, Adão também pôde ver alguns carros da imprensa estacionando ao som de pneus derrapando.

O inspetor paralisou com a intensidade de sua sensação de impotencia. Somente o suor que agora escorria por todas as partes de seu corpo é que lhe davam a certeza de estar vivo. Pôde perceber um grupo de pessoas ao seu redor gritando, outros o segurando enquanto ele olhava ora para seu parceiro sendo levado pela ambulância; ora para aquela multidão espremida dentro do benço, sendo que um daqueles rostos que o fitavam era o único responsável verdadeiro por aquela situação; ora para os que agora o acusavam de tudo aquilo que teve que fugir quando não mais servia ao seu país da forma que verdadeiramente acreditava.

Ele viu tudo como se desenrolasse em camera lenta e, ao mesmo tempo, rápido demais para que memória processasse. Os colegas o empurrando para dentro do carro enquanto outros lhe apontavam o dedo com um expressão facial de fúria. Ele tinha instruído seus homens a obedecer a primeira regra: não causar alarde. E agora era o responsável por aquilo tudo. Adão deixou-se tomar pelo pânico que sentira como possibilidade desde aquela manhã em que entrou em sua caminhonete para antender o chamado do crime na universidade. Quem poderia imaginar os caminhos que aquele incidente o levariam? Observando todo aquele redemoinho de reações contraditórias a sua ação, reforçou a ideia que há tempos vinha insistindo em seu pensamento: não sabia mais contra o que ou contra quem estava lutando. E talvez não encontrar o climáx com o seu perseguido fosse o melhor desfecho possível para ele. Sabe-se lá o que poderia acontecer.

Adão pela primeira vez deixou-se levar pelas decisões de seus subordinados. Estava sentado no banco traseiro de um carro, e sentiu-se responsável por não ser Sérgio que o estava guiando.

AULAS LHE DAVAM DOR NAS COSTAS.

Arnaldo acomodou-se no sofá para comer alguma coisa enquanto a televisão exalava as possibilidades de felicidade e a realidade das tristezas. Nenhuma postura que mantinha aliviava a dor por muito tempo. O dia inteiro passara ora de pé, ora sentado, isso quando não tinha de se agachar para falar com algum aluno em sua carteira. Ou talvez fosse o nervosismo, o relógio marcava oito e vinte da noite. Decidiu deixar a comida de lado e se ocupou da cerveja gelada. Três grandes goles e logo os pensamentos se deixaram dominar pelo ritmo dos comerciais.

Terminado o primeiro momento de alívio, lembrou o quanto ainda estava irritado com a conversa com Carlos. Além de desnecessária, foi pura perda de tempo, assim como as teorias dele. Quem ainda teria vontade de lidar com esses burocratas da crítica sentados atrás de suas mesas e títulos? Arnaldo sentiu-se aliviado por não ter precisado dele para nada, como um bêbado em almoço familiar de domingo.

Levantou ao som da campainha. Já estava tudo preparado.

Emanuel estava parado em pé ao lado da porta do carro.

– Boa noite, Arnaldo. Como está o dedo?

– Ótimo. Não pode nem imaginar o que posso fazer com ele. – Disse já entrando.

Emanuel bateu a porta e sentou-se a frente com um meio sorriso nos lábios.

– Não precisa dar boa noite, Arnaldo. Estou com dor de cabeça – Resmungou Manolo ao volante.

O carro deslizou como um trem pela noite tranquila da cidade. Arnaldo ficou indiferente a paisagem urbana que se transformava a cada quilômetro que rodavam. De seu bairro como resquício decadente de um passado, avançaram em direção a região onde os prédios eram grandes e bem iluminados, guardados por seguranças que mantinham uma dívida de gratidão com os que os contrataram. Dos parques onde todos os tipos de atividades de recreação para empregadores eram bem estruturados, à região onde o único ponto de en-

contro, além de alguns becos escuros, era a lanchonete engordurada. Estacionaram ao lado dela, antes de uma subida íngreme. Arnaldo podia ouvir os sons de uma partida de futebol sendo transmitida e os seus decadentes e atentos comentadores resmungarem no bar enquanto Emanuel virou-se:

– Tudo bem Arnaldo. O esquema é muito simples. Coloque esse pequeno aparelho por dentro da tala no seu dedo. Você vai com ele levando uma mochila que vamos lhe dar, chega lá e faz a troca. Verifica o documento, ele tem características que você deve conhecer, afinal, você não se formou? Passa a mochila para eles e volta para cá depressa. Sem muita conversa.

– E esse aparelho serve para quê, no fim das contas?

– Se surgir algum problema grave, você o pressiona levemente que nós vamos receber um sinal e vamos ao seu encontro. Mas cuidado, só se for um problema muito grave, pois a nossa interferência traz consigo a grande probabilidade de pôr tudo a perder.

– Qual seria a probabilidade, Manolo? – Perguntou Arnaldo.

Ele não se moveu e disse, quase sussurrando:

– Só faça tudo direitinho e rápido, Arnaldo. Assim você vai ficar somente com essa tala de lembrança de nossa companhia. Caso você invente moda, muitas outras coisas ficarão no seu corpo para que você se lembre de nós.

– Mas vocês fariam o quê? Isso aqui é uma zona de tráfico. Vão matar todo mundo e salvar a donzela indefesa?

– Não complica, Arnaldo. Isso é nosso problema. Só faça a sua parte direitinho.

– E onde eu tenho que ir, afinal?

– O nosso contato virá ao seu encontro. – Disse Emanuel instalando o tal aparelho. – Agora pode ir. Siga em direção aquela lixeira e vire à esquerda. Não faça besteira.

Arnaldo desembarcou do carro pensando em quanto já estava fazendo.

A primeira quadra da rua que subiu parecia um deserto noturno sempre evitado por qualquer pessoa que estivesse em posse de algu-

ma coisa. A mochila cheia de dinheiro fazia do ambiente ainda mais inverossímil, mas ele buscou não pensar nisso e seguiu lentamente. Ao fazer a curva, toda a paisagem se alterou subitamente. Não entendeu como não ouvira o som antes, já que agora os movimentos pareciam ser tão evidentes. Um bar em meio à quadra estava cheio de bebedores de cerveja e jogadores de sinuca, fora os que ficavam simplesmente parados na calçada por motivos desconhecidos. Algumas motos circulavam na rua, todos sem capacete e certamente sem habilitação, ou idade para ter uma. Mas o que mais chamou a atenção de Arnaldo foi o ponto de ônibus, já que um acabara de passar um e ninguém embarcou nele. Lembrou de quando deu aulas em uma escola próxima dali. A situação se repetia. A demanda pelas drogas ilegais era tão grande que as filas se formavam na parada do coletivo. Geralmente alguém ia chamando as pessoas, cinco em cinco, ou dez em dez. O problema é que qualquer atividade da polícia fazia com que muito tomassem um ônibus que provavelmente nem sabiam para onde ia, ou ficavam vagando no bairro como zumbis até que a ameaça cessasse.

Arnaldo decidiu abandonar seus pensamentos pseudo-antropológicos e seguiu vagarosamente e atento a tudo ao seu redor. Somente esperava que sua atenção não transparecesse de tal forma que gerasse desconfiança por parte de alguém. Algo muito possível quando se quer passar despercebido, forçar uma atitude supostamente natural. Ao passar em frente ao ponto de ônibus ouviu um assovio. Parou por um instante.

– Você até que é bem bonito Arnaldo, tirando essa barriga.

Ele virou-se e andou até o lado dela.

– Como sabe meu nome?

– Ora, Arnaldo. Apesar dessa organização um tanto quanto estranha, não somos amadores.

– Então? O que acontece agora?

– Vamos esperar um pouco. Com esse movimento todo, as coisas estão corridas lá dentro do beco. O melhor é esperar que tudo se acalme.

– Se acalme? Se estivéssemos na fila do dentista, tudo bem. – Disse a si mesmo, tentando controlar o nervosismo.

Ela sorriu e movimentou a cabeça, o que fez com que Arnaldo admirasse o balanço dos seus dreadlocks. Atrás do ponto de ônibus uma janela aberta revelava uma família jantando e assistindo a telenovela em um volume absurdo. Não os questionou, já que convier com aquele movimento poderia pedir doses reforçadas de irrealidade.

– Vem mais dez! Mais dez! Gritou uma voz aguda vinda da direção do beco.

Ficaram em silêncio mais alguns minutos. Outro ônibus passou, mas nem se deu ao trabalho de parar ou piscar os faróis. Do beco mais alguns gritos, e da casa atrás deles os comercias se misturaram ao som de pratos e talheres sendo recolhidos.

Alana jogou seu cigarro no chão e fez um gesto o chamando para acompanhá-la.

Atravessaram a rua e adentraram o beco, o que causou em Arnaldo um desconforto pela pouca iluminação, e demorou mais alguns passos para a sua visão se adaptar. Naquele caminho, que aos poucos ganhava contornos em sua composição, pôde distinguir pessoas e movimentos. Algumas com pochetes começaram a oferecer coisas para ele, mas logo eram impedidos a pedido de Alana. Entraram pela porta de uma peça de concreto que à primeira vista parecia ser minúscula, mas que lá dentro era enorme, cheia de repartições. Arnaldo a seguiu até o fim do lugar. Passaram por muitas pessoas conversando, arrumando coisas, crianças brincando e outras mal-encaradas o observando seriamente.

Dentro de uma pequena sala ou casa, já que ele não conseguia distinguir as separações, Alana parou. Arnaldo, hesitante, ficou exatamente atrás dela, como se a garota fosse um escudo ou amuleto da sorte. Era uma sala grande com um som ligado e muitos homens conversando freneticamente. Ela gritou para conseguir alguma atenção do bando.

– Sócrates! Sócrates! O cara está aqui!

Em meio ao grupo levantou-se um homem de estatura considerada normal e com um semblante indiferente. Olhou para Arnaldo

de cima, com o nariz empinado. Caminhou até eles tranquilamente. Todos os outros silenciaram quando ele se movimentou. Não se aproximou muito, puxou uma cadeira e sentou nela ao contrário. Uma arma reluziu em sua cintura.

– Então você veio buscar aqueles papéis da doutora?

– Sim. – Respondeu Arnaldo enquanto pensava se a comunicação deveria ser submissa ou de igual para igual.

– Arnaldo, o mensageiro... – Ele retirou a arma da cintura e a girou devagar, com o guarda mato como apoio. – Você é amigo daqueles dois babacas?

– Não. Eles só me contrataram para fazer a troca.

– Muito bem, muito bem... – Disse Sócrates agora girando a arma em cima da mesa a seu lado. – Sabia que há alguns dias eu botei os dois para dormir? Como está o rosto daquele mais quieto?

– Eu diria que eles estão mais... Humildes. – Gaguejou Arnaldo.

– Pois digo que eles ainda estão me devendo. Só por terem assustado minha princesa. – Disse enquanto apontava o dedo para Arnaldo.

Outro homem chegou por trás dele.

– Sócrates, por favor... – Ele sussurrou.

– Estão de tocaia ainda? – Perguntou sem virar o rosto.

– Vamos dar um fim nisso. Esses negócios não são com nós...

Sócrates olhou para Alana por alguns momentos.

– Deixa para lá, Sócrates. Eu estou bem. – Disse ela suavemente.

Ele encarou Arnaldo seriamente.

– E você, mensageiro? Vai voltar lá com notícias sobre nós?

– Eu não tenho relação nenhuma com eles. – Disse estreme-cendo.

– Boas intenções. Boas intenções... Muito falatório, mas sem conteúdo. – Disse Sócrates agora se levantando. Passou rapidamente a mão em cima da cabeça raspada antes de seguir. – Tião. O que está acontecendo com você? Não foi deixando para lá que chegamos aonde chegamos. Devia saber tanto quanto eu que falta de respeito não pode ser tolerada.

– Eu sei Sócrates. Mas isso dentro dos nossos negócios. Eu disse que não era bom você ir até lá e se envolver com isso. Por sorte eles não tinham nada a ver com a polícia. – Respondeu ele olhando disfarçadamente para dois outros homens que estavam em frente à porta.

Sócrates, com a arma em mãos, cruzou os braços e apontou intencionalmente em direção a Arnaldo. Em alguns segundos ele ficou de tal maneira congelado que para Arnaldo este não movimento souu como horas. Pegou um aparelho que parecia um rádio e o encostou no peito de Tião sem olhá-lo.

– Quero que desça até a entrada da vila e os traga aqui. Leve seus dois irmãos com você.

– Sócrates. Eu não acredito...

– Vai discutir isso agora, Tião?

Tião pegou o rádio com uma força raivosa e andou rapidamente até a porta. Encarou Arnaldo seriamente, que, por sua vez, somente acompanhou seus movimentos com um olhar tímido. Abriu a porta com uma vontade que a fez bater contra parede, e, ao mesmo tempo, Arnaldo só conseguiu agir automaticamente se jogando ao chão quando o clarão repentino e o estalo ensurdecidor fizeram com que o corpo daquele homem enorme caísse como um trapo. A execução foi menos dramática com seus irmãos. Apenas um tiro seco no meio da cabeça de cada um.

Arnaldo, no chão e com as mãos nos ouvidos, sentiu alguém levantá-lo. Sócrates olhava diretamente em seus olhos. De relance, viu os três corpos sendo arrastados rapidamente para a porta dos fundos. Alana se encolheu em um dos cantos, somente os dreadlocks eram visíveis.

– Detesto isto, caro mensageiro. Mas o que foge ao modelo ideal deve ser enterrado lá no fundo. Não concorda? – Disse manipulando corporeamente Arnaldo até sentá-lo à mesa.

Foi fazer o mesmo com Alana, que levantou sozinha e em seguida lhe deu vários tapas. Arnaldo pôde ver lágrimas praticamente jorrando de seu rosto vermelho.

– Não precisava ter feito isso!

Ela correu em direção à rua. Sócrates somente a tinha soltado. Sem demonstrar muitas reações abriu uma gaveta da pia e pegou uma garrafa. Sentou-se a frente de Arnaldo com dois copos e os bateu no tampão da mesa.

– Vamos deixá-la sozinha por alguns instantes. Ainda não está totalmente acostumada com as atividades. – Disse servindo as bebidas. – Por favor, mensageiro. Beba para aliviar a tremedeira.

Arnaldo ainda não tinha percebido o quanto as mãos são capazes de se movimentarem involuntariamente. Bebeu deixando algumas grandes gotas saltarem pela boca do pequeno copo. Sócrates bateu o copo na mesa e serviu novamente.

– Muito bem. Então agora temos uma situação. Você presenciou isso tudo e está envolvido. Só resta uma pergunta: é cúmplice ou inimigo?

Arnaldo não conseguiu responder e nem controlar o tremor que agora tomava conta do resto do corpo. Bebeu outra dose. Pousou as mãos à mesa para tentar se acalmar. Sócrates inclinou a cabeça para beber mais um gole e, repentinamente, bateu o copo em cima da tala de Arnaldo. Repetiu o gesto mais três vezes.

– Cúmplice ou inimigo?!

– Do seu lado! Do seu lado! – Gritou Arnaldo enquanto se encolhia, quase caindo da cadeira.

– Muito bem. Muito bem. É assim que se fala, mensageiro.

Mesmo com a dor Arnaldo se certificou do aparelho que Emanuel instalara em seu curativo. Ao menos ele não estava aparecendo, e agora ele não poderia saber como ficaria a situação.

– Então, meu cúmplice, tenho a primeira tarefa. Os seus dois amigos, e espero que agora sejam antigos, já foram corridos daqui como cães sarnentos. A minha questão é muito simples. Não posso arriscar um confronto aqui, pois tenho negócios e a harmonia de uma comunidade para manter. Amanhã vou devolvê-lo ao mundinho seguro que pessoas como você tanto prezam. Claro que estarei ao seu lado, afinal, somos cúmplices, certo?

Arnaldo movimentou a cabeça salientando a afirmativa.

– Muito bem. Então amanhã você vai ligar para os seus ex-amigos e marcar um encontro. E nesse encontro eles ganharão muito mais do que estes simples papéis. – Disse Sócrates enquanto se levantou e buscou algo em cima do armário. Jogou um envelope pardo sobre a mesa.

– Não entendo essa preocupação de vocês – Disse apontando para o envelope. – Mas, enfim, já vi pessoas buscando coisas mais estranhas do que um texto.

Sócrates saiu esfregando uma das mãos pela superfície de sua cabeça. Arnaldo pôde contemplar por alguns momentos o projeto perdido. Antes que pudesse ver o seu conteúdo sentiu alguém tocar em seu ombro. Fechou os olhos e se preparou para qualquer desconhecido.

– Vamos. Vou mostrar onde vai ficar essa noite – Disse uma voz grave e tranquila atrás de si.

Arnaldo seguiu aquele homem gordo até um quarto nos fundos. O espaço era mínimo, com uma cama, televisão e uma torneira que não parava de pingar. Deitou-se por alguns minutos na conhecida tentativa de supostamente absorver alguma experiência. Nada adiantou, pois a sensação de solidão não permitia qualquer ensaio de aprendizado. Era impossível qualquer monólogo interno, pois tudo que acontecera passou direto por qualquer mediação de sua inteligência. Quase como a abertura a força de um espaço vazio em si, em que desconhecidas vivências poderão se alojar sem nenhum controle. Levantou-se e tentou usar sua máxima vontade para fechar a torneira. Quando acreditou ter obtido sucesso, um aglutinado residual de líquido ganhou força o suficiente para continuar vazando. E assim seguiu pela noite, vazando. Cada som daquele mínimo escape se chocando contra o concreto trazia à tona a desorientação de Arnaldo.

Ele sentou na cama e começou a ler o documento. Tinha todas as indicações formais e acadêmicas. Passou direto para a escrita. E mais ou menos a cada parágrafo o som do pingo da torneira o dispersava.

interlúdio

projeto

Eu estava lá quando aconteceu...

E tenho certeza de que vi muito mais do que deveria ver. Ou talvez nada aconteceu, e essa estranha sensação de lembrar de algo que não pareceu ter algum dia qualquer atualidade me toma.

...mas não consigo lembrar-me de quase nada.

Alguma reminiscência coça na pele como infecção. Posso chamar um médico e fazer esse esquecimento passar. Mas talvez seja melhor deixar assim.

do ensino [de história]

Aquele período, aquele conteúdo, aquela metodologia, aqueles materiais lúdicos. Temos que reconhecer uma das mais belas disciplinas já criadas, mesmo que às vezes pareça *falar para ninguém*. Que os professores de história dos mais variados lugares façam coisas maravilhosas e encantem muitos que sentam em nossos surrados bancos escolares é algo já certo. Seria o momento de uma análise teoricamente fundamentada sobre aquilo que está errado nestas produções? Propor um novo modelo, uma solução para aquilo que a própria armação do texto produziu durante sua crítica?

Vamos com calma, não aquela da assepsia, mas sim a da prudência. Consideremos que todos estes professores e estes alunos – nos espaços educacionais a cada vez que se dá uma aula, em que se explicam as razões da segunda guerra mundial, ou as estratégias de sobrevivência dos indígenas no século XVI – estejam simplesmente vivendo suas vidas. O ensino de história não está preparando para a vida, mas é a própria vida em movimento, mesmo a cada ditado de questões sobre o período regencial. Importância disso, pois não se propõe um modo de vida (ou ensino) em contraposição a outro, mas sim alargar a percepção para que se possa saber que algo novo se insinua neste mesmo.

Não busco cair neste juízo de deus, aquele que “impede a chegada de qualquer novo modo de existência” (DELEUZE, 1997, pg. 153). Fazer existir, e não julgar, não no sentido de conformismo, mas no de sentir aquilo que nos convém ou não. Julgar, dar um sentido e menosprezar; onde termos este movimento de pesquisa, o niilismo toma o lugar do que poderia ser o da curiosidade, da experimentação. E é engraçado pensar que o *nihil* pressupõe uma ficção, pois é só por ela que depreciamos alguma coisa, um tema, um objeto de pesquisa, algo a ser denunciado, pois aquilo que buscamos falar *sobre* tornar-se irreal, uma aparência. Ficção de valores superiores à própria vida (DELEUZE, 1976). Então, por onde pode-se problematizar aquilo nos dá vontade?

Neste singelo caso, pensemos a potência da ficção como criação.

Logo, não seria o ensino de história que está “errado”, mas a maneira de se falar dele que parece cansar...

Dar um “sentido histórico” ao próprio ensino de história não seria aprisioná-lo nos próprios estratos que por vezes ele busca criticar? Nietzsche, ainda no século XIX, destaca a importância das novidades alcançadas quando estão envoltas em uma espécie de bruma “a-histórica”. Era a época da separação da história da narrativa literária, da afirmação da história como uma ciência específica, em todas as suas tipologias, das quais ele destacou algumas¹. E o que registramos

1 As tipologias de Nietzsche sobre a história são: monumental, tradicionalista e crítica.

como um determinado período do pensamento, Nietzsche o faz escapar pela sua preocupação da utilidade dos estudos históricos para a vida, onde o esquecimento teria um papel fundamental.

Eles não sabem o quanto, apesar de todos os seus conhecimentos históricos, pensam e agem de maneira a-histórica, não sabem o quanto a sua atividade de historiador é ela própria comandada pela vida, e não pela pura busca de conhecimento. (NIETZSCHE, 2005, pg. 79)

Onde tem ensino de história tem vida, paixão, a-histórico, e é por este território que busco serpentear neste estudo. Onde mais temos coisas interessantes acontecendo para além daquilo que se vê, mas que percorre uma sala de aula? Aliás, um espaço potente para se pensar e se experimentar a vida, onde o trágico parece estar espreitando cada movimento, cada empurrão, cada grito e cada assimilação de conteúdo. Como se fala sobre (ou com) isso?

“Ela devia cantar essa “nova alma” – e não falar!”, assim disse Nietzsche (1992, pg. 16) sobre sua tentativa de defender o espírito trágico. Então seria correto afirmarmos que, ao pretendermos ver vida no ensino de história, nada poderíamos escrever? Alguma coisa diz que não, como um sussurro, ou um tatear em uma casa escura e mal assombrada, como se o procedimento de pesquisa estive mais ligado a um saber do sonho, da embriaguez, do que uma usual metodologia que confirma ou não a hipótese inicial. Devo dizer que sim, mas complementando com outra afirmação – a mais séria da minha vida: *não tenho certeza do que estou fazendo*.

Os soldados voltaram cabisbaixos e calados naquela época, pelo menos foi isso o que nos contou Walter Benjamim. Vergonha de contar o que tinham passado, o que tinham feito – ou que a narração seria distante do que *deveriam* ter feito, e por isso não digna de ser contada. E assim esvaziaram-se as histórias para os mais novos, e encheram-se as folhas em branco com análises do que realmente aconteceu. A cada novo dia eram jogadas – como bombas – nas calçadas, gramados, bancas e livrarias, a afirmação-opinião sobre o que aquilo significava.

O narrador declinou enquanto o informador emergiu. “Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes” (BENJAMIN, 1996, pg. 221). Deparamos-nos com notícias de lugares muitas vezes longínquos sem ter tempo para refletir sobre como elas podem nos atingir, tanto pela sua característica de explicação imediata quanto à da rapidez com que elas mudam e mesmo são esquecidas. Mesmo que acreditemos narrar algumas vezes, estamos mais para a “moral da história” do que para o “simplesmente aconteceu”.

O que queremos exatamente reativando este conceito (ou componentes dele) de narrador sobre o qual Benjamim escreveu lá na década de trinta? Poderíamos pensar que hoje em dia proliferam as “contações de história”, as ferramentas professorais narrativas para que ilustremos tal ou tal conteúdo, etc. A questão do narrador *de histórias* (e não *da História*) parece-nos ir mais longe. Ela não representa, vai mais longe, cria outro mundo ou modo de existência. O moleiro na região da Itália no século XIV que adorava ler até ao ponto de criar toda uma cosmologia serviria para ilustrar, mesmo que por exceção, um período específico da idade média ocidental?² Ou poderíamos proliferar este escape do diagrama que estratifica o que entendemos por um lugar de sujeito desses? Os indígenas que atraíram senhores à sua religião sincrética no século XVI no nordeste do Brasil colonial seriam uma exceção? O escravo aforriado que no século XVIII percorreu o mundo e tornou-se um líder espiritual é um em cem milhões?³

Afinal, o que pode uma vida? Sai-se dela para entrar na história? Talvez a resposta esteja entre o a-histórico nietzschiano e o narrador benjaminiano...

Este narrador deixa a história pairando no ar, como uma névoa, e não a decalca sobre aquilo que ela realmente representa fora de si mesma. “Uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas a expe-

2 A história do moleiro é contada por Ginzburg (2006).

3 Sobre estes dois exemplos ver, respectivamente, VAINFAS, 1995 e REIS, 2010.

riência alheia” (BENJAMIN, 1996, pg. 221). O que seria esta experiência? Aquilo que eu e os outros vivemos? Podemos pensar no empirismo transcendental, compondo ponte entre conceitos e dando consistência àquilo que é heterogêneo. Proliferemos conceitos selvagememente com esta descrição narrativa que não representa, mas apresenta mundos novos.

Este texto de Walter Benjamin é somente um disparador para pensarmos estas possibilidades, afinal, a discussão sobre narrativa e história está em um momento acalorado no debate historiográfico. Desde que a disciplina histórica é separada da literatura, ganhado supostos contornos de ciência no século XIX, seus limites foram bem definidos e, de certa forma, consensuais a respeito de que a História lidava com a verdade enquanto a literatura com a ficção. No entanto, a partir dos anos setenta historiadores se depararam com a questão do “retorno da narrativa”, quando alguns autores levantaram uma séria discussão a respeito da artificialidade destas fronteiras.

Um destes historiadores, Peter Gay, chamou a atenção para o que denominou de o “estilo na história”.

A afirmação de que a principal obrigação do historiador diz respeito à verdade – a qual nunca foi questionada por ninguém – não a diferencia automaticamente de outra literatura. As técnicas estilísticas, empregadas pelos historiadores para expor suas verdades, apresentam uma semelhança notável com as técnicas empregadas por romancistas e poetas para expor suas ficções. E reciprocamente: uma das pretensões que mais dão orgulho aos autores de ficção – a todos, exceto aos fabulistas, e às vezes até mesmo entre eles – é a de transmitirem a verdade por meio de suas obras. (GAY, 1990, pg. 221)

O principal ponto desta polêmica está, assim, na obrigação de uma correspondência do discurso histórico com a verdade. Mesmo que estejamos citando apenas Peter Gay, esta controvérsia foi composta por muitos outros autores importantes deste período.⁴ O que

4 Mais sobre a discussão e seus autores no artigo de síntese DINIZ; SOARES, 2006.

levaremos em conta é o fato de que uma história narrativa não pode ser atrelada automaticamente à pura ficção. Uma história, portanto, que pode assumir o papel que a linguagem desempenha na criação de mais um passado...

Como uma cobra que toma sol por alguns segundos, rastejamos brevemente em meio a tudo isso. Mas, afinal, qual é a relação com o ensino de história? Respondendo diretamente: *queremos falar com ele a partir de um senso não histórico e que se expresse narrativamente*. A escrita e o ensino da história podem então assombrar e surpreender aqueles que ensinam e escrevem a partir do momento em que a sua expressão contemple uma diferente linguagem. Uma história-expressão (ou história-narrativa) que esteja fora de concepções pedagógicas que buscam no conhecimento e no aprendizado a re-cognição, o reconhecimento, e os territórios da representação buscando no desconhecido, na diferença, àquilo que é similar ou que se liga a uma cadeia de familiaridades.

Ninguém passou a mão em cima da capa empoeirada daquele livro. Outras edições vieram, e as mãos puderam continuar limpas mesmo sem serem lavadas. Foi assim que a pergunta mais trágica da história, como disciplina, se propagou. “Papai, para que serve a história?” (BLOCH, 2002). E uma simples e utilitária questão gerou uma das mais dramáticas respostas da ciência histórica.

E porque o drama parece ter sido abandonado após o convincente logos?

Uma pergunta feita para a autoridade do pai. E dali sairia uma resposta inspiradora, no sentido exemplar esperado por muitos filhos. Incitação edipiana ao desejo pela história. O velho clichê do pai que surra o filho com dons criativos aqui parece inverter-se, trazendo uma bonita lição da importância de se olhar para o passado. E seguimos olhando para o passado como quem vê a origem de todas as faltas atuais.

E um assassinato interrompeu sua conclusão...

E porque este novo drama também morreu e deu vida ao preenchimento das lacunas?

Ver nesse próprio mesmo...

E assim seguiram-se os dias, se ensinando, se aprendendo. Até que o sopro muda tudo ao mesmo tempo que passa quase despercebido.

...outra coisa que também te vê.

E ela não ficou indiferente. De sua posição imóvel lançou olhares que afetariam até as mais impermeáveis peles.

do sentido [-acontecimento]

O que é esse agora que vivemos e que não para de passar? O que se passou quando o planejamento não foi cumprido, o resultado não foi como esperávamos? É uma questão de ajuste, de reflexão após a ação? Mas ajuste exatamente do que? De como contornar estes erros, ou acidentes, ou impensáveis, em direção ao retorno daquilo que deveria ser? Como se pesquisar (ou escrever sobre) aquilo que se passou naquele momento?

Somente sei que saí correndo. Quando eles vieram em minha direção, como um bando de prisioneiros se rebelando contra a autoridade que sabiam ser mais fraca, todos querendo ir ao banheiro ao mesmo tempo, só pude fechar a porta e pressionar meu corpo contra ela. Doze alunos em cima de mim, em volta de mim. Gritei, mandei todos de volta ao lugar. Eles foram, mas não sei quais eram os lugares. Li um texto bonito que tinha escrito. Eles se penduravam nas grades da janela e pulavam novamente em cima das classes e cadeiras. Uns corriam em volta da sala, outros se embolavam no chão sem que eu soubesse se estavam brigando ou se amando.

E eu me preocupava se estava correta a estrutura da polis grega. Revisei os papéis, toquei a música, até que alguém esbarrou em mim quase me derrubando.

– Mas que inferno! É assim que vocês se comportam? Desse jeito só dão mais argumentos para quem chama vocês de vileiros!

Era uma professora engajada, buscava conscientizá-los.

Silêncio de funeral por alguns segundo, quase inacreditável.

– Ih! Essa mulher está nos chamando de vileiros!

Não acreditei naquilo. Eles se rebelaram, mas justo contra mim, que sempre pensei que era justamente isso que eles deveriam fazer. Esperem, não foi isso que eu quis dizer, vocês não entenderam o sentido...

Tarde demais, o que eu via antes como algo que “faz parte” e poderia ser uma situação de aprendizado tornou-se o mais sombrio prelúdio de meu fracasso. Desapareci. Da escola, de vista e da palavra. Bebi por dias. Tive de fazer exame de HIV quando a sobriedade e a culpa retornaram.

Tinha que prestar contas, sabendo que a dívida, na lógica educacional, tornou-se impagável. O que poderia dizer sobre isso? A raiva me consumia, não fui capaz de dialogar com a classe popular (para os mais “progressistas”), não tive o tal domínio de turma (para os mais “conservadores”), e nem ao menos soube significar ou ressignificar a experiência (para os mais “contemporâneos”). Sentia-me em uma espécie de purgatório, onde todos os céus da educação não me absolveriam, e os infernos não me aceitariam. Sentia-me, pois depois de um tempo isso não pareceu mais ter sentido algum.

Em certo momento, desses em que se esquece até sobre o que se estava pensando, um desejo de suspender todos estes paradigmas tomou conta de mim. Não fui à missa, não fui ver o orientador, não fui reler a bibliografia especializada e tomei-me pela irresponsabilidade a princípio nietzschiana (maldição, de alguns não conseguimos nos livrar)⁵.

5 “Eu quis conquistar os sentimentos de uma total irresponsabilidade, tornar-me independente dos elogios e da reprovação, do presente e do passado”. (NIETZSCHE apud DELEUZE, 1976).

Desejo de neutro, não pela falta que quer sair destes lugares de sujeito já dados, mas a vontade de ir para outra coisa, burlar talvez seja a palavra (BARTHES, 2003). Mas para onde fui? Escrevi sobre isso; refleti enquanto o trem passava; enquanto meu amante, percebendo meu absorto silêncio perguntava, “o que está havendo com você?”. Fiz este exercício, e dele alguma coisa deveria sair.

O *fatum* parece ser algo além desta vontade “livre” que está subordinada a história da qual eu daria um sentido para esta queda educacional⁶. Ele talvez queira nos dizer: “e agora? o que você faz com isso?” Qual é a vontade de dizer sim, quais são as forças que o atravessaram para que estas formas, no caso educacional, não sejam as que me impõem os clichês do “eles não querem aprender”, ou o drama de que eu, quase heroicamente, tentei proporcionar a eles conhecimento altruísta e inclusivo? Trágica reflexão, que nem parece ser uma, pois a vertigem é tão grande que quebra o espelho ao mesmo tempo que abençoamos os próximos sete anos.

Se vamos de *amor fati*, que se *pergunte ao pó!*

Temos que fazer um movimento perigoso, sem promessa e sem garantia de que terminemos nossa jornada com um método apto a ser aplicado. Precisamos “suspender as categorias”, deixar de lado a velha tradição que dita que tudo aquilo que reconhecemos é por uma conexão com algo que já pré-existia em nós. Abandonar todas as noções de continuidade (FOUCAULT, 2009), e deixar de lado todos os objetos que julgávamos “naturais” e que poderiam ser vistos como um alvo para alcançarmos qualquer experiência histórica (VEYNE, 1992). Abertos e prontos a nos surpreender, podemos encarar o passado como um grande mistério.

Acontecimento. O que é isto? Deleuze (2010) o associa a uma “névoa histórica incorporeal”. Ou seja, o acontecimento é aquilo que assombrou – mas que ao mesmo tempo manteve uma reserva de virtualidades, um infinito que nunca chegou a se encarnar na concreitude – e abriu um espaço vazio nas estruturas (ou entranhas). Cap-

6 *Fatum*, em NIETZSCHE, 2005.

tamos em nossos corpos aquilo que acontece, mas podemos pensar no sentido de que o julgamento e a avaliação estão condicionadas a moral e ao ressentimento. Querer o que acontece é o movimento do acontecimento puro, não no sentido de conformidade, mas sim de que os acontecimentos devem ser elevados à máxima potência, no sentido do “amor fati” nietzschiano.

A história criou, ao longo de sua etapa como conhecimento moderno, uma série de referências para nos orientarmos neste caos que é o fluir da vida. Em primeiro lugar, o próprio tempo: Cronos, devorador e referencial pelo presente. Tudo depende do presente, e a partir dele separamos o passado e o futuro. Tudo aquilo que está nos passando e que já foi encarnado, empoeirado, basta acessá-lo.

Em segundo lugar referências conceituais como estado, religião e cultura que buscam nos acontecimentos históricos aquilo que se efetuou, se realizou nos estados de coisas. Acontecimentos encadeados em uma série de referências para recortar o caos. Categorias tidas como alguns portos seguros para dar um sentido para as experiências passadas. A sexualidade grega seria mais livre que a nossa, marcada pelas forças de opressão que a impedem de se desenvolver livremente.⁷

Outros acontecimentos históricos poderiam ser pensados como acasos, desvios de uma regularidade, pois a referência tende a colocar os pontos singulares dentro de um encadeamento proposicional tendo em vista uma função, uma desaceleração das velocidades infinitas dos acontecimentos, e transformá-los em um estado de coisas atualizado (DELEUZE, 2010). São as forças das proposições criadas para dar às experiências passadas um ordenamento de referência no discurso da narrativa histórica. A designação, onde as palavras deveriam estar representando um estado de coisas; a manifestação, onde associamos a proposição a um sujeito ou “autor” que a enuncia; e a significação, onde as palavras deveriam estar em relação a conceitos

7 FOUCAULT, 1984. Refiro-me a “hipótese repressiva”, que Foucault refuta na escritura de seu estudo.

universalizantes que justamente criam esses pontos fixos dos quais poderíamos partir (DELEUZE, 2009).

Este ciclo das proposições fecharia um discurso no qual poderíamos ver a profundidade por trás dos acontecimentos históricos. Eles se mostrariam somente em sua efetuação no estado de coisas, e por isso caberia ao historiador romper com esses movimentos aparentes e dar-lhes uma ordenação dentro de uma abstração que os explicasse. Essa apreensão desaceleraria os movimentos infinitos a partir do bom senso, onde um ponto singular é fixado para orientar os encadeamentos dos outros; e do senso comum, fechando-lhes em uma identidade definida nas séries (DELUZE, 2009). Juntamente com a decapitação das guilhotinas e todo o sangue que jorrou, existiu um corte mais profundo e que seria mais importante: o de cima a baixo em uma sociedade que se transformou. As lâminas e os cestos cheios de cabeças seriam apenas enunciados a serem organizados em uma conceitualização mais ampla e mais abstrata, mas explicativa, portanto.

O acontecimento puro, essa reserva daquilo que foi efetuado tem uma consistência. Mas agora não tratamos mais de um plano de referência, em que as desacelerações criam funções, mas sim de um plano de imanência, onde também se recorta o caos. Os acontecimentos agora não são mais acidentes do problemático, mas libertam as singularidades não individuais, carregam consigo um devir não histórico necessário para que uma casa sempre fique vazia e o excesso transborde em outros pontos. Quem sabe agora o carrasco não guilhotinou a própria cabeça e a jogou pela janela do palácio do rei? Agora não estamos mais no plano do bom senso e do senso comum, mas sim do não senso, o que não significa a falta de sentido, mas sim um excesso de sentido sem nunca excluir outras possibilidades a partir do movimento infinito que deixa sempre uma casa vazia.

Mas o que seria esse sentido-acontecimento, que não está totalmente no estado de coisas (concretude) e nem no ciclo da proposição, mas ao mesmo tempo só se expressa neles? Assim como o enunciado em Foucault (2009), que não está nem na frase e nem na proposição, mas também só se expressa nelas?

O sentido agora não é aquilo que se extrai, se interpreta ou se representa do acontecimento efetuado, mas sim o próprio acontecimento incorporal. Se antes o sentido se dava pelo jogo do ciclo das proposições, principalmente no duelo entre o verdadeiro e o falso, o sentido-acontecimento rompe com todas as contradições e se espalha por um campo liso. Agora não há mais profundidade, não há mais um sentido oculto por trás das promessas de reforma da monarquia, mas sim uma superfície, onde podemos deslizar de um lado a outro. Superfície não significa “superficial”, mas sim a possibilidade de expansão das possibilidades e dos acontecimentos, agora incorporais, de adicionar ao invés de opor em favor de uma essência e de uma aparência.

Sabemos quem cometeu o cruel assassinato de Marc Bloch: o nazismo.

Já é hora de dormir quando se começa a entender a lucidez de algo...

Se revirando na cama, quase como não querer mais aquilo que se desejou o dia inteiro, pois atrapalhará o sono.

...e amanhã é como ter que lembrar de um sonho, tudo está disperso.

E não adianta nem chorar. Terá que se criar outra coisa destes fragmentos.

do mistério [noir]

Pensar de que maneira original as experiências passadas que se efetuaram, muitas vezes, mais pela contingência do que por uma necessidade atualizada em leis sociais, e por isso mesmo deixaram um

espaço vazio consigo. Esse espaço é a morada do passado como mistério, e da possibilidade de uma narrativa misteriosa na história. Por onde entrar nessas vias do mistério? Já que são tantas e tantos... Deleuze (2006) provoca belamente ao afirmar que um livro de filosofia pode ser lido com uma ficção científica ou romance policial. Por que a história não poderia narrada desta maneira também?

Muitas pesquisas, primeiramente na área dos estudos literários, já observaram as características e representações dos romances policiais. Abordagens históricas também seriam possíveis, mas se voltariam para a relação entre literatura e sociedade. Não será nosso caso nesse estudo, pois pretendemos não compor sobre alguma tipologia literária, mas com ela. Uma possível forma de narrar o passado como um mistério.

Mas não pensemos aqui como as narrativas policiais de *enigma*, como as do detetive Dupin de Edgar Allan Poe, onde os segredos só estão ali para provar a capacidade de raciocínio e o caráter moral do personagem principal. Nesse tipo de literatura, as personagens não adivinham, mas descobrem, depois de uma longa análise de indícios, o que se passou realmente (no caso, o assassino, ou ladrão, etc.).⁸

Pensamos mais em compor com as narrativas policiais conhecidas como *noir*, onde o mistério se perpetua durante uma trama em um mundo mais corrosivo, mais ligado às grandes cidades, onde os valores morais são mais ofuscados. Além disso, a literatura policial *noir* não se compõe a partir do grande clímax, do grande momento espetacular onde se desvenda o mistério, mas sim a partir de uma trama em que um mistério vai sempre levando a outro. Aqui a narrativa coincide com a ação e não há ponto de chegada definitivo, como “o” grande mistério a ser desvendado, mas sim situações que vão acontecendo com a própria participação das personagens em suas causas.

Aqui se vai da causa aos efeitos: mostram-nos primeiramente as causas, os dados iniciais (gângsters que preparam um golpe) e

8 A divisão é de Tzvetan Todorov (1970).

nosso interesse é sustentado pela espera do que vai acontecer, isto é, dos efeitos (cadáveres, crimes, dificuldades). Esse tipo de interesse era inconcebível nos romances de enigma, pois suas personagens principais (o detetive e seu amigo, o narrador) eram, por definição, imunes: nada podia acontecer-lhes. A situação se inverte no romance negro: tudo é possível, e o detetive arrisca sua saúde, senão sua vida (TODOROV, 1970, pg. 98)

Ao invés de um “elementar, meu caro Watson”, teríamos avaliações nesse estilo:

Jamais conseguiria encontrar uma pessoa da maneira que estava tentando. Pode-se encontrar personagens interessantes como Earl e o Dr. Verringer, mas não se encontra o cara que a gente está procurando. Gasta-se pneus, gasolina, palavras e energia num jogo sem vencedor (CHANDLER, 2000, pg. 140)

Mistério como as máscaras de Foucault (2010), onde podemos multiplicá-las em um grande carnaval, pois não há um rosto fundamental por trás.

Investigação em meio à vida, e não como um exercício de lógica. Quando Deleuze (2006) refere-se à leitura de um livro filosófico como um romance policial, associa isso ao empirismo. Produtor de conceitos na ação dos encontros, no “aqui e agora”, onde se misturam às próprias coisas em seu estado mais selvagem, não como mediação. O horizonte é sempre móvel, pois a trama se desenrola por caminhos tortos, por reviravoltas que não se dirigem ao mesmo lugar, que mudam de objetivo a cada passo, onde tudo que estava definido a priori tem que ser dissolvido.

Um mistério que se espalha, remetendo a outros mistérios onde não existe mais um original ou final. Expansão consistente pela superfície.

Um mistério que se espelha. Sem que isso seja refletir alguma coisa, mas sim deformar a representação. Presença que é outra nas sombras.

Já se disse sobre as potencialidades da composição entre investi-

gação policial literária e o ensino de história⁹. Principalmente tendo como base o conhecido texto de Carlo Ginzburg, onde

o conhecedor de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria [...] O caçador teria sido o primeiro a ‘narrar uma história’ porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos (GINZBURG, 2003, pp 147).

Não buscamos aqui os modelos de conhecimento inspirados em Freud, Sherlock Holmes, Morelli ou os caçadores da pré-história. Desejamos experimentar espaços mais lisos do que as supostas hipóteses “imperceptíveis para a maioria” ou “série coerente de eventos”. Buscamos pensar não somente no atualizado, mas também no potencial dos devires de cada um dos momentos históricos. Freud como caçador em um quadro roubado e nada por trás disso, somente expansões pela superfície.

O sentido de tais experiências se relaciona com aquilo que pode ser verdadeiro ou falso a partir do ciclo das proposições, do bom senso e do senso comum. Nessa perspectiva o passado só pode ser encarado como um enigma, e não como um mistério, pois o que é considerado absurdo, virtual ou não senso, não é nem levado em conta como possibilidade de ter algum sentido. No enigma, podemos refutar tal ou tal sentido dos acontecimentos históricos a partir desse jogo entre o verdadeiro e o falso, mas já para o mistério, teremos que levar em conta o não senso para podermos pensar a produção de uma narrativa sobre o passado que potencialize outra faceta do acontecimento. O enigma estaria dentro dos jogos normais, onde

1º) É preciso, de qualquer maneira, que um conjunto de regras preexista ao exercício do jogo e, se jogarmos é necessário que elas adquiram um valor categórico; 2º) estas regras determinam hipóteses que dividem o acaso, hipóteses de perda ou de ganho (o

9 Sobre essa articulação, ver, por exemplo, o artigo de BUENO, 2011.

que vai acontecer se...); 3º) estas hipóteses organizam o exercício do jogo em um pluralidade de jogadas, real e numericamente distintas, cada uma operando uma distribuição fixa que cai sob este ou aquele caso (mesmo quando temos uma só jogada, esta jogada não vale senão pela distribuição fixa que opera e por sua particularidade numérica); 4º) as consequências das jogadas se situam na alternativa “vitória ou derrota” (DELEUZE, 2009, pg. 61).

Já o mistério está dentro de outra perspectiva de acontecimento. No caso do jogo:

1º) Não há regras preexistentes, cada lance inventa suas regras, carrega consigo sua própria regra. 2º) Longe de dividir o acaso em um número de jogadas realmente distintas, o conjunto das jogadas afirma todo o acaso e não cessa de ramificá-los em cada jogada. 3º) As jogadas não são, pois, realmente, numericamente distintas. São qualitativamente distintas [...]. 4º) Um tal jogo sem regras, sem vencedores nem vencidos, sem responsabilidade, jogo da inocência e corrida à Caucus em que a destreza e o acaso não mais se distinguem, parece não ter nenhuma realidade. (DELEUZE, 2009, pp 62-63).

O mistério, assim como o jogo ideal Deleuziano, poderá “afirmar e ramificar o acaso, ao invés de dividi-lo para dominá-lo, para apostar, para ganhar” (Idem, ibidem, pg. 64).

Já vimos que a história costuma lidar com o que foi atualizado, com o que nos transformou no que julgamos ser. Mas há um lado dessa história, um lado sombrio que preferimos não levar em conta, pois ele atrapalharia esse repouso de nossa identidade constituída pelo discurso sobre esse passado. É um povo ainda por vir que está no passado. Perigoso, guerreiro, prestes a dilacerar todas as conciliações da pura diferença que tentamos encobrir.

Esse povo sem rosto insiste no passado e no futuro, indiferente ao presente que existe. É tempo Aion. Subverte a nossa cronologia que busca submeter o passado e o futuro às exigências (e a existência) do presente. Ele multiplica infinitamente o passado e o futuro

paradoxalmente em ambos os sentidos (DELEUZE, 2009). Temos em um museu mal assombrado uma cabeça guilhotinada sem nenhuma referência à revolução francesa. Mas quando a encaramos, algo que não podemos qualificar como existência se passa entre nós e esse resquício de um corpo. O que é isso que permanece erguido mesmo sem uma referência? Será a possibilidade de um mistério do acontecimento noturno e incorporal? Seria de nossa alçada desvendá-lo como um enigma ou espalhá-lo misteriosamente com uma fabulação da sensação?

De resto, agora só vamos em frente, o passado que se conserve.

parte 2

nem sabiam do que estavam falando

11

O BURBURINHO DA LANCHONETE NÃO ALTEROU OS SEUS PASSOS DECIDIDOS.

Ziguezagueando entre todos os atendentes rabiscando em seus blocos, conduzindo lanches e copos com destreza, estudantes universitários rindo, conversando e sacudindo descuidadamente suas pesadas mochilas, Carlos foi rapidamente até a mesa mais próxima à televisão.

– Café, por favor. Sem açúcar. Pode me dar o controle da tevê?

O jovem que o atendia pareceu não entender a pergunta.

– O controle. Preciso ver uma notícia importante, por favor.

Ele deu de ombros e logo voltou com o aparelho.

Carlos pressionou os botões enquanto as imagens iam se alterando, desde vendas de bijuterias até imagens de conflitos em países do oriente médio. Encontrou um canal em que a frase de anúncio na parte inferior da tela piscava: *Morte na universidade – perseguição cinematográfica e polêmica*. Aumentou o volume percebendo olhares de desgosto no repentino silêncio das pessoas ao seu redor. Agradeceu o café sem olhar para o garçom e manteve sua postura congelada, com o controle em mãos.

Algumas imagens trêmulas e não muito bem focadas mostravam uma multidão de pessoas mal vestidas sendo conduzidas para fora de algo que parecia ser uma rua. Todos pareciam gritar e não se reconhecia nenhuma voz que se destacasse ou centralizasse de modo comuni-

cável o que estava se passando. Somente poderiam ser vistos lapsos de carros, prédios e pessoas em meio ao tremor tanto das imagens quando da multidão que se movimentava. Alguns pareciam ser policiais.

Carlos ainda não entendia nada muito bem. As imagens foram repetidas mais três vezes. E em cada uma delas pôde ir distinguindo mais nitidamente algumas coisas. As pessoas saindo da suposta ruela pareciam ser muito pobres, devido a sua roupa, apesar de todas estarem vestindo um casaco preto. Quem seriam? Algum movimento organizado que ele desconhecia? E que ligação isso teria com a morte de Cléo? Na segunda rodada das imagens também viu o rosto do tal responsável pela investigação, mas sendo levado por outros que pareciam ser policiais para o banco traseiro de uma viatura.

As imagens caóticas agora deram lugar a um close sério de alguém que deveria ser o âncora do telejornal. Outros apareceram quando o enquadramento abriu para o estúdio de cores suaves. Carlos percebeu que as mesas ao seu lado também prestavam atenção à televisão. A voz grave e com dicção perfeita anunciou:

– Bom dia a todos que nos acompanham. Recapitulando os acontecimentos: A busca pelo novo suspeito do assassinato de Cléo Sabathini terminou em catástrofe como pudemos acompanhar pelas imagens. Pelas informações que temos até o momento, o responsável pela investigação, inspetor Adão Machado, conduziu a operação para prisão preventiva de um homem de nome ainda desconhecido. Durante a intervenção, por motivos ainda não conhecidos, o inspetor ordenou que todos os que estavam na rua fossem conduzidos e mantidos em um beco da região. Uma ligação anônima acionou a D.P. da região, assim como o serviço social, denunciando o abuso de autoridade por parte do inspetor. Sabemos também que outro policial, Sérgio Cabral, foi baleado e está em estado grave no hospital central. O delegado da polícia civil ainda não deu nenhuma declaração oficial.

O seu close foi captado por outra câmera enquanto ele se virava.

– Estamos aqui com convidados para debater o assunto. O sociólogo Arthur Pereira, especialista nas relações entre polícia e violência; Joana Menezes, representante municipal do movimento dos sem-

-teto; e Paulo Martins, comentarista sobre os assuntos de segurança aqui de nossa emissora. – Disse enquanto as imagens davam um close no rosto sério de cada um dos convidados. – Agradeço a presença dos senhores. – A tela mostrou todos sentados em volta de uma grande bancada.

Carlos olhou angustiado para o relógio. Estava quase no horário da aula e talvez não pudesse acompanhar a discussão.

A tela agora mostrava dois perfis, do apresentador e do primeiro convidado.

– Professor Paulo. Poderíamos dizer que, nesta situação no mínimo inusitada, existe algum lado correto?

O professor cruzou as pernas e juntou às mãos alinhadamente ao queixo:

– Procuo não colocar a situação nestes termos, afinal, ainda não temos informações suficientes para avaliar adequadamente como se chegou a esta situação que, já de início, digo que é lamentável. Agrupar pessoas em um espaço, praticamente cercand-as é um cenário que nos remete a exemplos históricos dos mais horríveis. O holocausto seria a triste lembrança mais óbvia. Mas, além disso, eu diria que as verdadeiras vítimas de práticas como essa somos todos nós. Deixamos, por não ter um projeto de país que contemple todos os grupos sociais, com que alguns cidadãos tenham sempre seus direitos em situação de vulnerabilidade. Isso acarreta em que, por um lado, buscamos como prioridade criar uma situação confortável individualmente, e, por outro, que tenhamos medo de quem não consegue ou não quer atingir estes objetivos. Assim, mesmo que não aceitemos a violação de direitos, acabamos por silenciosamente permiti-la em alguns casos, justamente para garanti-los a nós. Por isso, respondendo mais diretamente a sua pergunta, diria que sim, existe um lado errado, somos nós mesmos em nossa silenciosa ou ineficaz condescendência.

A câmera voltou a focalizar o jornalista. Carlos viu alguns alunos já voltando para o prédio em que estava a sua sala. Eram os mais aplicados, poderia esperar mais um pouco até que todos voltassem.

– Agora, senhora Joana. Como, de sua posição, avalia essa situação?

A imagem mostrou uma mulher com o corpo inclinado para frente, apoiando os cotovelos aos encostos da cadeira. Abria e fechava o zíper de sua jaqueta enquanto iniciava sua fala.

– Concordo com o professor quando diz que os responsáveis somos todos nós. Mas não, não somos todos vítimas. Isso o que aconteceu não é uma situação inusitada, como foi dito pelo nosso jornalista aqui. É só mais um episódio da violência e da repressão contra os sem-teto. Estávamos em fase de realocação daquela área em somente, um, digo um dos muitos prédios daquela região que estão abandonados e somente servem de reserva para a especulação imobiliária. Processo esse que não foi aceito pela prefeitura há cerca de três meses, como mostra documentos que tenho aqui em mãos. Mas agora, algo que não entendo, e já exijo aqui uma explicação imediata por parte da polícia. O que teriam essas pessoas a ver com a captura de um suspeito de assassinato? E as outras violências diárias que acontecem contra nós? Por que isso não ganha um espaço de discussão em lugares como este? Só fui chamada por que o caso tem ligação com esse crime que, por mais que tenha sido horrível, não é nenhuma exceção entre nós...

A imagem rapidamente mostrou o rosto sorridente do âncora, embora, pelo caráter ao vivo do programa, qualquer um minimamente atento poderia perceber que o microfone da líder dos sem-teto fora cortado. Assim como antes de chamar o próximo convidado, poderia perceber-se uma tentativa de controlar as gargalhadas por parte do jornalista.

Carlos continuou imóvel.

– Agora os comentários de Paulo Martins.

O último convidado usava uma camisa pólo e falava com os braços cruzados sobre a saliente barriga:

– Obrigado Antônio. Sabe, quando eu era jovem, lá pelos treze anos, morava com meus pais em uma situação muito precária. Ele era mecânico e ela costurava para fora. Isso foi nos tempos em que

a cidade não era tão super povoada e não tínhamos o costume de ver moradores de rua circulando. Também por que, embora fosse um bairro pobre, a vizinhança era constituída de trabalhadores. De qualquer maneira, um dia apareceu um homem jovem, forte, saudável, mas infelizmente muito mal vestido pedindo um prato de comida. Eu e meus irmãos vimos aquilo com muita curiosidade, enquanto meu pai foi falar com ele. Meu velho, muito honesto e ético, disse que nunca negaria comida para alguém necessitado, e que ajudaria de muito bom gosto. Mas, como tudo exigia esforço, teria que trabalhar durante o resto da manhã limpando o pátio, para, inclusive, sentar-se com nós à mesa. E sabem o que ele fez? Além de recusar, disse palavras obscenas ao meu pai. Por isso, caros tele espectadores, temos que pensar que nada é de graça no mundo. A polícia agiu por que precisava fazer alguma coisa em relação a este horrível crime. Conhecendo pessoalmente o inspetor Adão, sei que o que tenha feito, e não podemos esquecer que ainda não sabemos as causas, fez buscando manter a ordem. E, por outro lado, essas pessoas que estão nessas condições degradantes, deveriam receber oportunidade de trabalho, e não simplesmente ganhar moradias do governo, como o movimento dos sem terra nos dá maus exemplos e experiências. Pois aposto que se negaram a ajudar na captura, devem ter pedido algo de graça em troca, justamente por serem acostumadas a ter as coisas de mão beijada.

Carlos estava levantando-se enquanto as últimas palavras do comentarista eram pronunciadas. Sentiu irritação por se atrasar para a sua aula e, ao mesmo tempo, perder tempo ouvindo aquilo que esperava que fosse dito por aquele sujeito. Nada mais deveria ser dito agora, pois eles nem sabiam do que estavam falando. Lamentável. O âncora sorriu, agradeceu aos convidados e ao público, lembrou do jornalismo engajado, comprometido com todos os pontos de vista e útil à democracia que praticava. Os créditos tomaram conta do primeiro plano da tela enquanto Carlos batia a porta da lanchonete.

Chegou ao velho elevador com as palavras “útil à democracia” pulsando em seus pensamentos. De que democracia estavam falando? Daquela que defendiam, é claro. Muito distante de uma de ver-

dade. Pensou em discutir isso com a turma, mas evitaria falar desse caso, afinal, tudo agora parecia não estar de acordo com o que poderia ser dito, mas sim teria que esperar o que poderia ser visto.

Entrou na sala vendo todos conversando desordenadamente. Sorriu.

– Desculpem o atraso, precisava pensar melhor em uma questão importante para discutirmos.

NOVA MENSAGEM RECEBIDA.

Era o que piscava no visor.

Pressionou o botão despreocupadamente.

Senhor Leopoldo. Apenas um aviso amigável: Sugiro evitar os assuntos que o tem ocupado muito tempo durante a reunião. Saúde e fraternidade.

Deixou o aparelho deslizar para dentro do bolso interno do paletó. Olhou para a sua conhecida escadaria enquanto pensava no que acabara de ler. Desceu do carro e subiu transparecendo normalidade, cumprimentando civilizadamente alguns colegas que seguiam o mesmo caminho. Alguns senhores escalando com dificuldade aqueles longos degraus contrastavam com alguns turistas, estudantes e curiosos em roupas de verão. Sempre quando atravessava a entrada principal do museu, Leopoldo sentia um súbito ânimo ao respirar aquele ar refrescante, proporcionado pela arquitetura ampla, e, ao mesmo tempo, pesado, pelo conhecimento e respeito exigidos de qualquer que ali adentrasse.

Leopoldo tomou o elevador panorâmico interno, recentemente construído, e observava em seu leve movimento vertical o salão principal. Não concordava com aquela exposição temporária que tanto espaço tomara. Tudo ali soava descartável demais, colorido demais, deveras disforme, como se não durasse a qualquer ação do tempo, ou das exigências de uma representatividade histórica mais profunda. Além disso, destoava completamente com o propósito mais essencial

de um museu como aquele: o de preservar a memória significativa da identidade nacional, tanto pelos seus feitos, como por seus exemplos. Outros espaços considerados mais modernos poderiam se encarregar dessas curiosas manifestações. Mas as novas políticas assim exigiam; revitalizações, contemporaneidade, novas formas de expressão, etc. Ele se aborrecia profundamente em compactuar com isso, mas os financiamentos continuavam sendo aprovados, assim como os espaços permanentes para o que realmente importava se mantinham.

Era o que poderia fazer por enquanto.

Caminhou rapidamente pelo corredor, passando em frente à sala de restauro e a de análise documental. Entrou a direta, já deixando sua pasta por conta de seu assistente. Alguns colegas já esperavam o início da reunião, conversando aleatoriamente sobre algumas leis, corridas de cavalos, e outros assuntos que os divertiam. Leopoldo mostrou-se reservado, sentado em uma das grandes cadeiras em frente a mesa habitualmente lustrada. Observou os seus já conhecidos bustos, livros antigos e pinturas de conquistas militares que tanto o deixavam sereno nos últimos anos. Pela mensagem que recebera a pouco, julgou que deveria falar somente quando solicitado.

Ajeitou-se na cadeira quando viu um de seus conhecidos mais antigos, Thomas, aproximando-se.

– Olá Leopoldo. Somente entre nós... Você andou investigando o assassinato daquela professora? – Perguntou se acomodando ao lado dele.

– Tratarmos disso não é o objetivo desse encontro.

– Eu sei. Mas é só uma conversa entre amigos. Meus contatos na polícia me informaram de seus interesses.

– Thomas, por favor... Não é o momento. – Disse entre os dentes e olhando de lado para o seu colega.

– Tudo bem. Se assim prefere. – respondeu Thomas abrindo os braços e se afastando.

Enquanto ainda fitava seu quadro favorito Leopoldo pôde ver pelo canto do olho mais homens entrando na sala de reuniões. Eram os mais influentes, daqueles que fazem com que todos cessem suas

conversas paralelas e encaminhem-se aos seus lugares. Valdir, mesmo que sem uma nomeação oficial, costumava dar início as reuniões.

– Bom dia senhores. Temos assuntos importantes a tratar hoje. – Colocou seus óculos e seguiu, atento a folha de ofício em suas mãos. – Em primeiro lugar, a discussão jurídica acerca das pesquisas que algumas instituições nossas estão realizando. Sabem que se trata da atividade que busca mapear o comportamento cerebral de criminosos condenados por penas capitais. Todos aqui estamos de acordo com a importância de tais pesquisas, mas o nosso problema está no processo que alguns grupos contrários aos nossos interesses e, por que não dizer, ao progresso do conhecimento, estão movendo visando impedi-las. De qualquer maneira, o panorama completo da situação será descrito pelo nosso colega, Doutor Watson.

Todos os olhares se voltaram para o sereno senhor de cavanhaque. E todos murmuram um reconhecimento de sua importância naquele meio. Valdir tossiu elegantemente para que voltassem a atenção para ele.

– Em segundo, e não menos importante, uma questão política. Nossos conhecidos vereadores, dos quais temos dois ilustres representantes aqui, estão com dificuldade em aprovar o projeto de obrigatoriedade das câmeras de segurança. Eles também trarão os detalhes no momento oportuno. E, por último, no campo educacional, o primeiro relatório sobre o andamento da desvalorização dos monumentos. Nosso responsável por esses assuntos, o recém nomeado senhor Leopoldo, irá nos informar de seus progressos.

Valdir dobrou ao meio o ofício e serviu-se de uma xícara de chá.

– Muito bem. Todos concordam com a pauta? Gostariam de acrescentar algum assunto?

Em meio ao breve silêncio de consentimento, Leopoldo hesitou por alguns instantes. Quando Valdir pareceu iniciar a primeira sílaba para iniciar a reunião ele levantou a mão.

– Sim, senhor Leopoldo.

– Eu gostaria de discutir a relevância imediata do terceiro ponto.

– A relevância imediata? Creio que não compreendi muito bem...

– Digo imediata, pois ainda são muito prematuros os meus resultados para que dispensemos tempo neles.

Um burburinho civilizado tomou conta da sala. Valdir levantou discretamente a mão para tomar a palavra.

– Caro senhor Leopoldo. Sabemos do pouco tempo que ainda teve. Mas creio ser relevante um primeiro relatório para termos alguma ideia de quais caminhos o senhor está tomando. Podemos até auxiliá-lo, visto as especialidades mais diversas que fazem parte de nossa congregação.

– Mas ainda estou na fase de recolhimento de informações, documento e dados. Ainda não tenho nenhuma ordem, ou caminho, se o senhor prefere, específico.

Nesse momento, João tomou a palavra.

– Caro senhor Leopoldo. Sei que historiadores ligados à nossa postura, como o senhor, rejeitam certas posturas que consideram prematuras. Mas também insisto na importância de nos apresentar algumas linhas gerais, ou intenções iniciais, se assim preferir.

– Com todo o respeito, colega João, mas não se faz pesquisa com intenções, e sim com o recolhimento e organização de dados. Sinceramente, não gostaria de entrar em uma discussão sobre as controvérsias entre história e filosofia dentro de nosso pensamento positivo.

João riu respeitosamente. Valdir retomou a palavra.

– Acredito que a questão é mais simples do que a vemos. Não no sentido intelectual do termo, pois senão perderíamos dias aqui. – Alguns risos puderam ser ouvidos entre os estalos de xícaras. – Estas reuniões são mais pragmáticas, e deixamos tais discussões para grupos menores. Por isso, justamente buscando essa objetividade, sugiro que alteremos a ordem da pauta e discutamos agora mesmo os seus avanços.

– Mas, senhores. O que disse é justamente da ordem do pragmatismo, se assim preferem ver. Não tenho nada sólido e prescritivo, e considero isso não digno de fazer parte da atenção dos senhores hoje.

Thomas inclinou-se apoiando os cotovelos à mesa, esboçou um acolhedor sorriso.

– Caro Leopoldo. Seus argumentos soam um tanto quanto defensivos. Não se sinta pressionado, por favor. Eu sugeriria, para tanto o seu agrado quanto ao do conselho, que simplesmente relate quais são os seus procedimentos iniciais. Quem sabe assim podemos não recair em um desacordo desconfortável e desnecessário.

Todos pareceram demonstrar satisfação com a última proposta. Leopoldo suspirou e teve que controlar seus impulsos de se afundar na cadeira e ser descortês.

– Muito bem. Se assim possa haver algum acordo... Segui com meus procedimentos padrões. Em primeiro lugar, pedi ao senhor João todo o material que estava em sua posse. Fiz uma primeira triagem, o que demorou bastante, e acionei meu tutelado, Plínio, como todos sabem o filho do senhor Thomas, para que uma primeira seleção fosse feita. A minha solicitação voltou-se para a área do patrimônio histórico, visto o problema mais imediato que tentamos lidar. Ele ainda está nesse processo. Por minha vez, busquei mapear os perfis de instituições que estão mais envolvidas nessas áreas, como universidades, organizações não governamentais, etc.

– E está envolvido nisso agora? – Perguntou Valdir.

– Exatamente. Por isso insisti na prematuridade do relato.

– Muito bem, senhor Leopoldo. – Fez um sinal com mão para o seu assistente e aguardou alguns instantes.

Os rostos se mostravam ou desconcertados, ou incomodados, ou ansiosos pelo pequeno clima de discordância que dominara o encontro até então, mas mesmo divergindo em reações, todos acompanharam a trajetória do jovem da porta até uma das cadeiras vazias em torno da mesa. Leopoldo levantou-se, surpreendendo alguns pela sua surpreendente quebra de compostura.

– Isto é um ultraje! Plínio não tem o nível necessário para participar da reunião!

– Senhor Leopoldo. Eu, como presidente temporário do conselho, autorizei a presença dele, como prevê nosso código em situações extraordinárias.

– Mas mesmo em um caso extraordinário, o código diz que

qualquer ação que envolva um tutelado tem que ser autorizada pelo tutor, no caso eu.

– Exceto nos casos em que a situação excepcional está ligada ao próprio tutor. – Completou Valdir calmamente.

O busto do primeiro navegador, esquecido por muito tempo depois de uma conspiração comercial da coroa, destacou-se entre outros na visão de Leopoldo. Ele encarou aqueles olhos que pareciam observá-lo.

– Por favor, senhor Leopoldo. Sente-se. Assim será melhor para todos nós. -Interviu Thomas.

Leopoldo encarou devagar cada um dos membros do conselho, e recebeu, como retribuição, o desvio do olhar de um por um. Sentou-se, agora deixando seu corpo maleável ao formato do assento.

– Jovem Plínio – Disse Valdir com uma dicção calma e perfeita. – Quero que se sinta à vontade em meio a nós, pois todos concordam quanto à sua confiável eficiência. Farei algumas perguntas claras e diretas. A primeira é: o que exatamente o senhor Leopoldo pediu para que realizasse?

Plínio, com movimentos vagarosos, tirou sua caderneta do bolso e a abriu.

– O senhor Leopoldo deu-me uma caixa contendo pen drives, disquetes, cd's e arquivos impressos. Pediu para que eu os observasse e fizesse uma separação sobre tudo o que envolvesse o assunto patrimônio histórico, desde a última constituição. Depois disso, eu deveria produzir tabelas buscando o perfil dos financiamentos, fossem étnicas, de classe ou qualquer tipo de grupo social.

– Muito bem, Plínio. É uma tarefa que exige esforço e responsabilidade. E você teve sucesso com o que ele lhe atribui?

– Julgo que sim. Terminei em dois dias.

– Interessante. Por que somente julga?

– Por que não obtive nenhuma avaliação.

– E o que fez depois?

– Deixei várias mensagens para o senhor Leopoldo buscando mais orientações.

– E quais foram elas?

– Nenhuma. Não obtive resposta.

Todos os conselheiros olharam para Leopoldo, que estava com a cabeça baixa e rabiscando alguma coisa em seu bloco de anotações.

– Mais alguma coisa que gostaria de acrescentar desde a última vez que se encontrou com o senhor Leopoldo?

– Creio que sim... – Disse Plínio um tanto quanto hesitante. – Os senhores que são desse soberano conselho é que devem julgar a relevância definitiva – Mas...

– Sinta-se a vontade Plínio, não há restrições aqui entre nós.

– Às vezes os assuntos mais extravagantes nos trazem a possibilidade de reorganizar os pensamentos. – Disse tentando evitar a presença de Leopoldo, mas verificando as reações dos demais membros. – Na manhã em que o meu tutor encarregou-me dessas tarefas eu lhe dei a notícia do assassinato de certa professora, como talvez os senhores já tenham acompanhado.

– Acompanhamos sim, meu caro jovem. E por que julgou importante mencionar esse fato?

– Enfim, sei que não tenho a experiência e o conhecimento necessário para avaliar certas coisas. Mas a notícia pareceu abalar o senhor Leopoldo.

– Em que sentido? Digo, pode falar a vontade, sem se preocupar com termos exatos agora.

– A partir do momento em que eu o informei disso, ele não se preocupou mais em ouvir meu relatório sobre as notícias midiáticas e logo me dispensou. Depois ele se distanciou de tal forma que eu não consegui mais restabelecer contato, conforme mencionei anteriormente.

– Entendemos o seu constrangimento Plínio. É difícil a situação em que se encontra. Mas é para o bem da congregação, então, não se sinta desconfortável de nenhuma forma. Muito obrigado pelo seu relato tão honesto e exato. Muito obrigado.

Todos observaram Plínio agradecer e sair. Nenhum dos rostos ali presentes, apesar de estarem em sintonia, virou-se diretamente para Valdir ou Leopoldo. O primeiro seguiu tranquilamente.

– Temos um problema sério de negligência aqui.

Leopoldo voltou a sua postura habitual e disse claramente enquanto causava dispersão na reunião:

– Senhores conselheiros. Antes de qualquer julgamento receio não saberem do que estão falando...

– MALDIÇÃO!

Foi o grito contido que saiu entre os dentes de Arnaldo depois de ouvir aquele conhecido som de alguém batendo à porta com firmeza. Já era a terceira vez, o que fazia de simplesmente pressionar o travesseiro contra o rosto ser uma estratégia inútil para sua tentativa de invisibilidade. A pessoa do outro lado sabia que estava ali, o que seria difícil de não adivinhar. O som da goteira ainda continuava ditando o ritmo das fotografias que tirava a cada piscar de todos os centímetros daquele pequeno espaço. A cada nova irregularidade do minúsculo quarto, um novo som do repetitivo vazamento.

Abriu a porta esperando o pior. Já tinha levado tantos golpes violentos nos últimos dias que o corpo já estava se preparando para recebê-los. O corpo já estava maleável quando puxou a porta repentinamente e viu o rosto cheio de lágrimas daquela menina. A aurora pedia licença, junto àqueles dreadlocks que poderiam lhe trazer problemas.

– Pelo jeito você também não dormiu. – Disse ela já se sentando na cama.

– Essa goteira não deixou. – Respondeu se jogando na outra extremidade.

– Queria que estes pingos fossem meu único problema agora.

Contemplaram o silêncio por alguns minutos, podendo somente ver a claridade que aos poucos deixava mais visível toda a precariedade daquele quarto. Alana sentada na cama abraçando as próprias pernas, e Arnaldo jogado e esticado na outra ponta com as mãos em cima da barriga.

– Se importa se eu fumar um?

– Fique a vontade.

Enquanto ela organizava seus apetrechos, Arnaldo levantou-se, andou os passos que o espaço permitia até se sentar em uma cadeira de escola perto da porta. Deu um sorriso ao ver um pênis desenhado com corretor líquido no seu assento. Alguns sons distantes de galinhas, panelas, xícaras e rádios sendo ligados tomaram o lugar do silêncio.

– Está desconfortável comigo aqui? – Perguntou ela depois da primeira tragada.

– Honestamente? Sim. Sabe-se lá o que seu namorado pode pensar.

– Não o julgue somente pela última noite. Talvez tenha feito o que era preciso.

Arnaldo não respondeu. Olhou pela minúscula janela que permitia a visão de um verdejar das árvores cada vez mais intenso.

– Se tudo é tão tranquilo, o que faz aqui? – Perguntou sem desviar o olhar para rua.

– Só estou dando um tempo.

– E você? Como foi parar no meio dessa confusão? – Voltou a dizer ela alguns minutos e algumas tragadas depois.

– Digamos que eu conheci a pessoa errada...

– E você é um cara certo?

– Acho que não sou ninguém.

– Talvez mais na hora e no lugar errados então? – Disse Alana balançando o corpo.

– Talvez... É um bom jeito de ver tudo.

– Engraçado. Minha mãe dizia que devemos sempre ir atrás do que nos deixa mais potentes, dos bons encontros. Achava aquilo tudo um pouco estranho, mas parece fazer sentido agora. – Disse Alana sorrindo.

– É possível que sua mãe nem saiba do que está falando. Como a maioria de nós...

– Não sabia...

– Como?
– Não sabia. No passado.
– Ela já morreu. Desculpe.
– Tudo bem. Mas é bom que saiba, afinal, esses papéis que você leu foram escritos por ela.

Ela apontou para as folhas amassadas em cima da cama desfeita. Ele esfregou as mãos no rosto, bem forte. Depois puxou os próprios cabelos para trás.

– Eu conheci sua mãe, Alana. Desculpe pelo que disse antes. É provável que ela soubesse muito do que estava falando.

– Tudo bem. Ela falava pouco, assim como aparecia. Talvez não soubesse de muita coisa.

Arnaldo esticou as costas e voltou a deixar os ombros caírem, apoiando os cotovelos sobre as pernas.

– Ela era inspiradora, mesmo que de um jeito estranho.

– Isso é verdade. Mas sempre trazia a decepção consigo. Digo, para quem a conhecia há muito tempo.

– Sabe quando vou sair daqui?

– Eu não sei. Não verdade, vim saber por que você está aqui.

– Sócrates mandou você?

– Arnaldo. Não me ofenda, por favor. Fiquei curiosa por que você não parece alguém que se envolve em trocas perigosas no meio da noite.

– É um hobby. Na verdade eu vivo de renda.

– Muito engraçado... Mas por que raios vocês se importaram tanto com esses papéis a ponto de tentarem invadir o apartamento da minha mãe e depois pagarem uma grana?

– Não sei. Como disse o seu namorado, sou só o mensageiro.

– Cara, você se esquivava muito. Parece até meus professores...

– Algum dia, quem sabe, podemos beber algo e falar dos nossos sentimentos.

– O homenzinho e suas piadinhas. Nada muda nem em situações tensas. Mas o engraçado é que não as ouvi quando você estava com Sócrates...

– O que você quer de mim, afinal?

– Disse que minha mãe era inspiradora. Devia gostar dela. Ou você está mentindo sobre isso, ou está sendo sincero, mas não muito inteligente.

– A segunda opção deve ser a verdadeira. Mas não entendi muito bem o que você quis dizer...

– Nunca pensou que esses caras podem ser os que a mataram? E esses papéis provam alguma coisa?

– Não vejo como, pelo que está escrito neles...

– Mas pelo jeito não pensou em muita coisa, não?

– Fui seguindo o curso meio sem saber para onde vai e sem saber por quê.

– E também nunca pensou em tomar partido? Se ela significasse alguma coisa para você, talvez devesse ter ido à polícia, ao invés de ajudar esses homens.

– A polícia veio até mim. E não foi nada agradável.

– E por que não se virou com as suas piadinhas?

Arnaldo se levantou novamente e parou em frente à janela, de costas para ela.

– Alana. Entendo que não goste de mim, mas preciso da sua ajuda.

– Agora eu posso ser útil?

– O que vai acontecer? Digo, quais são os próximos passos de Sócrates?

– Não precisa se borrar de medo como uma menininha. O interesse dele não está em você. Vai cumprir o papel de mensageiro novamente, só que de outro lugar. O que o preocupa é se você vai assumir o lado dele ou ficar em cima do muro.

– Eu estou do lado dele... – Disse Arnaldo olhando para o seu dedo.

– Arnaldo. Se você quer saber mais sobre minha mãe é melhor estar junto comigo.

– Pode ser. Mas que diabos você faz aqui?

– É uma história longa.

– Imagino ter tempo. Mas quem sabe exatamente o quanto, são vocês.

– Você realmente não conhecia minha mãe, não?

– Não. Se quiser falar sobre ela eu agradeço.

– Só posso dizer que também não a conheci, pelo menos nos últimos anos.

– Por isso que fugiu para esse lugar?

– Por favor, Arnaldo. Não simplifique meus sentimentos. Isso é outra história.

– Estou aqui porque percebi que não podia fazer nada de onde eu estava. Eu gosto de participar, assumir alguma causa, principalmente daqueles que estão excluídos. Engraçado que se defende justamente isso, mas sempre de dentro dos lugares que justamente excluem. – Voltou a dizer Alana enfatizando algumas palavras.

– E está se dando bem com isso?

– Não saberia dizer. Mas se você acha importante uma coisa, tem que fazer parte dela. Como ser a favor de uma comunidade sem fazer parte da vida dela, sem assumir o lugar desse outro?

– Não faço ideia. Mas você parece ter as respostas...

– O que você faz, Arnaldo?

– Já disse. Vivo de renda.

Alana o encarou por alguns segundos. Ele baixou a cabeça antes de dizer:

– Sou só um professor de história.

– É bizarro estar aqui. Eu seria sua colega, mas decidi sair da teoria e ir à prática.

– Só isso já foi motivo para desistir?

– Se prefere dizer dessa forma. Eu prefiro acreditar que não adianta nada estar presa a um lugar que faz você pensar o quanto é importante, por exemplo, valorizar o que acham que sejam os índios, mas que mantêm sempre uma distância em relação aos reais.

– Conversa difícil essa, me lembra outras duas que tive recentemente.

– Como assim?

– Outras pessoas com quem conversei. Falavam que a história servia para isso, servia para aquilo. Discursavam sobre isso justamente quando tudo o que eu queria era saber mais sobre Cléo. Engraçado você fazer justamente a mesma coisa.

Alana encolheu-se mais. Não disse nada por algum tempo. Enrolou mais um baseado.

– Então quer saber sobre minha mãe. Ela era uma mulher guerreira, mas começou a desaparecer cada vez mais nos últimos tempos, assim como suas lutas.

– E tem ideia do que pode ter acontecido?

– Não sei. Certo dia deixou uma carta. Desapareceu por três anos e depois voltou sendo cada vez mais ausente.

– E pensa que isso tem ligação com o assassinato dela?

– Acho possível. Ela sempre foi uma mulher que incomodava. Eu não sei quem eram aqueles dois homens, mas com certeza estavam a serviço de alguém que ela ou magoou, ou desafiou seriamente.

– O nome do homem que busca este documento é Leopoldo Gonçalves. – Disse Arnaldo apontando para a pilha de papéis. – Esse nome lembra alguém?

Alana ficou imóvel por algum tempo. Começou a balançar a cabeça e movimentar silenciosamente os lábios.

– Sim. Esse nome faz todo o sentido.

– Que sentido? – Disse Arnaldo sentando-se novamente na cadeira de madeira com um pênis desenhado.

– Claro! Claro! – Repetiu ela ignorando a presença dele. – Preciso falar com Sócrates. – Disse ela apagando seu cigarro e saindo rapidamente.

– Mas o que é? – Arnaldo a seguiu até a porta.

Fechou os olhos quando fora massacrado pela luz já alta da manhã. Demorou alguns minutos parado à porta balançando o corpo e abrindo e fechando as mãos. Voltou à escuridão do quarto, deitando na cama com as mãos apoiando a cabeça enquanto sacudia as pernas. Os sons vindos da rua faziam com que não reparasse mais no barulho do vazamento.

logo saberiam o seu destino

– COMO DIZIAM OS DE ANTIGAMENTE: NÃO É FÁCIL.

Ambos os homens concordaram com a cabeça, silenciosamente deixando a máxima soar. O corredor branco e bem iluminado não disfarçava as tensões nos rostos e os passos preocupados de quem por ali circulava.

– Eu apoio o que você fez. Infelizmente são tempos em que não posso dizer isso publicamente. – Voltou a dizer o homem de pé encostado na parede.

– É o que os de antigamente mais dizem hoje em dia...

– É uma questão de sobrevivência, Adão. Se não por nós, pelo menos para os que deixaremos aqui.

– Mais pela família do que pela pátria... Quem sabe não era assim mesmo antigamente?

Os dois seguiram em silêncio olhando para o chão, um de pé e o outro sentado. Puderam ver os sapatos bem lustrados se aproximando.

– Ninguém da família? – Disse o homem todo de branco.

– O garoto era meio solitário – Respondeu Adão sem tirar os olhos do chão.

– Infelizmente os ferimentos foram mais do que sérios. Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance.

– Será que realmente fazemos? – Disse Adão já se levantando.

– Adão. Por favor...

– Quando fazemos tudo estamos errados, não? – Respondeu já atravessando a porta.

O inspetor saiu do hospital sendo encurralado por uma enxurrada de perguntas, flashes e protestos.

– Inspetor Adão. Como justificaria a sua ação?

– Inspetor. O que diz em sua defesa?

– Inspetor. A polícia irá julgá-lo ou aposentá-lo compulsoriamente?

– Fascista!

Abriu caminho entre a multidão e entrou no carro. Um dos seus homens estava ao volante. Acelerou antes mesmo que Adão conseguisse fechar a porta.

– Aonde vamos, chefe? – Disse sem se virar, atento a várias pessoas que se sentavam no capô ou batiam nos vidros.

– Delegacia não é uma boa ideia agora. Aquelas sanguessugas já devem estar a postos para jogar tudo em cima de mim e ficarem livres para parasitar.

Através do vidro escuro observou todos aqueles rostos que expressavam a fúria que sempre temeu recair sobre si mais cedo ou mais tarde, mesmo que fossem por motivos outros.

– Direto para o apartamento do espertinho. Alguma coisa eu tenho que achar lá.

– Certo chefe. Mas temos que tomar cuidado. É possível que esteja tumultuado por lá também.

– De algumas coisas não temos como escapar mesmo...

O carro ganhou a avenida, e o movimento da maioria da cidade parecia estar indiferente, ou desinformado, das ações de Adão.

De volta à região portuária, tudo parecia estar como antes, exceto por alguns veículos da assistência social e um ou outro rosto novo que poderiam ser jornalistas, estudantes, curiosos ou voluntários. Adão pediu para que seu motorista estacionasse bem em frente a porta do prédio, de preferência subindo a calçada. Parados em frente a entrada, viu dois policiais conhecidos representando o papel de vigilantes. Eles ajudaram na rapidez com que ele entrou no prédio.

– Liguem para a D.P. e perguntem pelo locador do imóvel. Provavelmente alguém já se encarregou disso. Quero saber o nome, ou pelo menos do que o desgraçado se auto-intitulou.

O apartamento aparentemente continuava do mesmo jeito, impecavelmente organizado. Adão andou decidido até o quarto. Abriu todas as gavetas do roupeiro, criado mudo e da pequena estante. Revirou as roupas, lençóis, travesseiros e sapatos. Sentou-se na cama pensando sobre como era estranho não encontrar nenhuma carta, fotografia, documentos, cobranças, etc. Nada que revelasse alguma coisa sobre aquele sujeito. Não tinha computador também, provavelmente acessava a internet em alguma lan house. Anotou em seu bloco que deveria mandar algum policial vasculhar esses locais nas redondezas. Mas de que adiantaria? Não tinha nenhuma descrição do elemento, assim como ele podia utilizar computadores do outro lado da cidade. Foi até a cozinha e revirou tudo o que encontrou no caminho. Fez o mesmo com o banheiro, a sala, a despensa e a lavanderia. Aquele homem estava mais do que preparado para algum dia ser procurado. Adão sentou-se no sofá e secou o suor do rosto e da nuca.

Viu o policial ofegante chegar.

– Inspetor. O apartamento está alugado em nome de Valdir Heisenberg.

– Obrigado. – respondeu Adão tirando seu bloco do bolso.

– Achei que seria bom o senhor saber. Eles também colheram digitais nessa manhã.

– Estão agilizados então... Uma polêmica faz todos se mexerem. Por todos os lados...

– Mais uma coisa inspetor. Eles devem ter desconfiado das nossas perguntas...

– Imagino. Policias comuns perguntando sobre detalhes de um crime. Estou saindo...

Os dois ficaram imóveis por um segundo.

– Sem ofensas...

Adão olhou pela janela. Jamais conseguiria pulá-la e perseguir alguém. Saiu pelo mesmo lugar que entrou, embora tenha chamado

a atenção do carro parcialmente estacionado em cima do meio-fio. O carro se movia rápido para fora daquele bairro, e Adão pediu ao seu motorista que simplesmente dirigisse para qualquer lugar. Ficar parado não era um luxo ao qual podia se dar agora. Ligou o celular, que automaticamente vibrava anunciando as ligações perdidas e as dezenas de mensagens enviadas. Discou rapidamente, para manter a linha ocupada o mais rápido possível.

– Alô. Não, não falarei com ninguém agora. Também não vou para a D.P. Pode fazer o favor de fechar essa matraca e me escutar, por favor? Procure um endereço, Valdir Heinsenbergo. Ligo daqui a cinco minutos. – Desligou o aparelho e o segurou entre as mãos. Pediu ao motorista para andar devagar, pois logo saberiam o seu destino.

Adão observou um acidente de carro na avenida e se enojou com toda aquela aglomeração em torno do desastre. Se fosse o policial responsável dispersaria todos a cacetadas. Esperou mais um pouco e ligou o celular novamente, já rediscando o número.

– Anotado. Obrigado.

Dispôs a folha rabiscada do bloco em frente aos olhos do motorista.

– Sabe como ir até lá?

– Sim, chefe. Vamos mudar de ares bruscamente... – Disse já entrando no primeiro retorno.

A casa era bonita, toda ornamentada, lembrando aos olhos de Adão um mini palácio. Provavelmente pertencia a um daqueles homens que o mandavam fazer as coisas nos tempos da revolução, mas que jamais levariam nenhuma responsabilidade pela quebra dos limites nos tempos mais duros. O inspetor bebeu mais um gole de água e olhou seriamente para o seu companheiro.

– Ligue para esse número. Diga que é o agente Sérgio da polícia civil. Essa gente provavelmente pede número de identificação para confirmar. Assim como é bem provável que o pessoal da D.P. não tenha dado baixa dele ainda no registro. Marque um encontro para o horário mais próximo que puder.

O homem fez o que ele pediu. Alguns minutos ao telefone mais na espera do que necessariamente falando.

– Tudo certo, chefe. Daqui a uma hora.

– Bom. Então procure um lugar para comermos alguma coisa...

Voltaram à casa sonolentos pela refeição. Ao pararem em frente à casa foram recepcionados por um criado no portão. Uma mulher muito bem vestida, poderia se passar facilmente pela dona da casa. Dirigiu-se diretamente a Adão, ignorando o outro homem.

– O senhor Valdir os aguarda. Os acompanharei até o escritório.

Adão indicou ao seu subordinado que esperasse na sala, recebendo uma expressão de desgosto por parte da mulher. No escritório, o homem com mais ou menos a mesma idade que ele o aguardava de pé atrás da mesa. Esperou até a governanta retirar-se e fechar a porta antes de dar a volta em torno do móvel e estender a mão ao inspetor.

– Boa tarde, agente Sérgio. – Disse com uma cigarrilha entre os dentes.

Adão olhou para a mão do sujeito e ignorou o gesto. Andou decididamente até a poltrona.

– Não tenho tempo para joguinhos. – Disse enquanto se sentava.

Valdir ficou parado na mesma posição, esperando alguns segundos antes de se virar em direção ao convidado.

– Julguei necessário manter as aparências. Afinal, um gesto ilegal destes complicaria ainda mais a situação do amigo.

Adão não respondeu. Seguiu sentado com os braços cruzados.

– Posso servir alguma coisa ao velho amigo? – Disse Valdir sentando-se atrás de sua mesa repleta de insígnias e livros.

– Valdir. Sabe por que estou aqui. Sirva-me então uma explicação direta, clara, mas detalhada.

– Caro inspetor... Percebo que descobriu que o apartamento em que reside o homem que procura está locado em meu nome.

– Parece que agora estamos nos entendendo. Quem é esta pessoa?

– Nunca o vi em minha vida, inspetor.

– É uma boa resposta, e acredito que seja verdade. Mas isso não explica por que ele mora em um lugar que você aluga.

– Na verdade eu não alugo. Somente está em meu nome.

– Do ponto de vista legal é a mesma coisa.

– Agora o senhor quer falar em legalidade, inspetor? Então imagino que não tivemos esta conversa. – Disse Valdir servindo duas xícaras de chá.

– De qualquer modo, outro inspetor que assumir o caso vai bater logo à sua porta...

– Entendo. Mas pelas prioridades que podemos ver nas ações da polícia, como, por exemplo, se ocupar de resolver a bagunça que você deixou... Tenho minhas dúvidas, amigo, talvez até chegarem aqui eu já tenha viajado.

– Não seria mais fácil tentar resolver com alguém que já conheça?

– Meu caro inspetor. Conhecê-lo não é, de forma alguma, uma vantagem no atual estado dos acontecimentos. Talvez até mesmo denunciar a sua tentativa de investigação paralela me dê algum crédito.

– Muito bem, Valdir. Seguimos com a novelinha. Vocês, malditos senhores do poder sempre com seus rodeios. Acha que está em posição de me ameaçar? Estou me aposentando, e falta isso aqui para eu jogar tudo no ventilador. – Disse Adão salientando o mínimo espaço entre o polegar e o indicador.

Valdir bebeu um longo gole de seu chá. Adão seguiu:

– Imagine quantos jornalistas, historiadores e comissões de direitos humanos da vida estariam ao meu redor como cães famintos para ouvir tudo o que tenho a dizer sobre o que fazíamos naquela época?

– Acabaria com sua vida, meu caro inspetor. Não esqueça que tem mulher e filhos.

– É justo. Mas pensei sobre isso também. Sim, meu caro Valdir, eu penso também, não sirvo mais só de peão nas estratégias de gente como você. Fazendo papel de homem do mal que se arrependeu poderia até me render outra carreira, assim como apoio. Não esqueça que até hoje não tiraram os crucifixos dos tribunais.

Valdir repousou vagarosamente a xícara sobre o pires e empurrou o conjunto alguns centímetros à frente.

– Muito bem, meu, agora, ex-amigo. Como sabe, a congrega-

ção se envolve em muitas atividades filantrópicas. Alugar imóveis em regiões populares para moradia dos mais necessitados é uma delas. Posso checar nos registros, se me der alguns dias.

Adão levantou de sua poltrona e parou em frente a ele, o encarando sem expressão alguma.

– Muito bem.

Agarrou o homem pelo pescoço e o jogou contra uma estante. Valdir caiu no chão recebendo sobre a cabeça uma chuva de livros de capa dura. Entre eles, *Em busca do tempo perdido*. Quase perdeu a consciência. Adão se agachou em frente a ele.

– “Pilantrópicos”, isso sim. Essa piada eu já sei de cor...

– Foi um amigo que pediu para que eu alugasse o apartamento. O nome dele e o endereço estão em um cartão preto. Dê-me o fichário que lhe entrego.

Adão jogou fichário no colo do agora diminuto homem. Com as mãos trêmulas ele girou o instrumento até destacar um cartão. Entregou ao inspetor.

– Agora eu espero que viaje mesmo. E que demore um bom tempo...

O inspetor bateu com força a porta e ganhou a sala de estar, onde o seu subordinado o esperava sob o olhar vigilante da governanta. Ele levantou-se rapidamente ao ver Adão.

– Tranca a metida a dondoca na despensa e jogue a chave fora.

Ambos ficaram se olhando por um instante sem nenhum movimento. A mulher tremeu e deu um passo para trás, com a mão tapando a boca. Antes que se encostasse contra a lareira o homem a pegou pela blusa. Adão já saía porta afora.

– SERVIÇO DE QUARTO, DONZELA!

Arnaldo viu o mesmo homem gordo com a mesma roupa da noite anterior, provavelmente com o mesmo suor. Seguiu pelas ruelas guiado pelas delicadas mãos dele nos seus ombros. Foi praticamente jogado em cima da cadeira em frente a uma pequena mesa. Sobre a

toalha de plástico algumas xícaras, pão francês, margarina, café solúvel e açúcar. O café-da-manhã o faz lembrar quando voltava dos festivais punks, vinte anos antes.

– Hora da ligação, aliado. – Disse Sócrates com as suas grandes mãos abrindo espaço em meio a uma cortina de tecido.

Viu de relance Alana no outro cômodo, cabisbaixa.

– Depois dos botijões de gás, no orelhão... – Apontou Sócrates para a porta.

Arnaldo levou a xícara de café até o telefone. Pegou o cartão que lhe tinha sido entregue e discou. Depois de algumas chamadas a ligação caiu. Colocou o aparelho no gancho suspirando, pensando o que Sócrates suporia disso. Olhou para o dedo enfaixando. Antes que desviasse o olhar o aparelho soou como esperança. Pegou o telefone devagar:

– Alô.

– Bom dia. Com quem deseja falar?

– Com Emanuel ou Manolo. Ou melhor, Emanuel.

– Nunca foi firme em nenhuma convicção, não é verdade, senhor Arnaldo?

– Quem fala?

– E pelo jeito nem na dedução...

Alguns segundos e sons indefiníveis depois:

– Estávamos esperando sua chamada senhor Arnaldo... Temos assuntos pendentes e, infelizmente, urgentes em convergência.

– Me diga o lugar para nos encontrarmos.

– Calma, senhor Arnaldo. Não se constrói nem uma cadeira com tanta pressa, quem dirá um encontro...

– O quer que eu faça, então?

– Precisamos saber antes das variáveis.

– Não entendo o que está dizendo... – Respondeu olhando discretamente para os lados, e já sentindo o homem gordo encostar aquela camisa úmida e seu braço.

– Diga o horário, e será na sua casa. Às dez horas indica que nosso encontro será privado, às onze que teremos companhia.

Arnaldo hesitou. O homem agora o pressionou contra a estrutura da cabine telefônica. O cheiro o fez desistir de tomar café.

– Muito bem. Às onze horas, então.

O gordo o acompanhou até o casebre novamente.

– Onze horas. Na minha casa. – Disse fitando os próprios pés.

– E? – Perguntou Sócrates.

Arnaldo não olhou para cima, mas imaginou qualquer expressão.

– E eles sabem que vocês irão também.

– Não tenha medo aliado. – Sócrates bateu e sacudiu os ombros de Arnaldo. – Tome o seu ônibus ali na entrada do beco e vá tranquilo para casa. Faça tudo como o combinado.

Demorou mais de uma hora para chegar em casa. Apressou-se em tomar um banho e preparar um café decente. Sentou no sofá e esperou por algum sinal de vida ou de morte.

A campainha soou às onze em ponto. Arnaldo viu Emanuel tranquilo, esperando no portão, consultando seu reluzente relógio.

– Manolo não quis vir?

– Ele está indisposto. E disse que lhe ver o deixa ainda mais.

Arnaldo abriu o portão e viu Emanuel dar dois passos para trás.

– Calma, professor. Não pensou que eu já iria entrando na sua casa assim? Vamos até a outra quadra. Tem uma padaria muito boa ali. Não se esqueça de trazer suas coisas.

Subiu até a casa e desceu com o envelope. Enquanto andavam em silêncio, Arnaldo olhava para todos os lados, buscando ver o sinal da presença de ninguém ou qualquer um. Descontando alguns transeuntes típicos do lugar, que sempre foram estranhos por si mesmos, não percebeu nada fora do comum. Chegaram à padaria e se sentaram longe da porta. Pediram café e pão de queijo. Emanuel comeu devagar antes de dizer qualquer coisa:

– O que temos no envelope?

Antes que Arnaldo o entregasse, Emanuel levantou a mão em sinal de espera.

– Abra-o e me entregue só o conteúdo. Não me interessa qualquer tipo de forma...

Ele jogou os papéis em cima da mesa. Estavam amassados devido a sua leitura indisciplinada da última noite. Emanuel os alinhou e bateu a parte de baixo na mesa, colocou-os dentro de outro envelope.

– Muito bem. O que aconteceu ontem, senhor Arnaldo? Pensei que tínhamos sido claros em relação ao dispositivo.

– Tudo aconteceu muito rápido.

– Quer dizer que não teve tempo de simplesmente pressionar o próprio dedo?

– E vocês fariam o que? Não dá para brincar com eles.

– Isso seria problema nosso. Também não estamos para brincadeira.

– Já estão com os papeis. Por que simplesmente não vão embora? Por que se preocupar com isso?

Emanuel balançou a cabeça e pegou mais um pão de queijo.

– Você não entende. Em primeiro lugar eles é que se envolveram onde não foram chamados. Em segundo, provavelmente vão nos seguir, por que sabe como são esses traficantes, toda aquela metafísica da honra, etc. Em terceiro, e infelizmente, diga-se de passagem, eu e meu sócio também temos que manter uma imagem. Nossos negócios dependem disso.

– Tudo bem, tudo bem. – Arnaldo abriu os braços. – Vocês que sabem como funciona isso tudo. Quero saber de mim. E agora? Posso ir embora?

Emanuel sorriu discretamente. Antes que pudesse falar seu telefone tocou. Ele somente ouviu por alguns segundos e apenas concordava.

– Ótimo. Estão sob controle, então.

Fechou o aparelho, limpou a boca e as mãos com um guardanapo e levantou-se.

– Muito bem, senhor Arnaldo. Vamos embora.

Os dois voltaram por outra direção. Emanuel em silêncio e mais a frente.

– Então, o que aconteceu? – Disse Arnaldo tentando andar ao lado dele.

– Senhor Arnaldo. – Ele andava com uma postura tranquila e com as mãos nos bolsos. – Creio que sua participação termine aqui. Este mundo das estratégias e da realidade prática não combina com você, disso estou convencido. – Parou ao lado da porta do carro. – Não precisa se envolver mais do que isso. Logo, não há mais informações necessárias.

Arnaldo o encarou por algum tempo, buscando encontrar alguma maneira de saber o que estava acontecendo. A tranquilidade dele o deixara mais do que instigado. Não conseguiu dizer nada, talvez somente ver perplexo o desenrolar dos acontecimentos fosse a sua sina atual. Deu as costas para Emanuel.

– Espere, por favor. – Repentinamente ouviu-o dizer.

Virou-se novamente para Emanuel. Ele continuava na mesma posição, ao lado da porta do carro e com as mãos nos bolsos. O corpo deixara a postura solta de instantes atrás e estava enrijecido. Arnaldo aproximou-se.

– Por favor, senhor Arnaldo. – Ele parecia gaguejar levemente. – Abra a porta e depois entre no carro. Tome o lugar do motorista.

Arnaldo fez o que ele pediu. Para sentar no banco do motorista precisava passar em frente à Emanuel.

– Não. Entre pela porta do carona e depois tome assento no lugar do motorista.

Devagar, Arnaldo deu a volta e entrou pela outra porta. Depois de sentar, esticou as pernas até alcançar com os pés os espaços entre os pedais. Tomou impulso e pulou por cima do câmbio. Olhou para Emanuel, ainda no mesmo lugar. Pausadamente, ele começou a movimentar-se e entrou pela porta traseira. Sentou-se e foi se arrastando até o outro lado do banco. Subitamente, Arnaldo viu sair debaixo do carro um homem com capacete de motoqueiro e uma arma em mãos, quase inserida entre as pernas de Emanuel.

– Dirija aliado. – Disse a voz abafada por baixo do capacete com viseira escura.

Arnaldo tentou fazer o carro pegar duas vezes, pensando que, se falhasse na terceira, nunca mais sairia dali. Movimentaram-se por

aquela já conhecida região, e ele viu tudo de uma forma diferente, pois como as pessoas podiam continuar comprando, vendendo, se insultando e se amando com situações como essa a poucos metros deles? Sócrates deu pontuais indicações do caminho, sem tirar a arma do corpo de Emanuel, agora apontada para a barriga. Depois de cinco minutos, este decidiu falar.

– Tem certeza de que está no controle da situação?

– Não cheguei aonde cheguei sem ter consciência de minha própria ignorância. – Respondeu Sócrates.

– Então sabe que os seus subalternos estão sob o controle do meu sócio?

– Aparentemente... Meus companheiros sabem como governar a si mesmos. Assim como sabemos que vocês dois separados são mais fracos.

– O que quer dizer com isso?

– Paciência... Aliado! Vire à esquerda no próximo sinal.

Andaram por mais meia-hora até o distrito industrial. Descampados enormes, com muitos galpões que um dia estavam repletos de máquinas e pessoas circulando. Mas que, quando deixaram de receber incentivo fiscal, mudaram-se para outras regiões mais interessadas, ou necessitadas, em receber exploração.

Sócrates mandou Arnaldo estacionar ao lado de um velho casebre de ferramentas, um dos poucos lugares com sombra naquela região já fantasmagórica. O vento enchia os poros de qualquer um de poeira, e não era difícil saber por que pessoas que praticavam atos à margem do que era socialmente aceito escolhiam lugares como esse para resolver problemas. No mais, o tímido som do ar era cortado bruscamente por caminhões que rasgavam a avenida a quase um quilômetro de distância.

Esperaram por um bom tempo. Arnaldo buscava manter distância dos dois, só se aproximando quando Sócrates pediu água. Sentiu a palpitação quando viu de longe dois carros se aproximando. Quando chegaram, a freada brusca levantou a poeira deixando todos os homens ali cobertos por uma névoa amarelada.

O som das portas batendo veio junto com gritos e a dispersão da cortina de pó.

– Largue a arma!

Arnaldo abaixou-se e viu três policiais apontando suas armas para Sócrates, que usou o corpo de Emanuel como escudo. Da porta de trás do segundo carro viu Manolo sair calmamente e com um sorriso no rosto. Ele parou ao lado da linha dos outros homens.

– Não pensou que seus capangas iam me guiar até aqui com a desculpa de que seriam trocados por Emanuel, não?

Sócrates continuou atrás do seu refém, com a arma pressionada contra o pescoço dele. Não disse nada. Manolo olhou ao redor.

– Nada como uma blitz no caminho, e um homem digno dentro do carro com mais dois marginais. Não somos como você, Sócrates, também fazemos parte da lei.

Sócrates empurrou levemente Emanuel para frente.

– Minhas leis são de outra ordem!

Ainda abaixado, Arnaldo só pôde ver os homens alinhados a Emanuel serem alvejados por todos os lados. E, ao mesmo tempo, dispararem como pareciam estar sendo atingidos, sem saber para onde. Correu agachado em direção a Sócrates. Ouvia zunidos e sentiu a pressão de vento comprimido próximo a si. Seguiu correndo até dentro do grande galpão, ainda ouvindo os estalos secos que logo se dispersavam pela força do vento. Viu um homem em cima de uma escada de madeira, disparando pela janela suja e quebrada em direção ao lugar que acabara de sair. Ao perceber que o homem o viu, desviou a corrida em direção ao primeiro espaço fora do grande saguão que apareceu por perto. Atravessou as ruínas do que deveria ser um aglutinado de salas de escritório e ganhou um pátio grande e descampado. Arnaldo olhou ao redor e não sabia para onde ir e nem como. Flexionou os joelhos e tentou respirar.

Ouviu vozes pela porta que acabara de sair. Dois homens segurando armas, mas não as apontando. Os dois pareciam rir. Arnaldo decidiu sentar-se.

– Volte aqui, aliado. Mas que coisa. Quando precisarmos de um

ligeirinho para sumir com a mercadoria será a primeira opção. Mas tem que ir mais longe do que isso.

Ainda rindo, os dois levantaram Arnaldo pelos braços e o levaram de volta.

Três homens estavam colocando os corpos em cima de carrinhos de mão. Sócrates estava de pé em frente a Emanuel, este deitado no chão, contorcendo-se e gemendo. Virou quando Arnaldo se aproximou escoltado pelos dois homens.

– Este lixo vai ficar vivo para mostrar que não se deve mexer com esta firma. – Os outros fizeram sons de orgulho e aprovação. – Você foi escolhido por ter melhores modos, ouviu? – Disse chutando de leve os ferimentos de Emanuel. – Aliado, ajude os irmãos a levarem os corpos para seus lugares de descanso eterno.

– Sócrates. Eu preciso voltar para casa. Com certeza vão procurar por mim.

– Está querendo se dispensar, aliado?

– Acho que ultrapassei o meu limite. Mas não é esse o problema. Não seria bom se procurassem por mim e eu tivesse que responder perguntas.

– Isso não seria uma ameaça?

– Por favor, Sócrates. Eu sei que não estou em posição de fazer algo assim.

– Consciência... – Disse a si mesmo esfregando a mão na cabeça. – Muito bem, aliado, vá com Taís e Valmir naquele carro. Eles vão levá-lo até um desmanche. Depois pode ir para casa.

– Obrigado. – Disse ofegante, com a cabeça baixa. Sentiu a mão grande de Sócrates tocar-lhe o ombro.

– E não esqueça que estamos de olho em você.

UMA LÁGRIMA MANCHOU A PÁGINA OITENTA E NOVE DO LIVRO.

Ela passou de leve os dedos para secá-la, mas acabou rasgando o delicado papel. Aquela palavra e a do outro lado da página estavam

como ela, como seu dois lados, sua teoria e sua prática: ilegíveis para quem não conhecesse o enredo. Alana esfregou as mãos nos olhos e secou-as no vestido. Amarrou os cabelos que estavam sempre caindo para frente, nas muitas horas em que passara cabisbaixa.

– Querida. Você está bem?

Ela tentou esconder ao máximo a mochila quando ouviu a voz de Virgínia do outro lado da cortina. Não adiantou muito, pois ela parou na porta segurando a cortina acima de sua cabeça.

– Estou bem sim... Não se preocupe. – Respondeu sentada na cama.

– Seus olhos estão vermelhos.

– Fiquei preocupada com Sócrates. Mas ele já ligou dizendo que está bem.

– Quer assistir televisão comigo?

– Não agora, obrigada.

– Tudo bem. Qualquer coisa me chame, estou na sala.

Alana girou os olhos desanimados por alguns instantes.

– Não vai assistir na sua casa?

– Pensei em ficar aqui. Pelo menos até Sócrates voltar...

– É que pensei que... – Alana puxou os dreads menores para trás da orelha. – Que eu prefiro ficar sozinha por algum tempo. – Disse o mais delicadamente possível.

Virgínia a observou, curiosa, e entrou de vez no quarto. Alana deslocou o corpo, quase sentando em cima da mochila.

– Mas querida. Aqui nós cuidamos uns dos outros. Ficar sozinha pode ser perigoso às vezes...

– Eu sei, mas ainda não estou acostumada a, sabe... – Movimentou as mãos circulamente. – ... Estar sempre com alguém junto.

– Você está se adaptando, eu entendo querida. Mas prometi a Sócrates nunca deixá-la sozinha. – Disse abraçando Alana.

Então viu a mochila.

– Alana?! Está fugindo?!

Ela se encolheu na cama. Algumas lágrimas escaparam ao seu controle educado.

– Eu só estava indo para minha casa. Talvez passar uns dias...

– Alana. Mas sua casa é aqui agora.

– Sim. Eu quis dizer, passar alguns dias na casa de minha mãe.

Virgínia se levantou e cruzou os braços.

– É perigoso. Não pode sair assim, Alana. A polícia está procurando você e Sócrates está no meio de uma operação.

Alana também se levantou e disse, andando pelo minúsculo quarto:

– Eu não posso ficar aqui por enquanto. E, além disso, Sócrates foi atrás daqueles homens só por vingança. Não quis me ouvir quando eu disse que queria saber se foram eles que mataram a minha mãe.

– Essas coisas não são negócios da firma.

– Então ele que pegasse o dinheiro e os deixasse irem embora.

– Você sabe que ele não podia deixar assim. O que outros iriam pensar se ele não fizesse nada contra quem invadiu a casa da mulher dele e, além disso, ameaçou os dois?

– Eu preciso ir. – Disse Alana fechando o zíper da mochila e caminhando até a porta. Foi impedida pelo braço de Virgínia estendido e apoiado na parede.

– Não pode fazer isso, Alana. Tem que falar com Sócrates primeiro.

– Do que você está falando? Ele não é meu dono!

– Se acalme, por favor. Sente no sofá. Eu faço um café.

– Sai da minha frente. – Disse devagar e entre os dentes.

As duas ficaram se encarando. Alana forçava um pouco o braço de Virgínia, até que ela levantou as mãos e a deixou passar. Andou apressada até ganhar a rua. Pôde ouvir a voz da irmã de Sócrates, que parou de braços cruzados, apoiada no vão da porta.

– Não faça isso, menina. A firma pode entender como traição...

Alana seguiu andando depressa, percebendo o quanto muitos rostos apareceram nas janelas e portas depois das palavras de Virgínia. Atravessou a trilha e saiu do outro lado da vila, andando sem olhar para qualquer lugar. Foi surpreendida pela voz de Alan Kardec e pelos gestos de Chico.

– Posso ajudar a carregar? – Disse animado o menino do moicano descolorido.

– Não tinham que estar na escola? Perguntou fazendo os gestos simultâneos para Chico.

– Saímos mais cedo por que faltou luz. – Respondeu o menino em libras.

– Sei. Não estão me enrolando? – Perguntou sorrindo já sendo interrompida pela negativa rápida da cabeça dos dois.

– Tudo bem. Levem então. Obrigada, queridos.

Desceram o morro conversando algumas coisas aleatórias, principalmente sobre o centro comunitário em que Alana estava trabalhando nos últimos dias. Os dois se interessaram muito pelas oficinas de capoeira. Quando chegaram ao beco próximo a avenida, Alan Kardec perguntou:

– Não está indo embora?

– Não, querido. Só vou ficar fora alguns dias. – Disse depois de se abaixar. Abraçou demoradamente os dois e seguiu até o ponto de ônibus.

Pelo vidro do coletivo viu os dois meninos acenando animadamente do outro lado da rua. Novamente não conseguiu conter as lágrimas.

Durante o trajeto se esforçara em decidir se voltaria à república ou para casa da mãe. Ambos apresentavam desvantagens, e só. Na verdade sabia que não poderia ir a nenhum dos dois lugares, buscava ao menos pensar se realmente não existiria nenhuma possibilidade. Pensou em quanto dinheiro ainda dispunha e optou por procurar alguma pensão ou algo do tipo. Encontrou uma no centro histórico, muito barata e de igual aspecto. O homem de bigode que a atendeu a olhou de cima abaixo.

– Muitas cores nessas roupas. Pagamento adiantado.

A janela era ocupada por pombas, assim como o barulho que entrava por ela era infernal. Alana tirou as sandálias, subiu a saia e sentou em posição de meditação sobre a cama dura. As ligações de Sócrates fizeram o celular tremer quase sem parar, até acabar a bate-

ria. Massageou com uma das mãos os pés vermelhos e marcados das tiras das sandálias e pegou a caixa de metal.

Lá estava a carta, a última que sua mãe a escrevera. Deixou-a de lado cuidadosamente dobrada e espalhou algumas fotografias sobre a cama. Ateve-se por alguns minutos em uma imagem de Cléo a amamentando em um nascer do sol no litoral, com o brilho amarelado ofuscando o rosto dela, deixando em primeiro plano o seio e os olhos fechados de Alana. Colocou para o lado, observou aquele caos de cores e imagens e tirou do meio dele uma festa de aniversário aos seis anos, onde temas pagãos enchem a garagem da casa de plantas, caldeirões e crianças sujas de terra. Dez anos, uma aldeia indígena que não recordava a etnia, mas se via soprando o fogo junto com outras crianças. Lembrou-se de que elas assaram a própria comida naquele dia.

Alana desenrolou alguns bilhetes antigos. Além de pedidos para lembrar-se de desligar o gás, apagar a luz ou comprar sabão em pó, alguns traziam frases escolhidas ao acaso e coladas em lugares aleatórios de seu quarto, principalmente depois que fizera catorze anos. Naquelas tiras de papel rasgadas toscamente encontrava-se Manuel Bandeira, Pierre Clastres, Augusto dos Anjos, Mário Quintana, etc. Depois da sua longa ausência não deixara mais bilhetes ou nada escrito. Mesmo não entendendo a brusca mudança, Alana não sentia tristeza por isso.

Dormiu algumas horas em meio a papéis e fotografias. Acorudou e ligou a televisão do quarto, desviar a mente para qualquer coisa que não fosse seu próprio universo. Depois de algumas cenas de uma novela qualquer o noticiário ganhou a tela. Esporte, política, entrevista com populares no centro, até que a reportagem policial ganhou o destaque. E Alana não pôde acreditar. A caçada ao assassino de sua mãe sendo mostrada como um “arrasa quarteirão hollywoodiano”. Virgínia passava o dia em frente à televisão e não disse nada a ela. O suspeito ainda não tinha nome, o responsável pela investigação fora afastado. Pensou que possivelmente era o homem que Sócrates buscava capturar.

Carregou o celular. Ligou para Sócrates.

– Minha princesa. Como fez isso comigo?

– Sócrates. – Ela hesitou – Como foi hoje?

– Por que não diz onde está que busco você. Vamos conversar...

– Desculpe... Mas eu preciso de um tempo para pensar. Se realmente tomei a decisão certa.

– Princesa. Eu sei o quanto deve estar sendo difícil. Mas com paciência tudo ficaria bem.

– Não tenho certeza, Sócrates.

– Só temos certeza de que nada sabemos.

– Eu não quero ficar aí presa como sua mulher. E você não me ouviu ontem. Eu disse que queria saber se aqueles caras eram os assassinos.

– Princesa. Assuntos da firma. Isso é questão para homens resolverem.

Alana desligou o celular, arrancou a bateria e jogou o que sobrou do aparelho contra a parede. Teria feito isso com ele caso ouvisse aquelas palavras presencialmente, não importava o seu tamanho ou sua autoridade. Convenceu-se de que se quisesse fazer alguma coisa, teria que ser sozinha. Ou com alguma ajuda séria, e não de quem pensava que ser mulher era sinônimo de ser tratada como uma criança mimada.

ELA PRECISAVA DE UM BANHO.

Suada, cansada e molhada da leve chuva que passou e só deixou o ar ainda mais quente, ela abriu impacientemente a porta. A casa estava fechada havia algum tempo, com um clima pesado, escuro e bagunçado. Jogou a bolsa em cima do sofá e foi direto conferir se o gato tinha água. Enquanto enchia o pires ele pulou janela adentro, preto, grande, sinuoso e lindo.

Sem saber o que fazer e sem ter vontade para pensar, Gabriela esparramou seu corpo no colchão da sala. Acendeu um cigarro, mesmo sentindo culpa por isso. Depois de algumas tragadas as cinzas caíram sobre seu peito, o que a fez esfregar a blusa com as mãos. Foi até a cozinha e voltou com um copo de água, deitando novamente. Ouviu fogos de artifício, não a interessava que time venceu, os cachorros começaram a latir furiosamente.

Depois de mais alguns minutos suspirou sonoramente.

– Que hora pretende sair daí? – Disse sem se mexer.

No escuro do quarto, que estava com a porta aberta, sons leves ganharam dimensão, até se materializarem na presença daquele homem.

– Você é esperta para quem é tão imatura. Isso é curioso... – Disse o homem, sentando-se.

– Acho que não, mas tudo bem...

– Não se subestime.

– A polícia me ofereceu proteção e os mandei para aquele lugar.
– Mas isso pode ser inteligência. Viu como eles se saíram tentando me capturar...

– Afinal, quem é você?

– Sou alguém que há muitos anos ajuda as pessoas. Talvez o último dos verdadeiros altruístas... – Ele sentou-se no velho sofá.

Gabi deu uma risada debochada.

– Está aqui para me ajudar?

– Acha que precisa?

– De sua ajuda? Obrigada, mas eu me viro bem sozinha.

– Não é o que eu concluo depois de ver como me perseguiu naquela manhã.

– Afinal, vai me dizer qual era a sua com Cléo?

– Não vamos começar algo improdutivo novamente. Além disso, não é o objetivo deste encontro.

– Então não tenho nada para falar com você.

O gato pulou no colo do homem, que o acariciou devagar.

– Então, vai me matar? – Voltou a dizer Gabriela.

– É o que uma pessoa que se sente traída deveria fazer? – Disse enquanto pousava delicadamente o gato no chão.

– Qual é o seu nome?

Ele esfregou as roupas e tirou os pêlos das mãos.

– Me chame de observador.

Gabriela até tentou conter a gargalhada tapando a boca. Não conseguiu. Ficou em pé, olhando diretamente para ele. Pegou seu maço de cigarros dentro da bolsa.

– Você deve ter problemas muito sérios.

– Todos temos, principalmente você.

– Então, observador, o que pretende agora? Caso se preocupe, não chamei a polícia, pois eles poderiam já estar aqui.

– Não me preocupava com a polícia. Mas confesso que a obstinação do inspetor Adão deixou-me um tanto quando alarmado.

– Ele é só um velho. Deve estar se aposentando.

– Cara Gabi. Agora assume sua face imatura. Sabe alguma coisa

sobre ele? Não digo somente o empenho em toda àquela situação do beco, mas o que ele já fez durante toda a sua vida...

– Por mais entranho que pareça, ele foi legal comigo.

– Imagino. Deixar de perseguir a jovem indefesa, imagem que, aliás, deve perturbá-lo noite e dia, para ir atrás de um homem desconhecido e culpado, se não deste crime pelo menos de outros. Isto sim seria um ótimo motivo.

– Do que está falando? – Disse Gabriela agora atenta e séria.

O som da chuva que reiniciava ganhava cada vez mais força, fazendo com que uma camada líquida escorresse na parede da divisa com a cozinha. O gato bocejou e enrolou-se junto à almofada jogada no chão. O vento bateu algumas janelas da sala. Gabriela as trancou com força, colocou um pano contra a parede molhada e se sentou novamente de frente para ele.

– Você era a suspeita perfeita, até ter a perspicácia de me entregar.

– Eles não tinham nada que pudesse me condenar.

– Correto, querida. Mas estes termos são relativos, tratando-se de uma polícia que não se baseia em métodos científicos. Em nosso país, a inocência é ainda negociável, e, de preferência, em uma sala fechada em frente aos suspeitos.

– Nunca tive a intenção de falar, muito menos negociar com eles.

– Mas o fato de ser suspeita pode ser calculado, digamos assim, como metade da condenação. Principalmente em seu caso.

– E por que você pensa isso?

– Não sou eu que penso Gabriela. Digamos que é uma tendência social verificável. Menina pobre, estudante universitária, provavelmente cursando a faculdade devido a programas sociais do governo. Ela se envolve sexualmente com a professora que não é vista exatamente como um modelo para a família. Apronta das suas, o que deixa a menina com um ciúme descontrolado. Há testemunhas deste comportamento... Enfim, vários fatores que contribuem, mas não para o seu bem.

– Entendo. Posso fazer de conta que levo a sério. Mas o que não entendo é por que está me dizendo essas coisas.

– Está muito apressada. Voltemos ao nosso querido agente da lei. Gabriela suspirou profundamente e olhou em direção ao teto.

– Nosso amigo Adão nasceu em 1950. Tem sessenta e dois anos, portanto. Mas eu pude ver o quanto ele ainda está em forma. Justificável, afinal, aos 18 já ingressou na polícia militar. 1968, ano interessante para ser desta instituição, não acha? Imagine as convicções de nosso jovem Adão para ser aceito tão de imediato nas forças militares. Com certeza elas precisavam muito de perfis como o dele.

– Isso diz muitas coisas... – Disse Gabriela olhando para o chão, passando os pés no gato.

– E muito mais do que pode imaginar. Tenho a ficha dele. Faz parte daqueles documentos que, bem, não estão emoldurados nas paredes dos grandes museus. Mas, por conexões parentais em que a vida me concebeu, são acessíveis para mim. Vestígios ainda estão no escuro para muitos, querida.

– É mesmo? E por que então não leva a público?

– Para você, duas razões. Uma é que envolvimento com público nunca estive e nem estará em meu horizonte. Outra é que, apesar dos métodos diferentes, estas ações visavam o mesmo objetivo que os meus projetos atuais: estabelecer a ordem onde o caos se insinua ou domina.

– Você é louco. – Gabriela se afastou dele.

– Não se preocupe. – Disse o homem levantando os braços. – Não é essa a questão central. E quanto aos feitos do nosso inspetor você saberá mais adiante.

– O que quer então?

– Precisamos um do outro, Gabriela.

– E por que precisaria de mim? Pelo jeito consegue escapar sozinho. E por que eu precisaria de você? Já fui solta.

– Está correta, parcialmente. Preciso de você, pois não posso ter nenhum contato com o inspetor. Aliás, eu nem deveria estar circulando.

– Então se esconda e pronto...

– Eu quero que ele pare de me perseguir não por simples instin-

to de proteção. Eu quero que ele siga investigando o caso, mas sem a minha pessoa em sua perspectiva. E é aí que você entra.

– E por que eu entraria?

– Por que se não me ajudar, terei que fugir. E quando ele desistir de me procurar, e acredite, vai, todas as atenções se voltarão para você novamente.

– Como pode ter certeza?

– Posso contribuir para esta reviravolta na trama.

– Você é um cretino.

– Julgamentos subjetivos. Não os levo em conta em meus projetos.

A chuva cessou, permitindo a entrada de algumas linhas claras e esfumadas pelas frestas das cortinas. Gabriela flexionava as mãos, formando um punho compacto com seus finos dedos. O homem continuava imóvel, sentado com as pernas cruzadas e o rosto apoiado pela mão direita acoplada em seu queixo. Parecia sorrir, e Gabriela levantou-se novamente e calçou os coturnos. Pegou a bolsa e o homem disse, ainda imóvel.

– Não faça isso, Gabriela.

Ela parou em frente à porta de costas para ele. Segurava com firmeza a alça da bolsa de couro desgastada.

– Não quer saber o que aconteceu a ela? Ou pelo menos que o verdadeiro culpado seja punido?

– Com o posso saber se você se importava com ela? Nem ao menos sei qual era a relação de vocês.

– Sempre há espaço para negociação. Você não pode simplesmente abandonar àquilo que não está totalmente configurado como você quer.

Ela se virou.

– Vai me contar ou não?

Ele se inclinou para frente, apoiando os cotovelos sobre as pernas.

– Está muito incisiva, Gabriela. Por que não termina sua exigência com alguma oferta em troca?

Ela jogou a bolsa em cima do sofá e a seguiu com o corpo.

– Fiz essa oferta por que acredito em seu potencial, afinal, demonstrou obstinação em me seguir naquela manhã. Somente acredito que direciona toda essa energia para problemas que não as merecem.

– Muito bem, senhor observador. – Ela colocou o braço sobre a cabeça. – Posso ajudá-lo se me contar qual era o seu envolvimento com Cléo.

– Assim soa mais maduro. Oferta aceita.

Ainda deitada no sofá, com as pernas sobre o encosto, Gabriela se virou encarando o homem. Ele voltou a se acomodar na poltrona.

– Aliás, como recompensa pela sua atitude; posso dizer isso e muito mais.

– Como o que, por exemplo?

– Ah. – Disse ele suavemente. – Simplesmente posso relatar exatamente como ela morreu.

“*HERE COMES THE SUN, TCHURURURU*”, SOOU O RELÓGIO ÀS SEIS E MEIA DA MANHÃ.

Ele bateu três vezes no aparelho sem se preocupar em encontrar o botão certo. Sentou na cama esfregando os olhos, acabara de sonhar com tiros e gritos, sem saber o que saiu de um filme de quinta qualquer ou de sua memória. Não importava, era demais mesmo que fosse ficção, mesmo de quinta. Deitou novamente, pensou em dar mais uma desculpa e não ir trabalhar. Mas como já tinha feito isso recentemente não poderia mais. Tapou o rosto, o esquivando dos primeiros raios de sol. Não conseguiu relaxar, a tensão dos últimos dias e a culpa pelo dever o deixaram desperto. Olhou para os números luminosos. Seis e trinta e cinco, não adiantava, teria que dar aula as quinze para as oito.

A água gelada jogada no rosto fora o seu café da manhã.

A escola estava indiferente a tudo o que sentia ou mesmo a sua ausência anterior. Tudo o que bastava era que estivesse ali agora. E a

manhã não soava como aquele clima cinzento onde ele simplesmente deixava-se envolver nos últimos anos. Agora tudo parecia terrivelmente triste, dolorido, sem propósito, ou seja, com alguma sensação real, o que era insuportável para quem passou anos ali sem ao menos lembrar algo logo que saía. Pensou nisso enquanto ainda estava dentro do seu Uno com as mãos coladas ao volante.

Consultou sua grade de horários. Esperou o sinal soar, viu os professores se movimentando e aos poucos desaparecendo, e praticamente correu até onde deveria estar. Passou despercebido, mesmo sabendo que não por muito tempo. Ao entrar na sala, foi recepcionado com sinais sonoros de decepção por parte dos alunos. Bateu palmas e mandou todos sentarem.

Arnaldo sentiu-se um regente na doce harmonia e compasso de um início de aula: Aquele barulho irritante de carteiras e cadeiras sendo arrastadas.

Olhou dentro de sua pasta. Em sua crise de aguda sensibilidade ao que fazia há vinte anos sem se dar conta reparou que não se lembrava da última vez que havia trocado algum material de dentro dela. Fora as folhas de almoço escritas pelos alunos que entravam e saíam, o resto de seu conteúdo parecia estar ali desde que nascera. O livro didático tinha um tom marrom nas extremidades de sua irregular forma. Colocou tudo em cima da mesa.

– Onde paramos na última aula? – Disse ele tentando controlar a dor de cabeça. Uma voz veio lá do fundo.

– Feudalismo, professor. Tinham os caras que rezavam e os caras que trabalhavam. Você disse que ia falar dos caras que guerreavam.

– Pois bem, pois bem... Esses homens... – Arnaldo hesitou por um momento. Não se lembrava do que tinha a dizer sobre o assunto. E, além disso, onde estava o seu material? Ele tinha preparado algum material? Há anos fazendo isso e agora simplesmente não lembrava o que sempre fazia. Será que já estava tão automático assim? Pensou no livro didático, recorrer a ele, tem exercícios. Virou em direção ao quadro negro. Não viu nenhum giz. Olhou pela janela... Acima do muro cinzento e gradeado podia-se ver um morro, já quase totalmen-

te desmatado. Lá adiante, quase fora da cidade, como uma utopia que nem adianta mais ser buscada, pois o progresso já acabou com ela.

– Sor! Sor!

Ele Olhou em frente. Todos quietos e em silêncio, o observando atentamente. O que aconteceu? Deram calmantes em jejum para todo mundo dessa vez?

– Sor! Você está bem?

– Estou... Estou. Por quê?

– Está pálido e suado.

– Não é nada, não. Onde eu parei?

– “Aqueles homens”... – Uma baixinha lá do fundo disse lentamente.

– Enfim, esses homens... Na verdade esqueçam esses homens... Chega de homens, nós desmatamos aquele morro. Estão vendo?

Ainda em silêncio todos olharam para a janela.

– Pensem em duas colinas verdes, apenas com algumas árvores no topo de cada uma.

– Sor. Hoje é história, já arrumaram um professor de geografia há três semanas.

– É... Eu sei. Agora escutem... Entre elas há um terreno plano. O cenário é calmo, embora com o tempo nublado e algumas rajadas de vento movimentando as copas das árvores e outras vegetações medianas. Vocês agora são um andarilho, que está descansando nesse vale, ou podem ser um vilão. Lembra o que é um vilão? – Ninguém fez nenhum sinal, pelo menos nenhum que Arnaldo pudesse interpretar. – Bom, esqueçam o andarilho e o vilão... Imaginem um corvo sobrevoando esse vale.

– Ih, Sor... Agora é biologia... – O mesmo engraçadinho disse.

– Agora o “corvo-vocês” sobrevoa mais alto, dá um rodopio e está acima da primeira colina. Vocês veem um aglomerado de homens indo em direção à parte mais baixa do vale. Dão a volta e logo estão acima da segunda colina, onde outro grupo, mais ou menos do mesmo tamanho, está indo ao encontro do primeiro.

– Vai dar bolor, vai dar bolor! É guerra! – Disse quase aos pulos um lá no fundo.

– Cala a boca, meu! Somos um corvo. Como vamos saber o que vai acontecer? – Disse bravo o engraçadinho enquanto cruzava os braços sobre a carteira.

– Só se o corvo for você! Eu sou um daqueles caras lá embaixo! E com uma espada bem grande!

– Quietos! Deixem o Sor continuar! – Disse aquela menina irritante lá da frente, que sempre tentava dar ordens à turma

– Quietos corvos! Vocês continuam sobrevoando o vale. Agora percebem que os dois grupos pararam de avançar e um pequeno número de pessoas de cada um se destacou à frente e se encontrou bem ao centro do campo.

– Ah. Eu vi isso em um filme, eles foram negociar. Devem ser os senhores junto com seus vassalos!

– Vocês, corvos-alunos, pousam em um momento em uma das árvores, bicando as próprias penas.

– Estou dizendo que esse corvo é esperto, ele quer saber qual lado vai ser o perdedor, já preparando o rango.

Arnaldo o encarou com algum olhar que o fez baixar a cabeça e seguiu:

– Pois então... Aqueles homens que tinham se destacado à frente dos outros agora retornaram aos seus grupos. Começa uma gritaria! Muita intensidade no ar. Vocês, alunos-corvos, voam novamente, agora também fazendo seu barulho. Toda aquela calma do vale verde agora está tomada por um ar carregado. Está até mais difícil de manter o voo. Tudo é mais denso, inclusive as nuvens intensificaram seus tons cinza. Os dois grupos correm um em direção ao outro. Algumas flechas são lançadas, quase à altura em que vocês estão, o que os faz subir mais ao ponto de ver quando aquelas multidões se chocam uma contra a outra. Todo o barulho do choque, da tensão, do atrito faz com que vocês batam as asas mais fortes, quase como se estivessem também excitados e tomados pela situação. Podem agora ver outros corvos se aproximando. – Arnaldo percebeu que agora já estava no meio da sala, circulando entre as fileiras de carteiras não tão simétricas assim.

– Vocês, alunos-corvo, diminuem a altura do voo, se aproximam do calor daquele aglomerado sem forma. Percebem agora que o gramado verde do vale já está composto de uma mistura de marrom da lama e do avermelhado do sangue que escorre. Vocês não podem se conter, aqueles corpos caindo no chão, isso quando são corpos inteiros, e não somente alguns braços, pernas e cabeças. Vocês sentem o potencial que aquilo tem para a vida de vocês, já têm que, inclusive, voar em posição de ataque frente a outros corvos. Às vezes mesmo desviar das espadas e das lanças, tamanha a proximidade com aquela movimentação toda. Rodopiam acima de um corpo, mas percebem que ele ainda se mexe. Recuam.

– Ué Sor. Mas não dá para comer ainda vivo?

Arnaldo ignorou a pergunta dele e seguiu:

– Vocês, alunos-corvo, retornam ao alto, sentindo que ali não poderiam ter muito sucesso. Vão a outras partes da batalha, mas ainda ninguém está suficientemente no ponto para vocês. Além disso, também são enxotados pelas espadas, lanças e outros corvos que estão no mesmo movimento. Algum tempo passa e vocês continuam sobrevoando a área, às vezes pousando por alguns momentos nas copas das árvores das colinas. Algum tempo depois um grupo sai em retirada e, mais tarde, o outro grupo também vai embora.

– Mas quem eram eles, Sor? E quem ganhou?

– Agora a claridade do dia já está começando a diminuir. Vocês, alunos-corvos pousam tranquilamente em meio a um campo de corpos humanos despedaçados e perfurados, cavalos dilacerados, sangue e lama. Alguns pedem socorro e outros corvos também já estão misturados à paisagem. Vocês pousam em cima de um corpo, bicam seu abdômen até ele se abrir e dali saírem todas as suas vísceras. Vorazmente vocês as vão devorando, engolindo intestinos e pedaços de fígado. Veias vão explodindo e o sangue jorra manchando as suas penas negras... Alguns pedaços de carne fazem com que tenham que ter força suficiente para arreventá-la... Outros pedaços...

– Sor! Sor! Ajuda! – A voz soou como um sino às sete da noite.

Quando Arnaldo se deu conta viu aquele aluno lá do fundo no chão,

tendo espasmos e espumando pela boca. Correu até o fundo da sala e abriu caminho entre os estudantes. Outro, o engraçadinho, vomitou em cima dele e de outros colegas. Arnaldo segurou os braços e as pernas do garoto e o deitou de lado, para que a espuma escorresse para o chão.

– Saíam de perto! Saíam de perto! Deixem espaço para ele! – Continuou ali, firme, até que o aluno se estabilizou. Virou o rosto para a porta da sala e viu aquela menina irritante correndo acompanhada da vice-diretora, já apontando o dedo.

– Viu, diretora! Eu disse! Está todo mundo louco hoje nessa sala!

A vice-diretora ajudou Arnaldo a levar o aluno para fora da sala. Quando saiu, pôde espiar pela porta alguns alunos imitando corvos. Giravam e corriam pela sala e tentavam bicar uns aos outros.

MAL O DIA ESTAVA AMANHECENDO E O CARRO DESLIZAVA PELA RUA DEVAGAR, FARÓIS APAGADOS, RENTE AO MEIO-FIO.

Sentado no banco do carona, Adão observava a viatura policial parada em frente à casa a quase cem metros de distância. O silêncio do fim de madrugada logo seria rompido por homens e mulheres saindo de suas garagens, rumo a mais um dia de avenidas congestionadas. Bebeu outro gole de café.

– Eles nunca sairão dali. O senhor já é tão perseguido quanto o suspeito. – Sussurrou o motorista.

– Imaginei que o Valdir iria avisá-lo. Grande erro.

– O que faremos?

O inspetor tirou o cartão do bolso e o virou repetidas vezes. “Dr. Watson Skinner. Psiquiatra.” As letras douradas reluziam dependendo do ângulo em que estavam inclinadas.

– Esperar. O trabalho que todo policial mais teme.

As nuvens carregadas do dia anterior pareciam estar indo embora. Não levaram consigo o calor que já se insinuava, apesar do horário. Adão abriu o vidro, temendo o suor que logo escorreria pelo seu calejado corpo. Consultou o telefone celular, nas mensagens envia-

das. Havia meia hora da mensagem que enviara a Valdir, alertando-o do quanto era inútil a sua tentativa de proteção policial para aquele homem, pois tudo o que dissera a ele na biblioteca continuava de pé. “Faça-os sair daqui, pois senão os jornais de amanhã terão notícias muito mais bombásticas do que um caminhão tombado na via expressa”, era a mensagem final.

Encostou-se junto ao assento, buscando diminuir sua dominadora presença quando ouviu um carro se aproximando. O veículo passou ao lado deles em velocidade normal, era um táxi. Parou alguns segundos ao lado da viatura e em seguida o portão automático se abriu. Entrou no pátio iluminado e logo saiu. Adão teve um impulso de ordenar que o motorista o seguisse, mas parou subitamente ao ver a viatura policial ligando os motores e acendendo os faróis. Logo ela sumiu de vista.

– Não parece troca de turno. – Sugeriu o homem sentado ao volante.

– E não é. – Disse Adão jogando o copo de café fora.

O inspetor esperou alguns minutos antes de se convencer.

– Vamos lá. Me espere em frente à casa, do outro lado da rua. – Bateu a porta e andou calmamente até o portão menor, pressionando o interfone.

Nada foi dito, o único som foi o estalo da tranca automática. Adão encarou a câmera de segurança e depois olhou em direção ao carro que acabara de estacionar do outro lado. Entrou.

O homem vestindo um roupão rubro estava parado na entrada da casa, cabisbaixo, com seus óculos de leitura abaixo dos olhos.

– Bom dia, inspetor. Entre, por favor.

Adão atravessou a entrada girando e observando todos os espaços. O homem fechou a porta, amarrou a tira do roupão à cintura e caminhou curvado em direção as escadas.

– Venha comigo, por favor.

O escritório estava bagunçado, claramente ele passara a noite acordado ali. Algumas embalagens de comida e bebida descartáveis contrastavam curiosamente com os livros, diplomas, títulos e quadros.

– Sente-se, por favor. – Disse se acomodando atrás da mesa. – peço perdão pela desorganização, mas a noite não foi muito propícia para preocupar-me com isso.

Adão ficou em pé, com as mãos à cintura. Olhou mais um pouco ao seu redor e disse:

– Quem chegou de táxi?

– Minha governanta. Chamei-a em caráter excepcional.

– Excepcional é a sua tentativa de me fazer acreditar nisso. – Disse o inspetor colando a mão ao coldre.

– Não há necessidade de preocupação inspetor. Creio que não nos conhecemos formalmente. Meu nome é...

– Watson Skinner. Reconhecido doutor em psicologia. – Interrompeu Adão inspecionando o a saída do escritório. – Podemos fazer do jeito mais fácil ou do mais difícil. Posso recomendar o primeiro...

– Psiquiatria, inspetor.

– Que seja.

– Senhor Adão, eu gostaria de dizer em primeiro lugar...

– Que costuma alugar apartamentos em nome de terceiros para seus pacientes malucos? – Disse já tirando a arma do coldre. – Pois se não for isso eu não quero nem ouvir.

O inspetor apontou a arma com firmeza em direção à Watson. Aproximou-se até que o cano do revólver quase encostasse em sua testa. O homem de roupão encolheu-se na cadeira, abrindo os braços e tremendo. Adão o empurrou até quase a janela.

– Não suporto mais embromação de engomadinhos.

– O homem que procura é meu filho! O homem que procura é meu filho! – Gritou enquanto lacrimejava e não controlava mais os espasmos que tomavam conta do corpo.

Adão deu dois passos para trás, sempre atento ao seu redor.

– Posso não ter diplomas como você, mas sei investigar a vida de quem interrogo. Seu filho está morto, a não ser que este seja um bastardo.

– Legalmente, inspetor. Legalmente. Não é tão difícil quando temos a congregação como aliada. O senhor sabe muito bem disso. –

Disse Watson tentando recompor-se.

– E por que diabos você ia querer o seu filho legalmente morto?

– Pela mesma razão que você também deveria estar. – Disse a voz feminina vindo de uma passagem por trás da estante de clássicos da literatura.

Adão colocou-se em posição de disparo, mas congelou ao reconhecer aquela jovem que lhe parecia tão tímida e frágil. Gabriela.

– Legalmente, claro... – Ela complementou sentando-se em cima da mesa.

O inspetor recuou com o revólver apontado para o chão. Toda a sua concentração pareceu dissipar-se, o seu corpo ficou solto e seus braços balançavam. Watson apoiava a cabeça sobre as duas mãos, olhando para baixo.

– Que faz aqui, menina?

– Um acordo vantajoso.

– Por que não vai para casa? Seja lá como essa corja a ameaçou, eu prometo que não farão nada.

– Ninguém me ameaçou. Vai me ouvir ou me tratar como criança? Posso recomendar a primeira opção...

Adão manteve-se solto, desconcertado. Sua presença tornou-se inofensiva frente à Gabriela. Viu-a jogar um envelope pardo em cima da cadeira em frente à mesa.

– Quem sabe desse jeito pode se redimir de algumas coisas. Não de todas, é claro...

Watson deu um sinal de consentimento, piscando lentamente enquanto mantinha-se na mesma posição. O inspetor guardou a arma e apanhou o envelope, tirando o seu conteúdo e deixando cair o papel pardo no chão. Os primeiro papéis pareciam ser os relatórios de seu ex-assistente.

– Deveria ter dado mais atenção ao Sérgio. – Disse ela sem receber a o olhar dele.

No próximo bloco de papéis ele viu novamente o laudo da perícia.

– Deveria parar de se mover pelo ressentimento e fazer o que é certo de uma vez por todas.

Adão seguia folheando os documentos.

– Volte à cena do crime, observe de verdade, se esvazie desse sujeito que você acredita ser...

Ele jogou os volumes sobre a mesa.

– Mas que circo de horrores é esse? Já vi tudo o que está aqui. Seja lá o que estão tramando, não pode ser sério.

Gabriela e Watson entreolharam-se. Ela sorriu.

– Investigue como deveria ser. Não tem mais acesso a esse material, por isso estamos lhe entregando.

– Já vi isso tudo, e não me serviu de nada. São só papéis. Um caso é desvendado nas ruas, pressionando as pessoas de verdade, no mundo real. – Disse Adão balançando novamente seu revólver. – Se não quiser ter um show privado, querida, sugiro que suma de uma vez por todas. Preciso conversar seriamente com o doutor aqui.

– Espere! – Disse. Pegou outro envelope dentro da gaveta e o segurou suspenso. – Última chance.

– A não ser que tenha uma bomba aí dentro você não tem como me impedir.

Gabriela jogou o envelope em direção a ele, que o agarrou. Pegou o celular e o mostrou.

– É só eu pressionar o botão de enviar, que tudo o que está aí vai parar nos jornais. Bem diferente, é claro, da maneira que o seu instrumento de chantagem previa.

– Vamos, inspetor, seja sensato. Nenhum de nós ganhará nada com isso. – Disse Watson se levantando devagar.

Ele abriu o pacote, puxando o seu conteúdo e o segurando tendo o próprio envelope como apoio. Viu a primeira página e olhou incrédulo para os dois.

– As regras são essas. – Disse Gabriela. – Se eu for intimada novamente os documentos serão expostos. Se continuar a perseguir o filho do doutor Watson ou revelar que ele existe, os documentos serão divulgados. Se tentar algum contato com qualquer tipo de pessoa que tenha interesse em depoimentos sobre a ditadura...

– Fecha essa boca! Eu entendi. Mas eu juro que se eu afundar,

levo essa maldita congregação comigo. – Disse Adão apontando o dedo para o homem.

– Temos ciência desta possibilidade, inspetor. Mas se nos adiantarmos, as suas acusações terão um efeito muito mais tímido. Grupos estão ávidos por informações sobre estes assuntos, e quem for responsabilizado primeiro, com certeza não terá muitas chances de defesa ou mesmo de negociação.

Adão amassou os documentos como se fossem uma embalagem de biscoitos.

– E você, menina. Espere pela sua hora...

– Não queira ter mais alguém pesando na consciência, policial...

– Justamente uma a mais não fará diferença. – Disse dando as costas aos dois.

Adão desceu as escadas rapidamente, com seus passos soando como uma marcha militar. Watson o seguiu à distância, somente para abrir as trancas eletrônicas. O inspetor chegou à rua e bateu a porta do carro onde o motorista ainda o esperava. O dia já estava pleno, com muitos carros dos modelos do ano abandonado as garagens e se deslocando para seus trabalhos incompreensíveis para o policial.

– Tudo certo, chefe?

– Não pergunte se não quer ser vítima da resposta,

O motorista olhou para o chão, com certeza arrependido de talvez existir. Disfarçadamente observou Adão, que estava com o olhar perdido para fora.

– Para onde vamos, chefe?

– Você é um bom policial, não é, Alfredo?

– Sempre acreditei nisso, inspetor. Por isso estou com o senhor agora.

– E se não estivermos fazendo a coisa certa?

– O que o senhor disser que está certo, para mim é lei.

Adão olhou fixamente nos olhos dele. Sua fisionomia forte e seu cabelo raspado o davam um ar de quem estava sempre pronto, mesmo que somente para receber ordens.

– Deu azar, Alfredo. Nasceu na época errada.

- Não sei se entendo o que está dizendo, chefe.
 - Se estivesse na ativa na época da revolução, entenderia...
- O motorista continuou olhando para frente, sem dizer nada.
- Aonde você e seus amigos vão fora do horário de serviço?
 - Senhor?
 - Não tente me tratar como idiota, soldado! Sei que você não é daqueles que quer defender a lei, mas sim algo maior do que ela.
- A palavra “soldado” despertou o homem de sua aparente apatia.
- Obrigado, senhor. Somos soldados, e não meros cumpridores daquilo que a politicagem determina. – Disse ele, sério e com um ar solene.
 - Conheço bem esse lema. Viva aos que ainda resistem.
- Os dois se encararam com um orgulho no olhar. Adão relaxou no assento.
- Então dirija para onde podemos nos preparar para a guerra de verdade.
- O carro agora arrancou sem discrição, cantando pneus.

como se fosse um dia qualquer

14

A MESA ERA PEQUENA PARA TODOS OS DOCES, SALGADINHOS E REFRIGERANTES.

Em torno dela as pessoas conversavam sobre os mais diversos assuntos enquanto beliscavam aqui e bebericavam ali.

– Acredita nessas exigências de conhecimentos transdisciplinares? De que adianta eu me especializar em uma área se depois na prática temos que aceitar coisas como essa? – Disse uma loira de óculos enquanto lutava para não deixar pedaços de coxinhas caírem.

– Parece que não valorizam mais o estudo sério e aprofundado. Cada vez mais tem que se falar de tudo e nada ao mesmo tempo. – Disse o homem com um copo de plástico ainda cheio de refrigerante sem gás nas mãos.

– É o que eu digo lá na minha escola. Alguns ficam com uma conversa de deixar mais artístico o conhecimento e tal. Pura viagem. Eu sou professora de história, não de artes.

– É culpa dessas faculdades de educação onde todo mundo se aglomera. Tinham que levar a formação de professores de história para os departamentos de história. Em que me ajuda frequentar formações com estudantes de educação física, biologia, etc?

– Ah, mas nós temos muito a aprender com eles. – Disse a loira abrindo os braços.

– Claro, me interessam muito as flexões e as mitocôndrias.

Os dois se encolheram cobrindo os risinhos com a boca, como

se compartilhassem um embaraçoso segredo adolescente.

– Carlos! Estávamos aqui falando sobre a formação dos professores.

O professor, que estava de passagem, deu uns tapinhas nos ombros do homem.

– Desculpe, Luís Augusto. Atrasado para uma reunião. – Disse apontando para o relógio. – Outra hora.

Carlos bateu palmas e chamou a atenção de todos.

– Queridos. Muito obrigado pela homenagem, mesmo que pareça uma desculpa para matarem aula. – Todos na sala riram. – Mas tenho que ir e, como sabem, estou ficando velho demais para me entupir com isso que estão comendo e bebendo. – Nova onda de risos. – Mas fiquem à vontade, só peço que depois alguém devolva a chave da sala lá na portaria.

Todos levantaram seus copos de plástico em direção ao professor.

Carlos despediu-se simpaticamente e seguiu seriamente pelo corredor. Não gostava muito destas ocasiões descontraídas em horário de aula, pois no fim se tornaram meras formalidades, quase obrigatórias. Entrou em sua sala e surpreendeu os dois bolsistas fumando na janela.

– Eu não acredito numa coisa dessas! Não dá para dar o mínimo de liberdade para vocês, mão?

Os dois jogaram os cigarros fora rapidamente e abanaram o ar.

– É quase como se pedissem para serem reprimidos...

Continuaram parados ao lado da janela, olhando para o chão.

– Desculpe Carlos. Pensamos que você ia chegar mais tarde. Íamos deixar tudo...

– Ah! Não me venham com desculpas! Iam limpar tudo, não? Esconder o que fazem. Não passam de uns dissimulados! – Esbravejou interrompendo a jovem e divertindo-se com sua postura autoritária. Jogou a pasta sobre a mesa e enxotou os dois de trás de sua cadeira. – E deixem essa janela aberta! Que cheiro horrrosoo...

– Trouxemos um presente. – Voltou a dizer a menina.

– Aprendem rapidinho. Já sabiam que iam fazer besteira... – Disse severamente enquanto abria o pacote. Era a primeira edição de *Brasil: nunca mais*.

Ele observou e folheou por algum tempo o velho livro. Colocou-o com cuidado sobre a mesa.

– São uns adutores, isto sim. Agradecimentos não vêm agora, vou pensar na hora em que merecerem, se é que esta hora um dia vai chegar.

Os dois estudantes sorriram.

– Carlos. Recebemos um e-mail do setor governamental de educação. Nosso projeto foi aprovado!

O professor abriu os braços.

– Mas que maravilha! Parabéns a nós. E obrigado pelo presente, pelo jeito me enganei com vocês. Como souberam?

– Acabamos de ver no seu e-mail institucional.

– Andam xeretando nas minhas coisas?

– Há meses que nem abre este e-mail, professor. Desde que nos passou a senha. – Disse o garoto timidamente.

– Verdade. Tinha me esquecido.

Carlos jogou seu corpo para frente e alcançou o telefone. Discou e esperou alguns instantes. Girou na cadeira;

– Paulo? Carlos.

– O que conta, velho amigo?

– Conta é um problema. O que nós pagamos para você demorar até para atender ao telefone.

– Carlos. Não é um bom dia, por favor. Ou desembucha de uma vez ou eu desligo.

– Paulo. Você, servidor público. Eu, público. Logo, tem que me servir sem nenhuma lamentação.

Silêncio do outro lado da linha.

– Ok. Tudo bem. Só queria dizer que nosso projeto foi aprovado. Caso tenha mexido os pauzinhos aí, coisa que não tenho certeza, eu agradeço.

– Algum reconhecimento é bom de vez em quando. Tivemos algumas desistências e os descumprimentos das exigências Além dis-

so, uma coordenadora faleceu, como deve saber. Consegui encaixar a maioria dos mais importantes.

– Quanta agilidade. Não vai se estressar muito por aí.

– Sabia que desacato ao servidor público é crime previsto em lei?

– Mesmo? Nossa, vou pedir para os meus bolsistas anotarem essa revelação quase mística.

– Por que não vai para o inferno, Carlos? Olha só, aproveitando que você ligou e, já que desperdiça meu tempo, tenho uma informação importante. Sabe? Pelo menos para justificar aos contribuintes o custo da sua ligação...

– Quanto envolvimento, Paulo. Pelo jeito a noite foi boa ontem...

– Alguém daí andou me ligando alguns dias atrás. Era um rapaz, falava em nome de Leopoldo Gonçalves. Queria saber de projetos ligados à memória e ao patrimônio histórico. Falei sobre o seu memorial da classe operária e passei o seu e-mail. Ele entrou em contato?

– E-mail sobre o memorial da classe operária? – Disse Carlos bem alto e olhando diretamente para os dois alunos. Eles assentiram fortemente movimentando a cabeça.

– Isso. Está surdo?

– Ah, claro. Agora lembrei. Estamos em contato sim. Obrigado, Paulo.

– Mas o que ele quer? Achei as perguntas bem estranhas...

– Tenho que ir, Paulo. Obrigado...

– Mas...

Carlos desligou. Olhou para os dois estudantes.

– Qual é a minha senha mesmo?

Depois de dispensar os seus dois alunos da reunião, alegando, “questões urgentes”, Carlos leu atentamente ao e-mail.

Caro Senhor Dr. Carlos Freire.

Envio esta mensagem em nome do senhor Dr. Leopoldo Gonçalves, diretor do Museu Estadual. Venho, por meio deste, solicitar algumas informações à respeito do projeto sob sua coordenação intitulado “Memorial da classe operária”.

Acreditando em sua preciosa colaboração, enumero as questões:

1 – Qual a natureza do produto que o projeto prevê?

(Monumentos, intervenções artísticas, etc.)

2 – Existe algum espaço físico previsto nas atividades do projeto?

(Revitalização de algum local, criação de um novo, pareceria com instituições já existentes.)

3 – Que tipos de atividades constituem o projeto? (Oficinas, exposições, etc.)

4 – Qual o conceito limitador de classe operária? (O que define este recorte social.)

5 – O projeto prevê desdobramentos temáticos ligados às chamadas “novas identidades”? (Gênero, étnico, político, cultural, regional, etc.)

6 – Quais são os recursos disponíveis e de onde foram captados? (Editais, parcerias privadas, projetos universitários, etc.)

Tais questão são muito importantes para levantamentos que estamos fazendo visando o progresso dessa área.

Grato pela atenção.

Cordialmente.

Plínio Soares; representando o Senhor Dr. Leopoldo Gonçalves.

Carlos riu sozinho ao ler a mensagem. Por alguns dias tinha se esquecido deste projeto, já que vivia envolvido em vários simultaneamente. Ou era a pesquisa educacional, ou a pesquisa história sobre os exilados na década de setenta, ou o memorial, ou as questões sociais como a luta pela abertura dos arquivos da época da ditadura, e aí por diante... Lembrando deste assunto, Carlos ficou intrigado pelo interesse deste “filhote da ditadura” – como chamava pessoas como Leopoldo, com o seu projeto patrimonial. O que eles queriam com uma pesquisa como essa?

Por um instante congelou enquanto fitava o seu quadro do evento “jornada da ciência histórica”. Remeteu-se há nem sabe quantos

anos, quando o atual diretor do museu era promotor público. Na época, Carlos, recém ingressado como professor universitário, fora chamado a dar uma entrevista sobre o processo que Leopoldo movia contra intervenção artística de Cléo Sabathini. Não se recordava do que se tratava a atividade, somente que era uma encenação próxima a estátua em frente ao palácio do governo, mas mesmo não tendo muita ligação com estes assuntos, declarou-se contrário a atitude do promotor.

Aliás, qualquer movimento que Leopoldo fizesse certamente seria antagonico a tudo o que Carlos acreditava.

Malditas coincidências que continuavam se insinuando nos últimos dias. Já perdera a conta de quantas vezes deparou-se com o nome de Cléo nesse período.

Além disso, Leopoldo e seu grupo usavam de sua influência e presença no meio político para barrar qualquer tentativa de avanço na discussão sobre os documentos da ditadura.

Carlos inclinou-se novamente. Discou.

– Alô. Quem fala é o professor Carlos Freire. Gostaria de marcar um encontro com o Diretor, Leopoldo Gonçalves. Sim, é assunto do interesse dele.

– *PODERIA NOS ESCLARECER, ENTÃO, SENHOR LEOPOLDO.*

– *Senhor Valdir e demais conselheiros. Se me ouvirem por um instante serão convencidos deste meu, não gostaria de chamar desvio; desta minha opção por direcionar a atenção a um ponto específico.*

– *E qual seria a justificativa para esse ato, senhor Leopoldo?*

– *Admito que despendi tempo com investigações sobre a morte da professora em questão. Mas fiz isso em nome da verificação das condições em que ela trabalhava. Digo, no sentido de que ela trabalhava com questões muito mais complicadas que simplesmente as novas identidades.*

– *Mas qual seria intenção de tal investigação? Visto que ela não produziria mais nada...*

Algumas risadas soaram secundariamente.

– Mas ela deixou impacto significativo em algumas questões sobre educação e história. Seria necessário avaliá-las melhor, visto que não temos muito o domínio da abordagem que utilizava.

Silêncio de segundos.

– Caro senhor Leopoldo. Admito estar um pouco decepcionado com o senhor. E acredito que falo por todo o conselho. Não bastou somente desviar-se das responsabilidades que lhe foram atribuídas, como também nos insulta com justificativas claramente articuladas de improviso.

– Mas senhores...

– Deixe-me terminar, por favor. Foi claro desde o início a sua insatisfação em ter assumido os assuntos educacionais. Mas não julgamos isso, afinal, às vezes exercemos funções que não nos agradam, justamente por nossa postura levar em conta sempre o todo. Mas eis que, mesmo assim, o senhor comportou-se de maneira individualista, buscando saciar alguma curiosidade ou desejo mesquinho.

– Mas esta afirmação não tem nenhuma referência concreta!

– Senhor Leopoldo. Por favor. Não é segredo para esta congregação as desavenças que teve no passado com a professora em questão. Assim como todos sabemos o quanto foi prejudicado em sua ascensão por tal situação lamentável. E, pelo que podemos diagnosticar com este novo deslize, talvez a sua posição secundária em nosso grupo esteja mais que justificada.

– Calúnia. Eu sempre me coloquei à disposição de todas as exigências deste conselho!

Um som forte de madeira seguiu a fala.

– Compostura, senhor Leopoldo. Não perca a dignidade que ainda lhe resta. Aceite sua condição como um cavalheiro. Propormos que cesse imediatamente suas atividades e que seja suspenso até uma avaliação mais aprofundada de uma comissão de ética.

Outro silêncio seguiu. Agora de quase um minuto.

– Grato pelo seu silêncio. Apenas uma última advertência: Não se envolva mais com nenhuma espécie de investigação com esse caso. As consequências podem ser muito piores... Agora pode retirar-se.

Leopoldo desligou o gravador e continuou imóvel em sua confortável poltrona. Estava cada vez mais intrigado pela preocupação da congregação com tal investigação. Poderia até dizer para si mesmo, caso acreditasse em intuição, que sentia que alguma ligação existia neste processo. A acusação de negligência tinha alguma base estatutária, mas ele mesmo já vira casos mais graves serem deixados de lado em nome da harmonia do grupo.

Ouviu o telefone tocar e se lembrou das incontáveis vezes que ligara para seus dois sócios naquela tarde.

– Por onde vocês andavam?

– Senhor, tivemos problemas. – Disse a voz ofegante do outro lado.

– O que aconteceu?

– Manolo está morto.

Leopoldo quase deixou cair o aparelho.

– Nos encurralaram no antigo distrito industrial. Só estou vivo por que eles deixaram...

– Mas o que vocês faziam lá?

– É uma história complicada, senhor. Posso ir até aí?

– Venha logo. E entre pelos fundos.

Cerca de meia-hora depois Leopoldo ouvira alguém bater na porta. Quando a abriu deparou-se com um Emanuel praticamente desconhecido por ele. Curvado, com olheiras e cicatrizes. Sua voz soava com alguém que aos poucos perdia sua capacidade de respirar.

– Pensávamos que estivesse tudo sob controle, senhor. – Disse se jogando no divã.

Leopoldo acomodou-se atrás da mesa, tentando manter a postura de reunião de negócios.

– Soubemos que eles viriam até a casa de Arnaldo. Manolo se escondeu em lugar estratégico, para pegá-los de surpresa, e foi exatamente o que aconteceu. Enquanto isso fui a um local neutro com ele, para pegar o documento. Tudo estava de acordo com nossas previsões. Mas Sócrates, ele me surpreendeu. Me fez ir até o antigo distrito, com Arnaldo guiando o carro. De qualquer modo, Manolo con-

seguiu acionar a polícia, e nos encontrou lá com reforços. Mas eles tinham muitos homens escondidos nos velhos galpões. Nossa reação fora inútil. Com certeza os subestimamos. – Emanuel apoiou a cabeça com as mãos. Por um momento Leopoldo pensou que ele choraria.

– E o documento? – Perguntou seriamente.

Emanuel olhou para ele abrindo os braços.

– Acredita que Arnaldo estava os ajudando.

– Não tenho certeza, senhor. Mas mesmo que sim, ele não teria capacidade de arquitetar alguma coisa. Além disso, ele nos avisou corretamente que eles estariam a nossa espera na casa dele.

– O seu relato está repleto de incertezas.

– Peço desculpas, senhor. Mas nunca um trabalho tinha sido concluído desta maneira. Além disso, perdemos um homem.

– Alguma ligação comigo?

– Só se sair da boca de Arnaldo. O que creio ser difícil.

– Então, em primeiro lugar, não houve nenhuma conclusão no trabalho. Em segundo, *you* perdeu um homem, Emanuel.

O homem manteve a cabeça baixa, sentado desconfortavelmente na ponta do divã.

– O que faremos então, senhor?

Leopoldo olhou para o seu escritório. Os quadros que pertenciam ao acervo do museu fundado pelo seu avô pareciam mais opressores do que nunca, com todos os seus heróis em posturas solenes; grandes construções que até hoje se mantinham em pé, mesmo que usadas para outros fins, aclamações de vitórias importantes; batalhas que custaram a vida de quem deu seu próprio sangue por algo maior. As imagens pareciam maiores do que nunca, o passado cobrando toda a devoção devida, tudo o que lhe legou como exemplo. O mesmo acontecia com os móveis, os livros, os adornos, com todo o seu peso simbólico quase a sufocá-lo.

Ele pigarreou.

– Primeiro acostume-se a não falar mais no plural sobre essas coisas. Suspendemos contato até segunda ordem.

– Mas senhor...

– Sim, eu sei. – Disse levantando mão que pedia atenção. – Mesmo com a não conclusão do trabalho depositarei a quantia combinada, em nome de nosso respeito mútuo. O plano de emergência também será executado, com sua nova identidade, lugar para ir, etc. Mas antes preciso de mais uma informação.

– Se estiver ao meu alcance...

– Algum de seus informantes da polícia tem contato exclusivo com você? Digo alguém que não atenda pedidos de outros membros da congregação...

– Creio que sim. O mesmo que nos forneceu os relatórios da investigação.

– Não, esse não. Pelo jeito a informação vazou.

– O senhor tem certeza?

– A mais absoluta. – Disse Leopoldo com a imagem de Valdir o penalizando frente a todos.

– Creio que tenho mais uma ou duas opções.

– Certezas, Emanuel! Eu preciso de certezas!

– Tenho uma pessoa com certeza, senhor. Do que se trata?

– Então fale com ela e peça qualquer relatório disponível sobre o homem que foi perseguido no caso do assassinato de Cléo. Depois está dispensado.

– Sim, senhor. Receio que isso seja um adeus, então...

– Disso não temos certeza, Emanuel. – Disse Leopoldo já o vendo sair.

Duas horas se passaram até que sua governanta lhe chamou para entregar um pacote deixado por um menino qualquer. O conteúdo era magro, apenas alguns poucos papéis e observações. Mas, depois de ler, Leopoldo foi abrigado a aceitar a ironia na comparação com o documento policial anterior, tão cheio de detalhes, volumoso, mas sem nenhuma informação essencial que contribuiria para os seus objetivos. Já o que acabara de receber de imediato o animou, e só uma linha foi necessária para produzir esse efeito: “Imóvel locado em nome de Valdir Heisenberg”.

Agora podia esquecer-se da intuição e apoiar-se no que era verifi-

cável. Sorriu. Girou nos calcanhares ao novo chamado da governanta.

– Sua secretária está ao telefone, senhor.

– Atenderei aqui, obrigado. – Disse enquanto puxava para perto de si o aparelho.

– Sim?

– Senhor. Estou na linha com o Professor Carlos Freire. Ele gostaria de uma reunião com o senhor. Diz que é do seu interesse.

Leopoldo fez um esforço para lembrar-se do nome, muitos anos passaram-se.

– Tudo bem. Marque com ele para amanhã pela manhã.

Desligou ainda com a folha de ofício em mãos. Agarrar-se ao documento seria sua redenção, algo justamente ao seu gosto.

A SENHORA LUTAVA PARA PUXAR O CARINHO DE COMPRAS PARA CIMA DA CALÇADA.

Parecia ter emperrado no bueiro. Ele tentou se abaixar para ver melhor, mas as dores nas costas não permitiam. Olhou ao redor em busca de uma boa alma para ajudá-la e não se decepcionou por não encontrar nenhuma. Os anos lhe ensinaram que haviam tão poucas.

– Senhora Joaquina?

Ela virou-se em direção à voz, segurando mais firmemente sua bolsa contra o corpo. Reconheceu-a quando chegou mais perto.

– Alana?

– Sim, sou eu. Deixe-me ajudá-la. – Disse já trazendo o carrinho para cima da caçada.

– Querida. Deixe-me olhar melhor para você. – Ela passou a mão no rosto de Alana, abraçando-a em seguida. – Sinto muito pelo que aconteceu. Procuramos você por toda a parte.

– Desculpe, dona Joaquina. Eu não conseguia ver ninguém. Além disso, tem esses policiais atrás de mim também. Precisava ficar sozinha.

– Oh, minha criança. Eu sei o quanto deve ser difícil. Lembro de quando meu marido se foi, que deus o tenha... Também não me agra-

dava aquele monte de gente ao redor, mesmo que quisessem ajudar. Gostaria de ir até minha casa? Posso lhe oferecer um café.

– Eu adoraria dona Joaquina. Na verdade gostaria de pedir sua ajuda.

– Pode falar, minha filha. – Disse acariciando os braços de Alana.

– Eu queria muito pegar algumas coisas no apartamento de minha mãe. Mas não queria ser importunada, sem porteiro, sem policiais e essas coisas. Pelo menos por hoje...

– Deixe comigo Alana. Vou protegê-la de todos. – Disse Joaquina entre um sorriso acolhedor.

– Obrigada. Muito obrigada.

As duas seguiram pela caçada com Joaquina abraçada ao braço de Alana. Conversaram um pouco sobre Cléo durante as duas quadras até o condomínio. Alana estava aliviada por tê-la encontrado, depois de duas horas de espera. Dona Joaquina morava naquele prédio havia uns quarenta anos, e Cléo tornou-se vizinha dela. Muito simpática, sempre se mostrava pronta para ajudar, assim como apoiar qualquer problema que Cléo tivesse no condomínio. Recebia com simpatia todas as “excentricidades mais jovens”, como definia muitas das atitudes da mãe de Alana. Acabou tornando-se uma amiga próxima, e era dela que Alana precisava para entrar em casa sem ser importunada.

Ao se aproximarem do prédio já puderam ver o porteiro saindo de sua guarita.

– Senhorita Alana. Temos muitos recados para você...

Joaquina adiantou-se e interveio:

– Querido. Ela está muito abalada. Não pode ver ninguém ou se preocupar com nada agora. Ordens médicas.

– Mas senhora...

– Não nos interessa nem se o próprio papa quiser vê-la. Abra o portão, por favor.

O homem inclinou o corpo para dentro da janelinha e pressionou o botão que liberou o portão. Continuava com o olhar fixo e desconfiado em Alana. Ela entrou no prédio de cabeça baixa. Desconfiava que os porteiros não deveriam estar muito contentes com ela depois

da confusão da última noite que ali esteve. Denúncias de barulho no apartamento chegaram a eles, e todos foram embora com expressões não muito amigáveis. Alana ainda se arrepiava ao lembrar-se de como ela e Sócrates escoltaram Emanuel e Manolo empunhando armas escondidas nos bolsos.

O clima de abandono do apartamento foi quebrado logo que entraram. Não pelas suas tristes presenças, mas pelo telefone que tocava efusivamente. Joaquina adiantou-se e puxou o fio da parede com um movimento súbito.

– Não precisamos disso agora, querida.

Alana abriu algumas janelas.

– Provavelmente aquele porteiro já avisou a polícia. Mas não se preocupe, eles não tem o direito de incomodá-la se você não quiser.

– Obrigada dona Joaquina. Vou até o quarto.

– Tudo bem, querida. Vou fazer um café.

Alana entrou no quarto e abriu o armário da mãe. Deslizou a mão por entre as roupas no cabide. Alguns vestidos, calças, jaquetas e até figurinos de teatro. Tirou uma vestimenta masculina, um terno que lembrava algum filme de gângster. Não se lembrava de tê-la visto usando, mas divertiu-se imaginando a cena. A roupa também a fez lembrar aqueles dois homens que invadiram o apartamento e a ameaçaram. Se não tivesse vindo com Sócrates, não podia imaginar o que teria acontecido. Tinha certeza de que eles eram responsáveis, se ao menos pudesse encontrar o que ele libertou. E fez isso sem ao menos perguntar alguma coisa, como ela tinha pedido várias vezes, e o soltou sem ao menos consultá-la sobre nada. Assunto da firma para homens. Ela segurava o terno com toda força, deixando-o amassado, jogou-o em cima da cama.

Abriu as gavetas e revirou as calcinhas, as meias, as blusas e decidiu que estava sendo um pouco ridícula. Foi até a sala que agora já mais cheirava a abandono, mas sim pelo café que estava sendo passado na cozinha por dona Joaquina.

– Estará pronto em um minuto, querida. – Disse ela como se fosse um dia qualquer.

Alana sentou-se, fitando o nada, com os pensamentos sendo bombardeados por nomes praticamente simultaneamente. Sócrates, Manolo, Emanuel, Virgínia, Arnaldo, Cléo, etc. Viu, pelo canto dos olhos, Joaquina entrar na sala com uma bandeja.

– Beba um cafezinho. – Sentou-se ao lado dela. – Não sei se queres falar disso. Mas viu o homem que perseguiram?

– Vi sim. – Seu pensamento focou-se em Manolo e Emanuel.

– E aquela menina que prenderam antes? Parece que foi por ela que eles chegaram a esse homem.

– Gabriela... – Sussurrou Alana para si mesma.

Ela praticamente atirou-se em frente ao computador. As senhas da mãe nunca variavam muito, restringiam-se a um universo de cinco ou seis possibilidades. Depois de algumas tentativas, a área de trabalho apareceu sob a imagem de um quadro de Turner. Abriu e fechou vários arquivos dentro das pastas intituladas universidade. Outras pastas apareciam intituladas com escritos provavelmente da própria mãe como “escritos avoaçados”; “evocações ateístas”; “sem tribunais, só encontros”; “tapanacara”; etc. Ela viu alguns arquivos superficialmente e percebeu que somente se estivesse disposta a passar meses revirando o computador poderia encontrar alguma coisa. Provavelmente eram escritos soltos, projetos de livro ou artigos, justamente como aquele que os homens tanto queriam. Não o encontrou ali, deveria estar salvo na universidade.

– Alana querida. Tudo bem? – Perguntou Joaquina com a xícara em mãos. Alana tinha esquecido a presença dela por alguns instantes.

– Sim senhora. Só estou vendo algumas coisas que minha mãe tinha escrito para mim.

– Ah, certo.

A companhia soou. Alana alarmou-se em cima da cadeira. Antes que pudesse pensar em qualquer coisa, Joaquina adiantou-se.

– Deixe comigo, meu anjo.

Ela voltou a concentrar-se no computador. Decidiu tentar o e-mail enquanto ouvia ao fundo as palavras duras encenadas por Joaquina.

– Não senhor. Ela não pode, e, mesmo se pudesse, não quer falar com ninguém agora... Sim, sim, eu entendo o trabalho dos senhores, mas ao menos que tenham algum mandato que a obrigue isso, terão que esperá-la entrar em contato... Muito bem, eu entendo, eu entendo, até logo...

Alana vasculhou a caixa de e-mails procurando por Gabriela. Surpreendentemente não encontrou muitos. Os primeiros que leu eram a respeito de alguma disciplina da universidade, falavam sobre textos os discussões principalmente à respeito de Nietzsche. Os mais recentes começaram a lhe despertar maior atenção. Desta série, todos foram enviados por Gabriela e nenhum respondido por Cléo. Os primeiros falavam de como algum encontro que tiveram fora um acontecimento indizível para Gabriela e o quanto estes encontros deveriam ser cultivados.

Adiante alguns dias, Alana percebeu uma mudança de tom por parte dela. Algumas perguntas sobre onde Cléo andava, como poderia ter sumido tanto tempo, por que não atendia as ligações, por que tinha a deixado esperando em tal lugar, etc. Depois alguns escritos sobre que nunca mais faria àquilo, que a tal noite tinha sido maravilhosa, etc. Alana solidarizou-se com a menina, afinal, conhecia bem a não presença da mãe principalmente nos últimos anos. Por algum momento passou a sentir raiva de Cléo, por imaginar o quanto aquela menina estava sofrendo. E, no fim das contas, por que envolver-se com alguém tão jovem assim? Sentiu culpa, tanto por ter tido aquele sentimento em relação a ela naquele momento, quanto pelo julgamento moral. Procurava alguma informação sobre onde ela morava, telefone ou qualquer coisa que a ajudasse a localizá-la. Entre os últimos e-mails leu uma citação de Roland Barthes

“Lufada de linguagem durante a qual o sujeito chega a anular o objeto amado sob o volume do amor em si: por uma perversão propriamente amorosa, é o amor que o sujeito ama, não o objeto.” [...]

“Basta que, num lampejo, eu veja o outro sob a forma de um

objeto inerte, como empalhado, para que eu transfira o meu desejo, é meu desejo que desejo, e o ser amado nada mais é que o seu agente”. Roland Barthes

É isso que sou para você, não?

O e-mail depois deste despertou a atenção de Alana.

Descobri quem é o serial killer. Ele é bem real, não? Agora sei até onde ele mora. Sei, sei bem da fabulação. Acho que ela é bem real e, principalmente, palpável.

Alana voltou às pastas do próprio computador da mãe. Entre os documentos de texto escritos por ela, um estava nomeado por “fabulações de um serial killer”. Voltou aos e-mails e leu os últimos. Eram principalmente novos pedidos de desculpas e de que nunca mais iria fazer coisas como essas, etc.

Fechou aquilo tudo e concentrou-se no arquivo de texto. Não tinha títulos, subtítulos ou divisões. Era longo, cerca de cento e cinquenta páginas. Ela concentrou-se na primeira página:

Uma bela conversa casual no domingo pela manhã com meus hóspedes. A noite anterior fora regada à vinho, estávamos entusiasmados pelos interesses em comum que surgiram em meio ao jantar. Novos amigos, conhecidos no trabalho, um casal realmente interessante. Hoje ríamos um pouco pela leve ressaca resultante. Preparamos suco de laranja, muito suco. Ela adiantou-se para levar a jarra ao jardim, afinal, o dia era de folga para todos e ensolarado pelo menos onde estávamos. Nos sentíamos responsabilizados em não desperdiçar aquela verdadeira dádiva. Enquanto dava os últimos retoques nos sanduíches, pude vislumbrar pela janela os dois se abraçando, destacados pela amarelada iluminação contrastando com o verde do fundo. Foi nesse momento que tive a certeza que já havia chegado a hora de matá-los.

Alana decidiu que precisaria de tempo para ler atentamente aqueles escritos. Enviou para o seu próprio e-mail e desligou o computador.

- Encontrou o que procurava, querida?
- Não sei ao certo. Mas me levará a algum lugar.
- Ótimo. Do que se trata?
- De pessoas estranhas. Não sei se fictícias ou reais.
- Que é isso menina?!
- Não sei ao certo... - Continuava fitando a tela agora escura. Olhou com um sorriso para a Joaquina.
- A senhora iria comigo até lá embaixo, por favor?

ESTACIONARAM EM FRENTE À CHURRASCARIA MAIS CARA DA CIDADE.

- Tem certeza de que é aqui?
- Sim. Algum problema, chefe?
- No meu tempo nos encontrávamos em lugares mais modestos...

Mas de qualquer maneira, pensou Adão, as coisas mudam cada vez mais. E a última manhã o confirmara isso.

O motorista puxou o freio de mão e saiu. Adão pisou na calçada e observou a entrada daquele lugar. Por fora ele tinha um estilo rústico, com grandes troncos de madeira, ou algo que imitasse, por fora de toda a sua estrutura. Dois homens bem-vestidos e parados em frente à porta o encaravam nem muito sérios, nem sorrindo. Através da entrada Adão conseguiu ver uma iluminação climatizada, grandes gôndolas de buffets, homens andando para lá e para cá equilibrando espetos, homens gordos e outros com dentes brancos e unhas bem feitas, mas todos de terno; mulheres com joias e vestidos. Todos mastigavam grandes pedaços de carne.

- Por aqui, chefe.

Seguiu Alfredo por uma entrada lateral, que ia diretamente para o segundo piso, uma espécie de salão de festas. Alguns homens conversavam escorados em um grande balcão de bar. O lugar estava à meia-luz e ao som de um sertanejo qualquer da moda. De trás do bar,

um homem mais velho que os demais veio em sua direção com a mão estendida.

– Grande inspetor Adão. Que bom vê-lo. Lembra de mim?

Ele observou o homem parado com a mão estendida de cima abaixo. Não vinha ninguém a sua mente.

– Enfim. Meu nome é Francisco. Trabalhamos na mesma DP uns vinte anos atrás. O senhor me ensinou muita coisa.

– Francisco? Sim. É você? Aquele novato que quebrou o braço no primeiro dia?

– Isso mesmo inspetor. Guardo os gessos até hoje. Abaixo da sua assinatura está escrito “arrume outro emprego” – Disse rindo e bebendo um copo de cerveja.

– O que vocês fazem aqui, Francisco?

– Prestamos alguns serviços de segurança para o dono, em alguns negócios que ele tem. Usamos o lugar algumas vezes por semana.

– Negócios que ele tem? Sei...

Francisco foi até a grande janela do salão e apontou para a rua, olhando para Adão.

– O senhor vê esse movimento ali? Quem diria que essa região um dia estaria tomada de cafetões, bêbados e prostitutas. Enfim, uma das coisas que fazemos, às vezes, é ao menos selecionar tipos mais decentes para circular aqui...

O inspetor olhou a rua através do vidro com as mãos nos bolsos. Pensou em quanto decaíram as ações dos policiais que buscavam algo além de um salário. Mas nada disse, limitou-se a resmungar a si mesmo algo incompreensível.

– Quer uma cerveja, inspetor?

– Não bebo.

– Uma água?

– Estão informados sobre a situação em que estou? – Disse Adão pegando ele mesmo a garrafa de água.

– Revoltante. Quero que saiba que estamos todos apoiando o senhor. – Disse Francisco alisando o seu bem-cuidado bigode.

- E como é o comprometimento desses homens?
- Algumas coisas mudaram desde que o senhor deixou de participar de grupos como esse. Mas o envolvimento é cem por cento.
- As coisas sempre mudam... - Disse o inspetor fitando o copo com água. - Somente homens casados e com família? Sem vagabundos?
- As mesma exigências, senhor.
- E o que de mais importante mudou?
- Diria que mais o cenário, inspetor. No seu tempo a atuação era mais política, no sentido institucional do termo. Agora nos voltamos mais contra essas comunidades que são dominadas pelo tráfico. Resumindo de um jeito bem superficial: antes eram os comunistas, agora são os drogados.
- Mas sempre têm outros, não? No meu tempo, lembro dos vadios que queriam tratamento de estudante.
- Francisco riu enquanto bebia a cerveja. Adão pode observar seu bigode coberto de espuma. Fez um sinal para ele o limpar.
- Ah, temos outros problemas menores. Como os gays e essas coisas contrárias à natureza. Mas, na medida do possível, lidamos com eles...
- Vi uma passeata deles esses dias. Não me apareceu que vocês estavam fazendo alguma coisa.
- Outra coisa que mudou, inspetor. No seu tempo o apoio do estado era maior, mesmo que discretos, vocês atuavam em plena luz do dia, por exemplo. Agora só resta a calada da noite para nós...
- Hummmm...
- Mas deixe-me perguntar em que podemos ajudá-lo senhor. Alfredo estava muito feliz ao telefone.
- Preciso de informações e de alguns homens.
- Com certeza homens serão voluntários para trabalhar com o senhor. Do que se tratam as informações?
- Este homem. - Adão o entregou o cartão. - É um psiquiatra que alugou o apartamento em nome de outro homem para o seu filho. Nos registros ele só teve um filho, já declarado falecido.

- E esse filho fantasma é o homem que perseguiu?
- Sim. O desgraçado que fantasiou os mendigos.
- Muito bem senhor. Temos uma operação agora à noite. Gostaria de nos acompanhar?
- Não. O meu problema é esse. – Disse apontando para o cartão.
- Tenho alguém para descobrir o que for possível. Entrarei em contato.
- E que seja logo.
- Peça para Alfredo me dar o telefone de onde o senhor estará. – Ouviu o inspetor às suas costas.

Adão voltou à rua sendo seguido por Alfredo. Pediu para que ele encontrasse um hotel ou pousada qualquer. Não podia ir para casa, tinha que telefonar para a mulher que deveria estar mais do que aflita e cercada por policiais almofadinhas fingindo dar apoio. Enquanto o carro se movia viu todo aquele movimento que Francisco disse estar selecionado. Para ele soava mais como uma simples organização para permitir a imoralidade deliberada. A prostituição dividida entre mulheres e travestis, separação dos espaços, praças ocupadas por drogados como se ali fosse permitido o consumo. O que Francisco disse ser atuação, Adão enxergou como permissividade, desistência de acabar com o que não deveria existir. Deprimiu-se, pois o rumo do próprio grupo paramilitar era incompreensível e, até certo ponto, desprezível aos seus olhos.

- Rápido. Preciso deitar e fechar os olhos.

Deitou na cama e ouviu o som das molas enferrujadas rangerem sob o seu peso. Tirou os sapatos com certa dificuldade, estava difícil dobrar os joelhos sem se incomodar com os estalos. Adão não entendia por que estava fazendo isso, por que estava passando por essas situações a esta altura da vida. Ligou para a esposa, pediu para que se acalmasse, logo estaria em casa. Pediu o favor de mandar todos aqueles policiais que estavam de campanha em sua própria casa para o inferno. Ela riu, com certeza tranquilizada pela familiaridade daquele humor ranzinza do marido.

Adão despertou desorientado pelo som quase irreal do telefone. Trouxe o fone ao seu ouvido sem se levantar.

– Inspetor. Aqui é Francisco.

Tentou focar o olhar no relógio de parede, mas não conseguiu enxergar.

– Sim. Estou ouvindo.

– Tenho informações importantes. Posso ir até aí?

Adão produziu algum som de desgosto. E foi sincero.

– Desculpe o horário, senhor. Mas acredito ser importante nos encontrarmos pessoalmente.

– Venha rápido. – Disse já batendo o fone contra o aparelho quase o derrubando do criado-mudo.

Continuou deitado, com os braços apoiados sobre a testa. Ainda não conseguia ver as horas e seus óculos estavam em cima da escrivaninha, longe do seu alcance. Poucos barulhos vinham da rua, somente um carro com som ligado e um ou outro grito. Às vezes não sabia se eram tiros soando ao longe ou outra coisa qualquer. Nunca aprendera corretamente a reconhecer o som de uma arma.

Levantou-se com dificuldade ao som das discretas batidas à porta. Francisco estava acompanhado de mais dois homens.

– Quem são eles? – Perguntou colocando os óculos. Duas e trinta da madrugada.

– São de confiança, senhor.

Adão sentou na cama e os dois homens ficaram em pé ao lado da porta. Francisco puxou uma cadeira e acomodou-se em frente ao inspetor.

– Senhor. Temo que a situação seja mais complicada do que pensamos.

– Tem algum nome ou o registro dele, pelo amor de deus?

Francisco acariciou o bigode.

– Inspetor... – Virou-se para os outros dois homens. – Não podemos lhe passar essas informações.

Adão fitou os homens e de repente sentiu-se mais desperto do que nunca.

– Mas que diabos está acontecendo com vocês?

Francisco suspirou, e disse de cabeça baixa:

– É uma situação complicada, senhor. Temo que não a compreenda muito bem. Este homem, não o que persegue, mas o do cartão, pai dele, é membro da congregação. Assim como o outro que o senhor interrogou ontem.

– E qual o problema? Este bastardo é procurado por assassinato.

– Não mais. Creio que já foram dadas instruções para que o senhor investigue outras possibilidades.

Adão somente o encarou.

– E também fui autorizado a lhe propor uma opção: a desistência da investigação, inspetor. Tudo será esquecido e o senhor poderá aproveitar sua mais que merecida aposentadoria. Essa eu recomendaria mais.

O inspetor deixou os ombros caírem. Fizera tudo o que estava ao seu alcance, tudo o que podia fazer, mas talvez fosse à hora de aceitar a dura realidade de que não fazia mais parte desse mundo. Mesmo que a mão firme da luta contra a imoralidade existisse, ela jogava agora outro jogo, atuava de outra forma, e ele perdera o conhecimento das regras. Concluiu que não queria mais fazer parte disso, não valia mais a pena.

– Sempre será o nosso exemplo, inspetor – Disse Francisco com olhos úmidos, talvez sinceros. – Só quero deixar claro o quanto ter que fazer isso me entristece. Por favor, senhor, vamos resolver isso da melhor forma possível.

Os dois homens parados ao lado da porta faziam tímidos movimentos de concordância para ele. Adão segurou com firmeza seu trinta e oito escondido sob o travesseiro ao seu lado. Acariciou o gatilho com gentileza, testando a sua maciez, resultado de uma manutenção rigorosa que mantinha com disciplina. Tudo que é velho tem que estar bem cuidado para o momento crucial, pensou. Em menos de um segundo tirou-a de seu esconderijo. Certificou-se de que todos a viram e a colocou vagarosamente dentro do coldre.

– Me levem para casa, então...

Os movimentos da madrugada não significaram nada mais para Adão durante o trajeto. Ao ver alguns jovens claramente consumindo

crack enquanto o carro esperava em um semáforo, Adão simplesmente virou o rosto e adormeceu.

A GRITARIA ACOMPANHAVA O RITMO DESCOMPASSADO DO ENQUADRAMENTO DA IMAGEM.

Em meio a toda a confusão, podia-se distinguir apenas borrões aqui e ali como sendo corpos correndo para lá e para cá. A única coisa que se mantinha fixa ao fundo da imagem era o quadro negro com meia dúzia de coisas rabiscadas. Alguns segundos depois a filmagem pareceu se estabilizar, centrada no garoto tendo espasmos enquanto outro ao lado vomitava. Meio corpo de Arnaldo surgiu na tela debruçando-se sobre um deles.

Depois que o vídeo terminou, a vice-diretora virou-se e olhou atentamente para o homem careca e de óculos sentado ao lado de Arnaldo. Este olhava para o chão, sem nenhuma reação aparente.

– Mais uma dessas filmagens de celular. Já está com mais de duzentos acessos em um dia.

– Este problema está se alastrando mais do que podemos acompanhar. – Disse o homem com a mão apoiando o queixo.

Arnaldo não conseguiu evitar o movimento dos ombros que denunciava a sua risada.

– O que é tão engraçado assim, Arnaldo? – Perguntou a vice-diretora com a seriedade de um tribunal.

– Bem. Seria mais rápido enumerar as coisas que não conseguimos acompanhar.

– Concordo. E elas diminuem à medida que perdemos tempo lidando com problemas de professores indisciplinados.

Arnaldo concentrou sua atenção na parede ao seu lado. Algumas folhas de ofício estavam coladas a ela, com coisas impressas em letras maiúsculas como “SE NÃO FOR AJUDAR, NÃO ATRAPALHE”; “SE NÃO TEM UMA SOLUÇÃO, NÃO CRITIQUE”; “O IMPORTANTE NA VIDA NÃO É TER, MAS SER: SER AMIGO, SER FAMÍLIA,

SER AMADO, SER HUMANO E SER FELIZ!?. Arnaldo sentiu uma breve náusea e encarou humildemente a vice-diretora, quem sabe ela poderia dizer que ele não tinha mais conserto e o mandaria embora?

Para o desespero de Arnaldo ela sorriu e mostrou-se simpática.

– O Dr. Júlio está aqui não exatamente por causa desse incidente. – Ela olhou para o homem careca e de óculos, os dois assentiram com a cabeça. – Como ele mesmo disse, é um problema maior do que apenas um caso. Na verdade estamos aqui reunidos por estarmos preocupados com você, Arnaldo. – Disse pausadamente com uma das mãos girando o crucifixo pendurando no seu pescoço.

– Agradeço pela preocupação. Mas não preciso de ajuda no momento. – Arnaldo levantou-se.

– Espere, Arnaldo. Não é assim que se resolvem as coisas. Digo, negando ou tentando fugir. Temos que nos abrir, falar sobre os problemas.

– Vice-diretora. Peço desculpas por algum problema que tenha causado. Mas a má fase já passou. Garanto que agora tudo vai se normalizar. – Disse tentando soar o mais humilde possível enquanto abria a porta..

– Você tem problemas com a bebida! – Interrompeu secamente o homem careca e de óculos.

Arnaldo parou ainda segurando a maçaneta.

– Agora senta aí. Antes que as coisas piorem para você. Se é que podem...

O silêncio dominara a sala que pareceu diminuir sob a presença daquele homem. Não esboçava nenhuma expressão facial enquanto falava. Arnaldo sentou-se, obediente.

– Vamos ver... – Disse ajustando melhor seus óculos ao rosto. – Atitude agressiva, expulsando três alunos de uma vez só da sala. Eles deram queixa, todos salientando o odor de bebida alcoólica que exalava do senhor. Constantes faltas sem justificativa, lesões visíveis, agora inclusive no rosto. – Apontou para o hematoma na testa de Arnaldo. – Nem precisamos nos ater muito a esse incidente que acabamos de assistir, pois uma olhada em seu histórico já indicaria por si só

a necessidade de alguma atitude mais drástica em relação ao senhor, professor Arnaldo. Poderia admitir que no seu caso também o problema se alastrou além do que podemos... – Esboçou um sorriso. -... Acompanhar.

O passado parecia novamente impedir o cansado, ressentido e mal pago professor de História de seguir em frente.

Arnaldo fitava algum vazio, com uma expressão que acentuava todas as marcas, rugas e imperfeições em seu rosto. Os olhos estavam comprimidos.

– Arnaldo. Tem algo dentro de mim... – Disse a vice-diretora cruzando as duas mãos ao peito. – E esse algo sempre diz que todos merecem uma chance de se redimir. Que tudo têm remédio. Eu tenho um problema de dependência alcoólica na família, resolvemos isso juntos, aliás, foi quando mais nos unimos. Nossa escola também pode ser uma grande família...

Enquanto a vice-diretora adoçava o tom da palavra “família”, Arnaldo puxou repentinamente o pescoço do homem careca e de óculos e lançou sua cabeça reluzente contra a mesa. Cerrou os punhos e, com as mãos como a formar um martelo, desferiu repetidos golpes nas têmporas do homem que faziam sacudir a mesa da vice-diretora pela força com que sua cabeça pressionava o tampão da mesa. Uma pequena estátua da virgem Maria saltitou três vezes sobre a mesa até se estatelar no chão em vários pedaços.

-... Talvez você precise de uma grande família também.

Arnaldo pareceu ter despertado com esta última frase e percebeu-se encarando furiosamente o homem careca. Olhou para os lados. A imaginação quase real da violência deixou seu corpo agitado.

Repentinamente saiu.

Atravessou o pátio onde os carros estavam estacionados e viu dois alunos encostados em seu Uno, ouvindo um funk a todo volume. Ao verem o professor se afastaram.

– Sor. Aquelas meninas que reclamaram do senhor são mentirosas. Achei certo o senhor ter colocado elas para fora.

O outro concordava. Arnaldo entrou no carro.

– Acho que é um pouco tarde para dizer isso... – Disse sem olhar para eles e já ligando o carro.

O portão abria lentamente. Quase o derrubou passando pela mínima abertura proporcionada por ele. Ganhou a rua obrigando outro carro a frear bruscamente. Arnaldo acelerou e, quando teve que parar em um semáforo um quilômetro depois, não conseguia mais dirigir por não controlar o tremor das mãos. Após muita pressão das buzinas dos carros que o seguiam conseguiu, com um esforço além de sua capacidade, encostar o carro e ligar o pisca alerta. Pousou a cabeça no volante.

O som de alguém batendo no vidro fez com ele já pensasse na prisão. A respiração ainda soava descompassada. Não tirou os olhos do painel do carro.

– Vamos cara! Acorda!

Arnaldo viu pelo canto dos olhos aquele deadlock balançar tendo a rua cinzenta como fundo. Girou a manivela do vidro ainda sem virar o rosto.

– Estava esperando você na frente da escola. Por que saiu de lá daquele jeito? Tive que pagar a mais para o taxista...

Ele seguiu tentando respirar. Falar não era uma opção.

– Nossa, você está horrível... Pula para o outro banco. Deixa que eu dirijo.

Ele nem se preocupou em ver qual direção tomaram. A rua parecia vazia, tudo parecia ser mais ficcional que a própria crença que tinha no sentido de sua vida. Conseguiu despertar parcialmente, em pleno centro histórico da cidade, ao som da venda de cd's e dvd's. Acordou totalmente com um empurrão de Alana.

– Vamos. Preciso mostrar uma coisa.

Arnaldo a acompanhou por dentro de um prédio que mais parecia um labirinto. Lojas populares no andar de baixo davam espaço a alguns quartos residenciais conforme subiam. Podia-se ouvir gemidos atrás de algumas portas.

Entraram em um quarto minúsculo e abafado. Alana ligou o ventilador e indicou uma cadeira velha em que ele deveria sentar-se.

– O que aconteceu? – Perguntou ela sentando na cama.
– Nada demais. Tive uma discussão na escola. – Respondeu de cabeça baixa.

– Parece que a escola anda mais animada do que eu pensava... Arnaldo tossiu e desabotoou a camisa. O suor parecia não ter fim.
– Isso é o que queria mostrar. – Disse Alana com alguns papéis em mãos. Contou sobre como chegou aquele arquivo de texto no computador de Cléo, o leu e selecionou aquele trecho. Pediu que ele olhasse.

Conseguindo recuperar um pouco do controle das mãos, Arnaldo desdobrou o papel.

Aquela casa... Quilômetros de tudo, como se existisse um lugar que ultrapassasse a linha de tudo que acreditamos possível. Lá eu posso enterrar os dedos dos pés na terra, sem precisar me preocupar em lavá-los, ou nem ao menos imaginar que alguém deveria fazê-lo. Lá o céu amplo não se importava com que eu fazia em outros lugares, ali as estrelas solitárias me viam de verdade, não estavam encobertas por prédios e luzes artificiais, aqueles olhos julgadores sempre dispostos a ver-me. Ali eu podia estar sempre desprevenido às observações do firmamento, ele era indiferente, silencioso, companheiro em sua imensidão. O forno a lenha, os lampiões, a escuridão do pátio, tudo coexistia harmoniosamente com minha necessidade de isolamento. A rede elétrica acompanhava a distante estrada, como a não perceber que existia uma casa aqui. Foi embora e deixou o meu lar em paz. E durante o dia eu podia vê-la serpentando morra acima, segura de sua função, sem preocupar-se em me acolher. Era isso mesmo que eu queria. Ficar em meio ao nada, no sentido civilizatório do termo, sentir solidão, medo, até que o exercício de imersão em si mesmo fosse a única chance de sobrevivência. As assombrações saíam das árvores e voltavam para dentro de mim, e lá eu podia combatê-las, negociar, e até mesmo render-me sem nenhuma obrigação externa.

As temporadas mais longas que por lá passava criavam a necessidade de mantimentos. As idas até o mercadinho colonial do senhor Arturo tornaram-se parte do processo nesses casos. Nas primeiras vezes, caminhava os dois quilômetros morro acima relutante, por ter que me comunicar com alguém. “Aceita uma provinha do queijo?”, “Sabe da família Bertolo? Um dos seus filhos morreu...”, “Este fim de semana vai gear mais do que o normal.”; eram típicos assuntos com ele. Ultimamente fiz desta inevitabilidade algo útil aos meus objetivos, ao testar-me se aqueles assuntos banais realmente me comoviam ao ponto de significar uma necessidade de companhia. Realmente não, descia o morro com sacolas cheias de queijo, salame, pão e frutas; mas animado pelo retorno ao isolamento.

Arnaldo dobrou o papel em suas próprias marcas e o jogou no colo de Alana.

– Que bizarrice é essa?

Ela segurou-o no colo.

– É um trecho do arquivo que eu encontrei no computador da minha mãe. Ele era enorme, mas li tudo e copiei esse trecho.

– Mas por quê? O que tem de mais?

– Esse lugar... O tal do mercadinho do Bertolo. Sei onde fica. Lembro de ter ido lá umas três vezes, quando eu era menor. Lembro de descer o morro depois das compras...

Arnaldo levantou, massageando o próprio ombro.

– Quer ir até lá? Reconciliar-se com a própria infância?

Alana seguia concentrada, sem levar em conta a sua pergunta.

– Tenho quase certeza de que o tal de Emanuel ou Manolo estão lá.

– Alana. Não foram eles que mataram a sua mãe. Além disso, como pode ter quase certeza a partir de um texto que parece ser ficção...

– É fabulação. Minha mãe falava sobre isso, é algo real mesmo que não tenha acontecido. O lugar está lá, e é para lá que nós vamos...

– Calma, calma... – Arnaldo abriu os braços. – Estou cheio de problemas. Por que não pede ao seu namorado?

– Ele não é mais meu namorado. E, mesmos se ainda fosse, já criamos problemas demais um para o outro... – Disse Alana com os olhos umedecidos. – Vamos lá, preciso de você agora.

Arnaldo nem tentou dizer não. Sentiu como se só agora percebesse que havia dias em que se enredara em uma teia sem saída. Enquanto pegava a chave do carro torceu para que fosse possível arrebentá-la.

“EIS-ME AQUI DE BOM GRADO. NÃO POR ESTE TRIBUNAL, CUJA AUTORIDADE NÃO RECONHEÇO, MAS EM NOME DA HISTÓRIA, QUE HÁ DE ME ABSOLVER.”

Carlos releu o texto tentando lembrar se já o vira em algum lugar. Não lhe era estranho, mas ao mesmo tempo não significava nada de importante. Estava entalhado em uma placa de madeira acima de um vaso de flores, e somente o que causou em Carlos foi uma generosa risada. Uma senhora de saltos altos, óculos e uma postura inquiridora parou ao seu lado.

– O senhor Leopoldo irá atendê-lo. Por aqui, por favor...

Carlos a seguiu. O sapato da secretária produzia um som que devia se espalhar por todas as dependências do velho museu. A cada coleção, desde a mais sólida e heroica até a mais fragmentada e desesperadora, um toque ecoando no amplo espaço da cultura. A ante sala era uma mistura de objetos e móveis antigos com algumas caixas de papelão empilhadas. Carlos entrou no escritório e viu Leopoldo já vindo em sua direção.

– Me honra com sua presença, professor Carlos. Por favor, sente-se.

Carlos sentou-se e cruzou as pernas ainda observando a decoração, havia muito tempo que não entrava nesses espaços. Chamou-lhe a atenção um detalhe do quadro logo atrás da mesa de Leopoldo, um caboclo sorridente empunhando uma enxada, logo a frente de um grande homem montado em um grande cavalo.

– Em que posso ajudá-lo? – Perguntou o diretor pousando seus óculos sobre a mesa.

– Na verdade eu vim esclarecer algumas coisas a você.

– Desculpe senhor, mas não compreendi... – Disse imóvel entre um meio-sorriso.

– Falo de sua curiosidade sobre o memorial. – Carlos tentava, de várias maneiras, encontrar a melhor posição na grande poltrona.

– Memorial? Creio que talvez o senhor esteja equivocado, professor.

Carlos continuou mudando de posição na poltrona, agora com impaciência.

– O seu assistente, ou algo assim, me enviou um e-mail com perguntas sobre um projeto que coordeno. Memorial da classe operária.

– Sim... – Leopoldo desviou o olhar – Creio que está falando de Plínio.

– Esse é o nome.

– Peço desculpas pela minha falta de orientação. Andamos ocupados nos últimos dias e não tivemos muita comunicação. Na verdade foi uma tarefa que lhe dei. Deveria registrar todos os projetos com esse caráter nos últimos anos.

– Ele me enviou uma série de perguntas.

– E o senhor prefere respondê-las diretamente a mim?

– Na verdade... – Carlos pareceu ter encontrado uma posição confortável. – Estou aqui por uma curiosidade em saber mais sobre essa pesquisa.

– Terei prazer em esclarecer ao senhor.

– Eu gostaria muito. Pois depois de observar melhor as ações do museu não encontrei nenhuma menção a essa atividade.

– É um procedimento comum, senhor Carlos. Às vezes fazemos um levantamento prévio antes de formalizar a atividade como pesquisa.

– Entendo. Mas o senhor poderia me dizer os objetivos dessa pesquisa? Digo, por mera curiosidade...

– Ora, não há necessidade de se justificar, senhor Carlos. É um

prazer ter um professor respeitado curioso sobre o nosso trabalho.

– Obrigado. – Disse Carlos olhando novamente para o caboclo. Agora já não tinha certeza se ele sorria ou se gritava de raiva.

– Levantamos essas informações para rastrear quais são os projetos envolvendo patrimônio histórico fora do museu. Assim podemos estar atualizados ao mesmo tempo que podemos articular parcerias. Como o senhor bem sabe, e com isso não atribuo culpa a ninguém, os diálogos entre instituições por vezes são repletos de lacunas.

– Trabalho muito importante. É uma bela iniciativa.

– Muito obrigado. – Disse Leopoldo estendendo as palmas das mãos.

– E acredito que esse perfil, que as questões como eu recebi buscavam, visa poder formar parcerias que contemple todas as perspectivas de patrimônio, não?

Leopoldo demorou alguns segundos para responder, lançando um olhar questionador para Carlos.

– Absolutamente. – Disse, por fim. – Essa instituição vem de uma tradição que sempre buscou agregar todas as partes do corpo social.

– Ótimo ouvir isso, senhor Leopoldo. Recentemente a antiga fábrica de automóveis virou um museu dos trabalhadores, inclusive com espaço para formação política. Muito argumentaram que deveria ser um museu de automóveis. Que bom que o senhor seja a favor de como ela está agora, digo, contemplando todo o corpo social.

– Ora, senhor Carlos. Foram boatos... Boatos sempre circulam desmedidamente...

– Leopoldo jogou as mãos discretamente ao ar e sorriu. – O senhor aceitaria um pouco de chá?

– Obrigado.

Depois de beber um longo gole em silêncio, Carlos retomou a conversa:

– Então acredito que posso contar com a parceria do museu em meu projeto. Afinal, não quero que seja um mero boato toda essa disposição a parcerias...

– Bem... – Leopoldo pousou a xícara com cuidado sobre a mesa. – Temos que passar por todo um processo primeiro. Como o senhor bem lembrou, a pesquisa ainda nem é registrada formalmente. Por isso, depois desse primeiro levantamento teremos que oficializar a ação e depois passar pelas etapas do encaminhamento, aplicação e avaliação. Mas perdoe-me, não preciso lhe explicar isso, com sua vasta experiência como pesquisador sabe sobre isso melhor do que eu.

– Não tenho certeza, diretor. Talvez esse seja mais o caminho da gestão do que a da pesquisa.

– A pesquisa faz parte das ações da gestão. Na verdade, acredito que esse seja um erro muito comum em pesquisas, não servir à organização.

Carlos sentiu-se novamente desconfortável na cadeira. O caboclo agora parecia mais triste do que indignado.

– Então esse é o seu critério para a escolha das... Parcerias?

– É uma boa causa, diria. Temos muitas atividades de pesquisa que não tem ligação nenhuma com a realidade.

Carlos pensou se o seu desconforto vinha realmente da cadeira ou se pelo fato de, infelizmente, concordar com o filhote da ditadura neste aspecto.

– O que não é o caso do senhor, obviamente. – Completou Leopoldo.

– Concordo com o senhor, isso acontece muito dentro da academia. Veja, por exemplo, esta professora que foi assassinada.

– Que fato lamentável esse... – Leopoldo movimentou a cabeça em sinal de negativa. – Mas não entendi muito bem qual a relação...

– Nada demais. Simplesmente lembrei-me dela por suas atividades acadêmicas, digamos, extravagantes... Lembra dela?

Leopoldo inclinou-se exageradamente para ver o relógio de parede e levantou-se, abotoando o paletó.

– Lamento professor Carlos, mas tenho uma reunião importante agora.

– Entendo...

– Se o senhor tiver mais alguma dúvida ou qualquer outro assunto, ficarei feliz em recebê-lo novamente em outro horário. – Disse estendendo a mão.

– E serei recebido tão bem mesmo se o assunto for Cléo Sabathini?

Leopoldo baixou a cabeça, conferindo o alinhamento dos botões.

– Sobre qualquer assunto que queira, professor. Apesar de não entender muito bem o objetivo de tal entrevista.

– O que ela fez para o senhor desta vez? Maculou o sagrado nome dos seus heróis?

– Não estou entendendo sua hostilidade, senhor Carlos. Poderia simplesmente me dar licença para tratar dos meus assuntos?

Carlos levantou-se e o olhou pela última vez para o quadro. O caboclo parecia estar mesmo pronto para atacar, apesar de outro detalhe alguns centímetros para o lado que mostrava outro homem semelhante com mãos sobre a cabeça.

– Eu ainda lembro, senhor diretor... – Disse Carlos enquanto virava o corpo em direção à porta.

Saiu sem se despedir, mas pôde imaginar Leopoldo às suas costas o observando atentamente.

quase ao alcance das tateantes mãos

16

A DESCIDA ESTAVA MAIS ACIDENTADA DO QUE ELES IMAGINARAM.

O cambalear do carro era devagar e oscilante enquanto tentava vencer toda a irregularidade da estrada de terra repleta de buracos e pedras. Algumas árvores estavam caídas perto de onde passavam, dando à vista do belo interior um ar de desolação empoeirada, em nada lembrando as descrições bucólicas. O rio que os acompanhara quilômetros, sempre à direita, seguiu outro rumo, e na última hora seguiram em companhia de um clima mais hostil.

Entreolharam-se ao passarem por uma casa mais a beira da estrada do que as outras. Alana assentiu e Arnaldo parou o carro. Ela esperou a poeira dispersar-se para atravessar a estrada enquanto ele ficou sentando com as mãos firmes ao volante. Alana voltou alguns minutos depois com duas garrafas de água mineral e a confirmação de que um sujeito que “de vez em quando aparece por aqui e fica vários dias” estava na casa cerca de um quilômetro para baixo.

Quando a estrada ficou mais plana Arnaldo pôde acelerar, mas não por muito tempo. Ao avistarem a casa descrita pelo texto e pelo senhor Antunes, diminuíram a velocidade. Alana inclinou-se, quase deitando sobre o colo de Arnaldo, e os dois observaram uma pequena casa distante da estrada, cercada por algumas árvores. O carro estacionado em frente a ela confirmou mais facilmente do que esperavam a presença da pessoa que procuravam. Arnaldo seguiu em frente e olhou para ela como a interrogá-la sobre o próximo passo.

– Logo terá um acesso a esquerda. Entre nele. – Disse ela.

Arnaldo viu a placa “Cachoeira dos homens infames – 5 km” e seguiu alguns metros até que Alana pedisse para que parasse.

– Qual é o plano? – Perguntou girando a chave.

– Acho que vou até ali... – Respondeu ela olhando para frente.

– E vai fazer o que? Pedir açúcar emprestado?

– Vou dar uma olhada. Pedir uma informação qualquer, sabe? Como se fossemos turistas...

Arnaldo coçou a cabeça. Não sabia muito bem por que estava ali e muito menos se o suposto plano tinha algum sentido.

– Mas qual é o objetivo? Mesmo se fosse Emanuel ou alguém que o contratou ali, serviria para que vê-lo?

– Poderíamos chamar a polícia, sei lá...

– E se for outra pessoa?

– Então teremos que descobrir. Fique aqui. – Disse Alana já saindo do carro.

Arnaldo somente praguejou algo a si mesmo e abriu a garrafa de água.

Observou Alana seguindo a cerca até poder ver obliquamente a casa. Ela esticou para cima um dos arames e passou por entre dois, enganchando um pedaço do vestido e depois o retirando da farpa, tomando o cuidado para não rasgá-lo. Depois que ela desapareceu do seu campo de visão saiu do carro, sentia-se desconfortável ali dentro, não podia ver tudo ao seu redor. Mas de pé na rua de terra batida não se sentiu muito diferente. Deslocou uma pedra afundada na terra com o bico do sapato e desequilibrou-se por lembrar que tinha se esquecido de estar atento ao seu redor. Ao seu lado, a placa enferrujada rangia e se deslocava pela ação do vento, quase indicando um caminho diferente de sua função.

Arnaldo afastou-se ao ouvir um som em meio às plantas baixas da beira da estrada. Conseguiu ver galhos e folhas se remexendo a alguns metros dele, como se tivessem vida própria. Seu coração disparou ao mesmo tempo que sentiu algo atingindo-lhe o ombro. O objeto rolou no chão, era uma pequena pedra. Virou-se com os sentidos mais do que alertas e avistou Alana do outro lado da cerca.

– Está surdo? – Gritou ela acenando.

– Vamos embora? – Disse se aproximando da cerca, como as mãos nos bolsos.

– Que nada. Vem comigo. A fins de combinação, somos namorados e estamos indo conhecer essa tal cachoeira.

– O que? – Perguntou ele inutilmente, já a vendo caminhar em direção a casa.

Arnaldo passou por entre os arames da cerca, lembrando do movimento que o envolveu nisso noite atrás. A agilidade continuou tão carente como da outra vez, e ele irritou-se profundamente com aquela menina, com a mãe dela e com todos no mundo. Seguiu Alana até a porta, onde um senhor estava de pé ao centro da sala. Ele vestia uma calça jeans velha e dobrada nas bainhas, chinelos de dedo e uma camiseta branca furada com o anúncio de algum posto de gasolina estampada ao centro.

– Querido. Este é o senhor Renato.

O velho acenou com a cabeça e Arnaldo estendeu o braço.

– Sou Arnaldo, prazer...

– Sua namorada disse que querem chegar à cachoeira dos infames... – Disse o homem enquanto um palito dançava no canto da boca. Arnaldo não conseguia parar de olhar para aquele pedaço de madeira brilhando pela saliva.

– O senhor Renato nos convidou para um café. – Disse Alana.

– Muito obrigado. – Disse Arnaldo, doído por forçar o sorriso.

– Fiquem à vontade, vocês dois. A casa é simples, mas graças a deus nada falta. Já volto...

Alana e Arnaldo sentaram-se em um sofá de madeira. Ela manteve-se em uma postura educada, pernas cruzadas e mãos ao ventre, enquanto ele observava tudo ao redor. A pequena sala era destaca por uma televisão enorme, de tela plana em cima de uma mesa de madeira. Ao lado, em uma pequena estante também de madeira, alguns retratos intercalados por estatuetas de santos. As paredes tinham alguns retratos de famílias, daqueles antigos em preto e branco onde o pai e mãe tinham uma expressão séria com o filho ou filha ao meio. Na

mesinha de centro um tecido rendado formava um losango, deixando cair suas pontas nos lados maiores do retângulo.

Renato voltou com uma pequena bandeja em mãos, colocando-a cuidadosamente sobre a mesa de centro.

– É bom encontrar pessoas educadas por essa região. Vejo muitos jovens indo visitar a cascata, mas eles passam muito rápido e com o som ligado. Ninguém presta muito atenção aos moradores daqui.
– Disse enquanto alcançava uma xícara à Alana.

Arnaldo viu que ele tinha se desfeito do palito na boca.

– O senhor mora aqui há quanto tempo? – Perguntou Alana concentrada, ignorando a presença de Arnaldo.

– Ah... – Ele interrompeu brevemente seu movimento de servir o café. – Posso dizer mais ou menos vinte anos. Na verdade a casa não é minha, fico aqui quando os donos não estão. Em troca tenho uma casa lá para dentro do morro, ainda no terreno deles. Na verdade fico mais lá do que aqui, estou arrumando algumas coisas, pois o senhor Watson me pediu. – Terminou de servir e alcançou outra xícara a Arnaldo.

– Deve ser muito bom morar aqui... – Comentou Alana.

– Não tenho do que me queixar. O doutor Watson me ajudou quando mais precisei. Naquela época eu morava em uma vila e estava perdido na roubalheira, na droga... – Fitou o nada por alguns segundos – Tudo bem, não tenho vergonha de falar sobre isso...

– Todos nós temos, ou tivemos problemas, seu Renato. – Alana buscou a mão de Arnaldo, que demorou a perceber que deveria segurá-la.

Ele sentou-se gemendo e com dificuldade. Disse ao acomodar-se na cadeira:

– Depois ele ajudou outros. Muitos vinham para cá, para se recuperar... O doutor Watson dizia que não éramos culpados por agir assim, que tudo estava nos genes. – Interrompeu o relato com uma risada. – Eu não sou estudado nem nada, mas depois de tanto ouvir os doutores inteligentes que passavam por aqui você acaba aprendendo...

– Esse doutor Watson...

– Me recuperei tão bem que uma vez cheguei a apertar a mão do governador. – Interrompeu ele sem tomar conhecimento da intervenção de Alana. Arnaldo olhou seu dedo apontando para o teto enquanto enfatizava a palavra “governador”.

Todos beberam um gole de café em silêncio. Alana encarou Arnaldo, movimentando a cabeça. Ele enrugou a testa, sem saber o que dizer.

– Naquele tempo tudo estava ainda começando a ficar confuso. Tínhamos mais chances de nos consertar, digo aqueles que estavam perdidos. Hoje parece que é até bom ser perdido. – Disse Renato entre outro gole.

– Mas, seu Renato. Esse senhor Watson ainda cuida das pessoas? – Disse Alana.

– Agora não mais tanto. Ele perdeu um filho, mais ou menos na época em que eu vim para cá. Foi muito triste, mesmo os doutores tem uma vida sofrida de vez em quando. Acho que até foi por isso que começou a tentar curar várias pessoas. Mas logo depois ele adotou um rapaz da mesma idade do filho falecido. Muito parecido até. Se dedicou muito tempo a ele. Depois o rapaz seguiu seu rumo, como todos os jovens fazem...

Um vento suave adentrou a sala e sacudiu alguns penduricalhos presos ao teto. Arnaldo agora estava interessado, alguma coisa parecia estar muito próxima, quase ao alcance das tateantes mãos deles. Sentiu-se feliz por estar ali com Alana.

– O senhor sabe que eu tenho um amigo que se tratou com o senhor Watson? – Disse Arnaldo com segurança. – Ele também teve problemas com drogas. Acho que ele não veio para cá, mas ia direto a casa dele que era... – Arnaldo baixou a cabeça e estalou os dedos repetidamente, se esforçando, tentando não observar a reação do velho.

– Ah, sim.... Ele tem uma casa enorme, lá no bairro Cristais. – Renato fitou Arnaldo seriamente. – Mas é estranho, por que ele nunca tratou de ninguém lá. Tem certeza que era na casa dele?

– Será que me enganei então? Por que não me lembro desse endereço...

– É possível. Por que tratamentos desse tipo, quando não eram aqui, eram em um lugar que ele não colocava como sendo dele, sabem? Lá nas Laranjeiras. O doutor disse que era por causa dos impostos... Mas por favor, não digam que disse isso – Complementou entre uma risada.

Todos riram educadamente ao mesmo tempo.

– Mas qual era o nome do seu amigo? – Disse Renato depois de recompor-se. – Talvez eu o conheça...

Arnaldo viu pelo canto do olho Alana o observando.

– Marcos... – Disse bebendo o último gole de café.

– Marcos... Marcos... – O velho fitava o chão, como a procurar alguma coisa. – Não lembro dele. Será aquele lá de Vila Jardim?

– Não lembro muito bem. Faz tanto tempo.

– Ele é negro? – Insistiu Renato.

– Sim. – Arnaldo pousou a xícara sobre a mesa.

– Mas sua memória é fraca, amigo. Como pode se esquecer daquele homem? Ele vivia falando sem parar, agitava os braços, cantava... Sabe como ele está agora? Lembro de uma vez...

– Acho que temos que ir indo. – Interrompeu Alana já se levantando. – Talvez não cheguemos a tempo na cascata.

– Oh, sim. A cascata... – Disse Renato também se levantando. – Realmente vocês têm um grande e nada fácil chão pela frente.

Arnaldo levantou-se já estendo a mão para o velho.

– Muito obrigado pela gentileza, estávamos precisando de um bom café... – Disse forçando o tímido sorriso.

– Que é isso... Quando voltarem aqui, e com certeza vão voltar depois de ver a cascata, não esqueçam do velho Renato aqui...

– Nunca esqueceremos. – Disse Alana já parada depois da porta.

Depois de mais alguns agradecimentos e despedidas entusiasmadas os dois atravessaram novamente a cerca. Quando abriram a porta do carro ouviram um voz ao longe:

– Um quilômetro!

Arnaldo virou-se e viu Renato caminhando em direção à cerca. Novamente sorriu.

– Como, senhor?

– Um quilômetro! A moça, quando bateu aqui, diz que queria saber se podia chegar até a cascata de carro, ou se precisava ir algum trecho a pé. Eu convidei vocês para o café e esqueci de responder. O último quilômetro tem que ser a pé.

Os dois entreolharam-se, tensos.

– Desculpe. – Gritou Alana do outro lado do carro. – A conversa estava tão boa que esquecemos. Obrigada novamente...

Renato, sorrindo, somente observou os dois entrarem no carro acenando com a cabeça. Levantou o braço quando o carro acelerou.

– Será que ele desconfiou de alguma coisa? – Perguntou Arnaldo.

– Não sei. Mas temos que ir para esse lugar o mais rápido possível.

Arnaldo dirigiu rápido entre as sinuosas curvas da estrada não asfaltada. Buscava encontrar outra saída que não os obrigassem a retornar pelo mesmo lugar. Reencontraram o rio, e pela ponte que passava acima dele podiam fazer um retorno em outra direção, mesmo sem saber onde exatamente levaria. Sem pensar tomou esse caminho. Dois quilômetros adiante avistaram alguém andando de bicicleta na encosta da estrada. Pediram informações sobre se aquele caminho levaria a algum lugar da “faixa”. Para sorte deles, pelo menos dessa vez, bastava seguir mais uns quatro quilômetros. Ofereceram carona ao homem que disse já estar a alguns metros de casa, mesmo que eles não avistassem nada equivalente a isso ao redor.

– Não podemos fazer isto sozinhos. – Disse Arnaldo quando eles avistavam a estrada asfaltada.

– Vamos pedir ajuda para quem?

– Infelizmente acho que temos um aliado. – Respondeu com uma voz um tanto quanto tremida.

ELE QUASE TROPEÇOU EM UM CACHORRO QUE ATRAVESSOU O SEU CAMINHO COMO UMA SOMBRA.

A iluminação era tão precária que mal dava para ver os espaços entre os carros estacionados. Ele andou mais duas fileiras, meio incerto, esticou o corpo para ver melhor e acabou concluindo que errara novamente. Voltou para baixo do único poste de luz que tinha a pretensão de iluminar uma área equivalente a um campo de futebol. Outros postes já estavam com a luz quebrada havia tempo. Foi obrigado a sorrir sarcasticamente a si mesmo quando concluiu que teria que ir para a mesma direção que acabara de voltar. Desta vez parou antes de onde ficara indeciso, e conseguiu ver o seu carro ali do mesmo jeito que o deixou no início da tarde.

Buscou na sua pasta a chave do carro e lembrou pela enésima vez que bastava apertar o botão do alarme para aumentar a possibilidade de encontrá-lo com mais rapidez. Ainda não estava habituado a essas coisas, por mais que muitos já as considerassem antigas. Pressionou o botão e ouviu aquele barulhinho rápido e agudo que indicava que poderia entrar em seu próprio patrimônio. Antes de abrir a porta sentiu seu rosto sendo sufocado por um capuz e suas costas receberem uma saraivada de golpes.

Apagou.

Acordou com uma bofetada no rosto. Não deveria ser a primeira. Suas costas doíam por um chão gelado enquanto seus olhos tentavam entender a imagem que enquadravam. Só viu um céu bem estrelado.

– Seu veado!

E mais uma bofetada fez com que seu rosto se virasse em direção a outro corpo deitado ao seu lado. O céu agora sumira, e só dois pares de pernas agitados estavam no primeiro plano. Sentiu um súbito puxão pela jaqueta. Estava de pé, mesmo sentindo as pernas amarradas. Ficou a dois centímetros de um rosto todo coberto por uma touca.

– Seu veado! Fique na sua, entendeu!

Carlos sentiu as gotas de saliva junto às palavras atingindo seu rosto como pontas bem afiadas. Não disse nada, assim como não enrijeceu o corpo.

– Esta vendo seu namorado ali? Vamos arrancar a carcaça dele como se fosse uma galinha!

Carlos sentiu-se jogado sobre o corpo daquele homem encapuzado deitado no chão. Suas costelas chocaram-se, e ele sentiu uma dor aguda, mas manteve o corpo maleável, em uma pseudo consciência de que estava à mercê do que aqueles homens buscavam moldar. Com o rosto colado ao pescoço daquele corpo, sentindo com a testa o aveludado do capuz, pôde perceber pelo cheiro que realmente tratava-se de Eduardo.

Antes que pudesse pensar em dizer qualquer coisa foi rolado para o lado, agora com o rosto para cima novamente. As estrelas cintilavam mais presentes do que nunca. A visão do céu foi encoberta por alguém com o mesmo capuz de lã sentando-se em cima do seu corpo. Sentiu o frio da lâmina em seu pescoço.

– É só um aviso, seu veadinho. Mas não se sinta aliviado, por que estamos de olho... E se vocês não pararem com coisas como morarem juntos nós vamos caçar você e vamos dar para sua ex-mulher e sua filha linda uma coisa que você não faz mais com elas... Entendeu? – Disse o homem de capuz aproximando bem o rosto durante a última frase. Destacou a língua para fora da boca e a esfregou devagar em quase toda a superfície do rosto de Carlos.

Ele sentiu mais dois chutes na costela antes de poder ficar parado no mesmo lugar sem ser interpelado. Ouviu o som de um carro sendo ligado e logo em seguida se movimentando em uma direção distante.

Rolou para a esquerda sentido a fisgada das costelas até conseguir se levantar. Percebeu que estava em cima de um morro onde só podia ver as distantes luzes do aglomerado urbano. Não adiantava gritar, ninguém o ouviria ali. Mas mesmo assim o fez, não recebendo nem um eco como resposta, pois o vento provavelmente levava qualquer pedido de socorro para muito longe. Cambaleou em direção ao corpo ainda deitado e imóvel no chão. Tirou o capuz. Por mais que não quisesse acreditar era realmente Eduardo, o jovem rosto inchado e avermelhado, com os olhos fechados.

Com os olhos lacrimejando, Carlos sacudiu o corpo dele. Simplesmente não sabia como proceder ou o que fazer. Não sabia nem se

ele estava vivo ou morto. Não sabia de nada. Ouviu uma tosse e viu os olhos dele abrindo.

– Não acredito! Esses carecas de novo?

Carlos se assustou sentindo Eduardo se levantar. Afastou-se.

– Anotou a placa? – Disse ele já de pé andando sem rumo.

– Não...

– Droga! – Gritou Eduardo sacudindo os braços e caminhando quase até o limite do morro.

Carlos seguiu sentado no gramado frio e úmido. Nem se deu ao trabalho de ver se estavam perto de alguma rodovia ou não, simplesmente ficou atônito. Eduardo veio até ele.

– Desculpe. – Estendeu a mão e o ajudou a levantar-se.

– Como pegaram você? – Perguntou Carlos limpando a sujeira das calças.

– Saindo do trabalho. Esses malditos sabiam exatamente qual o caminho que eu fazia.

– Eles também sabem tudo sobre mim...

– Pegaram você saindo do trabalho também?

– Sim. Mas não é só isso. Eles também sabem sobre a Agnes...

– Malditos! – Eduardo chutou um monte de lixo que se espalhou pela vegetação meio morta.

Carlos olhou para o céu estrelado. Era muito para ele, apesar de ser ofuscado pelas luzes artificiais.

– E o pior é que não adianta nem dar queixa. Os porcos sempre riem da nossa cara... – Seguiu Eduardo chutando tudo o que encontrava no caminho. Dessa vez foi um arbusto rasteiro.

– Acho que não foram esses tais de carecas... – Disse Carlos dando as costas à vista da cidade. – Vamos embora...

Depois de quase uma hora os dois encontraram uma carona que os levou a algum lugar onde poderiam pegar um taxi. Tiveram que parar na casa de um amigo de Carlos para pedir dinheiro. Depois de muitas explicações e garantias de que estavam bem, conseguiram chegar em casa. Tudo parecia ser inacreditável, mesmo sobre a cama.

Deitaram sem conversar e sem ao menos cuidar dos machucados.

Mesmo assim Carlos não conseguiu dormir, e a cada movimento as costelas doíam como se estivesse sendo novamente violentado.

Saiu às seis da manhã, antes que Eduardo acordasse. Tomou qualquer remédio para dor e não se preocupou com o que poderia ser mais profundo, o que não era muito do seu feitio. A rua estava mais hostil do que nunca, apesar do horário. O dia ainda escuro de um horário de verão deixara o clima mais propício para circular como uma espécie de exceção ao início de uma jornada de trabalho. Mas não foi à universidade, pois lá ninguém se interessaria pelas marcas no corpo além do incentivo a uma consulta médica. Carlos queria justiça, não prescrição. E o lugar onde poderia encontrá-la estava o mais distante possível daquilo em que acreditava.

Primeiro uma visita à família, mesmo que discreta, para se assegurar de que tudo não passava da ameaça vazia que desconfiava. Chegou o mais perto possível de um não contato com a ex-mulher e a filha, somente precisava se certificar, não alarmar. Ainda dormiam dentro do apartamento, mesmo que ele não se atrevesse a entrar no quarto dela. A luz se intensificava pelas frestas enquanto Carlos voltava à rua.

Havia muito tempo que nem cogitava a ideia de coincidências se efetuarem no mundo. E não seria diferente dessa vez, mesmo que elas inexplicavelmente se efetuassem em acontecimentos aparentemente distantes nos últimos dias. Foi até um café que não frequentava havia anos e tentou colocar as ideias em ordem. Esforçou-se em dissipar todos os impulsos de raiva que tentavam controlá-lo durante toda a noite. Era necessário somente assegurar a raiva justa que tanto o ajudara em muitos momentos. O garçom perguntou se ele queria mais alguma coisa, olhou o relógio já se levantando.

– Nada mais. Obrigado.

GRITOS INFANTIS ABAFADOS PELA DISTÂNCIA FORAM OUVIDOS SEGUIDOS DE UM “VOLTE JÁ AQUI” NÍTIDO E ALTO.

Sentando em sua poltrona de mais de vinte anos ele tentava se concentrar nas frases do jornal, mas cada vez mais era disperso pela confusão dentro de casa. Lançou um olhar carrancudo em direção à porta e voltou a ler a reportagem desde o início. À segunda frase, a porta irrompeu com uma violência que o fez quase saltar do assento. Mal pôde ver aquele pequeno corpo nu e molhado atravessando o quarto e se jogando debaixo da cama. Levantou-se e encostou-se à parede, quase como um sinal de pavor.

– Desculpe querido. Essa pestinha escapa fácil. – Disse a mulher já se abaixando e estendendo o braço para debaixo da cama.

Ela praticamente arrastou a menina para fora do quarto sob o olhar silencioso de Adão. Os gritos felizes transformaram-se em um choro estridente, e ele teve que fechar a porta para ter a possibilidade de voltar à sua leitura. Já era a terceira vez naquele dia que sua neta invadia o quarto daquela maneira, e sua paciência estava no limite. Não gostava de conviver com crianças, somente sabia que deveria protegê-las, assim como sua família. Sentou-se novamente e deixou o jornal cair no chão.

Sentiu ter tirado um cochilo de alguns minutos enquanto despertava ao som da porta seguido pela presença de sua esposa.

– Querido. Tem um homem e uma mulher querendo falar com você.

– Não quero ver ninguém...

– Eles não são da polícia e nem jornalistas. Ela disse que é filha daquela professora...

Ele despertou, passou por ela e andou rapidamente em direção à sala.

Viu os dois sentados um ao lado do outro. A menina com aquela aparência que ele nunca admitiria na neta, já o homem, aquele que encontrara dias antes e que nunca esperaria ver novamente. Os dois seguiram seus movimentos apenas com os olhos. Quando se aproximou, Arnaldo levantou-se e disse alguma coisa. Adão simplesmente o ignorou e dirigiu-se diretamente à mulher.

– O que vocês querem? – Disse, sem cerimônias e ainda de pé.

– Sabemos onde ele está. – Respondeu Alana no mesmo nível de acolhimento.

– O que são vocês? O casalzinho da justiça? – Disse Adão já dando as costas.

– É sua chance de se redimir, inspetor. – Alana jogou um papel dobrado sobre a mesinha de centro.

– Mas que diabos vocês estão...

– Adeus. – Disse Alana indo para a porta e sendo seguida por Arnaldo.

– Quem vocês pensam que são? – Adão os seguiu, mas nenhum dos dois parou ou ao menos para responder. Ele ficou parado na porta enquanto eles seguiram pela calçada.

O inspetor voltou à sala e desdobrou o papel. Leu o endereço e o manteve em meio aos dedos por algum tempo. Viu a neta descer as escadas correndo e se atirar em meio a uma pilha de brinquedos. Pegou o telefone e discou.

– Anota o endereço. Tem uma banca de revistas a uma quadra dali. Quero você e os outros três circulando por ali em quarenta e cinco minutos... Busquem informações sobre o local no caminho... Exato.

O homem estava inclinado sobre uma grande mesa com o queixo apoiado sobre as palmas das mãos. Depois de algum tempo imóvel e com o olhar fixo sobre a maquete à sua frente, dispôs um pedaço de madeira na proa do navio. No primeiro movimento somente imaginando, mas depois, com o auxílio de pinças o encaixando sem hesitação. No rádio a terceira de Mahler parara de soar. Depois de certificar-se que o fragmento se encaixara perfeitamente na estrutura, limpou as mãos e deu dois passos em direção ao aparelho de som. No intervalo de tempo pôde ouvir a companhia soando.

– Gabi! Pode atender, por favor?

Ouviu algum som de alguém que reclamara de qualquer coisa e depois andou em direção à porta principal. Deu um sorriso a si mesmo. Aproximou-se da porta que fazia divisa com a garagem. Conseguia ouvir nitidamente.

– Olá. Somos da companhia de eletricidade e estamos verificando algumas instalações depois do acidente ocorrido ontem. Poderia responder algumas perguntas?

– Vocês poderiam vir em outro momento. Meu pai não está agora e ele que sabe dessas coisas.

Um silêncio seguiu a fala ensaiada de Gabriela. Ele espiou pela basculante que dava para a cozinha e viu dois homens em frente a ela segurando armas. Um deles estava com o dedo indicador firme em frente aos lábios. Ele andou firmemente, mas sem correr, até os fundos da garagem, atravessando a porta já aberta que dava para um pátio com um pequeno gramado. Pulou o muro e andou rente a cerca da vizinha dos fundos, até onde ela se encontrava com a parede de concreto. Puxou a cerca para cima, havia dias que a tinha desprendido do chão no meio da noite, e ganhou o terreno ao lado, onde havia um caminho até a calçada do outro lado. Andou com a parede de tijolos da casa ao lado à sua esquerda e, quando chegou à calçada, sentiu o gelado do aço em suas têmporas. Não se virou, já vendo outro homem atravessar a rua correndo.

– Peguei você, seu filho da puta. – Disse a voz grave e sem rosto vindo do mesmo lado em que estava a arma.

Um carro parou logo à sua frente, fritando os pneus. Sentiu seu copo ser jogado para dentro dele. Depois de o automóvel dar o retorno e voltar para frente da casa onde estava, viu Gabriela ser jogada para dentro dele da mesma maneira e pousar o rosto em seu colo.

O inspetor Adão entrou rapidamente pela porta da frente, observando pelo retrovisor o outro carro com seus homens o seguindo. Quando voltou o olhar para o banco de trás viu de relance o homem fazer um gesto em direção ao pescoço da menina. Gritou e o carro freou bruscamente. Pegou o homem pelos cabelos e o jogou na rua. O sangue jorrava do pescoço dela. O motorista tentou estancá-lo, encharcou todos os poros dos tecidos apertados contra o ferimento. Ela caiu pálida para o lado. A ambulância demorou dez minutos. Ela morreu sem que quase ninguém na rua percebesse.

As sirenes mudaram esse quadro. Uma aglomeração começou a se configurar, e Adão arrastou o homem até o outro carro, que dis-

parou cantando pneus. Bateu repetidas vezes em seu rosto com a coronha da arma, até um de seus companheiros segurar seu braço. Os ferimentos e o inchaço que se imprimia não tiraram um meio sorriso do rosto dele.

– É o fim, seu desgraçado. – Disse o inspetor enquanto balançava a arma perto do rosto dele.

Adão concluiu que a notícia se espalhara mais rápido do que imaginara, afinal, eram outros tempos. Na frente da delegacia certo exagero de pessoas e um alvoroço que o deixaram mais agitado que o normal. Enquanto tiravam o homem de dentro do carro e o algemavam, um antigo colega do inspetor adiantou-se.

– Entre logo, Adão. Antes que os jornalistas cheguem. Nós cuidamos dele.

O inspetor percebeu que era o melhor a se fazer. Quando adentrou o corredor da D.P. foi recebido por uma salva de palmas dos que estavam presente. Olhou ao redor e não reconheceu ninguém, principalmente dos momentos em que mais precisara. Fez um som de desprezo e caminhou até o fundo do corredor, ao encontro do delegado.

– Entre Adão, por favor. – Disse já contornando a mesa com a mão estendida. Adão somente olhou para o anel que pressionava a gordura dos dedos daquela mão sem demonstrar nenhuma reação.

– Bem. – Voltou a dizer o delegado voltando para o seu lugar. – Pelo relatório dos homens que o acompanharam, que será produzido dentro de algumas horas... – Esboçou um sorriso não compartilhado por Adão -... Os policiais receberam uma denúncia anônima, se dirigiram até o local para averiguar e foram recebidos com hostilidade. Nem precisaremos nos ater muito a estes detalhes, pois a morte da menina nos dará todo o embasamento possível. Quanto a você, digamos que foi uma ajuda civil pelo fato da possibilidade de reconhecer o suspeito. – Abriu os braços. – Claro que mesmo com a unidade não concordando com as atitudes anteriores, etc.

– Então monte o seu circo que eu domo o leão. – Disse Adão já saindo.

No corredor seu antigo amigo já estava a espera.

– O advogado dele vai chiar muito.
– Sempre se faz algo com água fervendo.
– Talvez seja melhor deixar o interrogatório para os policiais oficiais.

– Oficiais já não são os verdadeiros? – Adão deu as costas ao homem.

– Vá com calma, Adão. Ainda não é a sua glória... – Disse o homem já para as paredes.

O inspetor voltou pelo corredor já avistando uma barreira de policiais montada para conter curiosos e a mídia que chegava às pressas. “Como tudo poderia se dar assim tão rápido?”, pensava ele enquanto via dois guardas praticamente arrastarem o homem para dentro de uma sala. Adão viu que ele o encarava por todo o tempo em que era conduzido à força pelo estreito espaço. Tentou não desviar o olhar, pois agora tinha a certeza que vencera, que não fora tudo em vão.

Depois de um dos policiais sair de dentro da sala, entrou onde ele estava sentado tento outro às suas costas. Viu aquele rosto machucado por ele mesmo se erguer lentamente. Seu olhar era pelo canto dos olhos, afiado pela extremidade do olho.

– Parabéns, inspetor. Quem sabe agora pode se aposentar em paz?
Adão ficou na porta, com os braços cruzados.

– Além disso, quem sabe depois desse feito sua neta não terá mais que esconder o seu retrato... Claro, desde que o seu passado mais longínquo não venha à tona... Neste caso, ela terá de queimá-lo.

Ele seguiu imóvel. Esperou o homem dizer mais duas ou três frases que esperava que o atingisse.

– Não precisava ter matado a menina. – Finalmente disse.

– Era necessário...

– Estava com medo de uma menina de dezessete anos? Grande assassino que é... – Respondeu Adão forçando um sorriso irônico.

O homem inclinou-se sobre a mesa.

– Sou um homem de ciência. E agora somente eu sei a verdade.

Adão descruzou os braços. Essa frase pareceu tê-lo atingido de verdade.

deveria dar-se justamente o contrário

17

[*Click*]

Interrogador Wagner Ataíde (I): Você renunciou à presença de um advogado?

Homem desconhecido (HD): Exatamente.

I: Pode dizer isso olhando diretamente para a câmera?

HD: Estou renunciando a presença de um advogado.

I: Pode confirmar a presença do ex-inspetor, agora civil e colaborador Adão Machado no interrogatório?

HD: Confirmo a presença do ex-inspetor, e agora civil e colaborador Adão Machado.

I: Não encontramos nenhum tipo de identificação sua. Pode nos dizer o seu nome?

HD: Observador.

I: Pode repetir, por favor?

HD: O-b-s-e-r-v-a-d-o-r.

I: Que fique registrado que o interrogado recusou-se a se identificar.

HD: Não. Que fique registrado que o interrogado identificou-se como observador.

[*Inaudível*]

I: Pode nos contar o que aconteceu quando foi capturado?

HD: Depende.

I: Pode ser mais claro?

HD: As palavras representam as coisas, caro investigador. Posso rela-

tar de modo a escolher palavras que correspondem adequadamente ao que realmente aconteceu. Mas vocês podem interpretar como uma percepção interessada.

I: Nós interpretamos com nossas ferramentas. Não cabe a você questioná-las.

HD: Neste caso, relatarei a coisa subtraindo dela aquilo o que me interessa.

I: Que fique registrado que o interrogado assumiu que irá depor de acordo com o seu interesse no inquérito.

HD: Não. Que fique registrado que o interrogado irá depor de acordo com a premissa de que tem o direito a não produzir provas contra si mesmo.

I: O senhor matou Gabriela dos Anjos?

HD: Não.

I: Temos três testemunhas que viram o senhor a assassinando.

HD: Na verdade, a viram sangrando ao meu lado.

I: O civil Adão Machado, presente aqui, declarou que o senhor admitiu o assassinato algumas horas atrás.

HD: É o problema dos interrogatórios. Sempre teremos esse disparate entre o dito e o acontecido. As palavras tornam-se perigosas, e isto não me agrada. Não podem me acusar por isso, é necessária uma prova física, testada em laboratório. Mas o inspetor Sérgio já tinha o alertado sobre isso, não, civil Adão Machado?

I: Volto a questioná-lo sobre a declaração.

HD: Somente disse a ele que era um homem de ciência e que agora somente eu sabia a verdade.

I: Por que agora somente o senhor sabe a verdade?

HD: Por que Gabriela morreu.

I: Então admite ter um motivo para matá-la?

HD: Não. Somente afirmo que com esta morte trágica, somente eu tenho a verdade.

I: E que verdade é essa?

HD: A que mais interessa a vocês.

[*Inaudível*]

I: Que fique registrado que o interrogado negou a efetuação do assassinado de Gabriela dos Anjos.

HD: Se dependesse do civil Adão Machado, eu teria confessado à base da força, não? Senhor civil...

I: Por favor, senhor. Atenha-se às perguntas. Não esqueça que está sob prisão preventiva.

HD: Fico feliz em ter um interrogador sério como o senhor...

I: Falemos da perseguição na zona portuária. O senhor residia em um apartamento naquela região?

HD: Somente andei por lá uma vez. Para ver os navios.

I: Não era o senhor sendo perseguido pelos agentes na manhã em questão?

HD: Não.

I: Tomou conhecimento dessa atividade?

HD: Sim.

I: De que maneira?

HD: Pela televisão. Triste acontecimento. Uma polícia incapaz de investigar adequadamente, como o próprio falecido inspetor Sérgio insistira... Enfim, esta incapacidade produz algo tão lamentável e autoritário como este.

I: Como o senhor pôde saber das posturas do inspetor Sérgio?

HD: Saiu em um jornal. Provavelmente algum policial descontente com estes métodos arcaicos das autoridades. Óbvio que ele revelou isso sem se identificar. Pode verificar.

I: O senhor matou o policial Sérgio Cabral?

HD: Foi a incompetência das autoridades e de seus superiores que o mataram.

I: Pode responder somente sim ou não, por favor?

HD: Não.

I: Que fique registrado que o interrogado negou a efetuação do assassinado de Sérgio Cabral.

HD: Um homem sério que quis ir contra a incompetência da polícia.

I: Por favor, senhor. Já é a segunda advertência.

HD: Perdoe-me, por favor.

I: Onde o senhor estava na noite de seis de janeiro, cerca da seis horas horas?

HD: No apartamento da professora universitária Doutora Cléo Sabathini.

[*Inaudível*]

I: Pode declarar o endereço, para fins de registro?

HD: Rua Aurora, número 169, bairro Jardim do Éden.

[*Inaudível*]

I: Pode nos dizer o que estava fazendo lá?

HD: Fiquei lá durante toda a noite.

I: Qual era sua relação com ela?

HD: Sempre as mesmas perguntas... Minha relação com ela era exclusivamente intelectual.

I: No horário em questão o senhor estava no apartamento dela?

HD: Exatamente.

I: Sozinho? Pois no horário em questão ela estava morta em sua sala da universidade, senhor.

HD: Exatamente.

I: O senhor estava sozinho por que voltou para lá depois de levar o corpo dela?

HD: Não. Eu estava sozinho simplesmente por que *não tinha mais ninguém lá*. Pode fazer as perguntas sem suposições, por favor?

I: O senhor matou Cléo Sabathini?

HD: Não.

I: Que fique registrado que o interrogado negou a efetuação do assassinado de Cléo Sabathini.

HD: Mas eu posso ajudar na descoberta com a verdade. Pelo menos essa, por que muitas verdades não interessam ao civil Adão Machado, não?

– Me deixe sozinho com ele. Ele vai falar.

HD: Que fique registrado que esta é a voz do civil Adão Machado.

I: Por favor, senhor. Fale somente quando solicitado.

[*Inaudível*]

[*Click*]

– Desligue a câmera e o gravador. E suma daqui, seu amador! – Disse Adão sem ao menos olhar para Wagner.

Ele nem se virou, tinha certeza que o homem saiu. O interrogado continuava imóvel e indiferente sentado em sua cadeira. Fez um movimento com as mãos como se espanasse a sujeira de cima da mesa.

– Mesmo em um mundo cruel, caro civil Adão, não tem mais espaço para o seu reacionarismo atrasado. Até mesmo os antigos torturadores doam dinheiro para ONGs hoje em dia.

– Sabe muito bem que posso conseguir trancafiá-lo no pior presídio do mundo somente com minhas evidências.

– Suas evidências são desqualificadas, civil Adão. Antes, mesmo que funcionassem, davam um trabalho para valer alguma coisa. Já hoje, com essa sua reputação... Eu seria capaz de sair daqui como uma vítima da opressão atrasada, mas ainda viva, representada pelo senhor.

– Qual o jogo, então? Já sei que você não é um qualquer que só quer se safar. Sei que quer alguma coisa.

– Está aprendendo, civil Adão. Digamos que tudo que eu faço tenha que servir para alguma coisa. Tem que ter um propósito, ou melhor, uma função. O que eu crio não são devaneios metafísicos...

– Que seja.

– A área jurídica não é algo exato, como são os conhecimentos ao meu gosto. Por isso estudo aquilo que me serve. E sei que a opinião pública e o mero jogo de palavras determinam em muito suas conclusões. Então, acredite, civil Adão, eu estou com a vantagem aqui.

Adão jogou seu corpo para trás. Buscava controlar seu impulso de bater naquele homem, pois algo lhe dizia que ele suportaria a pressão física, e isso pioraria muito mais a situação atual.

– Quer um café? – Perguntou calmamente.

– Muito bem, civil Adão. Já estamos racionalizando nossa conturbada relação. Aceito.

O ex-inspetor trouxe duas xícaras depois de se esquivar de outros policiais tentando lhe convencer de que não era uma boa ideia estar sozinho com um interrogado, dada as circunstâncias. O homem

bebeu um gole exagerando a expressão de quem estava saboreando.

– Em primeiro lugar. Sua busca foi ilegal. Não sei como chegaram até onde eu estava, mas, mesmo podendo provar que assassinei Gabriela, uma investigação mais extensa e séria vai demonstrar que você e seus amigos não deveriam estar lá. O que vai anular toda e qualquer conquista sua.

– Muito bem. Eu vou aceitar o que você diz, mas vá com cuidado.

– Justo. Estamos falando de igual para igual agora. O que peço em primeiro lugar é: Como sou um servo da verdade, tenho muita curiosidade em saber como em um dia qualquer o senhor acabou na minha porta, ou, pior, na minha saída de emergência.

Adão resumiu toda a situação de como Arnaldo e Alana apareceram em sua casa. No fim das contas, não sabia como, somente descobriu que a informação estava correta.

– Entendo. Sua obsessão em me capturar, depois que o fiz de bobo, com todo o respeito, fez com que sua curiosidade sobre os métodos ficasse em segundo plano. – Ele ficou pensativo, fitando o nada por alguns momentos.

– Interprete como quiser. O que mais?

O homem inclinou o corpo.

– Posso lhe contar tudo, civil Adão. E só para você.

– Fico emocionado com a crise de sinceridade. Mas...

– Mas eu quero um encontro privado com Arnaldo antes.

– Com Arnaldo? Mas ele é só um professor qualquer. Não vale nada...

– Está resistindo a minha proposta? Podemos voltar ao inquérito formal então. Chame o inteligentíssimo Walter Ataíde...

– Tudo bem, tudo bem... Se for só isso que quer. Mas terá que firmar um compromisso por escrito.

– O farei de bom grado. E, além disso, escreverei também que será somente para você que darei o depoimento formal, gravado. Será seu grande *finale*, o clímax definitivo vencido pelo herói policial.

Adão levantou-se, encarando o homem seriamente.

– Vou falar com o delegado.
Quando abriu a porta, virou-se.
– Por que Arnaldo?
– Lembre-se de suas prioridades, inspetor. E desvendar mentes
que não compreende não está entre elas.
Adão bateu a porta, teve que admitir que o maluco estava certo.

A BATIDA DO RAP ERA FIRME E CONTÍNUA.
Um menino balançava o corpo ao lado da caixa de som.

*Nós somos
A turma
Que não
Atura
Mais*

*Um dia
Minhas mãos
Construíram
O futuro
Da nação*

*Mas hoje
Não temos
Mais
Trabalho
Destruiremos*

*Sim, dizemos
As máquinas
Tomaram
Nosso
Sustento*

Nós somos (Destruidores de máquinas)
A turma (Destruidores de máquinas)
Que não (Destruidores de máquinas)
Atura (Destruidores de máquinas)
Mais (Destruidores de máquinas)

“Destruidores de máquinas” cantavam em coro outros três adolescentes enquanto outro repetia diversas vezes o refrão. Arnaldo olhou para a sala enquanto eles terminavam a música. Alguns mais ao fundo dançavam animados, enquanto três meninas sentadas na frente riam e cochichavam uns nos ouvidos das outras. Outros, ao lado das janelas, riam e se empurravam.

– Isso é coisa de criança. – Diziam formando conchas com as mãos logo depois de vaiarem.

– Calma. Vamos respeitar os colegas. – Disse já se levantando.

– Muito bem, qual era o movimento dos trabalhadores que eles homenagearam?

Arnaldo deu tapinhas nos ombros dos garotos enquanto voltavam aos seus lugares.

– Parabéns. Estava ótimo. – Disse a eles. – Vamos lá oitava série!

– Eram os lúdicos, Sor.

– Quem?

– Quem dizer... – A menina sacudiu todo o corpo junto com a cabeça. – Os Ludistas! Os Ludistas!

– Isso mesmo! E por que são os Ludistas? Você não... Quero que outros respondam. – Disse Arnaldo apontando o braço para menina agitada.

– Por que eles queriam destruir as máquinas. – Disse baixinho outra menina olhando para o chão.

– E por que eles queriam fazer isso? Peço que olhem para a letra da música dos colegas de vocês, não no livro. Não vale o próprio grupo responder.

Um som dispersivo de papel sendo manuseado tomou conta da sala. Alguns liam, outros não. Outros ainda olhavam para cima.

– Aqui, Sor. Diz que as mãos deles construíram o futuro, e que agora as máquinas tomaram o sustento deles.

Um menino do fundo da sala, praticamente deitado na pequena cadeira de madeira, levantou-se.

– Minha mãe é cobradora de ônibus. Ela disse que daqui a algum tempo vão ser só aquelas maquininhas, que não precisará mais de ninguém na roleta.

– Então nós vamos lá destruir com todas as máquinas de ônibus.
– Disse outro menino ao lado dele abaixando a cabeça e se escondendo atrás do boné.

Arnaldo sorriu.

– Acho uma ótima ideia. Vamos fazer o seguinte. Temos que bolar um plano para fazer isso. Estudar as linhas de ônibus, como podemos entrar sem sermos vistos. E o mais importante: como não machucar ninguém.

– Eu tenho um mapa das linhas em casa, Sor!

– Muito bem. Vamos organizar essa tarefa para semana que vem. Quem quer fazer parte do plano dos destruidores de máquinas?

Alguns braços levantaram, quase metade da turma.

– Vou fazer uma lista com o nome de vocês. Mas temos outra coisa...

Todos olharam atentamente para ele.

– Não se esqueçam que as máquinas causaram a miséria de vocês. O primeiro passo é não depender mais delas. Terão que parar de usar qualquer aparelho até lá.

Um coro explodiu em “ah sor”, com vários braços, troncos e cabeças sacudindo entre risos e manifestações de indignação.

– Vamos lá! Estou confiando no envolvimento sério de todos. Semana que vem eu vejo quem está na causa ou não...

– Eles não são nada, Sor. Movimento de verdade é o nosso. – Disse uma menina do grupo encostada contra as janelas.

– Vocês são o último grupo?

– Sim.

– Muito bem turma! Nossa última apresentação. Com vocês...

Os anarquistas!

O grupo que acabara de apresentar vaiou enquanto os outros iam para frente do quadro negro. Todos vestiram capa e máscaras de Guy Fawkes.

Arnaldo andou em direção a porta enquanto eles dobravam as capas ao redor do corpo. Uma leve batida foi seguida de uma entreabertura.

– Professor Arnaldo? – Ouviu por trás da porta sendo aberta.

– Estou aqui. – Disse dando a volta. Viu a professora de português ajustando seus óculos pontudos.

– A vice-diretora quer falar com você. Disse que é urgente.

O bom humor de Arnaldo esvaiu-se imediatamente.

– Anarquistas! Esperem um momentinho, eu já volto. Pode olhar a turma, por favor?

Ela assentiu.

– Sor! Os anarquistas não esperam, fazem! – Ouviu Arnaldo enquanto saía. Colocou o rosto para dentro da sala e piscou para o grupo.

Atravessou o corredor e viu o pátio da escola. Havia tempo que não olhava para ele. As crianças menores, cujo recreio era antes, já brincavam em um espaço cercado em seus corredores, balanços e gangorras de metal em cores opacas, já desgastados ou praticamente enferrujados em sua totalidade. O barulho do mau funcionamento dos brinquedos era nostálgico. A outra parte era simplesmente um aberto tendo como chão um cascalho espalhado com alguns bancos de pedra nos cantos, talvez mais desconfortáveis que as cadeiras das salas. Ao lado deles algumas flores que não vingaram, tão murchas quanto os investimentos em educação. Arnaldo seguiu um pouco desconcertado por muito tempo não ter prestado atenção.

Três homens estavam de pé ao lado da vice-diretora.

– Professor Arnaldo. Estes homens são da polícia. – Ela se adiantou entre um sorriso.

– Senhor Arnaldo. Precisamos que nos acompanhe. – Disse um deles mostrando sua carteirinha.

– Qual a acusação?

– Não estamos o acusando, senhor. É apenas auxílio em uma investigação.

Arnaldo seguiu os homens com seus ombros caídos. Podia sentir a vice-diretora acompanhando com um olhar satisfeito o trajeto deles até o carro.

A confusão na delegacia era generalizada. Arnaldo seguiu praticamente empurrado pelos dois policiais, todos pareciam querer alguma coisa dele, esbarrando em seu corpo e falando ao mesmo tempo. Sentiu-se aliviado ao ver Adão surgir de uma porta lateral, o que faz com praticamente todos a sua volta debandassem como presas surpreendidas pelo predador.

– Vai ter de se explicar depois, professor. Mas agora o assunto é mais urgente. – Disse o inspetor o conduzindo pelo braço até uma sala privada.

A sala com um sofá e uma pequena mesa não era a de interrogatório, o que deixou Arnaldo mais tranquilo. A luz era tão branca que se podia ver os cantos mal limpos e cheios de poeira e teias de aranha. O inspetor esticou o braço para que ele se sentasse.

– Eu preciso saber... – Disse Adão puxando uma cadeira. -... Como sabiam onde o nosso amigo estava...

Arnaldo contou ao policial todos os acontecimentos desde que Alana o procurou. Os escritos, a casa na zona rural, o senhor Renato e suas atividades. Adão permaneceu em silêncio, com um olhar cético. Algumas vezes alguém, provavelmente desavisado, entrava na sala com papéis em mãos e, logo que via Adão, voltava de costas pedindo desculpas.

– Normalmente eu diria que você está tentando fazer piada com minha cara, Arnaldo. E que iria se arrepender por isso. Mas olhando para você. – Fez uma pausa para salientar seu suspiro. – Acredito que pode estar dizendo a verdade. Onde está a moça?

– Não sei. Depois que saímos da sua casa ela foi embora.

Adão aproximou-se dele.

– Você nunca esteve na minha casa, entendeu bem?

Arnaldo olhou para os lados, inquieto. Mais uma pessoa entrou na sala e logo saiu.

– O que quer de mim? Me chamou aqui para me ameaçar novamente? Ou quem sabe perdeu a sanidade de uma vez por todas e vai me bater em plena delegacia, cheio de testemunhas? – Disse já perdendo a respiração.

Adão pareceu sorrir.

– Está aqui porque preciso de você.

UM FILETE DE SANGUE ESCORREU SOBRE O PEITO DELE.

Arnaldo fez uma careta quando encarou-se no espelho, com sua camisa aberta até a metade. Não entendia muito bem por que precisava depilar o peito para prender aquele microfone. Achou tudo um pouco burocrático demais, respeitando as normas demais, de certa forma até um pouco paranoico. Isso o lembrou da escola, dos seus cadernos de chamadas, dos seus planejamentos entregues à secretaria de educação, dos seus pareceres descritivos. De qualquer forma, funções que precisava cumprir sem ao menos saber exatamente por que, em ambos os casos.

Entrou em uma sala muito clara, toda revestida por brancos azulejos. A mesa que lembrava um metal bem ao seu centro acentuava o ar hospitalar do lugar. Sentado como se fosse parte do cenário, um homem franzino que Arnaldo não se lembrou de já ter visto algum vez na vida. Acomodou-se em frente a ele devagar, sem demonstrar nenhuma iniciativa em começar algum diálogo. Encarou o homem por alguns segundos, até que ele se levantou e inclinou o corpo para frente, projetando a cabeça para perto de seu peito. Arnaldo levou um susto, mas não saiu do lugar.

– Que fique registrado que, enquanto o civil colaborador Adão não tirar esse microfone não falarei mais nenhuma palavra.

Voltou calmamente a sua posição inicial. Arnaldo ouviu o deslizar da porta e alguns passos atrás de si. Viu um homem mais

novo que não conhecia movimentar as mãos em sinal para que abrisse os botões da sua camisa. Arrancou o microfone com um puxão, antes mesmo que Arnaldo conseguisse tirar a parte do aparelho preso ao seu cinto. Ele saiu com o dispositivo pendurado pelo fio e voltou a trancar a porta. Arnaldo voltou a fechar os botões, cobrindo a vermelhidão da inútil operação.

– É engraçado, não?

– Pode ser... – Arnaldo cruzou os braços e olhou para os lados.

– Arnaldo. Você é uma pessoa muito estranha, sabia?

– Isso eu sei. Mas não sabia que vim até aqui para falarmos de mim.

– E por que não? Afinal, não é responsável por muito do que aconteceu até aqui?

– Se eu tivesse esse poder, as coisas aconteceriam de um jeito diferente.

– As coisas *acontecem*, Arnaldo. Não dependem de você nem de ninguém. O que eu quis perguntar é se estava disposto a aproveitá-las.

– De onde tirou isso? Do manual dos malucos?

– Não. Apreendi com Cléo...

Arnaldo encarou aquele homem que parecia estudar as suas reações. Sentiu uma gota de suor escorrer-lhe pela testa, seguida por outras incontroláveis.

– E você sabe disso também, não? – Disse o homem quase sussurrando.

– Eu não convivi com ela para aprender tantas coisas assim. Já você, pelo jeito, teve mais tempo...

– Realmente você é muito estranho, Arnaldo. Eu é que tenho que defender a perspectiva de Cléo para você, quando deveria dar-se justamente o contrário.

– Se não concordava com ela, então as discussões devem ter ido longe demais, não?

– Quando vai deixar de ser assim, Arnaldo? Teve uma bela oportunidade, um bom acontecimento que atravessou o seu caminho. Por que não ser digno dele e deixar de ser aquilo que julga ser? Na ver-

dade creio que já fez isto, mas ainda não admite. E isto, eu garanto, é algo que Cléo diria...

– E o que você diria?

– Eu diria que você estava desesperado, mas não sem medo, para que algo diferente acontecesse em sua vida. – Respondeu medindo cada palavra. – Por isso todo aquele desconforto junto ao inusitado que Cléo lhe proporcionou. Então, eu diria que isso que aconteceu foi um acidente, ou um desvio daquilo que faz parte de você mesmo.

– Mas... – Ele levantou o dedo e seguiu como se estivesse falando para si mesmo. – ... As coisas não pararam. E mesmo sem saber fazer, você foi fazendo e seguindo o curso dos acontecimentos. Isto é muito interessante.

– Me sinto muito orgulhoso por surpreender alguém tão inteligente como você.

– Descontando estas tristes tentativas de ironia, você poderia estar pronto, Arnaldo. Estar aberto para o novo... – Ele ficou pensativo por alguns instantes. – Creio que aquilo que ela dizia pode ter alguma realidade... – Riu para si mesmo.

– O que quer dizer com isso? Uma aposta ou algo do tipo?

– Agora está interessado no que eu digo? Sim, posso ver nos seus olhos... Apostar? Não, isso não fazia o feitio dela. Ela nunca buscaria ganhar ou perder, defender uma posição em oposição à outra. Por isso que era tão difícil, e tão excitante ao mesmo tempo, discutir certas coisas com ela. Era quase impossível capturá-la. – Ele voltou a se aproximar do rosto de Arnaldo. – Era exatamente o que queria, não? Você e aquela menina... – Balançou o braço em direção à rua. – Capturá-la.

– E foi o que fez? Acabou com ela como acabou com a menina?

– Disse Arnaldo também se aproximando do rosto dele.

Ele se jogou para trás soltando sonoras gargalhadas.

– Mesmo se eu a tivesse matado, não faria mais do que vocês, que tentam até agora descobrir quem ela é, o que ela fez, dissecar toda a vida dela, etc. E digo isso como quem opera exatamente desse modo... Mas eu garanto, meu amigo, isso não vai funcionar no caso dela.

– Assim como você não vai se livrar dessa...

– E quem disse que eu quero me livrar? Eu até poderia, mas decidi experimentar um pouco do que aprendi com ela. Arnaldo, não me desaponte, pare com esses clichês...

– Então o que você quer que eu diga? Eu nem sei o que estou fazendo aqui...

– Este é o ponto. Você não sabe o que está fazendo. O que você quer, Arnaldo?

Arnaldo não respondeu. Queria ter respostas, daquelas boas, daquelas que levam a discussão para outro patamar ou das que a encerram pela invulnerabilidade do argumento. Não tinha nenhuma, o que irritava ainda mais, pois a esta altura da trama já deveriam estar bem firmadas as suas posições.

– O que você quer, Arnaldo?!

Ele pensou em todas as coisas que fez nos últimos dias. Mas elas insistiam em não aparecer em ordem cronológica. Logo eram interpostas por imagens de quando era mais jovem, de quando era criança, de algumas vezes que vomitou, de algumas vezes que deu aula, de alguma coisa que não deveria ter sido dita, de alguma coisa que não disse, mas que seria exatamente a coisa certa a ser dita. Comidas, toques, traços, expressões, cadeiras, tiros, dedos, água, palavras, náusea, e seu corpo feliz jogado em um gramado que nunca existiu. O rosto daquele homem repetindo pela incontável vez a mesma pergunta voltou a ganhar consistência.

– Eu não sei o que eu quero! Eu não sei o que eu estou fazendo!

– Seus punhos fecharam sem que ele ao menos os olhasse. Seus olhos estavam comprimidos e úmidos.

O homem ficou imóvel por algum tempo com as mãos suspensas. Parecia assustado e desapontado.

– Está na hora de definirmos um porque, Arnaldo. É isso que quero dizer. Chegou até aqui, fazendo muito além do que sua... Bem, esqueça. Você parece agir impulsivamente, mesmo que sem um envolvimento total.

– Isto tem que ter um fim. – Arnaldo despertou de seu olhar

vago. – Afinal, por que pediu para falar comigo? – Disse com uma tranquilidade pós-surto.

– Ora. Você surpreendentemente e, diria até mesmo inverosimilmente, envolveu-se nesse caos. Despertou meu interesse. Mas preocupa-me essa sua falta de direção, Arnaldo. É preciso colocar um objetivo bem definido nisso tudo, como uma flecha precisa de um alvo. Cléo com certeza acharia isso muito interessante, mas no meu caso... Bem, é diferente...

– Isso não responde por quê.

– Homens de ciência aplicada como eu trabalham com o *como* das coisas. Justamente para fazermos disso algo útil...

– Então como Cléo morreu? – Interrompeu Arnaldo.

– Morreu perdendo sangue e, pelas análises, com uma quantidade grande de algum sedativo circulando no corpo.

– Sabe por que foi você quem fez isso...

– Isso está na causa da morte. Objeto metálico que perfurou os pulsos dela. Eu sei por que está no laudo da perícia.

– Mas é só uma informação. Não desvenda nada.

– E é isso que quer, Arnaldo? Desvendar o mistério?

– Não é este o objetivo?

– Esta é minha parte. Já quanto a você, sabe que não. Esqueceu do que leu?

Arnaldo pensou por uns minutos. Tentava entender o que estava sendo conversado naquela sala. Aquilo que leu? Desde quando um monte de papéis se referindo à literatura teria algum efeito sobre coisas que aconteciam no mundo? Lembrou brevemente de como ele e Alana encontraram aquele homem no interior.

– Pois é, meu caro Arnaldo. Nunca se perguntou qual seria o interesse quase obsessivo de homens de status seguros, como nosso amigo Leopoldo, por exemplo; por um simples projeto de pesquisa?

– Não estou entendendo...

– Impedir a vida de qualquer texto que crie algum efeito.

Arnaldo sentiu-se mais leve, como se alguma certeza dissipasse a tensão daquele encontro. Uma intuição estranha, daquelas que

dispersam a necessidade de confirmação e permitem o simples fluir da ocasião. A brancura outrora asséptica do ambiente deixou de ter o efeito intimidador e pareceu mostrar alguns defeitos em sua aparente homogeneidade.

– Era sobre você que Cléo escreveu naquele texto que nos levou até aquela casa?

– Nunca tive a oportunidade de lê-lo. Infelizmente... Ele fazia parte do nosso acordo.

– Que acordo?

– Ela sempre se interessou pelas histórias que eu contava. Desde a primeira vez que nos encontramos, por acaso. Veja só, você, o acaso determinando uma nova relação para mim, até mesmo criando uma necessidade. Não admito isso sem algum sentimento de desconforto. De qualquer forma, ela tornou-se uma espécie de confidente, ouvindo tudo que eu tinha a dizer. Em troca ela poderia escrever sobre isso.

– E que coisas você tinha a dizer?

– Coisas que ninguém ouviria sem ter alguma reação drástica.

– E por que ela o fazia?

– Até hoje não entendi muito bem. Nem com anos de convivência podia-se entender Cléo. Às vezes não podemos entender as pessoas, somente conviver com elas. Não mais me relacionei com ela dessa forma. Depois de conhecê-la fiz um movimento parecido com o seu e o daquela menina, mas isso só trazia frustrações. Com Cléo o que mais funcionava era não criar expectativas. Ela não se julgava responsável por quem cativava, Arnaldo. Tenha certeza disso.

Tudo aquilo fez muito sentido para Arnaldo. E a questão do pouco tempo em que com ela conviveu não pareceu mais importar, pois tentar conhecer as pessoas, da forma mais usual que o fazemos, pode ser questão de um dia ou de dez anos, mas nunca trará consigo uma paixão verdadeiramente consistente. Durante esta conversa Arnaldo parece ter sentido que naquelas poucas horas que esteve ao lado dela experimentou toda a sua plenitude, pois o que mais importou foi o efeito do encontro em si, não a identificação com aquele outro.

– Está pronto, Arnaldo?

– Sim.

– E nem sabe para o que, não é?

– Sim.

– Muito bem. Anote este endereço. Você vai ficar com tudo agora.

Arnaldo rabiscou em um pedaço de papel.

– Fiz um papel estranho aqui. Contradizendo tudo o que acredito. Será minha redenção? – Disse o homem serenamente.

Arnaldo o encarou, agora de pé. Nada disse.

A aglomeração de pessoas no corredor soava muito estranha, visto a solidão da experiência da sala que acabara de sair. Arnaldo tentava encontrar espaço entre todos para seguir adiante, mas foi impedido pelo corpo de Adão bloqueando qualquer possibilidade.

– Ele quer falar com o senhor agora. – Adiantou-se Arnaldo.

– Nem pense em ir embora. – Disse o inspetor com seu habitual tom de autoridade já dando as costas a ele.

A atenção de todos pareceu se direcionar ao caminhar de Adão, e Arnaldo aproveitou para ir vencendo o corredor até alcançar a rua. Quando chegou à calçada ouviu gritos simultâneos, mesmo que descompassados, vindo lá de dentro.

– Um médico! Um médico!

revolto avermelhado

O GARÇOM JÁ OFERECEU O CONTROLE DA TELEVISÃO LOGO QUE ELE SE SENTOU.

Carlos pediu um café sem açúcar. O burburinho de estudantes, funcionários e professores parecia estar mais contido naquela manhã. Chegara instantes antes do início do noticiário, o intervalo da aula fora mais bem cronometrado desta vez.

“O que há de mais moderno na mulher não é recusar-se a fazer as tarefas do lar, mas sim de organizá-lo com independência e estilo. Por isso, sempre estaremos aqui”, anunciava o comercial seguido pelo nome cantado da empresa que fabricava produtos eletro-eletrônicos domésticos. Carlos bebeu seu primeiro gole de café sem prestar atenção até ouvir a música introdutória do telejornal.

“Um caso prestes a ser desvendado”. Música e mudança de câmera. “Mas que termina tragicamente”. Música e outro close no apresentador. “Veja agora a incrível história de um homem que preferiu morrer à enfrentar a justiça”. A música calou-se, e o close abriu o plano. “Anos de crime o deixaram sem saída”. Pausa dramática e olhar melancólico, voz oscilante. “Um assassino de mulheres”.

Algumas imagens tomaram o lugar do rosto sério e comprometido do ancora. Algumas fotos de Cléo, do local do crime, da perseguição na zona portuária, da delegacia tumultuada, etc. Enquanto isso uma voz narrava o caso desde o dia do assassinato e outros fatos que julgavam relevantes, como alguns detalhes da vida da professo-

ra morta. Depois de alguns minutos de recapitulação, uma repórter, tendo ao fundo a entrada da delegacia, apareceu com a cabeça baixa, uma das mãos segurando o ouvido direito e a outra alisando seu ter-ninho bege. Alguns instantes da sua imagem silenciosa na tela foram sucedidos pela sua mudança repentina de postura. Apresentou-se ereta e concentrada.

– Ontem à noite o esclarecimento de um crime transformou-se em mais uma tragédia. Pelo menos do ponto de vista do cumprimento da lei. O homem desconhecido que fora preso na manhã do mesmo dia suicidou-se dentro da sala de interrogatório. Nenhum policial quis fazer qualquer declaração sobre este evento. No entanto, o delegado declarou que dentro de suas vestimentas havia uma lista contendo o nome de mais de vinte mulheres.

A câmera mostrou novamente o apresentador, virado em direção a uma tela em que aparecia a mesma imagem de antes com a repórter.

– Quando finalmente prenderam o principal suspeito desse terrível crime deixaram que ele cometesse este último ato de loucura, nos deixando com muitas lacunas sobre o caso...

– Exatamente. – Respondeu a repórter automaticamente e com alguns segundos de atraso. – Agora as autoridades investigam estas identidades, levando em conta que ele estava em prisão preventiva pelo assassinato da professora universitária Cléo Sabathini.

– Então o assassinato da professora pode ter sido mais um entre tantos crimes que foram praticados por este homem, sendo que nunca tenha sido pego?

– Esta é a principal hipótese.

– Isto é algo inacreditável... A polícia finalmente conseguiu identificar este homem?

– Esta é a boa notícia entre tanta tragédia. Depois de cruzar as impressões digitais dele com um banco de dados antigo, já que pelo informatizado não foi possível, os investigadores chegaram a um nome, ainda não divulgado, filho de um respeitado psiquiatra e que legalmente estava morto havia mais de dez anos.

– Inacreditável. Realmente não tenho palavras. Logo volto a falar com você, Poliandra, obrigado pelas suas informações.

O apresentador virou-se e o enquadramento fechou em seu rosto mais uma vez.

– Agora vamos ao vivo falar com Sônia, que está em frente a casa do homem indicado como pai deste homem.

A imagem mostra outra repórter atenta, enquanto o forte vento balança desmedidamente seus cabelos.

– Bom dia, telespectadores. Estamos em frente à casa do Doutor Watson Skinner, indicado pelas autoridades como pai do homem acusado pelo assassinato da professora Cléo Sabathini e que cometeu suicídio na delegacia na última noite. Ele está em casa e até o momento não quis falar com a imprensa, mas deixou, através de envelopes um comunicado formal. Diz ele: – Ela abriu um papel. – “É com muita surpresa que recebo a notícia de que meu filho, além de não ter falecido, cometeu inumeráveis crimes capitais. Uma informação como esta, mesmo que não definitivamente comprovada, deixou-me em estado de choque. Por hora, permanecerei aguardando alguma intimação oficial por parte das autoridades ao mesmo tempo que declaro não ter conhecimento algum sobre este assunto que surpreendeu-me tanto quanto a vocês”. Estas foram as palavras dele.

A imagem voltou a ganhar a mesma forma de antes. O apresentador olhando em direção a um monitor que reproduzia a mesma imagem de antes.

– Obrigado por suas informações. Esperamos que as autoridades desta vez concluam este caso da forma mais objetiva possível. Agora, para debater este assunto, teremos...

Carlos bebeu o último gole de seu café e levantou-se, deixando o controle e as atrações do telejornal para trás.

A segunda metade da aula fluiu em uma espécie de piloto automático que algumas vezes era evocado por ele, principalmente quando estava pensativo sobre algum assunto que não podia colocar como tema de discussão. Duas ou três provocações que sempre tinha na manga, sobre o texto, seriam suficientes para deixar que os próprios

alunos dominassem a fala da aula. Principalmente eles, ávidos por trazer a exemplificação de suas experiências concretas como matéria-prima dos debates.

– ... Como aquela área ao lado do porto que foi arrendada para a iniciativa privada...

Observando a fresta da persiana antiga e empoeirada Carlos pensou naquilo que não queria mais saber. Não podia mais estranhar as coincidências, afinal, neste caso as coisas tinham uma ligação que não estavam além daquilo que repudiava. Fora uma experiência imediata que bastou por si só. Inadmissível ao seu pensamento. Havia quanto tempo? Talvez uns quinze anos... Ela tinha pedido ajuda e eles negaram. Talvez justamente por estarem se separando. Os outros também já estavam distantes havia algum tempo. E aquela tentativa dela em recorrer ao grupo que outrora parecera tão disposto a ser coeso somente reafirmou a impossibilidade de qualquer consistência. Todos concordaram, mesmo que não explicitamente, em seguir seus próprios caminhos. E ela ficara ali, depois que a deram as costas, com um olhar de quem ainda pensava que poderia existir algum arrependimento pelo que fizeram, como algum sentimento de comprometimento que os traria de volta, mesmo sem ser combinado. Ou quem sabe algum movimento de “mais essa pelos velhos tempos”.

Os minutos que ela ficara sozinha naquela sala, de pé, olhos úmidos e corpo desprendido de qualquer postura que denunciasse algum entusiasmo, devem ter sido muito longos. Até que perdesse a esperança em qualquer possibilidade de apoio. Ela foi a última a ir embora.

– ... Não percebemos isso no ano passado. Eles já estavam dando indícios de todo este processo. Lembram que alguns moradores de rua ocupavam aquela área à noite? Intensificaram o patrulhamento policial lá e, de repente, ninguém mais usava aquele espaço para dormir...

– Não tenho certeza se isto é o mais importante. Pois todas as reuniões dos fóruns sobre a anti-alienação também pararam de acontecer lá nos últimos anos.

– Mas isto foi um processo diferente. Estes fóruns não aconteceram mais por causa das lideranças. O deixaram de lado por que aceitaram cargos públicos.

– Você estava lá Lauro! Se tivesse ido junto com eles naquele projeto da prefeitura poderia ter mantido o fórum com recursos públicos...

– Vamos discutir isto novamente Anderson? Eu tinha deixado clara a minha posição de que este tipo de movimento social não podia depender de compromisso com a prefeitura...

– Eu não acredito! Não reflete sobre suas ações?!

– Pessoal! Vamos voltar a discussão do seminário, por favor... – Carlos acordou de seus devaneios. – A questão dos espaços públicos e privados. Faça uma questão para seguirmos nesta linha: Pensemos em quais espaços foram, digamos “abandonados”, nos últimos anos e, por coincidência, começaram a ganhar a atenção das iniciativas privadas...

– Lembro do antigo centro de eventos do parque central. Anunciaram, há uns dez anos, a impossibilidade estrutural dele em abrigar qualquer tipo de...

A persiana sacudiu a poeira e pareceu se enrolar sobre si mesma. Voltou ao lugar depois de alguns segundos, dando ao seu som metálico alguma materialidade ao seu pensamento, mesmo que ele não sentisse o frescor da brisa. Carlos também a tinha deixado naquela sala, sem nem ao menos ter alguém a quem poderia direcionar suas esperanças, mesmo que inúteis. Não tinha se arrependido na época, aliás, nem ao menos se lembrava disso até o dia em que esbarrou com ela naquele evento. O impacto do encontro não fora tão grande além de uma ressaca moral. Mas depois de vê-la naqueles noticiários, tudo aquilo que circulou em torno de sua morte, foi impossível barrar a pressão da lembrança. Mas por que se culpar? As lutas se tornaram diferentes, nem ocupavam mais o mesmo espaço. Somente se surpreendeu com o fato de que aquela memória parecia ainda existir em algum lugar fora dele mesmo, e, um dia, subitamente apareceu, como um fantasma esquecido.

Quase podia imaginar ligações estruturadas nestes encontros, mas algo como uma sensação sua, uma circunstância qualquer, ou um simples humor, parecia deixar um pequeno espaço vazio, mas suficiente para algo desmoronar.

Olhou para o relógio. O tempo passara mais rápido do que imaginou.

– Muito bem. Na próxima aula avançaremos desta discussão mais estrutural em direção à questões mais específicas da educação. Leiam o texto sobre a relação privado-público nas escolas. E digo isto nessa ordem, pois parece ter mais sentido atualmente...

Leves risadas acompanharam as caminhadas em direção à porta. Carlos recolheu suas coisas e caminhou rapidamente, mostrando o quanto não estava disposto às habituais conversas depois da aula com alguns que sempre o cercavam. O elevador estava em manutenção, como era de costume. O dia estava quente, e mesmo na rua deveria contentar com qualquer sopro que mal balançava os galhos das menores árvores.

Andou até a principal praça da cidade, em frente ao museu. Ela parecia estar agitada e indiferente ao que cada um individualmente buscava, como sempre. Ao lado contrário do imponente prédio construído havia cem anos, barracas de vendedores populares enfileiravam-se. Carlos observou uma por uma, vendo rostos ora mais animados, ora mais cansados daquele cenário. Alguns nem pareciam reagir. Sabia que em um futuro não muito breve todos eles sairiam dali para dar espaço a algum tipo qualquer de inovação comercial. Viu policiais circulando em torno de grupos de mendigos, engravatados consultando o relógio e ajustando seus colarinhos, artistas de rua de olho na caixinha de moedas, pessoas empurrando carinhos de bebê e parando em frente de cada vitrine que passavam, senhores jogando damas e discutindo calorosamente sobre a última partida de futebol e trabalhadores sentados no meio-fio enquanto a tela de proteção da reforma do prédio oscilava suavemente em frente a escritórios de empresas de empréstimos consignados.

Carlos deixou de prestar a atenção em sua observação quando seu olhar praticamente foi arrastado pelo brilho vermelho dos cabe-

los de uma mulher atravessando a praça. Quase como se todo o caos da praça se transformasse em um fundo indiscernível daquele fluir vermelho, mas que ao mesmo tempo mantinha dele uma distância menos cintilante.

E por um instante Carlos não reconheceu mais nada naquele lugar em que estava. Ligou para Eduardo.

– BOM DIA. – DISSE INDIFERENTE O GAROTO ARRUMANDO OS PANFLETOS NA ENTRADA DO MUSEU.

Leopoldo parou um instante para observá-lo melhor. De cabelos compridos e bermudas ele seguiu empilhando os papéis sem lhe dar atenção. Em outros tempos os mediadores, mesmo os estagiários, não se vestiam assim. Em outros tempos, eles parariam imediatamente o que estavam fazendo para cumprimentá-lo decentemente, com postura.

Enquanto subia a escada parou novamente. Ou isto acontecia, na verdade, com o sei pai, e ele nunca percebera que as coisas foram se transformando dessa maneira? Olhou lá de cima para o museu. A sala central estava tomada de caixas e pessoas montando a nova exposição sobre estéticas plásticas. Reprovou timidamente com a cabeça. Novamente confortou-se observando as entradas das salas de exposições permanentes. Mas até quando elas durariam?

A sua secretária era a única que ainda parecia manter algo dos bons tempos. Acomodou-se mais sozinho do que nunca em sua sala. O jornal soava como ficção. Plínio não entraria pela porta como fazia nos últimos dois anos. Não tinha mais nem sua pesquisa. A única posição que a congregação permitiu a ele foi seguir no cargo de diretor do museu. No mais, nunca tinha pensado tão consistentemente como hoje em aposentadoria, mesmo que conseguisse visualizar a imagem do pai o reprovando pela aceitação da derrota.

– Senhor Leopoldo.

Ele despertou assustado.

– Desculpe entrar assim, mas o senhor não respondia às chamadas. Olhou ao redor como se tivesse se esquecido de onde estava.

– Peço desculpas, Carmen. Estou mais distraído que o normal hoje...

– A organizadora da exposição quer falar com o senhor.

– Peça para ela entrar, por favor...

Leopoldo respirou fundo e congelou sua postura. Mas o corpo despreendeu-se sem controle quando a mulher entrou no escritório. Até mesmo as descrições físico-psicológicas, tão ao gosto de Leopoldo, esvaneceram-se na presença dela. Apenas um traço se destacava e soava como um borrão a cada movimento. Ruiva, insolentemente ruiva.

– Bom dia, senhor Leopoldo.

– Bom dia. Peço perdão, mas não me recordo do seu nome... – Disse imprevisivelmente sem jeito. Trocou e-mails com ela, mas as palavras que lera não o tinham chamado a atenção a ponto de abalar suas percepções.

– Cléo.

Até mesmo a sala pareceu desmoronar.

– Desculpe... Cléo?

– Sim. O senhor está bem?

Leopoldo prestou mais atenção ao seu rosto. Não, definitivamente não poderia ser ela. Era mais nova, parecia mais magra. Chegou até mesmo comprimir os olhos, tentando se concentrar mais. Não fazia nenhum sentido.

– Com licença. Mas o que está fazendo? – Disse ela deixando sua leveza para trás.

– Peço desculpas. Não estou muito bem nessa manha. – Disse ele soltando o corpo para trás.

– Se a hora for inconveniente, podemos marcar outro encontro. Ela sorriu, e Leopoldo pareceu voltar à realidade.

– Não, tudo bem. Somente mais uma pergunta: qual é o seu nome completo?

– Cléo Vitória dos Passos. Por que a pergunta?

– Pensei conhecer algum dos seus parentes. Mas parece que me enganei. Bom... – Emendou Leopoldo forçando a simpatia. – Em que posso ser útil?

– Creio que houve um mal entendido. Vamos precisar de uma sala além do saguão principal.

– As outras salas são da exposição permanente.

– Entendo... Mas achei que tinha deixado claro isto nos nossos e-mails. E, pelo que me lembro, uma das alas permanentes ficaria a disposição enquanto durasse esta exposição.

– Nós nunca excluímos nenhuma parte de nossa exposição permanente. Aliás, por isso ela se intitula assim...

Os dois sorriram um para o outro, embora a expressão soasse oposta.

– Temos sempre uma primeira vez, não? – Disse ela.

– Responda-me, por favor. Por que esta exposição não pode utilizar todo o amplo espaço do salão principal, como todas as outras?

– Nossa exposição requer exercícios de descentramento da percepção, caro diretor. Precisamos de um ambiente sem luz para que outros sentidos possam ser um meio de apreciação das obras.

Leopoldo não sabia exatamente como responder aquela questão, somente tinha certeza de que não era válida. Lembrou subitamente de um dia em que questionou outra expositora e ela simplesmente desfilou desmedidamente um carnaval de teorias e tendências recentes das quais não tinha a mínima familiaridade, e nem julgava necessário ter. Afinal, era o diretor do museu e cabia a ele simplesmente separar o que era adequado do seu contrário. E, infelizmente, estava em frente a mais um exemplar de tensão entre aquilo que ele mantinha com unhas e dentes como digno de ser exposto naquele espaço, e o que não deveria criar raízes.

Às vezes pensava em como essas raízes cresceram sem o seu controle.

– Infelizmente não posso atender o seu pedido. O salão principal desde sempre foi o espaço das produções contemporâneas. Quanto aos outros, estes são daquilo que permanece como base de nossa cultura. E nisto, não podemos interferir.

– Ainda bem que eles se fundamentaram sem que ninguém tenha... Interferido, caro diretor. De qualquer forma vou recorrer a outras instâncias. – Disse ela já indo em direção à porta. Antes de atravessá-la, olhou, agora solenemente, para trás. – E, além disto, creio que ultimamente sua palavra esteja longe de ser a final.

Saiu sem se despedir, somente deixando vestígios de um perfume não reconhecido por ele.

Leopoldo pegou sua pasta e saiu.

– Carmem. Cancele qualquer compromisso. Se é que tenho algum...

Ao sair evitou olhar com muita atenção para a movimentação no salão principal. Somente viu, com esforço para não ser percebido, a mulher agitada dando instruções para a montagem, como se tivesse certeza de que tudo sairia conforme ela queria, independentemente das negativas dele. Aquilo não o irritara como aconteceria em outros momentos, somente o deixou constrangido. E foi assim que desceu os mesmo degraus de mármore em que tantas vezes aguardou com orgulho receber as mais célebres personalidades do estado durante sua juventude. Um folheto multicolorido com as palavras “explorações das sensações” voou em frente ao seu rosto e pousou quase na calçada. Ele não teve curiosidade de olhá-lo depois de guardar o título na memória. Sentou-se em um banco da praça em frente ao museu. Às suas costas um busto de um dos maiores poetas do país, exposto ali justamente pelo esforço de pessoas como ele. À sua frente alguns vendedores de bijuterias, camisetas de rock, bolsas, sapatos e outras coisas. Além disto, visualizou algumas mulheres de meia-idade abordando homens que passavam apressadamente, e que nem perceberiam os monumentos, caso não tivessem de desviar deles. À sua esquerda, os ombros do seu General favorito estavam adornados com esterco de pombo escorrendo até as medalhas no peito.

Desde que a notícia do assassinato de Cléo caiu em seu colo como o acidente ultrajante na história, aquele fantasma não abandonou os seus movimentos. Como poderia esquecer-se de uma lembrança? E como ela voltaria depois de julgar esquecida? Colegas seus o explicariam isso devido a regiões do cérebro, consistentemente é óbvio.

Mas desde que o julgamento da congregação a seu respeito fora tão equivocado como acabara de acontecer, perdeu certas confianças que jamais imaginaria poderem ser de qualquer forma relativizadas.

E ela apareceu novamente, independente de qualquer dúvida, fato ou interpretação.

Podia quase ver diante dos seus olhos quando ele foi o primeiro a ir embora depois que ela pediu ajuda. De certa forma, a ingenuidade do pedido dela foi como um respiro nas palavras medidas das quais ele estava aprendendo a lidar. E, ironicamente, talvez fosse essa mesma ingenuidade que o levara a situação em que agora se encontrava. Mas na época não podia aceitar aquilo que ela pedia, era o mesmo que ter materializado a sua frente aqueles inimigos que, mesmo que imaginários, dão sentido as nossas tristes vidas.

Depois disso, só a encontrou novamente em momentos que racharam territórios em que sua vida atravessa conhecidamente. Quase podia pensar nos eventos em uma linha temporal, mas a cada encontro com aquele nome, o tempo pareceu soprar mais forte, como um prelúdio de tempestade.

– Senhor. Pode comprar para me ajudar?

Leopoldo viu a mulher a sua frente estendendo uma imagem que parecia ser de uma santa qualquer.

– Quanto custa?

– Quanto o senhor puder dar.

Ele tomou a estátua de plástico em miniatura nas mãos. Sentiu seus relevos, parecia ser bem feita, apesar de tudo. Encarou o quase imperceptível rosto dela, os pequenos olhos o confortaram, eram pequenas manchas brancas tocadas rapidamente com algo pontiagudo. Somente órbitas sem vida, mas que criavam algum efeito nas pessoas. Puxou uma nota de cinco reais e entregou a mulher que se retirou imediatamente.

Leopoldo guardou a imagem no bolso. Sem decidir conscientemente permaneceu sentado, observando as pessoas caminhando ou paradas em frente aos monumentos.

O BURBURINHO ERA INCAPAZ DE FAZÊ-LA SENTIR-SE ESPECIAL.

Sentada naquela mesa fixa ao chão, ela não via nenhum sentido em tentar fazer algo diferente. Por muito tempo em sua vida tentou tomar um caminho diverso daquilo que o dito contexto social reservara a ela. Mas quando conseguia concretizar isso na prática, percebia que o outro lado buscava aquilo que refutava. Ao menos era assim que soava, quando aceitava os convites dóceis de um passeio de namorados, um tempo a sós, algo que traçasse em contornos nítidos toda a sua esperança de fuga.

– Era disso que eu falava, princesa. Ficar com você longe de toda aquela confusão. – Disse ele dando o beijo mais carinhoso do universo em sua testa.

Nem conseguiu contar quantos conhecidos atravessaram despreocupadamente, entre lojas, lanchonetes e cinemas; o seu caminho. Buscara sair de sua teoria e ir à prática, mas esta se tornou mais parecida com aquela. Se quisesse estar ali naquele momento não seria como julgava ser. E não encontrava maneira de deixar isso claro.

– Querido. Não precisa me comprar nada. Vamos caminhar e quem sabe procurar algum movimento na rua?

– Como assim, princesa? Quero te dar tudo. A rua anda muito perigosa. Aqui temos até um ar condicionado. Sabia que quando eu era moleque não podia entrar nesses lugares? Os seguranças logo me colocavam para a rua a pancadas...

Ao seu redor as pessoas pareciam partilhar da mesma confiança dele.

– ... Agora ando de cabeça erguida. – Seguiu ele observando despreocupadamente o mesmo ambiente que ela.

Apesar da impossibilidade da reciprocidade.

– Quando você foi embora eu decidi esperar um pouco, sabe? Deixar a poeira baixar, como dizem, ficar sereno, na minha...

Uma garotinha de mais ou menos quatro anos balançava os braços da mãe gritando qualquer coisa. Sob as negativas, ela começou a se balançar com o corpo inteiro, até se jogar no chão, espalhando sorvete sobre o brilhante piso. Pessoas passavam e olhavam a cena sem

se comprometer muito, algumas sérias e outras rindo. A mãe girava o rosto para os lados, como a procurar alguma coisa. A menina agora rolava, aos gritos misturados com um choro estridente.

– ... E consegui me manter tranquilo. Pois no fundo sabia que fomos feitos para ficarmos juntos. – Ele uniu as mãos dos dois e as segurou firmemente. – E já que estamos aqui, não vamos mais nos separar daquele jeito. Certo, princesa?

A mãe parece ter desistido da luta e agarrou a menina pelo corpo, saindo do shopping tendo aquele corpo sacolejando embaixo dos seus braços como um saco qualquer.

– Princesa?

Ela voltou a olhá-lo. Ele afastara o corpo e seu rosto estava mais sério do que ela imaginava.

– Não me sinto bem aqui. Vamos para outro lugar? – Disse sem se importar.

Sócrates levantou claramente contrariado. Sorriu.

– Vamos circular, então. A vida é curta para ficarmos parados muito tempo.

Alana recolheu sua bolsa de pano em silêncio, tirou o lixo da mesa e seguiu pelo corredor repleto de vitrines. Sócrates a seguiu um tanto quanto desconcertado. Ela seguiu mais um tempo à frente, até que ele a segurou pelo braço.

– O que houve?

Ela puxou alguns fios de cabelo por trás da orelha.

– Nada demais. Não me sinto muito bem. Se caminharmos um pouco pela praça, acho que passa.

Sócrates a abraçou carinhosamente. Ao chegarem ao parque ele sentou-se em um banco e ela seguiu uma caminhada desorientada e sem sentido para ele. O sol estava forte e o lugar movimentado. Sua ação mais comum seria a de sentar-se em um lugar escolhido depois de uma cuidadosa observação. Por onde poderia fugir mais facilmente? Qual era a melhor posição em relação aos policiais que circulavam no local? Perguntas que sempre eram impostas à sua memória toda vez que estava em locais abertos e, principalmente, públicos. E

realmente não gostava deles, preferia os espaços mais fechados, com amplas entradas, como shopping centers e condomínios.

Mas desta vez deixou-se relaxar no primeiro banco vago que encontrou. Comprou pipoca e observou o alienado caminhar do seu amor. Mesmo assim, uma sensação o perseguia, como um calor que demonstrava exatamente onde os policiais estavam passando. Não gostava de pensar nisso como uma sensação, mas sim como sua racionalidade trabalhando as melhores possibilidades, depois de muita disciplina. Alguns no morro já atribuíram a ele um sexto sentido, e ele acredita ser pura bobagem. O que existia era um pensamento sempre em direção a verdade.

Ele a viu parar para admirar um grupo de moleques brincando perto do chafariz. Ficou atento, pois nesses lugares muitos homens poderiam ser grosseiros com uma mulher daquelas. E ele estaria sempre pronto a agir sem nenhum cálculo de consequências caso precisasse. E isto o incomodara muito, não queria estar ali. Mas ela parecia tão aérea que, por hora, seria melhor atender ao que pedia. O que cabia a ele, no momento, era protegê-la.

Alana viu os meninos agitados indecisos sobre pular ou não na água. Vontade explicitamente não faltava, mas eles entreolhavam-se prontos a responder a qualquer um que tomasse a iniciativa. Eles se empurravam, ameaçavam pular a mureta, e acabavam voltando enquanto se contorciam entre pulos e risadas. Pensou em como incentivá-los a entrar, logo aquele lugar estaria cercado, com certeza por exigência de historiadores que acreditavam que assim fariam a população respeitarem os espaços públicos.

Viu o museu ao fundo daquele chafariz quase centenário. Ambos sólidos, mas isolados em sua fragilidade frente aquela movimentação que parecia ser independente deles para seguir a vida. Entusiasmou-se ao identificar em meio às pichações em sua base a assinatura de uma turma que conhecera na vila. Eram em um tom azul escuro e sentiu-se de certa forma orgulhosa em saber que somente poucos codificariam aquela assinatura. Lembrou de uma colega da república que disse achar um absurdo assinaturas individuais ou de pequenos

grupos nas pichações. “Afinal”, concluiu ela, “não é uma questão de individualidades, mas sim de protesto por algo maior.” Ainda bem que todos podem manifestar qualquer ínfima individualidade, quando muitos nem uma cama só para si têm.

Sacudiu a cabeça para tentar dispensar aquelas discussões com seus colegas estudantes. Conseguia sentir um peso no ombro toda vez que chegava a conclusão que ninguém nunca aprendia nada nesses bate-bocas intermináveis, afinal, todos estão ali para defender uma posição pré-determinada mesmo.

E ela mesma seria diferente? A última frase parecia ter saído mais de sua mãe do que de si.

Ouviu à sua frente o estrondo da água e viu o disparo dos pompos. Os três se atiraram de vez, e ela assegurou-se de que aquela imagem daqueles pequenos corpos flutuando em meio a água nem tão limpa assim deveria ficar para sempre em sua lembrança. Outras crianças entraram na festa, e muitas outras tentaram, mas logo foram impedidas. Um pequeno tumulto formou-se em volta do chafariz, e as únicas que permaneceram na água foram as que provavelmente não tinham família. Alana continuou ali, observando aquelas crianças sem interferir no que faziam, como se o tempo pensado e pesado em que estava fosse suspenso pela simples apreciação daquela cena.

De súbito eles saíram espalhando pela calçada quente manchas que logo se evaporavam. Ela pode ver dois policiais se aproximando.

Enquanto acompanhou a fuga anárquica dos meninos, viu Sócrates, que a observava sem parecer nem piscar os olhos. Não sabia o que dizer. Não sabia o que pensar. Alguma coisa mudou, e ela temia o que isso poderia significar. Ou talvez soubesse, já de antemão, mas insistia em não dar luz nem palavra àquilo. Aquele homem lindo não parecia ser mais sua derradeira fuga a tudo aquilo que era esperado dela, mas sim a prisão em outros significados, que nem levava em conta como podem ainda existir para pessoas como ela. A princesa, seu apelido carinhoso, deixou de ser uma simples demonstração de afeto por quem ela julgava não ser capaz de demonstrar isso de outra forma, para tornar-se o prelúdio de uma relação que soava como

inevitável, mesmo que ainda não concretizada. Esta era a sua triste constatação, e, como todo ponto final decepcionante, difícil de ser materializado em alguma prática definitiva.

Sorriu e ele abanou alegremente.

Ela caminhou mais um pouco por entre os estreitos caminhos da praça. Preferiu não ver algumas coisas que se mostravam e deteve-se em outras não tão explícitas assim. Da bonita escadaria do museu surgiu uma mulher que chamou sua atenção. Andava decidida, apressada, mas qualquer olhar mais atento poderia ver que se detinha a alguns detalhes ao seu redor. Como os girassóis que ascendiam e faziam uma curva quase apontando sua órbita de um amarelo resplandecente para as lixeiras cujo conteúdo não condizia com cada especificidade de seu estar ali. Sacos de plástico nos metais, bitucas de cigarro nos papéis. Quantas pessoas fazem isso em lugares como este? Alana decidiu tentar olhar discretamente para aquela mulher.

Ela parou em frente a um homem logo no início da entrada do museu. Pareceu conversar com ele sobre algo sério ou, no mínimo, digno de uma pausa mais atenta. Ele indicou algumas coisas com as mãos e logo depois ela pareceu sorrir, enquanto uma inesperada e singular rajada de vento fez com que o vermelho vivo de seus cabelos se espalhasse acima de deles. A mulher ruiva seguiu seu caminho e passou em frente à Alana. Ela a encarou, e, por algum momento, sentiu que as duas acabariam conversando de uma maneira ou de outra. Quase como se uma força qualquer as impelisse uma em direção a outra. Como em câmera lenta, o ondulado que o andar produziu naquele revoltado avermelhado sobre a cabeça dela quase hipnotizou Alana. E ambas se distanciaram sucessivamente, uma em movimento e, a outra, estática.

Alana despertou ao toque suave de Sócrates, que a trouxe novamente para aquilo que é entendível no mundo, mesmo que por vezes sendo justamente o que menos se quer.

– Vamos para casa, princesa?

Ela segurou a mão dele. Não sabia aonde aquilo iria levar, mas era o que por hora podia fazer de melhor. E tudo tem que começar por algo.

falar para ninguém

– TEREMOS QUE LIDAR COM ISSO?

“Uma conclusão que acaba aberta? Não alcançamos a justiça, antes a morte nos pegou de surpresa, mais silenciosa do que muitas verdades do passado deste país...”

O teto continuava do mesmo jeito, antes de tudo começar. Nos últimos dias nem prometera mais a si mesmo que o limparia, como tantas vezes já fizera. Não importava. Os faróis dos carros continuavam lançando feixes refletidos nele, o breve momento de luz lançada em sua contemplação do fracasso. A teia de aranha balançou ao mesmo tempo da passagem da última luz amarelada. E logo ele não a viu mais, podia sentir-se aliviado até a próxima claridade vinda de fora.

– Eu volto a perguntar: teremos que lidar com isso ou fazer alguma coisa a respeito?

– Mas senhor. O caso foi concluído. O sujeito se matou e declarou confessar os seus crimes à polícia.

Arnaldo ouvia a discussão na televisão mesmo que não quisesse. Ao menos o sujeito teve a decência de fazer aquilo depois que tinha saído, pois tudo ficaria ainda mais complicado para ele. Aquela conversa pulsava em sua cabeça ao mesmo ritmo de sua dor de cabeça. Ainda não entendia muito bem. Afinal, o tal observador matou ou não a matou? E se não, qual seria sua responsabilidade nisso? Sentiu-se envolvido em um jogo que criava as próprias regras a cada jogada, e que a estranha saída para ele seria burlar todas as probabilidades.

Como se para vencer fosse necessário desistir, ou abandonar tudo aquilo que pudesse de alguma forma ter atualidade. Ir embora, talvez fosse o termo mais exato.

– Crimes?! Mas que crimes?! Acabou de ser constatado exaustivamente que a maioria das mulheres da lista que ele deixou estão vivas e felizes. As que já morreram se foram por motivos outros, muito bem constatados, inclusive.

Ele levantou-se do sofá subitamente. Aumentou o volume.

– Isso já foi confirmado?

– É o que estou dizendo. Esse sujeito não matou nenhuma dessas mulheres. Não se sabe até agora por que cargas d’água ele levava consigo aquela lista.

Arnaldo andou alguns passos em círculos. Nem tinha reparado que depois de sair na delegacia e ir até o endereço que o homem lhe dera, não comeu, dormiu ou mesmo tomou banho. Suas calças quase caíram com seus passos, a braguilha estava aberta e sua roupa e sua cara estavam, no mínimo, tão amassadas quanto os papeis que trouxe consigo. Os desamassou pensando em talvez chamar Alana, para que juntos pudessem pensar no que aquilo significava. Na verdade ainda não tinha certeza se queria continuar se envolvendo com aquilo ou não. Ler aquele novo documento talvez o levasse para outro lugar, como já acontecera, onde provavelmente estaria em situações nas quais não saberia como reagir. E tudo continuaria se espalhando sem nunca chegar a um ponto final. Estaria disposto a se arriscar a isso?

Quase pode ouvir as palavras de Cléo afirmando justamente o contrário. Seria bom seguir assim...

Encarou os papeis por alguns segundos. Estendeu a mão e ouviu a campanha.

Em frente ao seu portão estava quem menos queria ver, mas quem mais sabia que logo encontraria.

– Demorei a vir mais do que queria

– Entre inspetor... – Respondeu cabisbaixo.

Adão entrou na sala, parou com as mãos à cintura e olhou inexpressivamente ao seu redor.

– Não precisa mais me chamar de inspetor...

Tirou alguns papéis e latas de cerveja esparramadas em cima do sofá antes de sentar-se. Arnaldo ficou em uma poltrona.

– Nunca arruma isso aqui?

– Só quando espero alguém desejável...

Adão balançou o indicador em direção a Arnaldo. Sua testa estava enrugada.

– Pode existir salvação para você. Reagir é um bom começo, mas cuidado com quem treina. Com algumas pessoas tem que ser só para valer.

– Por que não é mais inspetor?

– Não precisa se fazer de bobo, Arnaldo. Isso eu já sei que você é. – Disse ele sem encará-lo.

– Quer saber o que ele me disse?

Adão esticou as calças e abriu a fivela do cinto. Sua respiração pareceu fluir mais tranquilamente.

– Estou esperando...

– Ele não a matou.

– Imaginei que ele diria isso.

– Mas acredita?

– Talvez eu não tenha escolha.

– Ele queria passar para mim um tipo de mensagem, ou algo do tipo. Como se eu fosse seguir o que ele estava fazendo. E parecia que Cléo estava envolvida nisso.

Arnaldo olhou discretamente para a pilha de papéis ao lado de Adão. Este percebeu a hesitação seguida do olhar.

– E o que seria? – perguntou o ex-policia.

– Ainda não sei... Mas a resposta está ao seu lado...

Adão girou o tronco com dificuldade. Olhou para as folhas por algum tempo. Elas estavam quase espalhadas.

– Papéis e mais papéis... – Sussurrou imóvel.

– Ainda não sei o que fazer com eles. Quem sabe deixar você levá-los seja a melhor escolha.

– Sempre há algo errado quando querem colaborar... – Disse Adão ainda imóvel, como a falar para ninguém.

Arnaldo pegou o controle da televisão e aumentou o volume. Adão saiu de sua concentração especulativa.

– Em uma ação histórica, as polícias civil e militar, conjuntamente, fizeram uma nova triagem a partir da chamada “lista do observador”. Chegou-se a conclusão definitiva de que nenhuma das mulheres foi morta por alguém.

Arnaldo procurou evitar o olhar de Adão. Este pareceu fazer o mesmo.

– E agora fica a questão: este homem realmente foi o responsável pela morte da professora Cléo Sabathini? Lembremos que a polícia chegou a ele através de um mero depoimento de uma testemunha que também fora acusada do crime e, que agora também está morta. Aliás, este mesmo homem foi acusado da morte dela. E também temos o homem cuja identidade está sob proteção da polícia. Alguém chamado pelo observador a conversar horas antes de morrer.

– É um caso muito complicado mesmo...

– Agora vamos ver algumas opiniões de populares sobre a grande questão. O caso da professora deve continuar a ser investigado ou não?

Imagens de transeuntes surgiram na tela, e Arnaldo diminui o volume.

– Eu estou sob proteção policial?

– Exatamente. Não pode sair do país e nem ao menos viajar sem pedir autorização às autoridades. – Disse Adão já se levantando. – Mas eu não me preocuparia, você não deve viajar muito... Além disso, é possível que alguém interessado na não resolução do caso venha procurá-lo. Pense pelo lado positivo, Arnaldo. – Ele bateu as mãos na camisa como a espanar o pó. – Pelo menos agora alguém se preocupa com você.

Ele já caminha em direção a porta quando Arnaldo perguntou:

– Mas e o caso? Vai continuar a ser investigado?

– Isso não depende de mim. Estou aposentado. Mas provavelmente sim, a mídia em cima dele é grande e o delegado não vai querer passar por alguém sem compromisso com a verdade. Então espere a visita de colegas...

– Já sei. Com o cabelo cheio de gel e diploma de psicologia.

– Se até você sabe as minhas piadas, é por que elas estão ultrapassadas...

– E esses papéis que o tal observador pediu que eu pegasse?

Adão olhou para cima do sofá novamente. Esfregou a grande mão no queixo.

– Não me importo. Faça o que quiser...

– O que veio fazer aqui então, inspetor?

Ele já estava no pátio quando respondeu:

– Me certificar de que o melhor é ir para casa...

As últimas sílabas soaram para Arnaldo como um eco. Viu aquele velho homem, provavelmente criminoso de tempos da ditadura, indo embora tranquilamente, admirando as grandes árvores da sua rua enquanto caminhava. Adão ia para casa, certamente, e ele esperava ir embora, sem saber como ou exatamente para onde.

Fez um café, como sempre fazia. Ainda tinha que dar aula quinze para oito, ou pelo menos era o que dizia seu contrato. Bebeu alguns goles e decidiu dar uma caminhada, ao menos para servir de desculpa para tomar banho. A vida noturna de seu bairro era mais pacata do que parecia durante o dia, pois naquela hora ele parecia servir mais como um ponto de passagem, onde pessoas sempre estavam em busca de outro lugar, e a travessia daquela região fazia parte disto. Onde antes pessoas pareciam ir aos seus trabalhos ou fugir de suas famílias, agora pareciam circular esparsamente algumas prostitutas e pessoas voltando dos supermercados. Entrou no mesmo bar que fora na tarde em que descobriu a morte de Cléo.

O atendente ainda era o mesmo, ou parecia ser, já que não notou a entrada dele e seguiu bebendo a sua cerveja e assistindo ao fim da novela das oito. Quando acomodou-se, ou algo próximo a isso, em uma mesa de metal enferrujado com uma tolha plástica por cima, foi atendido por uma senhora enrugada com um cigarro no canto da boca, provavelmente a esposa do homem próximo a televisão. Pediu uma cerveja, já arrependido de estar ali.

Através da grande porta do bar, que mais parecia uma entrada de garagem usada, Arnaldo viu a mesma rua daquele dia. O engarra-

famento dera lugar à uma imagem escurecida, esvaziada e, de certa forma, mais limpa. Quase nada se via e tudo parecia dar mais espaço a qualquer coisa que se quisesse reparar. Mais uma noite no fim do mundo da passagem. Um ônibus cruzou a cena, quase vazio. O ronco do motor se propagou mais autoritário, sem precisar se impor como quando a rua está tomada por outros veículos.

E sem maiores causalidades um casal silencioso entrou no bar.

Arnaldo ainda parecia estar à espera de algo. Mas a esta altura não deveria estar refletindo sobre as consequências do que aconteceu, do seu aprendizado? E o som do ônibus deu lugar ao de um carro popular acelerando e cruzando como um borrão o seu campo de visão. O casal silencioso pediu uma dúzia de mini-pasteis e a mulher acendeu mais um cigarro enquanto fez o pedido a moça que cozinhava. O homem em frente à televisão movimentou-se, isto é, cruzou os braços. Quem deles imaginaria que, não havia muito tempo, Arnaldo estava envolvido em um tiroteio entre traficantes, policiais e algo parecido com mafiosos? O mundo absorveu algo de um pequena trama policialesca?

Algo ainda não se encaixava, e ali onde vira o catador e o cachorro deveria estar o ponto de ascensão de algum profundo insight qualquer. Alguém poderia dizer que eles só surgem depois de muita pesquisa, de sucessivos olhares atentos que buscam visualizar o conjunto se configurando, mesmo que abstratamente. Mas Arnaldo sentiu-se tão envolvido nesta empiria descontrolada e sem margens para dela ascender que focou sua visão naquele ponto quase esperando alguma revelação divina. Somente aquela lixeira, nada mais.

Isto não acontece assim, diriam os mais responsáveis.

No invisível do que percebia, o catador e o cachorro se moviam, talvez do mesmo jeito que antes. Mas não lhe deram nenhum ensinamento e seguiram indiferentes.

O mesmô bado que lhe pediu dinheiro da outra vez adentrou o bar cabisbaixo, e Arnaldo decidiu ir embora. Sorriu por assegurar-se de uma ínfima certeza de que, pelo menos neste caso, aprendera alguma coisa.

*Pleased to meet you
Hope you guess my name
But what's puzzling you
Is the nature of my game*

Arnaldo acordou no horário de sempre. Apertou os olhos e ouviu aquele refrão soando com os tambores ao fundo. O rádio relógio estava no horário certo, mas não seria cedo demais para uma música como aquela?

O dia se iniciava nublado, sombras que soavam como um respiro para o professor de história. Na escola, o movimento produzia o burburinho de todas as manhãs, exceto pela estranha sensação de estar sendo mais observado que o normal. Algumas histórias a respeito do professor maluco pareciam ter circulado, uns diziam que ele ameaçou de morte certo membro da secretaria da educação. Quem sabe até poderia ser divertido, pensou Arnaldo enquanto cruzava o pátio. Na verdade, depois de alguns minutos dentro do prédio já não percebia mais olhares o perseguindo.

Na sala dos professores, jogou sua mochila em cima da mesa e tirou algumas coisas que não precisaria para os primeiros períodos. Puxou alguns livros paradidáticos, pastas transparentes com cadernos de chamada e deparou-se novamente com aquela mesma pilha de papel amassado. Nem lembrava que a tinha guardado ali. Já estava com as bordas escurecidas e com dobraduras salientes, como rugas de tristeza ou alegria, afinal, sabe-se lá o seu conteúdo. Guardou-a novamente dentro da mochila, o sinal tocara e o movimento rumo às salas andava sem pressa. Bebeu mais um café enquanto aos poucos a sala ficava vazia. Sem saber por que, uma cadeira lembrou-o de quando aquela professora veterana, cujo nome não lembrava, conversou com ele em seu primeiro dia de aula.

– Bom dia turma...

Bom-dias pela metade pipocaram timidamente aqui e ali.

Os ventiladores não estavam funcionando, novamente, e Arnaldo pensou em cancelar a aula por causa de problemas estruturais, no-

vamente. Pediu para os meninos sentados próximos a parede abrirem mais as janelas.

– Podemos aproveitar que hoje não tem sol. – Disse tentando acalmar a turma, afinal, todo o sol da manhã batia diretamente daquele lado do prédio.

– Sor...

– Sim? – Respondeu de costas, escrevendo a data no quadro.

– Por que quando estes ventiladores estão estragados simplesmente não vem alguém consertar? – Perguntou um aluno tentando abrir mais a janela que parecia emperrada.

Arnaldo deixou o giz riscar a metade da data e fitou o chão.

– Está aí uma boa pergunta... Não faço ideia....

Algumas risadas tomaram conta da sala.

– Mas professor... O senhor não trabalha aqui?

Ele encarou panoramicamente a turma. A maioria parecia estar mais do que interessada no que ele iria responder.

– Marquinhos; pode chamar o zelador? – Disse apontando para o menino que fez a primeira pergunta.

– Meu nome é Mateus.

– Sim, exatamente o que eu disse... Pode chamar o zelador?

Com uma expressão confusa, o menino andou com pressa para fora da sala.

Arnaldo continuou parado atrás de sua mesa, com os braços cruzados de quem estava mais sério do que nunca. Talvez alguns pensassem que aquela atitude seria algum tipo de punição, ou de aprendizado como chamavam alguns professores, novo para os alunos. Eles estavam acostumados a penas alternativas, como uma vez em que um estudante disse, enquanto Arnaldo o mandava para fora, “agora os professores estão nos dando tarefas construtivas, Sor, esse negócio de mandar para fora já está ultrapassado”.

O menino entrou na sala com a mesma pressa. Atrás dele, um homem, de meia-idade com um bigode mal aparado e uma saliente barriga, ficou parado na entrada.

– Algum problema professor? – Perguntou desconfiado.

– Seu Felipe...

– Roberto...

– Seu Roberto... Os ventiladores não estão funcionando.

– A fiação elétrica de todo este prédio precisa ser trocada. Já falei sobre isso com a diretora.

– E por que o senhor não consertou logo e só avisou?

O homem pareceu ficar surpreso com a pergunta. Começou a gaguejar uma resposta enquanto dava um passo atrás.

– Sor? – perguntou uma voz em meio às classes.

– Sim?

– O funcionário não pode fazer nada se alguém não autorizar.

– E como você sabe disso?

– Meu pai trabalha na Bem-Estar Seguros. Uma vez estragou tudo lá e culparam ele, mas sem o dinheiro ele não podia fazer nada.

– É Sor... Não tem nada a ver o senhor ficar cobrando dele. – Disse melodicamente uma menina.

– Pessoal, vamos nos acalmar... – Disse em voz alta Arnaldo. – O senhor Felipe aqui é responsável pelo funcionamento da escola, então temos que cobrar as coisas de quem...

– Mas das pessoas certas Sor! – Gritou a menina já de pé. – Ele não pode fazer nada se os professores e a diretoria não resolverem!

Arnaldo deu alguns passos para trás, um tanto quando assustado. Outros alunos resmungavam coisas ininteligíveis enquanto balançavam os braços.

– O senhor só não culpou a diretora por que está com medo dela! – gritou outro lá do fundo.

Arnaldo recuou até sentir o quadro negro às suas costas. O zelador ficou com meio-corpo para dentro da sala, não acreditando muito no que estava vendo.

– Gente, mas a culpa não é nossa também. Vocês sabem o quanto o estado investe em educação durante o ano?

– Por que o senhor não disse isso antes de colocar a culpa no seu Roberto?

Arnaldo viu-se sem saída. Realmente tudo que respondia soava

como uma maneira qualquer de se livrar das acusações ou questionamentos deles. Sentiu-se com mais medo do que quando estava no distrito industrial entre os tiros de Sócrates e Manolo.

– Seu Felipe, pode chamar a diretora, por favor? – Perguntou já se encaminhando para fora da sala.

– Roberto... – Respondeu ele já dando as costas.

– Vai chamar a diretora, Sor? – Disse devagar a menina provocando risada de alguns.

– Chega dessa baderna! Vocês estão pensando o que?! – Gritou Arnaldo indo para frente de sua mesa, usando a melhor potência que sua cansada voz ainda podia proporcionar.

– Mas Sor... Foi o senhor que começou. Vive dizendo que não fazemos nada na aula, e agora queremos saber por que não arrumam as coisas da escola...

Arnaldo viu pelo canto do olho a diretora em frente a porta, ainda do lado de fora, seguida pelo zelador. Olhou para ela com uma expressão de quem pedia ajuda, afinal, a maneira como ela controla turmas já era conhecida por toda a cidade. Abriu os braços, mas pôde ler nos lábios dela:

“Se vira, Arnaldo”

E a viu ir embora, ainda seguida pelo zelador que não se virou antes de esboçar um sorriso irônico.

– Muito bem... Eu sei que estava errado. Peço desculpas a todos... – Disse exagerando uma reverência à turma.

Alguns se sentaram, outros resmungaram alguma coisa enquanto outros ficaram do mesmo jeito que estavam antes.

– Vou propor então que vocês escolham uma saída para o nosso problema. O que acham?

– Estamos liberados da prova! – Gritou um do fundo.

– Podemos deixar os celulares ligados! – Gritou outra.

– Podemos sentar no colo uns dos outros...

Todos olharam para menina tímida sentada bem a frente das classes. Arnaldo coçou a cabeça, o que o fez lembrar-se de Sócrates. Quem sabe ele ali resolveria tudo rapidamente...

– Não se trata disso. Vamos fazer alguma coisa em relação a esta situação. Afinal, vocês acabaram de dizer que queriam questionar...

– Ih, vai pedir para a gente escrever uma redação. – Disse uma menina sentada bem à frente, enquanto espalmava a própria testa.

Arnaldo sentou-se sobre sua mesa. Fitava um espaço vazio atrás e acima da turma, além da própria parede descascada, como um lugar nenhum de onde as palavras poderiam vir.

– Tinha esse rapaz, não me lembro bem o nome dele... Vocês sabem o quanto sou ruim com nomes, não? Bem, de qualquer maneira, ele tinha mais ou menos a idade de vocês, mas talvez um pouco mais estranho. Realmente, muito estranho... Ele não gostava de jogar bola, vejam vocês, pois isto foi há muitos anos, e naquela época somente as meninas não jogavam bola. Forçavam-no a ser goleiro, pois era a única posição possível para quem não jogava bem. Sabem que depois de anos ele acabou até sendo um bom goleiro? Mas enfim, isto é outra história. O mais importante é que ele andava, digamos assim pelos cantos, não se dava bem com muitos colegas. Fora um aqui e outro ali, além de ser um bom piadista na aula. Algumas vezes fora expulso, ir conversar com a diretora, essas coisas... Mas, ao mesmo tempo, gostava de estudar, lia várias coisas, desenhava umas história em quadrinhos, bem toscas, mas feitas por ele mesmo.

– Ué, Sor. Mas se ele não jogava bola e gostava de estudar, como fazia piadas e era expulso da sala?

Arnaldo sorriu para si mesmo e seguiu falando, sem dar muita atenção às reações deles.

– Ele gostava de uma menina. E sabem como ele fazia para chamar a atenção dela? Jogava bolinhas de papel nela durante o recreio. Ela olhava para ele e ria, e esta era a única interação dos dois, mas a cada dia ele levava aquele sorriso repetitivo para casa, como se estivesse contemplando toda noite uma grande novidade.

– Que cara estranho...

– Uma vez, alguns anos depois, a turma toda se esforçou para organizar uma excursão à praia, vendaram coisas, arrecadaram algum dinheiro com os pais, etc. Sabem como é difícil arranjar dinheiro

quando os pais não têm, não? Pois então, ele acabou usando sua parte para comprar alguns discos, e acabou não indo à excursão. Ele passou o feriadão todo ouvindo seus discos novos no quarto, enquanto os seus colegas estavam na praia, bebendo cerveja pela primeira vez, dando seus primeiro beijos, fazendo piadinhas com os moradores do lugar, etc. Na volta às aulas ele ficou sem ir durante a primeira semana. Matar aula era outra coisa que gostava muito de fazer. Mas não deixou de ir só pela companhia de colegas, afinal, todas as vezes em que conseguia passar por baixo da cerca que separava a escola do bairro, não ia para o centro da cidade, como quase todos, ia para casa, assistir filmes e ler revistinhas. Não foi por que não queria ficar se justificando o porquê de não ter ido à excursão. Deixaria tudo passar, as conversas sobre aquilo ficarem mais mornas, enfim...

– Ele gostava de não fazer nada então, Sor?

– Acho que não, por que ele estava sempre fazendo algo. Só acredito que ele não tinha medo de ficar sozinho, como a maioria de nós.

– Mas ele é estranho, Sor. Por que era um cdf que gostava de fazer coisas que os CDFs não fazem...

– Ele não é como os CDFs daqueles filmes...

– E será que aqueles filmes estão sempre certos? – Perguntou Arnaldo encarando alguns alunos um após os outros.

Caminhou pela sala podendo ouvir seus próprios passos.

– Lembram de nossa aula sobre idade média?

Ninguém respondeu, mas ele sabia que alguns se lembravam.

– Lembram que estava escrito lá que a mobilidade social era bem menor que a nossa?

Outro silêncio, mas talvez mais positivo do que ele possa soar em uma aula.

– Pois bem... Quem sabe as coisas poderiam ser diferentes, assim como o que imaginam que nós possamos ser?...

Arnaldo saiu da escola naquela manhã um pouco mais leve que o normal. Não que estivesse irradiando de alegria, pois não teve muitas das suas dúvidas saciadas, e nem criou outro tipo de relação com

seu trabalho que o fizesse ter reencontrado algum tipo de vocação que tivesse se perdido pelo caminho. Apenas estava coberto por uma espécie de névoa que agora parecia poder sentir em seu corpo, como aveludada, aconchegante, não mais aquilo que cobria a seu caminho impossibilitando uma visão mais clara das coisas.

Aquilo que o sufocava agora parecia de uma forma não definida o acolher.

A falta de certeza parecia ter lhe feito o coração pulsar de outro jeito.

Não sabia ao certo que tipo de devaneio o tomara de assalto. Aliás, assalto, assassinato e outros similares vieram a sua mente provocando uma risada descompromissada. Pegou aqueles papéis novamente e leu a primeira linha de seu conteúdo. Hesitou por alguns instantes e os deixou cair dentro da lixeira, quase como se tivesse conduzido um acidente.

Esfregou as palmas das mãos e esticou os braços para cima até suas costas estalarem. Olhou em volta um pouco perdido, não lembrava onde tinha estacionado seu Uno.

As páginas na lixeira resistiam por algum tempo às investidas do vento. Muito vagarosamente elas eram folheadas, mas, ao mesmo tempo, vigorosamente, quando se viravam de vez.

Caso me leias, é por que mais alguma coisa ainda não se encaixa.

Além disto, se estas páginas aparecerem aos olhos de alguém, é por que não estou mais aqui. E isto é complicado, pois o que é impresso aqui, não necessariamente terá correspondência com o que ocorreu lá. Em outras palavras, não há nada que garanta que estas palavras representem algo fora delas mesmas.

A menina não tinha a inocência do senso-comum, aquela do não saber das coisas do mundo. Estava sim tomada pelo abandono da culpa, e isto foi uma casualidade que tornou-se necessário ter conhecimento, para que algo possa ser extraído. Enfim, do que se

trata? De como dizer sim pode ser perigoso. De como a desilusão amorosa pode se transformar em um modo de vida para além de modelos comportamentais. Onde tem sim e tem coração partido, realiza-se uma metamorfose.

E, obviamente, tem mais. Insiste uma vida, apesar de nos prepararmos ao longo dela para o momento em que estaremos certos de tudo. E chega o momento de crescer, de assumir responsabilidades, de ter uma resposta sempre na ponta língua a ser dada aos mais jovens, aos nossos filhos, etc. E o que mais passou por ela despercebido? Passou ou se conservou? Diria o compositor popular que “sempre é cedo”. E algumas coisas não regredem, mas ganham consistência fora do tempo certo, se é que ele existe, para golpear-nos como um martelo atemporal. E aquilo que surgiu do acaso praticamente torna-se uma necessidade. Não é mais possível lançar os dados novamente. Fui digna desta tragédia? E com ela sou capaz de rir e ir para o culto acreditando que o abandono por vezes é dádiva dos deuses?

E uma vida não para de passar...

No momento em que isto retornou, e aquela sorridente forma provisória novamente me encontrou no bosque, não pude mais fugir e me jogar no rio para acordar. A fuga parecia ser para dentro. A questão de sobrevivência era a de enterrar ainda mais os pés no solo, se possível as mãos e o resto do corpo. Nem o vestido, forma mais que tradicional de acentuar minha beleza feminina, podia ficar intacto a tal chamado da terra. Rasgá-lo era a forma de expor toda a superfície de minha pele ao mais profundo encontro em que não haveria mais um eu essencial, mesmo que nua.

E tudo que era transcendental me penetrou junto às formas orgânicas desse sonho.

Acordei sabendo que tudo aquilo não representava alguma falta em minha vida, alguma metáfora da qual eu deveria decodificar e ajustar os ponteiros do presente. Soava em minha lembrança como um chamado a outra vida, ou a esta mesma vida além daquilo que compôs minha percepção. Ainda não tinha certeza...

Como explicá-lo?

Poderia dizer que foi como trancar a respiração, cair da teia sem mesmo ver a aranha, erguer mais paredes multiplicando os caminhos do labirinto, fechar os olhos tão fortemente que se manifestam na escuridão coisas além do que se vê, perder a audição e ganhá-la novamente somente depois de estar em meio a uma língua estrangeira. As imagens seriam muitas, e não chegaríamos tão longe com elas quanto aquilo que as produziu. Na verdade, cada vez mais soa como se somente pudéssemos deixar para trás. Escapa a si mesmo no momento em que dizemos.

E mesmo falar para ninguém, não nos recompensará.

Trazendo à tona antigos presentes, resolvi pedir ajuda. E o fiz com toda minha vontade. Com toda força possível, demonstrei minha incapacidade. Fui frágil como somente alguém que tem coragem para mudar o que é tem. E, como resposta, apenas vi ombros precocemente arqueados me dando as costas, mesmo que cada um a sua maneira. Meus colegas da história, dos compartilhamentos de um passado comum, mesmo que múltiplo, estavam lá. E, para evitar o desequilíbrio inevitável de quando se está junto, optaram por ir, um a um, para seus devidos lugares do que se esperava socialmente.

Não entrarei nos pormenores, busco esvaziá-los, até que se saturem de assignificações. A cada acúmulo, um pouco mais de espaço para respirar, como uma distensão da concretude do que realmente aconteceu. E novas vidas podem coexistir. Estávamos todos lá, e eles voltaram aos seus lugares. Isto basta.

E pelas mãos do meu amigo que tantas vezes contrariei, consegui superar qualquer síntese como a única alternativa. Eu fui embora, e ele simplesmente levou o que sobrou de mim até onde pudessem me encontrar. Era sua condição, querer observar o efeito de minha última ausência.

E sobre o que veio depois, nada me interessa, pois é impossível dizer onde acaba. Em minha singela escolha, é aqui.

Cléo Sabathini

postfácio desesperado

ou quando o professor de história dá uma de escritor na academia

Mas não é bem verdade. Afinal, valeria mais a tentativa do que o resultado? Cuidado, pois ela pode ser a palavra de ordem dos displícites. Lembro agora de imagens de escritores que tem os próprios escritores em suas produções, o que por si só já daria uma bela dissertação. O que mais me marcou nos últimos dias foi Arturo Bandini de John Fante, ora em uma quase arrogância orgulhosa do que faz, ora desesperado por seu próprio fracasso. Bukowski e seu Henry Chinaski, onde escrever é quase uma doença que o faz odiar e temer seus próprios pares. Wade de Raymond Chandler (para citar a literatura policial), sufocado pela própria frustração de fazer sucesso escrevendo coisas que julgava mais desprezíveis que a vida em sociedade. Eles surgem sempre esquisitos, sempre atormentados pelas páginas em branco, por algo que saia do encontro com o desconhecido que parece ser o ato de escrever.

Difícil encontrar neles o ato de pesquisa. Escrever parece sempre ser algo que *surge* do longo embate silencioso entre os olhos, as mãos e as páginas.

Meu apuro me empurrava para a máquina de escrever. Sentava-me diante dela tomado de pesar por Arturo Bandini. Às vezes, uma ideia pairava inofensivamente através do quarto. Era como um pequeno pássaro branco. Não fazia por mal. Só queria me

ajudar, pobrezinho do pássaro. Mas eu o golpeava, martelava o teclado, e ele morria em minhas mãos. (FANTE, 2011, pg. 32)

Ou estamos em um desespero por não conseguir raspar a página em branco suficientemente, ou tristes por cada materialização de algo que era muito mais belo virtualmente. Enfim, sina da literatura de escritores. E se escrever fosse considerado um ato de pesquisa?

Um escritor só consegue escrever sobre uma única coisa: aquilo que se apresenta aos seus sentidos no momento da escrita... Sou um instrumento de registro... [...] Chamam isso de “posseção”... às vezes alguma entidade se apodera do corpo – silhuetas agitam-se como geléia amarelo-alaranjada – e mãos se deslocam [...] Nunca totalmente possuído, que fique claro, mas de algum modo em uma posição de antecipar movimentos mal calculados... Tal patrulhamento é na verdade minha ocupação principal... (BURROUGHS, 2005, pg. 227)

(Aliás, feliz por descobrir que Kerouac e Burroughs escreveram juntos um romance policial de início de carreira, chamado *E o hipopótamos foram cozidos em seus tanques*)

Beleza destas palavras de Burroughs, o patrulhamento que pode antecipar movimentos mal calculados. O diagrama de Deleuze parece estar pulsando junto a este procedimento de escrita. Temos vômito, mas temos mãos para não deixar que o caos tome conta e dissolva o que se quer produzir.

De qualquer modo, algumas satisfações devem ser dadas. Afinal, por que eu fiz esta dissertação da maneira como foi apresentada? O que eu quis dizer com isso? Um professor de história deve falar de história da maneira como se faz verdadeiramente história. Uma dissertação deve apresentar-se como uma verdadeira dissertação deve ser. “Não é produção de conhecimento”, essa eu já ouvi, pode contar outra, por favor? “Não pode-se transpor as linguagens de um tipo de conhecimento para outro.” Mais sofisticado, está anotado, vou pensar na semana que vem.

As histórias de mistério sempre me intrigaram, desde pequenininho. Quando eu tinha sete anos, abri um livro ilustrado de Conan

Doyle, e todas aquelas investigações me causaram uma vontade de aprender, mais do que os livros da escola. O que aconteceu? Quem fez isso? O carisma e inteligência de Sherlock Holmes e seu fiel escudeiro embalaram minha imaginação infantil, e a cada vez que eu virava as páginas dos livros, minhas pequeninas mãos tremiam de ansiedade e alegria. Até o dia em que elas voltaram a vibrar, mas desta vez para escrever uma história...

Admito que nem mentir bem eu consegui. Tentemos pela verdade, às vezes é melhor inventá-la, é mais produtivo.

O dia naquela reunião do grupo de pesquisa não foi bom. Julgava ter escrito um belo texto, em que todos os colegas me elogiariam de uma forma em que me tornaria escravo da própria perfeição que criei. Não poderia estar mais enganado, como a maioria das vezes, aliás. Todas as questões desmantelaram aquilo que eu julgava estar mais consistente do que qualquer gérmen de obra bem acabada. Generalidades expostas simploriamente, mistos mal analisados, clichês onde menos se esperava. Saí dali irritado, consolando-me na angústia de quem acredita ser mal compreendido.

Mas se, na vida, o que não nos mata nos deixa ainda mais estranhos, pode-se dar o mesmo com um simples ensaio inicial de escrita. E já não era sem tempo, pois ainda tinha muito, pensar como falar de ensino de história de uma maneira diferente. Gostava da ideia de que quando se fala de história, sempre se narra alguma história, independente da perspectiva teórica assumida. O que era muito estranho, afinal, narrativa pode ser entendida também como uma perspectiva teórica da história. Defendê-la seria o caminho então? Puxa-se da estante Peter Gay, Hiden White, Walter Benjamin, Paul Ricoer, Durval Muniz de Albuquerque Jr, etc.

Mas não. Embora os respeite, estes que citei, não era pela via do “assim se fará” que a vontade queria seguir. Alguma coisa não estava bem, como um desconforto que tinha certeza que me acompanharia por toda a pesquisa: formas de expressão, formas de conteúdo... Como lidar com isto? Posso dizer, agora, e somente agora, que buscava produzir uma dissertação que *fizesse, na superfície da própria*

escrita, aquilo que propunha como tema. O leitor que chegou até aqui já tem condições de julgar se, ao fim, alcancei algo parecido com isso.

Mas antes de qualquer negativa, por favor, permita-me mais algumas palavras.

Queria, como professor de história, a história e a narrativa, no sentido literário do termo, como algo potente para pensar o ensino. Mas teria que operar um recorte mais específico, e foi isso que a traumática reunião já exposta me fez pensar. Abrindo o último livro de Bukowski – *Pulp* – acreditei ter encontrado a resposta, não somente pelo conteúdo, mas pela epígrafe: “dedicado à subliteratura”. Do que ele estava falando? Pesquisei, daquele jeito inicial que todos fazem quando estão curiosos sobre algo que pode ser passageiro, e deparei-me com algumas tipologias interessantes. Era a literatura barata do final dos anos 20, publicada em pequenas revistas (a *Black Mask* pareceu ser a mais conhecida), surgida principalmente do interesse crescente de leitores de jornais por notícias policiais. Subliteratura? Talvez eu possa fazer isso também!

Depois de mais alguns percursos, a inocência e a euforia inicial dissipou-se, como qualquer ato de descoberta. O universo era amplo. Nos anos trinta este gênero literário (aceitando a categoria) cresceu, popularizou-se e foi capturado por Hollywood nos anos quarenta, onde vários filmes significativos foram produzidos. Vários clichês foram gerados, principalmente na imagem do detetive frustrado, os ambientes escuros e esfumaçados, a moralidade ambígua e a sensualidade das mulheres. Enfim, seria outra pesquisa, como se criam clichês? Os clichês são “criados”, visto que são clichês? De qualquer modo, a categoria aceita é chamada de noir. E isso é bonito e interessante.

E os meus devaneios trabalhavam: mesmo sendo um lugar-comum literário, que clima interessante para pensarmos a educação. Da mesma forma que as histórias – daquelas que não fui apaixonado durante a infância – chamadas de romance de enigma tinham ligação com a forma positivista de pensar, o noir apropriava-se de outros campos de pensamento. E se a verdade fosse mais negociável? E se

dependesse mais das paixões de quem a busca do que pelo comprometimento com o conhecimento? E se o acaso tivesse um papel fundamental? E se um mistério levasse a outro, e assim, por conseguinte?

Fui escrever, ao mesmo tempo em que lia os considerados “clássicos” do gênero: Chandler, Hammet, Hilmes, Goodis, Macdonald, M. Cain, outros um pouco mais recentes como Leonard, McBain e Elroy. No Brasil; Rubem Fonseca e Garcia-Roza. A lista iria muito longe, mas a obsessão por já escrever tomou tempo de muitas leituras. Começar por onde? Um assassinato era o que bastava, provisoriamente. Um professor de História amargurado? Ótimo, também provisoriamente. E lá vamos nós... Ele conhece uma mulher que abala suas estruturas? Vamos em frente. Ela é morta e ele é acusado mesmo sendo inocente? Não, ao menos de algum clichê consegui me livrar (perceba, caro leitor, que à medida que me livro de alguns, outros já me envolveram como uma teia; a metáfora da Hidra, citada por Deleuze (2007), não poderia ser mais adequada). Aceitei os disparos, vamos investir no clima, ele parecia mais interessante, por hora.

Não entendi porque fomos até a rua dos barzinhos de carro, afinal eram apenas poucas quadras. De qualquer maneira tivemos que contornar o quarteirão várias vezes até estacionar. E a distância não diminuiu significativamente. Mas devia ser algo importante para ele, então fomos. Como era de se esperar, o tal barzinho tinha fila para entrar. O nome: Tupiniquim. Aí eu já vi tudo. Fila, mulheres da classe média alta querendo parecer “brasileiras” e “populares” tomando uma cerveja de dez reais dançando samba-rock ao mesmo tempo que arrumavam seus cabelos. Mas eu estava animado. Era isso mesmo que eu esperava e com isso vou me divertir.

Lá dentro era escuro, quente e barulhento. Sem fumaça, afinal não se pode fumar em lugar nenhum no mundo. Logo percebi que precisaria de mais bebida. Dez reais uma cerveja. No meu tempo se pagava isso para beber enquanto alguma mulher dançava e tirava a roupa em um palquinho de madeira.

Algumas pessoas dançavam timidamente, outras conversavam animadamente, outras estavam na fila do banheiro, outras assistam caladas ao show e – para a minha sorte – poucas estavam na copa. Também, com cerveja a dez reais.

Creio que no processo de busca por este “clima noir” acabei es-corregando para uma espécie de ressentimento, ou ironia exagerada e impregnada por minhas próprias opiniões. De qualquer forma, este trecho faz parte da primeira versão de quatro.

Enquanto este exercício acontecia, outras questões ainda eram mais importantes: onde está o ensino de história em sua pluralidade? Temos uma personagem que é um professor de história, ok. Mas a ideia é que ele estivesse ligado a uma maneira, digamos, “anti-teórica”, que não desse atenção às discussões mais acadêmicas. Tudo mudaria com o encontro com Cléo (que na época, sabe-se lá porque, era Lilian). Outra questão seria importante aí: a personagem aprenderia alguma coisa? Alguma lição se imporá ao final da trama? Afinal, mesmo tratando-se de um gênero pop da literatura, um final assim teria alguma potência?

A segunda parte é a mais difícil. Concentrei-me na primeira, criando personagens que dramatizariam determinadas tipologias de se fazer história. Leopoldo, o primeiro, dentro de uma tradição positivista, tendo dois “assistentes” ligados a ciência estatística. Dois capangas que conversam entre si enquanto ameaçam suas vítimas estavam no filme *The Killers* (1946). Depois, Carlos Freire e a história de caráter materialista-dialética, e Alana, mais ligada aos movimentos das “novas identidades”, ou “história dos vencidos”. Outras questões colocaram-se, como até que ponto uma caracterização fechada de determinadas formas de pensar não simplificariam debates historiográficos muito mais complexos. Outra questão foi a do papel destes personagens na trama, onde, na segunda versão, eles soavam mais como vilões ou opositores a Arnaldo. Alana foi a única que não chegou a estar necessariamente contrária a ele, mesmo que sempre em um movimento ambíguo.

Por exemplo, temos uma descrição de Carlos na segunda versão:

Ele estava com as pernas em cima da mesa. Vestia uma camiseta velha, uma bermuda de brim e umas alpargatas nos pés. Claro que era ele, só podia. Quem se sentiria mais confortável em qualquer lugar do mundo como o Carlos? Ele estava sempre à vontade, sempre com falas que destacavam algumas sílabas de um jeito forte, principalmente quando soltava algumas expressões em espanhol. Ele adora América Latina, sua história, sua cultura. E vivia me criticando por não ter essa preocupação nos tempos de faculdade. Mas talvez ele gostasse dessa situação, sempre tinha coisas a me mostrar e me ensinar.

Certa ironia por parte de Arnaldo (esta versão era narrada em primeira pessoa), enquanto a descrição da personagem evocava uma série de imagens prontas sobre um determinado tipo de pensamento. Aliás, como descrever uma personagem? Fisicamente, com todas as minúcias onde até o nariz teria um significado psicossocial? Ou alguns traços, como um pensamento recorrente, uma forma de movimentar a cabeça ou algum vício de linguagem? A segunda via pareceu-me mais adequada ao ritmo que busquei impor à trama. De qualquer modo, segue a questão de como eles se envolveriam no fluxo da narrativa. Não pretendia usar a palavra função ou representação, mas às vezes isto pareceu atravessar os movimentos.

A primeira ideia era de que todos “investigassem”, cada uma a sua maneira, o assassinato da personagem principal. Arnaldo estaria mais “solto” na trama, mais aberto ao acaso dos acontecimentos. A primeira afirmativa foi abandonada, a segunda manteve-se. Leopoldo foi o que se encaixou mais facilmente no esquema da literatura policialesca. Aliás, o clássico (ou seria mais um clichê?) encontro do anti-herói na mansão de um personagem rico que o contrata, mas que ao mesmo tempo poderia ser um inimigo, foi o primeiro passo em direção a trama definitiva. Fazer de Alana filha de Cléo foi a decisão mais natural ou óbvia para alinhá-la à dissertação. O único que ainda

parecia mal encaixado, e assim foi até o final, foi Carlos, sempre um tanto quanto deslocado no quesito importância.

Todos terem alguma ligação no passado com Cléo, e que somente é insinuada ao final do texto, soou como uma recaída na zona de conforto.

Cléo. O que dizer dela? Inicialmente seria somente um corpo, o óbvio início de toda a movimentação investigativa. Mas, como nunca sabemos o que pode um corpo, ela ganhou dimensões da personagem mais importante. Nossa “Clio da vida” apareceu fisicamente na terceira versão (a que se tornou o projeto de qualificação) dialogando com Arnaldo no capítulo em se conheceram. Depois de todas as sugestões (e que fique registrado meu agradecimento com os professores da banca) o axioma mais importante de todo o trabalhos tornou-se: Cléo somente apareceria ou em forma de texto, ou pelos efeitos que ela produziu. Um dia, quem sabe, poderei explorar mais a vida de Cléo, mas, por hora, tudo que se pode falar dela barra o movimento nas mãos buscando letras no teclado.

Cléo tornou-se, durante o exercício de escrever, o próprio acontecimento.

Por isto, não utilizei – embora tenha me inspirado – as categorias citadas no prólogo: quem matou, por que matou e/ou como matou (ALBUQUERQUE, 1979). Preferi seguir na linha que explorava mais quais os efeitos desta morte e como estes, digamos assim, “estratos” de ensino de história, poderiam transitar neles.

E outros personagens laterais foram surgindo durante a escritura, enquanto outros foram abandonados. O inspetor Adão, presente desde a primeira versão, ganhou um espaço cada vez maior, devido, talvez, a uma necessidade de deixar a dissertação com mais cara de romance policial propriamente dito. Um dos problemas, devido ao caráter das suas posturas, opiniões e história de vida, foi o de que em alguns casos ele soa como um “herói”. E interpretar Adão desta forma é um grande problema, visto sua relação com ditadura civil-militar. Conforto-me nas palavras de James Ellroy, quando escreveu sobre seu romance, *Sangue na lua*, e do seu protagonista:

Hopkins foi o meu antídoto para o detetive particular sensível e fraco, sempre filosofando. Queria criar um policial reconhecidamente racista e reacionário, e tornar o seu racismo e suas tendências reacionárias mais atributos casuais do que características definidoras – queria construir um monumento complexo a um sujeito basicamente escroto – e não me importava se meus leitores gostassem de Lloyd Hopkins – desde que gostassem do livro em que ele estava (ELLROY, 2003, pg. 8).

Sócrates, e sua associação com Alana, onde qualquer nova identidade ainda idealiza o mundo, também ganhou mais espaço na versão final.

Tão importante quanto esses foram dois personagens que surgiram por último. O primeiro é o homem que se autodenomina observador. Apresentá-lo desde o início foi a composição de um “bode expiatório”, onde mesmo que ele não tenha cometido o crime, alguma participação sua foi fundamental. Foi inspirado livremente no capítulo “funcivos e conceitos” do livro “*O que é a filosofia?*”, de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992). Uma forma também de, quem sabe, não deixar tão claro que, quando falo em um ensino de história mais literário, não estou necessariamente dizendo que algum modelo científico de se ensinar história esteja errado, se é que ele realmente exista.

Gabriela surgiu tímida, como mais alguém a ser interrogada por Adão e ganhou um espaço maior do que o planejado. Seu ciúme, suas dúvidas e sua aliança com o homem que depois a matou surgiram somente durante o processo. Aliás, como se planeja uma dissertação com pretensões literárias?

Ainda temos a questão do gênero específico no qual ela pretende se expressar. Edgar Allan Poe usava literalmente o procedimento de escrever “de trás para frente” (REIMÃO, 1983). Ou seja, o fim da história já estava criado, e cabe a trama tecer todas as condições para que ele seja verossímil. Por razões já anunciadas, não foi a tipologia policialesca escolhida por mim, mas não poderia ser o romance noir escrito da mesma forma?

III [Depois]

Arrestando Adão
- A espera de Arnaldo por Cés.
- Carlos foi feliz satisfeito e descobre quem roubou

Las Carbon de Souza
de Cés

Antes Arnaldo, Carlos, amante de Cés, assassinou Killen,

IV [Antes]

Apresentando Leonilda
Carmos e seu grupo
- foi para a educação
Arnaldo foi da cidade e vai para a cidade

Recebe Cés
Faltou de Carlos
- Sem querer falar
oi Adão e se
Só se culpado
por Tibi

Serial Killen

V [Depois]

Encanto de Arnaldo e Adão
- Leonilda se enfurece com a educação de Carlos e grupo
- Capoteu no fronto
- Brando e maná

Apresentando Adão
- Ela é atropelada de bicicleta
- Ele se envolveu com Cés e tem que sair e andando algum coisa

Apresentação da de Cés (hoá?)
- Apresentação Henrique (A) - tubu lu e uma geladeira - sem-lúcio das peritadas

Passado de Arnaldo
- Uma peluca pingou a dois e não precisava de 400 assim.
- Ela é grávida pro Arnaldo

tilbra

Não tenho nenhuma resposta a esta pergunta. Posso apenas dizer como foi este processo que aqui se efetuou. A figura exposta demonstra o quanto o planejamento andou em “blocos”, por assim dizer. Ele foi genérico, e adiantou-se não muito adiante de onde se estava no momento da escrita. Retomo aqui a citação de Burroughs, pois são espécies de blocos porosos, ou uma matéria composta mais de espaços vazios do que da solidez das hipóteses, que, mesmo sendo suposições, estão acordo com o pensamento que dita que deve-se escrever sobre aquilo que já se sabe. Ou pelo foi assim que pareceu acontecer neste caso... Retomo a pergunta feita inicialmente: este processo é um ato de pesquisa? Pode soar pretensioso, mas, às vezes, os personagens pareciam andar sozinhos...

Talvez o próprio escrever seja um acontecimento, e não sobre o que se diz.

Quais devires poderiam atravessar uma trama policialesca demasiada humana?

A ordem temporal mudou com o curso do tempo. Não tenho certeza se produzirá algo no efeito de leitura, mas pareceu-me interessante – mesmo que dentro das concepções especializadas de tempo – embaralhar um pouco a cronologia. Na terceira versão (a da proposta), intercalei entre um presente em que Arnaldo era interrogado por uma personagem que foi descartado na versão final (o sujeito), e o passado narrado em primeira pessoa. Na decisão de colocar a narração em terceira pessoa – para aproveitar, de certa forma, as mudanças de perspectivas dos personagens, já que o narrador não é mais onisciente – a primeira parte dividiu-se entre “antes” e “depois”, tendo como referência a morte de Cléo. E eles estão também misturados, dentro de cada capítulo, aproveitando o caráter tripartido de cada um. Um trecho mostra algo que se passou pouco antes da morte de Cléo, e o seguinte fala de anos antes sem muitas cerimônias.

Mas enfim, por que isso? Foi potente explorar “passados” de personagens? Talvez sim, embora seja perigoso o *flashback*¹, no sentido de dar alguma identidade ou uma explicação pseudo psicológica para tal ou tal característica delas. Pensei nesta clivagem mais no sentido de tanto colocar um momento decisivo dentro de uma espécie de “mistura” com o cotidiano (nos “antes” e “depois” mais próximos); quanto no de poder explorar melhor as características do ensino que formam cada uma destas perspectivas (nos mais distantes). Tanto que no caso dos mais “distantes”, os flashbacks são somente os dos personagens específicos do ensino de história. E a desordem cronológica talvez tenha servido para deixar tudo mais “coexistente” no fluxo da leitura.

Confundir, até certo ponto, pareceu-me um dos instrumentos mais excitantes da literatura policialesca. E isto se estendeu, neste caso, ao próprio exercício de escrita.

Muito bem. E o fim, caro metido a autor? Vai se esquivar de falar dele como quem se julga além do bem e do mal?

No segundo livro sobre cinema, Deleuze (2005) faz uma interessante descrição de como, em *Cidadão Kane*, Orson Welles optou pela revelação da verdade sobre a palavra pronunciada pelo protagonista antes de sua morte em um recurso onde nenhum dos outros personagens a veria, somente o espectador teria acesso. Fiz um breve ensaio inspirado nesse movimento, embora admita que, se por acaso tivesse lido este livro antes, tudo poderia ser diferente.

E quando não poderia ser?

1 Deleuze (2005) faz uma interessante discussão acerca do recurso do flashback no cinema. Para ele, o flashback, apesar de poder criar séries divergentes na trama, não é o suficiente no sentido de ultrapassar uma memória meramente psicológica.

referências citadas

ALBUQUERQUE. *O mundo emocionante do romance policial*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1979.

BARTHES, Roland. *O neutro: anotações de aulas e seminários ministrados no Collège de France, 1977 – 1978*. São Paulo: Martins Fontes. 2003

_____. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1990 (Citado no capítulo XIV)

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996

BLOCH, Marc. *Apologia a história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

BUENO, Fábio Martins. *Sherlock Holmes e Dupin: personagens que inspiram o método investigativo na pesquisa histórica*. In: II Colóquio de pós-graduação em letras. Unesp. 2010. Disponível em <http://www.assis.unesp.br/posgraduacao/letras/mis/coloquio/2010/cadernoderesumos.pdf> (acesso em abril de 2011)

BUKOWSKI, Charles. *Pulp*. Porto Alegre: L&PM. 1995.

BURROUGHS, William. *Almoço nu*. Rio de Janeiro: Ediouro. 2005

CAROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. São Paulo: Editora do Brasil. S/D.

CHANDLER, Raymond. *O longo adeus*. Porto Alegre: L&PM. 2000.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva. 2009

_____. *Lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2007

_____. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal. 2006.

_____. *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense. 2005

_____. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34. 1997

_____. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio. 1976

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010.

DESGUALDO, Marco Antonio. *Reconhecimento visuográfica e a lógica na investigação criminal*. Disponível em: <http://www2.policiaocivil.sp.gov.br/x2016/modules/mastop_publish/files/files_4ca23424cfeaa.pdf>. Acesso em 30/11/2012. (Citado nos capítulos II e VI)

DINIZ, Leudjane Michelle Viegas; SOARES, Cristiane Rodrigues. A história e algumas reflexões em torno de sua narrativa. In: *Cadernos de Pesquisa do CDHIS* — n. 35 — ano 19 — p. 17-22 — 2006

ELLROY, James. *Sangue na lua*. Rio de Janeiro: Record, 2003

FANTE, John. *Pergunte ao pó*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a História. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro : Graal, 2010

_____. *A arqueologia do saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986

_____. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984

GAY, Peter. *O estilo na história : Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia de bolso, 2006

_____. *Mitos, Emblemas, Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

GOMES, Paola Basso Menna Barreto. Devir-animal e educação. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre. Vol. 27, nº 2. Pp 59-66 (Citado no capítulo IX, o hino nacional “latido”)

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. (Citado na carta de Cléo, capítulo IX).

_____. *Escritos sobre história*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2005

_____. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das letras, 2001

_____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das letras, 1992

REIMÃO, Sandra Lúcia. *O que é literatura policial*. São Paulo: Brasiliense. 1983

REIS, João José, etc all. *O Alufá Rufino – Tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico Negro (c. 1822-c. 1853)*. São Paulo: Companhia das Letras. 2010

TODOROV, Tzvetan. “Tipologia do romance Policial”. In: *As Estruturas narrativas*. São Paulo: Editora Perspectiva. 1970

VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das letras. 1995

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: UnB. 1992

referências perdidas

ALVES, Rebeca. *A literatura policial na contemporaneidade: uma leitura dos textos de Rubens Fonseca*. Miscelânea – Revista de Pós Graduação em Letras. UNESP. VOL. 8 Jul/Dez 2010.

CAIN, James M. *O destino bate à sua porta*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998

CHANDLER, Raymond. *Adeus, minha adorada*. Porto Alegre: L&PM. 1999

COELHO, Celso Francisco Maduro. *Tradições e rupturas no gênero policial*. Revista científica Universitas. Vol 2. Edição 2.

DOYLE, Conan. *Um estudo em vermelho*. Porto Alegre: L&PM. 1999

FONSECA, Rubem. *O caso Morel*. Rio de Janeiro: O Globo. 1995

_____. *Agosto*. Rio de Janeiro: Record/Atalaya. 1990

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O silêncio da chuva*. São Paulo: Companhia das Letras. 2005

HAMMETT, Dashiell. *O falcão maltês*. São Paulo: Círculo do Livro. S/D

HIMES, Chester. *Um jeito tranquilo de matar*. Porto Alegre: L&PM. 2008

JAMES. P. D. *Sala dos homicídios*. São Paulo: Companhia das Letras. 2004

JÚNIOR, Marcio Rezende Siniscalchi. *Entre o enigma e o noir: O romance policial de Afredo Luiz Garcia-Roza*. Revista Icarahy. Ed. 4. Outubro de 2010

LÄCKBERG, Camila. *A princesa de gelo*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil. 2010

LARSSON, Stieg. *A rainha do castelo de ar*. São Paulo: Companhia das Letras. 2009

_____. *A menina que brincava com fogo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2009

_____. *Os homens que não amavam as mulheres*. São Paulo: Companhia das Letras. 2009

- LEHANE, Dennis. *Apelo às trevas*. São Paulo: Companhia das Letras. 2003
- LEONARD, Elmore. *Duelo final*. São Paulo: Círculo do Livro. 1980
- MACDONALD, Ross. *O inimigo imediato*. São Paulo: Companhia das Letras. 1987
- _____. *Um retrato fatal*. São Paulo: Abril Cultural. 1984
- PATREZI, Tássia Bellomi. *Na trilha da narrativa policial brasileira: Luiz Lopes Coelho e Rubem Fonseca*. Dissertação de mestrado. UNESP. 2009
- POE, Edgar Allan. *A carta roubada e outras histórias de crime e mistério*. Porto Alegre: L&PM. 2010
- ROSLUND, Anders; HELLSTRÖM, Börge. *Redenção*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil. 2011
- _____. *A besta*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil. 2009

